



O lado bom do

INFERNO

KARINA HEID



O LADO BOM DO INFERNO

PERIGOSAS NACIONAIS

KARINA HEID



PERIGOSAS ACHERON

O Lado Bom do Inferno

Copyright© 2019 Karina Heid Rocha

Todos os direitos dessa obra são exclusivos da autora.

*É expressamente proibida sua distribuição ou cópia,
parcial ou inteira sem prévia autorização.*

Revisão: Claudia Naine

Diagramação: Karina Heid

Capa: Thati Machado

✿ Created with Vellum

*Dedico esse livro àquele que me ajudou a entender
por que sonhei durante anos com zumbis e refúgios
seguros.
Você tinha toda razão.*

CONTENTS

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

PERIGOSAS NACIONAIS

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[Algumas explicações sobre o universo zumbi](#)

[Meus livros](#)

[Sobre a autora](#)

PERIGOSAS ACHERON

—
1
—



ALI

— "TODOS OS HOMENS são iguais perante a ausência de leis."

— Espera, eu sei! — ergui a aba do chapéu para olhar para Soraya. A cabeça girava veloz por livros, frases e aforismos lidos nos últimos tempos. — "Todos os homens são iguais..."

— Você não vai adivinhar nunca — minha amiga voltou a se acomodar na cadeira de praia, tampando o rosto com o boné. Tentei me lembrar de nomes, checando a marca do biquíni. Os grunhidos
PERIGOSAS ACHERON

e gemidos continuavam na rua, estragando a beleza da manhã.

— Jô Soares?

Soraya gargalhou alto.

— Não é do Jô?

Soraya ergueu o boné e abriu um sorriso nostálgico, enquanto olhava para os edifícios abandonados ao redor do terraço. — Gente, o Jô... — disse pensativa. — O que será que ele anda fazendo?

Pelo jeito como falou, era como se o Jô e ela tivessem sido íntimos na outra vida.

— Ali, só você mesma para me lembrar dessas pessoas nada a ver. Você acha que ele sobreviveu?

— Você imagina o Jô correndo de uma horda faminta? — devolvi a pergunta, passando um pouco mais de protetor. Os dermatologistas se foram, mas os riscos de câncer seguiam firmes e fortes.

— Amiga, eu não *me* imagino correndo de uma horda faminta — ela respondeu colocando o livro sobre o cimento escaldante.

— Millor? — arrisquei outra vez.

Soraya levantou a mão e a minha encontrou a dela. Estalamos as palmas num "toca aqui"

exaustivamente repetido nos últimos seis meses. Foi Millor quem disse a frase.

— Não sou tão péssima, viu?

— Você é ótima, na verdade.

— Dezesete livros lidos em quatro meses — esnobei, voltando a tapar o rosto com o chapéu.

— Dezoito — ela devolveu metida, dizendo a sua contagem. — Com esse, dezenove. Nada mau para um apocalipse.

— Não é? Ninguém avisou que o fim do mundo seria tão chato e a gente acabaria inteligente. Por falar nisso, temos que achar outra biblioteca. Já li tudo que a vizinha tinha.

— Bendita biblioteca, bendita vizinha geek, benditos livros de romance! — Soraya ergueu as mãos para os céus. — Nessas noites *in-ter-mi-náveis* sem energia, ler salvou minha sanidade.

Voltamos a ficar em silêncio. Soraya não sei no que pensava, mas eu via o Jô à frente, correndo da horda esfarrapada.

O cimento queimava os pés, mesmo sob as sandálias, e o terraço do edifício baixo exalava o cheiro de umidade da chuva do dia anterior. Matinhos e plantas cresciam resistentes entre as rachaduras, trazendo cor ao espaço. Ao lado, uma

piscina de plástico murcha mostrava a água esverdeada onde molhávamos os pés. Com os estoques de água repostos nos tonéis do térreo, só precisávamos pensar agora na comida. Mas isso era assunto para os dias chatos, e não para os dias de sol. E aquele era um dia de sol.

— O sol está forte demais, Sô. — Encerrei ali a simulação de dia na praia. — Dispensso o carcinoma.

Ela ergueu o rosto para o sol e suspirou, deliciada. Soraya adorava um bronzeado, mesmo que não houvesse mais um único humano vivo para apreciá-lo.

— Não quer repor o filtro? — ela perguntou. Tateando ao redor, ela trouxe o filtro da Lancôme ao nariz e inspirou fundo, chegando a fechar os olhos de prazer. O creme finíssimo, "adquirido" junto com as maquiagens e outros cosméticos caríssimos da lojinha que arrombamos a duas quadras dali, não seria suficiente para me fazer ficar.

— Vamos, levante — eu disse, me levantando primeiro.

— Você não se sente mais rica quando passa esse creme? — ela perguntou.

— Rica, fina e chique — concordei, enfiando os livros, a canga e a garrafinha de água na bolsa de praia. Soraya se espreguiçou reclamando de alguma coisa mas enfim começou a juntar suas coisas também.

Enfiei os pés nas sandálias, observando um pássaro passar sobre nós. Um pio agudo fez Soraya afastar os cachos da frente do rosto e olhar para cima, depois para mim. Aquilo foi um pio, não foi?

— Você ouviu o que ouvi? — ela perguntou.

Caminhei até a borda do terraço e tentei ouvir o som outra vez. O silvo agudo não parecia exatamente o som de um pássaro, e sim um apito. Ao redor do edifício, um bairro inteiro se estendia abandonado até onde a vista alcançava. As árvores cresciam desordenadas, os galhos cobriam os antigos fios de eletricidade dos postes e o mato tomava o asfalto. Com exceção de alguns raros esfarrapados que se moviam de um lado para o outro, desorientados pelo calor, as ruas estavam vazias.

Há três meses não ouvíamos barulhos de carros ou nenhum outro tipo de motor. Mas ainda assim eu conseguia *sentir* o zumbido. Um som baixo, grave e intermitente, como se alguém andasse e

parasse. Andasse e parasse outra vez.

— Saia da beirada, Ali. Não deve ser nada, mas se for, é bom que não vejam uma garota de biquíni.

Dei dois passos para trás, achando ter visto algo estranho. Um reluzir fora de lugar, ou como se o sol tivesse incidido sobre um espelho e causado um reflexo. O reflexo me cegou por um segundo e sumiu.

Imediatamente virei para Soraya, com o coração aos pulos. Embora afogueada pelo sol, meu rosto devia estar pálido como o das criaturas lá embaixo.

— O que foi, Ali?

Sem voz, agarrei seu braço e a puxei em direção à escada improvisada que levava ao terraço. Ela se levantou em um só pulo, deixando o tubo do creme caro cair aos nossos pés.

— O que você viu?

O problema não estava no que eu vi. O problema era que havíamos sido vistas.

Há seis meses as palavras que diria em seguida moravam quietas no fundo da cabeça, na esperança de nunca serem usadas. Mas hoje foi o dia de usá-las:

— Cenário n. 3, Soraya.

Assim que falei as palavras, ela paralisou. Por meses traçamos planos minuciosos de sobrevivência. Por meses repassamos os procedimentos - o local onde colocar as mochilas, a roupa separada, a comida empacotada, a garrafa de água pronta, com a água fresca que trocamos todos os dias. Não sobrevivemos à toa. Quem sobreviveu ao fim do mundo tinha uma estratégia.

O cenário n. 3 era aquele que ninguém queria imaginar, mas que, por via das dúvidas, planejamos assim mesmo. Ninguém deixaria de pensar no pior se o próprio mundo não tivesse se transformado no que havia de pior. O combinado era não discutir, nem perder tempo questionando. Ela confiava 100% em mim, e eu, nela. Assim que disse as palavras, ela pegou suas coisas e me seguiu.

O coração batia forte contra as costelas enquanto eu descia as escadas até o apartamento. Soraya e eu não nos olhamos nem uma vez. Colocamos as roupas e as botinas, pegamos as chaves da casa, as mochilas e os objetos que por praticidade costumávamos deixar do lado de fora — relógio, muleta, fotos da família. Ela prendeu o cabelo em um rabo de cavalo, enfiou duas barras de cereal em um dos bolsos e me seguiu até a saída de

emergência. Nosso esconderijo foi comprometido.

Ela destrancou a porta que levava ao beco dos fundos e parou.

— Ali... sei que não temos tempo, mas como sabe que não é o cenário n. 2?

— Pelo ruído. O barulho do dois é diferente.

Ela balançou a cabeça, entendendo o que falei. A aproximação de estranhos era o segundo pior cenário que imaginamos — sendo a aproximação de zumbis, o primeiro. O terceiro era o impensável, mas ainda assim, possível.

— E vi o reflexo de um binóculo — concluí. — Quem está aqui é profissional.

Antes que Soraya desse mais um passo, ela perguntou:

— E se for o cenário 4?

Esse único cenário nunca chegamos a discutir, porque o quatro seria o fim da nossa dupla. No cenário quatro, seríamos divididas: ela seria levada para um lado, eu para o outro. Nesse caso, a que se livrasse seguiria seu caminho, e tentaria sobreviver por conta própria. As chances de nos reencontrarmos no mundo, caso fôssemos raptadas, seriam nulas.

Mas isso foi no começo, quando ainda não

PERIGOSAS NACIONAIS

havíamos nos tornado amigas.

— Será cada uma por si? — ela perguntou com os olhos marejados.

— Não — respondi empurrando-a para a varanda. — Se acontecer o cenário quatro, fique onde está que irei atrás de você.

SORAYA DESCEU PRIMEIRO. A escada de ferro enferrujada, chumbada ao concreto, não parecia forte o suficiente para aguentar o peso de duas, mas era uma emergência. Passei uma das pernas pela murada, depois a outra tentando não bater a muleta no ferro e fazer barulho, quando uma explosão botou abaixo a porta da nossa casa pelos últimos seis meses.

— Ali, continue! — Soraya chamou baixo.

Respirei fundo e continuei, descendo pela corda. Pulei dentro da área de serviço do apartamento de baixo ouvindo os passos sobre nós. Havia um grupo no nosso apartamento, pelo menos quatro homens.

"Elas estavam aqui!" "Para onde foram?" — As vozes chegavam abafadas no andar de baixo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quando eles saírem do apartamento, descemos pela corda até o chão — sussurrei para ela.

— Não podemos nos esconder no vizinho? Não vimos nada se mexer na casa em seis meses.

— Vamos seguir com o plano. Corremos até a loja de bolos e nos escondemos até amanhã.

Uma sensação ruim comprimia o peito enquanto eu falava. Não contava que eles seriam tão rápidos, tão preparados e que viessem em um número tão grande. O cenário 3 era aquilo que eu temia mais que humanos, mais que os virais. Alguma coisa estava para acontecer e eu sentia.

Ouvimos os passos dos homens descerem as escadas. Eles estavam vindo.

— Agora, vamos! — Eu gritei.

Soraya segurou na corda e se lançou para o lado de fora. Como uma alpinista experiente, ela descia em pulos, ajustando as mãos nas cordas enquanto equilibrava os dois pés na parede entre os andares. Ela estava quase chegando no chão quando segurei a corda. Passei uma perna pela murada e depois a outra, mas quando estava para me jogar, olhei para baixo e a vi paralisar.

Seus olhos se arregalaram, voltados para frente.

PERIGOSAS ACHERON

Não conseguia ver dali o que ela via, mas não era nada de bom. Estava para gritar e pedir que ela agarrasse novamente à corda quando vi braços a agarrarem. *Merda, merda, merda!* As mãos paralisaram e os nervos viraram geleiras.

Vários homens a imobilizavam. Eles não eram os esfarrapados mortos, eram soldados. Passei as pernas para o lado de dentro, voltando para a varanda. As mãos tremiam de nervoso. *Eles me acharam.*

Era agonizante ouvir seus gritos. Ela não gritava meu nome, mas eles sabiam que eu estava ali, eles me viram no telhado. *O que vai fazer, Ali? O que vai fazer?* Fugir sem ela estava descartado. Ao mesmo tempo, precisava dar um jeito de ser levada *sem* ela. Por que uma coisa eu sabia: eu seria levada.

Antes que pudesse chegar a um plano, a porta do apartamento explodiu e os sons de passos vieram na minha direção. Com a adrenalina a mil, decidi fazer o que podia: correr. Peguei fôlego e atravessei a cozinha, mas antes que pudesse chegar à sala, dei de cara com um muro.

Um muro de olhos, orelhas e mãos, mas não tão duro quanto um muro deveria ser. Com a colisão,

ele deu um passo para trás.

Olhei desnorteada para o soldado contra quem trombei. Ele tinha mais de um metro e noventa, músculos do tamanho da enrascada em que estava metida e uma arma apontada para mim.

— Não se mexa, Alice.

Seus olhos cinzentos eram frios, e ele mantinha a pistola erguida no ar, firme e imóvel, sem qualquer resquício de hesitação. A cabeça, a mil, fazia uma varredura da situação. Pela aparência geral, o soldado vinha de um lugar seguro, porque sua farda branca estava limpa. Olhei o logo de uma empresa logo acima do peito, e preendi o ar ao entender que Vicente os havia contratado. *Por que não esperava nada diferente de você, Vicente?* De todo modo, o homem armado não se parecia em nada com os carniceiros que vimos nos últimos tempos por aí. Gente que não tinha nada a perder e viu no caos a chance de cometerem atrocidades.

A chegada de Soraya, arrastada por outros soldados, me trouxe de volta à sala.

— Você a achou? — Um dos homens se aproximou, olhando para mim. — Onde ela estava?

— Na área — o soldado respondeu. Sua voz era firme e sólida, sem sinal de emoção.

— Ali, você está bem? — Soraya perguntou.

— Estou. E você?

Ela faz que sim, imobilizada por dois homens mal encarados.

— Ótimo. Vamos embora — o homem que parecia ser o capitão disse. Anunciando o sucesso da missão pelo rádio, concluiu: — Quero atravessar a cidade o mais rápido possível.

— Espere! — Gritei, parando no lugar. Nem eu sabia o que queria dizer, mas precisava ganhar tempo para pensar em uma rota de fuga. — Para onde vão nos levar?

O soldado apontou a arma para a saída. *Mova-se*, foi a sua resposta.

— Vocês saberão quando chegarem lá — o capitão respondeu, um pouco mais polido.

Da periferia da visão, vi que o soldado contra o qual esbarrei se afastou. Ele estava me entregando aos verdadeiros encarregados pela "missão", e seu trabalho estava feito. Também notei que ele parecia alheio a tudo. Indiferente à equipe, às ordens que seguia e a nós.

Em um descuido, trocamos olhares. Não um olhar pensado, ou calculado; um olhar de quem foi flagrado pensando no que precisa esconder. E tanto

eu quanto ele estávamos escondendo algo.

Você é diferente deles, não é, muralha?

Mas a pergunta que importava era: *Você é diferente para melhor ou pior?*

Com a cabeça a mil, agarrei a muleta como se só conseguisse andar com ela e segui os homens mancando. O soldado me viu correr, portanto sabia que eu não precisava de muletas. Essa era a hora de saber se ele poderia ser um aliado ou não.

Ele olhou impassível para a minha dificuldade de locomoção. Como imaginei, não comentou nada.

Em questão de segundos um jipe estourou os portões e estacionou ao lado, lançando fumaça no ar. Um dos homens arrastou Soraya até o carro da frente e eu fui puxada para outro, atrás.

— Ei, quero ir com ela! — gritei para o garoto franzino e antipático que me segurava no lugar.

— Ah, quer? — ele respondeu. — Mais um motivo para não ir.

O carro onde Soraya estava arrancou. Eu conseguia ouvir seus gritos se tornarem cada vez mais baixo à medida que ela sumia na rua. A confusão atraiu os infectados, e eles se aproximavam às dezenas.

Outro jipe fez a curva, derrubando-os como se

fossem pinos de boliche. O carro voltou de ré, encaixando metade do veículo na garagem. A porta abriu e o moleque franzino entrou, me puxando com ele. O soldado-muralha tomou lugar ao meu lado, bateu a porta e o carro arrancou.

A última coisa que vi foi a luta entre os soldados que ficaram para trás com os infectados, que se aproximavam agora às dezenas. Olhei pela última vez para a casa que me serviu de abrigo, em seguida para o jipe que seguia na frente.

Foi inevitável deixar as lágrimas rolarem. Em breve teria que tomar a decisão mais difícil de minha vida: fugir. Mas não podia - nem iria - me entregar sem luta para o meu ex-psicopata.

Sinto muito, Soraya. Vivi em um cativeiro antes, e não consigo voltar.



MAX

O Céu não mostrava uma única nuvem. O azul elétrico se estendia até o horizonte, como se fosse domingo ou um dia de praia. Como se desse, em sua língua celestial, um enorme foda-se para o mundo. *Fodam-se, humanos. Continuo aqui, enquanto vocês se foram.*

Os urubus deram uma trégua ao verem que me mexia. Tentei me ajeitar, mas a mão escorregou sobre a laje e deslizou sobre a gosma vermelho-escura. Com exceção do latejar no ouvido, o

PERIGOSAS ACHERON

silêncio era total — nada buzina, soava ou roncava no mundo. Nosso planeta moribundo não soltava um pio em sua agonia.

Assim como ele, eu também agonizava. Levei a mão ao bíceps e afastei o tecido para investigar o estrago. *Que merda*. Não sei o que a explosão causou, mas todo esse sangue significava alguma coisa ruim. *Maldita emboscada, malditos infectados, maldita granada!*

Localizei o maior dos estilhaços e respirei fundo, tateando a farpa cravada um centímetro na carne. Puxei a maldita de uma vez só, sentindo a fisgada aguda correr os nervos e o sangue vermelho vivo jorrar pelo braço. Encostando a cabeça na caixa d'água, bati-a contra a superfície uma, duas, três vezes.

— Droga! Merda, merda!

As imagens vieram em loop: a risada um segundo antes da fredda brusca, a cara do soldado quando viu a horda surgir da retaguarda. Os gritos de formação, vindos da frente do caminhão, e a visão do primeiro homem caindo. As cenas aceleram na cadência do caos: o tornozelo de Russo na boca de um infectado, o som da pele rasgando, o grito de dor do tipo que as pessoas dão ao morrer. E

então, a poça escura ao redor de um coturno, os vultos passando, as cotoveladas e os "agora, agora, atire, atire!"

Os gritos ainda ecoavam no ar, horas depois.

Derrubei dois com uma saraivada exagerada de balas, sentindo o recuo da arma dar coices repetitivos no ombro. A arma girava às cegas, à procura de corpos. Ainda podia sentir o dedo trêmulo em contato com a textura gelada do gatilho. Repassei a cena inteira, tentando entender se havia um jeito de recuar, mas mesmo agora, horas depois, não via saída. Eles estavam caindo. Um a um, meus homens caíam, e os mortos continuavam a chegar.

E então, o grito: "granada!"

Tudo que fiz foi me lançar no chão.

Uma onda superaquecida varreu a rua como um tsunami, um *vush* acompanhado de um calor que parecia impossível existir no mundo. A próxima cena seria o silêncio completo, enquanto uma chuva de sangue caía.

Tudo que consegui fazer foi correr.

Não faço ideia de como escapei, só de ter corrido com um braço apertado contra o peito e outro contra o ouvido. Se não fosse a treliça

encostada em uma parede, escondida sobre trepadeiras crescidas, eu teria morrido. Se ela estivesse podre, eu teria morrido. Se ela estivesse solta, eu teria morrido. Mas ela aguentou meu peso e cheguei até o telhado. Agora, horas depois, sob um sol escaldante, aguardava a morte chegar.

Bati a palma da mão no ouvido repetidas vezes, amaldiçoando o filho da puta que lançou a granada. *Você arrebentou meu tímpano, seu idiota.* Ao mesmo tempo, o peito apertou ao pensar que essa pessoa, assim como todas as outras, havia morrido. *Como foi que isso aconteceu?* Tudo que tínhamos a fazer era acoplar um localizador ao comboio e segui-los à distância, mas o comboio se atrasou e os infectados entupiram a rua. O equipamento foi destruído, a missão fracassou. E agora um enxame de abelhas parecia brigar dentro do meu ouvido.

Por mais estranho que parecesse, a morte dos meus companheiros não trazia só dor. Trazia esperança também. Sem resgate, carro ou armas, eu não duraria um dia — e nem estava mais fazendo questão de durar.

Haviam sido oito meses infernais. Oito meses tentando esquecer quão ruim o dia anterior tinha sido, sabendo que o dia seguinte seria pior. Oito

meses tentando salvar pessoas que, no fundo, você sabia, estavam condenadas. Encostei a cabeça na caixa d'água, finalmente livre para desejar a morte. Não precisava demorar, bastava eu me jogar daqui e o grupo esfomeado finalizaria o serviço. Morte rápida e certa. Mas podia esperar para morrer de sede, ou infecção. Seria menos dramático, mas terrivelmente lento.

O sol saía aos poucos de seu pico, esticando as sombras do terraço. O braço latejava e a bunda estava dormente pelas horas imóvel sobre os chapiscos do chão. O sangue tinha estancado (isso era bom), mas a temperatura de Mercúrio tinha fritado meus ovos (isso não era tão bom).

A decisão de como queria morrer, no entanto, não chegava.

Nesse meio tempo, eu entrava e saía das memórias como se fossem cômodos de uma velha casa. Abri uma porta e me vi no exército, antes do caos, irritado pelos últimos meses trabalhando como infiltrado da S2. O que a inteligência queria ao me enviar para os Laboratórios Schilling? Em outra lembrança, os primeiros sinais da doença. As reportagens indiferentes mostrando gente cambaleante pelas ruas da Ásia, que rapidamente

escalaram para outras, tomando todo o noticiário. Elas mostravam uma Europa apavorada e, em poucos dias, às escuras. Mais rápido do que qualquer um poderia imaginar, a epidemia chegou à América do Norte e só então os governos se apavoraram. Hoje, tanto Europa quanto América do Norte haviam sido varridas do mapa, tombadas pelo peso de suas próprias armas.

O fim por aqui não demorou a chegar — na verdade, chegou antes do contágio. Com o resto do mundo em ruínas, sabíamos que em breve seria nossa vez. Quando a comida faltou pela segunda refeição seguida, os saques começaram. Pilhagens, roubos, assaltos, assassinatos em massa. O exército tentou organizar o caos, mas na falta da polícia, logo estávamos estabelecendo limites para recuar.

Olhando para cima, vi que os urubus tinham voltado a voar em círculos sobre mim.

Usei as últimas forças para acompanhar a estreita faixa de sombra que a caixa d'água vazia projetava no terraço. Lá embaixo, os gemidos continuavam, sinal que os infectados ainda se lembravam de mim.

A língua colava no céu da boca seca, e uma propaganda antiga veio à memória, saída de algum

canto da mente. Nela, um andarilho chegava a um bar no meio do deserto e pedia *chips*. Por longos segundos, ele mastigava aquela coisa salgada e crocante, com as dunas esturricadas ao fundo. *Por que ele pediria chips no deserto?*

Olhei desanimado para o terraço estéril e para a cidade igualmente estéril além dele. Sabe do que sentia falta? De barulho. Das ambulâncias cruzando a madrugada. Do ruído do elevador no flat onde morava. As cidades ficaram caóticas no auge da crise, mas depois se silenciaram. Até as folhas de jornal que voavam desbotadas pelas avenidas vazias não existiam mais.

E também sentia falta de sexo.

E por que diabos estava pensando em sexo, agora? Sentia saudades das saídas aos sábados, dos encontros nos bares, do jogo de sedução que culminava na minha cama ou na delas. Um gemido frustrado mostrou o quanto sentia falta da vida boa de solteiro. Os dedos agarrados às ancas macias, a sensação de pele suada colada à outra, os sussurros delicados — ou gritos escandalosos — durante o ápice.

A frente da calça estufada era prova de minha saudade, e só de olhar pra virilha soltei uma risada

PERIGOSAS NACIONAIS

seca e tossida. Meu amigo ali embaixo batia sua continência final. *Foi uma jornada e tanto, companheiro. Obrigado por tudo.* Podia estar com um tímpano estourado, o braço cravejado de farpas e cozinando em cima de um telhado, mas ainda estava vivo — e o sexo me parecia uma boa última lembrança.

— Sinto muito que agora, ao invés de apenas ovos, oferecerei também *você* cozido para os abutres, parceiro.

A despedida foi interrompida por um som conhecido. Tonto pela claridade, abri os olhos. Motores?

Engatinhei até a beirada do terraço com uma careta de dor e trouxe os binóculos à vista. Nada. A avenida continuava vazia e os infectados voltavam aos poucos para o esconderijo entre as árvores.

O calor na região da barriga era tão grande que precisei virar de costas. As pedrinhas que antes machucavam as costelas agora machucavam as escápulas. Por um segundo achei que fosse o resgate, mas não era o resgate. Era só eu, morrendo. *Morrendo assado nessa chapa quente. Morrendo de saco cheio desse apocalipse de merda.*

PERIGOSAS ACHERON

E enquanto reclamava para o céu, ouvi o barulho outra vez. Motores, sem a menor dúvida. Virei de barriga para baixo, e voltei a olhar para a rua.

O comboio.

A fila de carros surgiu depois de uma curva, quatro carros ao todo — exatamente como a Inteligência disse que seria. Fomos instruídos a não abordá-los, tudo que precisávamos fazer era acoplar o localizador em um dos carros e depois segui-los.

E agora? Como podia vê-los chegar e não fazer nada? Antes que pudesse decidir o que fazer, a porta do nosso jipe tombado e escurecido pela explosão se abriu e uma cabeça surgiu lá de dentro. Levei o binóculo aos olhos, sem acreditar. Um sobrevivente? Não dava para ver quem era; o cabelo estava queimado e os membros, em carne viva. Mas era definitivamente um de meus homens! Ele também viu o comboio. No desespero para ser resgatado, o soldado escalou pela janela do veículo, onde esteve escondido nas últimas horas, e disparou numa corrida cambaleante até os carros.

O coração martelava contra as costelas, e até a sede foi esquecida. *Não, seu idiota, volte!*

Mas nos dois segundos em que tudo aconteceu

— a corrida alucinada, a diminuição da velocidade do comboio, os braços erguidos no ar —, a porta do jipe abriu, um soldado saltou do carro e apontou uma arma para o peito do meu companheiro.

Os tiros o acertaram em cheio.

Precisei afundar a boca no braço para não gritar. A respiração acelerou o coração, e nem dor eu sentia mais. A carreta que posicionamos atravessada na pista bloqueava a estrada, e o comboio foi obrigado a parar. Por longos segundos pareceram observar a carreta. Não dava para atravessar a avenida, nem ficar ali. Os infectados chegavam aos poucos, atraídos pelo som dos tiros, e eu sentia crescer, no lugar do ódio, uma alegria quase sádica: *boa sorte, miseráveis. Quero ver contornarem na avenida entulhada com os malditos atacando por todos os lados!*

Mas a cena seguinte mudou meus pensamentos. Do segundo jipe saltou uma garota. Uma mulher de cabelos longos e escuros e movimentos de gato, que tropeçou ao saltar do carro. Ela deu dois passos para recuperar o controle e ficou de pé, sem largar a arma. Um dos soldados saltou atrás dela, mas ela era ágil. Erguendo o que tinha na mão — Deus, não era uma arma, e sim uma muleta — acertou o

soldado no rosto, com força brutal. O soldado bateu na lataria do jipe, atordoado. Dois outros saltaram do carro, um de cada lado, mas ela disparou pela rua, desviando dos entulhos e saltando os blocos de concreto que dividiam as vias.

Eu assistia a tudo sem palavras.

Levei outra vez o binóculo ao rosto para ter certeza. Seria possível que a menina que fugia era *ela*? Seria possível que a mente projetasse sua imagem em qualquer outra garota do mundo — embora não houvesse muitas atualmente? Abaixando as lentes, entendi de súbito *tudo*.

Tudo fazia sentido, é claro. Sabia do que fugia, sabia quem a perseguia e agora sabia por que precisávamos seguir o comboio.

De joelhos, acompanhei a trajetória da mulher. Ela era muito mais rápida que o único soldado que a perseguia; os outros estavam ocupados demais atirando nos infectados que cercavam os carros em número cada vez maior.

Eu a perdi no meio da confusão, achando-a um minuto depois. Ela tinha despistado o soldado e estava escondida atrás de um dos pneus imensos da carreta. As mãos estavam em posição de ataque, a muleta pronta para descer sobre ele mais uma vez.

Quando o soldado surgiu, o objeto desceu com violência sobre o seu rosto. Ele bambeou e caiu no chão, rolando de dor. Ela disparou novamente e eu me arrastei até a outra borda da laje, vendo-a acelerar na minha direção.

Ela pulou novamente os blocos que dividiam a pista e atravessou a rua, desaparecendo atrás de um muro. Tentei enxergar para além dos outros telhados para onde ela tinha ido, mas o barulho dos jipes me fez abaixar. Eles deram um arranque para trás, invadiram a calçada, empurrando uma banca de revistas para o lado e furaram o bloqueio pelos jardins hoje cobertos de mato. Só pararam para que o soldado atordado embarcasse e depois dispararam pela rua, virando na esquina onde ela desapareceu.

Maldição.

Como podia ser ela? Será que era coisa da minha cabeça? Resultado da culpa por não a ter ajudado naquela noite?

As memórias vieram tão nítidas que pareciam ter acontecido ontem.

O carro parado durante um bloqueio, a Lei Marcial nas ruas, o controle de todos que entravam e saíam dos bairros considerados seguros. O filho

do presidente dos Laboratórios Schilling baixando o vidro do carro, visivelmente bêbado. Eu deveria ficar de olho nele, mas estava de olho *nela*. Ela ia e vinha com ele, sempre em silêncio, como uma boneca de enfeite. Naquela noite o foco da lanterna foi em direção ao seu rosto. O rosto delicado — enfeitado por cílios escuros que mais pareciam escovas e uma franja que caía sobre os olhos — estava cabisbaixo. Eu sabia que ela estava ali à força. Sabia que ela não conseguia escapar dele. Minha vontade era tirar o engomado a socos do carro e resgatá-la, mas naqueles dias de tensão nem mesmo a bebedeira ao volante justificava repreensão. Estávamos lidando com a possibilidade de extinção da raça humana, e que ela estivesse ali, arriscando a vida nas ruas ao lado daquele babaca não era da conta do exército.

Para piorar, tínhamos ouvido que infectados haviam sido avistados na Bolívia, não muito longe da fronteira. Muitos de nós haviam desertado e fugido com as famílias para as montanhas. O fim era uma questão de tempo.

Os olhos demoraram-se tempo demais no seu rosto, sabendo que ele pedia socorro. Mas no próximo segundo, o rádio estava chiando e

trazendo a notícia de que um supermercado próximo havia sido invadido.

O fim havia chegado.

Enquanto lembrava daquilo, sentia o peso de todas as mortes desabar sobre mim. O fracasso da missão. O fracasso em ajudá-la — ajudar todo mundo — e o reencontro inesperado. Lá embaixo, os soldados continuavam as buscas: invadiam as casas, atiravam nos infectados e soltavam um assovio toda vez que uma casa era liberada.

As possibilidades do que eu faria a seguir passaram de nulas a infinitas. E podia tentar emboscar os filhos da puta que mataram meu soldado e meter uma bala na cabeça de cada um. Podia ir até seus carros e danificá-los, ainda que morresse no caminho. Podia simplesmente entrar em um dos carros e fugir, o que seria sensato, já que a pé as chances de morrer eram imensas. Mas não optaria agora pelo certo ou o sensato.

Eu optaria por ela.

E ela esgueirava-se pelas garagens dos quintais vizinhos, desaparecendo e ressurgindo atrás de cercas até aparecer por completo exatamente no quintal de trás, a poucos metros de mim.

A garota parou na frente de uma casinha

simples, olhou ao redor, tirou algo do bolso e se abaixou. Enfiou o que tinha na mão no buraco da fechadura e, segundos depois, desapareceu dentro do imóvel.

Com cuidado para não fazer barulho, desci a treliça e dei a volta na casa, sabendo exatamente o que precisava fazer.



ALI

A porta abriu com um gemido, causando um vácuo na casa trancada. Tirei a bolinha fluorescente do bolso e lancei-a para dentro. Ela quicou pela sala escura em um trajeto luminoso, fazendo barulho pelo guizo. Se tivesse alguma coisa ali dentro, seria atraído pelo ruído ou pela luz. Não estava cem por cento alerta, a cabeça ainda estava acelerada pela fuga, mas essa me parecia a melhor casa para me esconder. Por sorte eu reconhecia a essa altura o cheiro podre dos virais e, embora o aroma dali não

PERIGOSAS ACHERON

seja assim o de um *spa* — o cheiro era de mofo, mas tolerável —, não havia nada morto ali dentro.

A bolinha bateu em alguma superfície dura e quicou de volta. Peguei-a e a desliguei, olhando para trás. A casa ficava nos fundos de outra, com uma saída que não deixava visão para a rua. Ouvi ao longe as lamúrias características dos virais, vindas da rua, mas não os via dali. Enfiei a bolinha de volta no bolso e entrei. Só voltei a respirar quando ouvi o *clic* da porta se fechando.

O coração fazia o barulho de uma multidão. *Jesus amado, eu fui tão impulsiva.* Eu podia ter morrido, ou levado um tiro, como aquele pobre homem. Poderia ter sido esfaqueada.

— Mas eu escapei — disse em voz alta. E não foi a primeira vez. A vontade de rir não fazia sentido, mas era a vontade que eu tinha. *Eu escapei de novo, seu psicopata.*

Se ainda estivesse em casa, celebraria com uma taça de vinho. Com uma lata de sardinha, talvez. Mas não estava em casa, provavelmente nunca mais veria aquela casa, e os capangas de Vicente ainda estavam por aí, então nada de comemorações ainda.

A casa parecia segura para passar a noite.

Olhando para cima, não vi nenhum sótão ou porão aparente, onde pudesse me esconder. Era importante estar no alto, e conseguir ver o grupo sem ser visto. Ouvi-os, pelo menos. Era arriscado, mas só precisava me esconder por três dias. Com as provisões no final, eles precisariam sair para se abastecer, e nessa hora eu fugiria.

Os pés tocavam o carpete como se pisassem em vidro. A temperatura dentro da casa era alta e a poeira se remexia à medida que eu andava, dançando onde as lâminas de luz dourada vazavam pelas persianas.

Um quarto desarrumado surgiu à direita, parcialmente clareado pela claridade do fim do dia. Ele não era o tipo *desarrumado-que-foi-saqueado*, e sim *desarrumado-como-costumava-deixar-a-casa-ao-sair-com-pressa*. A colcha estava no chão, o lençol fora de lugar. Um armário coberto de adesivos mostrava que o quarto era de uma garota. O pôster de uma banda coreana confirmava: era uma adolescente. Com exceção da poeira que cobria tudo, aquele poderia ser um quarto qualquer, deixado assim pela menina que saiu atrasada para a escola.

Mas não foi isso o que aconteceu.

A próxima porta levava a um banheiro de azulejos cafonas e porcelanas marrons. Do basculante entrava alguma luz, mas estava inteiro e não foi forçado. Debaixo da pia havia um armário, e fiz uma anotação mental de que devia voltar mais tarde para ver se havia algo que pudesse aproveitar.

A sala se parecia com tantas outras que invadi: uma TV antiga de tubo, um sofá escuro e puído, uma mesinha de centro de madeira onde jornais antigos mostravam notícias dos últimos dias. Encostada na parede estava uma mesa de jantar antiga de quatro lugares, com uma fruteira vazia no centro.

Um cômodo minúsculo surgiu à esquerda. Parecia um tipo de roupeiro entulhado de baldes e vassouras, onde não caberia nada. Ignorei-o e entrei no quarto da frente, o do casal. Ali o caos da fuga era visível. Malas abertas sobre a cama, roupas no chão, coisas importantes deixadas para trás. Entre os equipamentos descartados no último minuto estavam um medidor de pressão portátil e um celular sem bateria, hoje cobertos por uma fina lâmina de poeira. Debaixo da cama, mil caixas de sapato velhas entulhavam o que poderia ser um possível esconderijo. Enquanto deixava o cômodo

em direção à cozinha, tentei montar o quebra-cabeça da fuga, uma mania agora repetida em cada casa que entrava. Quem teria vivido ali? Por que optaram por fugir e não se esconder? Para onde fugiram?

E a pergunta derradeira, estação final dos pensamentos: *será que sobreviveram?*

Ao fim do corredor, a cozinha era o único cômodo claro na casa. Como imaginei, uma porta trancada levava aos fundos. Com a mão na maçaneta, mexi-a para cima e para baixo, encostando o ouvido na madeira. Nada. Mas a aproximação devido ao barulho não era regra, por isso andei até o basculante de vidro opaco que cortava a parede de um lado ao outro e forcei a alavanca enferrujada para baixo. Uma chuva de ferro oxidado caiu sobre a pia. O quintal estava tomado pelo mato, sombreado por uma enorme mangueira que resistia entre os muros das casas, mas não havia sinais de virais. Um pequeno edifício de três andares dificultava a fuga pela parte de trás, mas dos outros dois lados um muro levava a outras casas — ou seja, eu tinha duas saídas.

Decidida a rota de fuga, hora de levar o que podia ser levado. Girei a torneira: nada. Sem água,

tentei ver se havia pelo menos comida: as portas dos armários estava, escancaradas e algumas das prateleiras, vazias. Em outras, potes cobertos de poeira disputavam espaço com vidros de macarrão e arroz mofados. Utensílios gordurosos, temperos, liquidificadores de vidros opacos, panelas enegrecidas no fundo, panos de prato dobrados de maneira desmazelada. Revirei rapidamente os objetos, desanimada. Não tinha comida também.

Ao lado do armário, vi o prego fincado na parede e, pendurada nele, uma única chave. Levei-a até a porta e girei: bingo, a porta que levava ao quintal estava destrancada. *Aqui teria sido um bom esconderijo*, pensei correndo até a sala para pegar a muleta que deixei no sofá. *Simpatizei com a casinha, mas sem água ou comida, não dá.*

Assim que coloquei a mão na muleta, ouvi ruído de metal: alguém acabou de abrir o portão.

O rangido de ferro foi seguido por estalos secos — tiros? — e, a cada um deles, saltava no lugar. Trêmula, fui até a cortina. Da fresta vi dois soldados derrubarem um grupo de infectados com pistolas silenciosas e se encaminharem para cá.

Dei um passo para trás, amparando as mãos no sofá, quando vi a maçaneta girar. Eu já devia ter

corrido, mas as pernas não se mexiam. Naquele instante fora do tempo, uma batida ecoava dentro da cabeça: *eles vão me levar de volta. Vão me levar até ele.*

Um segundo antes que a porta arrebentasse sob a sola do coturno do soldado, uma sombra passou sobre mim como uma asa escura. Mal tive tempo de me virar. Braços me imobilizaram pelo rosto e pela cintura, abafando meu nariz e boca. Quando a pessoa me ergueu do chão e eu comecei a espernear, ouvi uma voz grave sussurrar em meu ouvido:

"Não grite, ou eles vão nos achar."

O homem me arrastou para o roupeiro, o mesmo cômodo minúsculo que jurei não ser possível caber nada. Ele encostou na parede e me apertou contra ele, fazendo *shhh* no meu ouvido. Assim que a porta do roupeiro encostou, deixando apenas uma fresta aberta, a outra bateu na parede com estardalhaço. Imóvel contra o corpo quente, acompanhei com os olhos arregalados os gritos dos soldados:

"Você, fundos!; vocês, quartos!"

Nem eu nem o estranho respirávamos: o momento de chutar e espernear passou. O inimigo

agora era outro.

O braço asqueroso do estranho continuava a prender meu rosto, me atrapalhando respirar. Puxei-o para baixo, mas a barba crescida roçou na minha orelha, repetindo o *shhh*. Meu coração batia tão forte que a sensação era de que eu tinha virado só aquilo: um coração batendo contra paredes estreitas. O que poderia ser pior? Ser levada pelos mercenários até Vicente ou estar ali, com aquele estranho rançoso, quando o grupo se fosse?

Do lado de fora, os soldados marchavam com diligência, gritando "nada" à medida que revistavam os quartos. Abraçada à muleta, eu aguardava o pior. O suor brotava da testa e da nuca, escorrendo pelo rosto e empapando o braço do estranho. Naqueles segundos de tensão agonizante, não pedi a Deus que me salvasse — esgotei a cota de orações nos últimos meses —, mas pedi a mim mesma duas coisas. A primeira, que não fizesse barulho e não atraísse os homens de Vicente. Que eles me deixassem em paz, que Vicente morresse ou me esquecesse.

A segunda coisa que pedi é que, uma vez livre do primeiro perigo, conseguisse fazer o maior estrago possível nesse braço fedorento, já que pelo

jeito esse idiota se esqueceu que os vivos também sabiam usar os dentes.

Pela fresta, vi a silhueta de dois soldados. Um seguiu para a cozinha, o outro entrou no quarto do casal, ao lado.

— Nada! — o da cozinha gritou.

— Nada! — o do quarto do casal rebateu. O que revirava o quarto ao avesso bufou, irritado. Minha fuga definitivamente não estava nos planos deles. Fechei os olhos e me encolhi contra o estranho. Seu corpo era tão rijo e grande que parecia pedra, mas surpreendentemente quente, e ali, encolhida, senti seu coração bater forte contra mim.

O soldado deixou o quarto e parou na frente da porta do cubículo. A essa altura, os braços do estranho estavam me segurando em pé, porque meus joelhos falharam. O soldado enfiou o bico da arma na fresta da porta e ela se abriu rangendo, parando ao encontrar a ponta do meu tênis. As mãos do estranho me largaram e deslizaram até o bolso, à procura de algo; uma arma para o embate, eu aposto. A pistola a centímetros do meu rosto seria o objeto pelo qual lutariam, e eu, o corpo no meio da luta.

Que coisa, não era um clichê: partes da vida realmente passam diante dos olhos na iminência do fim. Pouca coisa veio da vida de antes naqueles segundos em que achei que fosse morrer: o estúdio de ioga que vivia às moscas, a eterna comparação com a irmã gêmea bem-sucedida, a perversidade de Vicente. E então, o fim: a fuga, o fim do mundo, o esconderijo perfeito. Os dias de caos foram traumáticos, mas tiveram para mim o gosto de liberdade. O segredo para florescer em meio ao apocalipse? Ter tido uma vida anterior de merda. Se estava pronta para voltar ao inferno? Ah, mas não mesmo.

O soldado parou o cano da arma na fresta, a centímetros do meu rosto. Meus dedos apertaram a muleta tão forte que fiquei com medo de partir a haste. Pelas paletas eu via seu rosto, mas seus olhos não estavam em mim: estavam na sala. Ele estava com medo, e eu conseguia sentir seu pavor de dentro do esconderijo. Seja lá o que chamou sua atenção, sei que foi algo perigoso.

— Malditos! — ele gritou, tirando a arma da fresta e apontando para frente. O barulho de tiro estourou ao lado, seguido de outro e outro. Eu e o estranho reagimos, cada um a seu modo: eu achei a

firmeza das pernas e ele se colocou em posição de ataque. Ouvimos sons de corpos caindo e de luta, e o braço do estranho me apertou outra vez, mas de outro jeito: como se tentasse me proteger da confusão. Independente de estar tentando me proteger ou não, não queria mais meu nariz afundado em seu suor, e enquanto do lado de fora os tiros ecoavam, eu tentava girar o corpo e me soltar. Os gritos ficavam cada vez mais próximos:

"Daquele lado!", "Outro aqui, atire!"

Minha luta acontecia dentro do cubículo: de frente para o estranho, tentava enxergar na escuridão seu rosto, centímetros acima do meu.

— Tire-suas-patas-de-mim — rosnei baixo, tentando me livrar de seu contato.

— A casa foi invadida por infectados! — ele respondeu baixo de volta.

— Eu percebi! Essa é a hora em que a gente escapa!

— Não, essa é a hora em que a gente *morre*.

Rolei os olhos, sem acreditar que estávamos perdendo aquela chance, deslizando lentamente a faca que ele tinha no bolso até a minha mão. *Fala sério, os homens não mudaram nada.*

Fingindo aceitar resignada seu contato

novamente, escondi a faca dentro do cóis da calça. Seu braço não me envolveu outra vez, mas sentia partes demais do seu corpo contra o meu. Partes, inclusive, que podia agora cortar fora com a faca que roubei.

Por longos segundos, ouvimos a luta. Os tiros silenciosos perdiam em barulho apenas para a queda dos virais. Em certo momento os sons dos passos diminuíram e o dos tiros ficou mais distante. Uma freada brusca e um "vai, vai, vai" abafado indicaram o fim do perigo. Pelo menos, o perigo que os vivos representavam.

Apertei a muleta contra o corpo, tomada por um estado bruto de urgência. Hora de correr.

O estranho percebeu minha intenção e encostou a boca outra vez no meu ouvido:

— Não se mexa. A porta ficou aberta.

Sua voz era seca e rouca, como se a boca não visse água há séculos. Observei-o quando ele se espremeu contra mim e se posicionou na fresta, olhando para um lado e para o outro. Meu foco era um só: fugir de seu bom-mocismo ou matá-lo antes que me atacasse, mas esqueci esse único foco quando o vi.

O rosto era maltratado, como tudo no mundo,

PERIGOSAS NACIONAIS

mas suas feições eram fortes. A postura era reta como a de um soldado — a calça camuflada indicava que ele talvez fosse um — e o rosto, de ângulos perfeitos, mostravam um nariz reto e olhos claros. Sobre o peito largo, um pingente em forma de cruz reluzia, dourado.

Ele levou as mãos até o bolso e tateou, procurando a faca. Quando não a achou, olhou para mim.

— Você roubou a minha faca?

Devolvi a arma a contragosto. Ele mal conseguia acreditar que tinha sido roubado, mas não havia tempo para discutir. Havia virais para matar e pouco tempo a perder. Pegando a faca da minha mão, ele saiu do roupeiro com ela erguida no ar.

Os sons que chegavam eram horríveis. A lâmina entrando nos corpos podres, o som deles caindo no chão.

Hora de fugir.

Olho pela fresta e vi o estranho lutar contra um deles na sala. Ele era ainda maior que o visualizei dentro do armário e lutava como um touro. Hesitei por um segundo, sabe Deus por que. Seria decente ajudá-lo depois do que fez por mim, certo? Mas o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fim do mundo acabou com muitas coisas, dentre elas as pessoas decentes — e isso valia tanto para mim quanto poderia valer para ele.

Embora este não se pareça com os arruaceiros que circulam pelas cidades fazendo mal a garotas solitárias, Ali.

O pensamento me fez chacoalhar a cabeça. *Enlouqueceu, mulher?*

A hesitação ficou para trás. Espremi o corpo pela fresta e corri rumo à cozinha. *Boa sorte, soldado.*

Abrindo a porta dos fundos, deixei a casa em direção à liberdade.

PERIGOSAS ACHERON

4



ALI

CORRI o mais rápido que consegui até a mangueira. O mato roçava na altura da cintura e tropecei duas vezes por causa do terreno irregular. A penumbra do dia dava lugar à luz azulada do fim de tarde, um horário crítico: essa era a hora em que os virais acordavam do "transe" diurno. Não sei por que eram mais ágeis à noite, talvez o calor tivesse alguma coisa a ver com isso — quem poderia saber? Com os olhos na árvore, procurei um galho forte que me aguentasse. Encostei a muleta no

PERIGOSAS ACHERON

tronco e segurei a cordinha enrolada no cano. Fiz aquilo mais de mil vezes, daria certo hoje também.

Fugir era necessário. Sabia bem o que os sobreviventes eram capazes de fazer com mulheres — vi horrores acontecerem do meu esconderijo, ouvi gritos horríveis durante noites sem fim — e jurei que não deixaria o mesmo acontecer comigo. *Antes eu que você, estranho*, pensei colocando um pé no calço. Com um impulso, agarrei em um galho. Usei o casco áspero da árvore para firmar o pé e deitar de barriga sobre um deles, puxando a muleta com a cordinha bem a tempo de ouvir a voz baixa:

"Ei, ei!"

Usei o galho onde estava como apoio para subir mais, e só quando voltei a abraçar a muleta, longe de seu alcance, é que olhei para o chão. O estranho estava olhando para cima, no rosto a expressão sincera de quem não acreditava que eu estava fugindo.

— Aonde você vai? — ele perguntou baixo, como se eu estivesse fazendo a coisa mais sem nexo do universo. — Eu acabei de salvar você!

— Obrigada. Fez sua boa ação do dia — respondi, olhando para cima enquanto procurava o

próximo galho.

Ele parecia não fazer ideia como alguém podia escalar uma árvore tão rápido, mas ao ver a muleta, juntou dois e dois. A muleta era uma escada. Uma escada, um porrete, um afasta-virais, um derrubasoldados e também esconderijo para uma agulha de crochê bem afiada.

— Está escurecendo, você enlouqueceu? — ele falou. — Os caras que estavam atrás de você ainda estão na rua!

— Eu me livrei deles duas vezes, posso me livrar uma terceira.

— Você não vai durar dois minutos lá fora. — O homem disse.

— Que tal marcar no relógio?

Ele me lançou um olhar que dali, em segurança, poderia chamar de charmoso. O que seu olhar cheio de charme dizia é que eu estava errada. Se indigentes fedorentos pudessem ter olhares considerados charmosos, claro. Ele é quem estava errado, a propósito. Eu não duraria um minuto lá fora, muito menos dois. Não à noite, quando os mortos-vivos podiam sair de qualquer lugar e nos achar pelo cheiro.

— A casa está segura — ele continuou ao ver

que hesito. — Coloquei os mortos para fora e tranquei a porta.

— Como trancou a porta? — perguntei. — Ela foi arreventada com um chute.

— Mas não quebraram o trinco. Caramba! — Ele perdeu a paciência. — Você é muito desconfiada!

Olhei para baixo, sem acreditar que ele ainda não tinha entendido que meu problema não eram os mortos-vivos. Eu estava fugindo dele.

Mas, ao olhá-lo, vi que ele estava sangrando. Na verdade, aquele homem parecia ter sido atropelado por uma carreta.

— Acho que prefiro tentar a sorte entre os virais — falei, sem muita convicção. — Mas obrigada.

Então, como se iluminado por um pensamento inteligente, o rosto dele se acendeu:

— Oh... Você está como medo de mim? — Ele apontou para o próprio peito, que dali mais parece um tanque de guerra.

— Temos um gênio entre nós — disse para as folhas. Um gênio gigante.

Não era nada pessoal, só queria que ele se afastasse. Que me deixasse ir, como se eu fosse

mais uma dos muitos andarilhos que encontramos perdidos pelas cidades. Não queria que sorrisse, mas é justamente isso que ele fez: sorriu. Um sorriso bastante encantador. Sujo, porém vistoso.

— Eu acabei de salvar sua vida — ele argumentou.

— O que me leva a pensar: por quê?

Sua resposta veio com enorme naturalidade:

— Porque eles acabaram de matar meu amigo e você não parecia estar do lado deles. Só por isso.

Eu podia sentir o cheiro da mentira daqui, mas a informação de que o pobre homem que vi sendo abatido era seu amigo me desconcertou.

— E eu deveria confiar em você por quê? Por causa da velha história de que "o inimigo do meu inimigo é meu amigo"?

— Me parece um bom motivo nos dias de hoje.

Ignorei sua resposta e continuei a subir. À medida que subia, ia enxergando a rua por entre as folhagens. Infelizmente, todos os soldados continuavam ali. Alguns varriam a rua dos virais, outros descarregavam o jipe e ocupavam a casa ao lado. Droga, aquela era justamente a minha rota de fuga. Eu poderia tentar o lado oposto, mas havia tantos virais ziguezagueando pela avenida que

viraria comida assim que pisasse no asfalto.

Olhei para baixo, sem opções. O estranho continuava parado ao pé da mangueira.

— Eles ocuparam a casa ao lado, não ocuparam? — ele perguntou, divertido.

Nem me dei ao trabalho de responder. Como alguém conseguia rir nessa situação? Tentei recalcular a rota, mas tudo que conseguia era pensar em meios de nocautear esse imbecil. A casinha verde estaria boa para a noite, mas não com ele ali. Com ele ali, a casinha verde poderia se tornar o cenário de um filme de terror.

— Eu imaginei que fariam isso — acabei respondendo.

— Eles não iriam longe nesse horário.

Eles não iriam a lugar algum sem mim, pensei, olhando desanimada para o grupo de doze homens que descarregava os jipes.

— Talvez partam amanhã cedo. Só precisamos nos esconder.

Sim, claro. Podemos até virar amigos durante a noite, pensei, apoiando o pé no galho de baixo. A cada metro descido, mais me sentia frustrada. Mais desencorajada e com medo, com uma vontade horrível de vomitar. Há horas o estômago não via

PERIGOSAS NACIONAIS

comida. Meus braços mal firmavam o corpo, tamanha fraqueza. Quando os pés finalmente encostaram no chão, o estranho não estava mais ali.

Achei-o parado sob um telhado de zinco envergado pelo vento, na frente de um tanque de lavar roupa. Ele parecia estudar a torneira, tentando entender de onde vinha o encanamento exposto. Pensei em avisar que não tinha água, mas seu tamanho me calou. Deus, ele era imenso. Se ele resolvesse me machucar, eu ficaria *bastante* machucada.

Também notei a camiseta manchada, a calça camuflada e o coturno. Seu braço era uma confusão de sangue de diversos tons, coagulados em momentos diferentes. Metade de seu cabelo e barba haviam sido chamuscados.

Ele ignorou minha chegada, como se já esperasse por ela. Tirou de dentro do tanque um balde vermelho desbotado pelo sol e passou a mão por dentro, varrendo a poeira e as folhas do fundo. Então, abriu a torneira. *Quanta esperança*. Claro que a essa altura não havia mais...

Do encanamento escapou um arroteio de ar e, em seguida, da torneira enferrujada, escorreu um fio de água.

PERIGOSAS ACHERON

Água. Eu mal vi os pés caminhando até ele.

Ele soltou um riso animado, primeiro para a água amarelada e em seguida para mim. Seu sorriso era uma carreira branca que parecia ter sido lustrada e destoava do rosto escuro e sujo. Os olhos eram verdes e me surpreendi ao notar sua cor — aquela devia ser a primeira cor que notava em meses. O cabelo era curto, à moda do exército, nem castanho nem loiro, mas um pouco dos dois. E havia aquela barba, toda desigual e malcuidada, praticamente fumegando, responsável por dar ao todo aquele look mendigo-estropiado.

Em outra vida — em outra época — eu o teria achado um morador de rua bem apresentável.

Ele levou a mão imunda à água e a trouxe, cheia, até a boca. A saliva desceu pela garganta esturricada. Andei até o tanque com as mãos firmes na muleta, repetindo a mim mesma que ele poderia ser um psicopata. Um mercenário ou um assassino de mulheres. Mas, ao mesmo tempo, os olhos estranhamente caídos, como se tivessem visto tanta dor que não restou nada além da queda, decidiram a aproximação. A cruz pendurada no pescoço também me encorajou.

Poderia usá-la para enforcá-lo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se me tocar, será um homem morto, entendeu? — Olhei para ele. — O homem mais morto do mundo!

— Já entendi. Morto. — Ele me estendeu o balde.

Pousei a muleta no chão, com mais sede do que medo, e finalmente aceitei sua ajuda.

PERIGOSAS ACHERON



MAX

DURANTE TODO O tempo em que fiquei imprensado contra ela no armário, pensei em coisas absurdas. Difícil manter a atenção na morte quando se tem um corpo quente e feminino pressionado contra o seu. *Pense nos mortos-vivos, Max, eu ficava repetindo, pense na merda que vai dar se a milícia te encontrar. Você vai virar peneira. Vai morrer furado de chumbo.*

Mas quem disse que o corpo estava a fim de ouvir a cabeça? Assim que me lembrava da ameaça

PERIGOSAS ACHERON

do lado de fora, me lembrava também que oito meses haviam passado desde a última vez que algo cheirou tão bem perto de mim. Ou encostou daquele jeito em mim.

O mundo virou uma latrina a céu aberto. Tudo fedia ao redor, por descuido ou apodrecimento. Tudo remetia a sujeira, sangue e esgoto. Tudo tinha cheiro de queimado ou pútrido.

Menos ela.

Ela cheirava a antes. A shampoo, a banho, a higiene — coisas que hoje eram uma memória distante. Podia sentir até agora seu coração bater como as asas de um passarinho contra meu peito. Que cheiro era aquele? Lavanda? Demorei para entender que as batidas aceleradas eram por causa do medo, em grande parte por minha causa. Seu medo não era injustificado: ela seria uma tola se não o sentisse. O mundo havia virado um lugar hostil para as mulheres e eu não ajudei em nada a arrastando até um cômodo escuro. Também não ajudou ter tido uma ereção em meio à coisa toda.

Foi assustador senti-la quase desfalecer em meus braços, mas ao mesmo tempo aquilo aqueceu meu peito. Eu *queria* que ela desfalecesse em meus braços. Queria que ela me deixasse protegê-la.

Como era possível que uma garota tão pequena — que precisava de óculos de grau para enxergar e andava carregando uma muleta (dava vontade de rir quando pensava nisso) — tenha vingado enquanto tantos amigos meus — homens de farda, violentos e preparados — sucumbiram?

A água quebrou o clima ruim. Ela devia estar com muita sede para se aproximar. Enquanto ela bebia água, pensei em como os últimos minutos foram os mais loucos da vida. Achei a porta dos fundos aberta e puxei-a segundos antes dos soldados invadirem. Um segundo a mais e estaríamos mortos. Se ela tivesse resistido, eu estaria morto. Se ela resolvesse cravar em mim a faca que roubou de minha cintura (como ela fez isso?), não estaria mais aqui. Mas ela não lutou e eu estava aqui. Tentando esconder o fato de que a conhecia, embora torcesse para que ela não soubesse quem eu era.

A descoberta de água foi um bom subterfúgio para esconder a excitação. Para quem queria morrer até há pouco, estava bastante animado.

— Acha que eles podem ouvir a água? — ela perguntou. Seus olhos eram realmente azuis, como eu me lembrava. Um tipo de azul pálido, como o do

PERIGOSAS NACIONAIS

céu hoje mais cedo.

— Acho que não. Mas precisamos falar baixo.

Ela estendeu a mão novamente até a água, levando mais um pouco à boca com uma careta.

— Tem gosto de ferrugem.

Estava para responder que sim, quando ouvimos um tiro. Viramos ao mesmo tempo na direção do barulho, vendo uma revoada de pássaros cruzar o céu. Por um momento não nos mexemos, então voltamos a prestar atenção no balde.

— Imbecis. Agora todos os infectados da região virão para esse lado da rua.

— Você disse que trancou a porta? — ela perguntou outra vez, sem olhar para mim.

— Meio que sim. — Coloquei o braço cravejado de estilhaços sob o fio de água da torneira, segurando um espasmo de dor. A sujeira que camuflava os machucados aos poucos saía, mostrando o estrago.

Ela olhou para o meu braço.

— Esse "meio que sim" me parece um jeito bonito de dizer "não".

— Se os virais a força-rem, ela abre. Se eles não souberem que estamos aqui, não vão forçá-la.

— Você precisa cuidar disso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Olhei-a com o canto dos olhos, sem saber se fala da porta, mas vi que falava do braço.

— É, eu sei. Estou pensando em dar um pulo no hospital quando sair daqui.

— Muito engraçado. Será menos engraçado quando perder o braço. Tétano, já ouviu falar?

— Sou vacinado. Estou seguro pelos próximos dez anos.

Ela ergueu os olhos. Duas pedras preciosas me encararam surpresas. Talvez tenha sido a imbecilidade da frase ou a perspectiva de segurança em épocas em que nada mais era seguro — muito menos dava garantias de dez anos. Seu rosto se iluminou e ela riu. Baixo, de um jeito discreto, acompanhado de um balançar de cabeça. Era oficial, eu estava paralisado por ela. Ela não prestava atenção em mim, sua atenção estava voltada para os pequenos fios de sangue que escorriam dos ferimentos e pingavam no chão.

Ela não perguntou o que me alvejou — qualquer coisa hoje em dia tinha o potencial de virar uma arma, de vidraças a latarias de carro —, só me observou aumentar o fluxo d'água e colocar o balde dentro do tanque. Por longos segundos de espera até que o balde enchesse, fizemos silêncio.

PERIGOSAS ACHERON

Quando tentei puxar o balde, a físgada de dor foi tão forte que ela afastou minha mão da alça e levou o balde para mim.

Entramos novamente na casa. Antes de trancar a porta, dei uma última olhada na cor do céu. Azul cobalto. Uma lua fina, quase um risco de luz, enfeitava como um pingente a noite, que promete ser estrelada. Até ontem eu teria pensado que ela também parecia, lá de cima, dar o dedo do meio para nós. Mas hoje não. Hoje conseguia até mesmo ver alguma beleza nela.

— Você tem lanterna? — ela perguntou da sala.

— Você revistou meus bolsos. — Parei na sua frente, achando surreal que eu estivesse ali, com ela. Até ontem eu dormia em uma barraca, dentro de um saco de dormir, sem esperança de que o dia seguinte trouxesse algo bom. E o que o destino colocou na minha frente mal dava para acreditar. *Caralho. De perto, ela era ainda mais bonita.*

— Não tem lanterna? Que tipo de sobrevivente é você? — Ela colocou as mãos na cintura.

— O do tipo que viu a lanterna explodir junto com o transporte e os amigos.

— Ah. — Suas mãos tombaram do lado do

corpo. Ela fingiu procurar algo ao redor e murmurou um "sinto muito".

Entrando no banheiro, ela se agachou na frente da pia, onde abriu um armário de madeira. Tateando no escuro, tirou de dentro do armário uma caixa de sapatos. Ao abri-la, a surpresa:

— Bingo.

Ela levantou e trouxe o achado até onde eu estava. Era um copo simples, de geleia, e dentro dele havia algumas velas usadas e uma caixinha de fósforos. Ela olhou para mim:

— Acha que podemos acender uma vela?

Olhamos ao mesmo tempo para o basculante. Estávamos do lado contrário da casa escolhida pelos soldados, mas poderíamos atrair os virais. Pensei por um instante, então fiz que sim. O muro deveria ser suficiente para esconder a luz.



MAX

ELA ACENDEU a vela e a colocou sobre a pia. O cômodo ganhou contornos — o boxe, o vaso e também a silhueta delicada ajoelhada ao lado do balde. Ela posicionou a vela perto da caixa e a abriu, mostrando o que havia encontrado ali: entre vários frascos usados e pela metade estava um vidro de mertiolate, um rolo de algodão, gaze e analgésicos. Ela não poderia imaginar, mas quando sorri, grande parte era porque me senti feliz em tê-la ali — e bem menos por haver algo para os PERIGOSAS ACHERON

machucados.

— Precisamos limpar essa bagunça — disse sem me olhar.

Ela tirou uma pinça de uma caixinha e, tateando a pia, achou um sabonete ressecado. Só de imaginar o que estava pensando em fazer, estremeci.

— Vamos, lave-se — disse, estendendo-me o sabonete.

Peguei o sabão sua mão e molhei-o no balde. Não consegui passar aquilo sobre a pele ferida; a merda do sabonete era praticamente uma pedra e os machucados estavam sensíveis demais. Ela estalou a língua, agoniada ao ver que não conseguia. Pegou a gaze na caixa e a molhou no balde, tirando o sabonete da minha mão. Com o tecido espumando, o trouxe até a pele machucada.

Seu toque se sobrepôs à dor em muitos graus. Ela cruzou as pernas, sentada de frente para mim, e firmou meu pulso entre os dedos. Era quase um carinho o modo como limpava meu braço; a gaze deslizava do cotovelo ao punho, cobrindo toda a região lacerada. Repetindo o gesto, girou a gaze e substituiu-a quando ficou encharcada demais de vermelho. Embora fosse o toque mais delicado do mundo, a dor era de trincar os dentes. Ela às vezes

olhava para mim, mas fingia não ver que travava a mandíbula para não reclamar. Ninguém hoje em dia se compadecia da dor alheia. *Quer sobreviver? Aguenta* — era o lema de quem sobrou.

Depois que secou o machucado com mais gaze, passou o mertiolate — momento em que quase urrei de dor. Mentira, eu urrei de dor. Mas baixo.

— Vamos precisar tirar as farpas. Isso vai infeccionar.

Fiz que não, mas ela fez que sim. Puxei meu braço, mas ela o segurou. Não sei por que insistia em me ajudar — não era simpatia por mim, ela ainda não tinha demonstrado nenhuma —, mas sabia que tinha razão. Eu podia perder o membro se não fizesse alguma coisa.

Ela se ajeitou no chão, dobrou as pernas e trouxe meu braço até seu joelho, firmando-o ali. Sem me olhar, borrifou o mertiolate duas vezes na ponta da pinça, chacoalhando-a.

— Isso vai doer, estranho.

— Max.

— Sim, a dor vai ser máxima.

Ri, atraindo seus olhos.

— Não, Max é o meu nome.

Como ela não disse nada, perguntei:

— E o seu?

Embora eu tivesse visto muitas vezes, nunca soube seu nome. Lembro que na época perguntei ao redor como era o nome da garota com quem Vicente Schilling saía, mas a cabeça de ninguém estava em detalhes como esse. Ela voltou a olhar para o braço. Não queria dizer o nome, e soube que revisitava cenas ruins, porque já tinha visto muitas expressões como a dela antes. Nomes eram coisas pessoais. Com eles podíamos ser achados.

— Ali — ela finalmente disse.

Ali.

Nos próximos minutos, ela tirou em silêncio cada estilhaço que encontrou, puxando-os da pele com extrema perícia, sem me beliscar uma só vez. Aguentei a dor, travando os dentes e respirando fundo quando o estilhaço era maior. Mas aguentei melhor porque a olhava quando achava que não fosse suportar. Ela não notou, ou fingiu não notar. Ajudava olhar para ela.

Max, você tá meio carente. Pare de olhá-la.

Ela usou o algodão para estancar o sangue e passar mertiolate, ignorando minhas contrações. Para ajudar a tolerar a ardência, visualizei a garota em situações improváveis, naqueles delírios

masculinos que raramente confessamos em voz alta. Imaginei-a comigo. Sem roupa, claro, do meu lado na cama do meu antigo flat. Tenho certeza de que seria um cara diferente se tivesse a conhecido antes. Menos safado. Mais fiel.

Uma risada me escapou da boca e ela subiu os olhos.

— Alguma coisa engraçada? — ela perguntou, sem parar de pescar as farpas presas à pele.

— Só uma coisa que pensei.

A próxima pinçada beliscou a pele e eu saltei de dor. Ela seguiu jogando as farpas na pia, até a última.

— Quer de recordação? — ela perguntou com o último fragmento entre as lâminas da pinça. Fiz que não e ela a jogou na pia junto com as outras. Quando terminou, pousou a pinça delicadamente dentro da caixa. Meu braço continuava sobre seu joelho, acomodado entre eles. Ela poderia te-lo tirado, mas não se moveu também.

Você está delirando. Faça um favor a si mesmo e volte para a realidade.

O calor era bom onde minha pele encostava na sua. Diferente do calor abafado da casa fechada e do que parece irradiar dos ferimentos. O calor dela

PERIGOSAS NACIONAIS

era o calor de gente. Não sabia dizer direito que sensação era essa que crescia em mim, mas sei que crescia em direção a ela. Parte do que sentia era gratidão. Sentia-me grato por ter me livrado da dor aguda e feito o que eu talvez não conseguisse fazer. Mas sentia outra coisa também. Estava atraído por ela. Uma atração que conhecia há tempos, e sabia que ela agora também conhecia.

Assim que ela indicou que acabou, fiz a pergunta:

— Por que aqueles caras estavam atrás de você?

— Não quero falar sobre isso.

Ela moveu os joelhos, mas amparou meu braço para que não se movesse.

— Está ferido em algum outro lugar?

Ela correu os olhos por mim. Tateei o peito, o outro braço. Nada. Ao negar, ela largou meu braço. Levantou do chão e começou a recolocar as coisas de volta na caixa, enquanto continuava sentado.

— Acho que preciso saber — falei com cuidado para não a afastar. — Se você for realmente importante para eles, não irão embora até te acharem.

Ela não me olhou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você pode partir quando quiser. Não estou pedindo para ficar.

— Eu sei — disse rápido. — Mas não gostaria de ver você cair nas mãos deles.

Ela parou com as mãos na caixa. Sei que imaginava a possibilidade de a levarem e, pelo jeito como derrubou as aspirinas e a gaze no chão, não gostou do que imaginou.

— Precisamos arrumar um jeito de sair daqui — falei, usando o tom de voz mais tranquilo que consegui achar. — Precisamos de comida. E não sabemos até quando a água vai durar.

Ela terminou de catar o que derrubou e, por alguns instantes, ficou olhando para a pia, como se pensasse.

— O que foi?

— É que eu notei uma coisa.

Podia sentir sua cabeça girando, questionando se devia me falar no que pensou ou não. Por algum motivo, a confiança venceu a desconfiança.

— Você notou que a água da casa acabou, mesmo parecendo que ninguém esteve aqui desde a evacuação? — ela perguntou.

A evacuação, por volta de seis meses atrás, retirou a maioria das pessoas das cidades quando os

PERIGOSAS ACHERON

primeiros casos da doença foram relatados no Brasil. Pouquíssimos permaneceram nas cidades, a maioria se espalhou pelos campos e montanhas, embora isso de pouco tenha adiantado. Só ajudou, na verdade, a espalhar os infectados pelos campos também.

— A água pode ter evaporado.

Ela fez que não. Uma caixa d'água inteira?

— E a cozinha? — ela insistiu. — Você não acha que no caos ela deveria estar mais... desarrumada? — Ela franziu as vistas. — Estava tudo tão ordenado. Especialmente a cozinha e o banheiro. Medicamentos no lugar, papel higiênico, velas à mão, uma única toalha estendida no boxe.

Não sei aonde ela queria chegar, mas acompanhei seus pensamentos. Ela chacoalhou a cabeça, como se tivesse pensado em algo improvável.

— Alguma coisa me diz que essa casa foi usada por um tempo e só então abandonada. A água acabou, a pessoa saiu pra buscar mais e...

— A casa estava aberta. Foi assim que entrei aqui. Alguém pode ter ficado por uns dias.

— Não, ela estava trancada. Eu a abri. — Ela olhou para cima, pensativa. — Estive em casas

demaís. Umas estavam seladas desde o início, dentro delas o caos completo de quem precisava fazer as malas e partir. Outras, haviam sido saqueadas, e o caos era ainda maior. Mas essa casa parecia diferente. Parecia habitada. Por alguém que morou aqui e limpou a cozinha e o banheiro. Não sei, é só um pressentimento. Havia pouca poeira na cozinha. A casa inteira está coberta de poeira, menos a cozinha.

Como não disse nada, ela fez um gesto de desmerecimento com a mão.

— Deixa para lá.

Ela saiu do banheiro e me deixou ali. Entendi o que queria dizer e, agora que mencionou aquilo, onde estava a caixa d'água reserva de onde tiramos a água do balde?

— Tome um banho — ela disse, jogando uma toalha limpa em cima da pia. — Você está precisando de um.



ALI

ENCOSTEI O CORPO NA PORTA, sentindo-me sem chão. *Ora, ora, faz um tempo que isso não acontecia.* Coloquei a vela sobre a escrivaninha e tentei me abanar com a mão: não dava. Tateando ao redor, achei um pedaço de papel; tentei me abanar com ele, mas não funcionou. Segui pelo quarto, sentindo o calor subir pelo pescoço como uma serpente. *Esquece isso, Ali.* Ele tinha uma voz gentil e parecia normal, mas continuava sendo um estranho. Uma variação suja de normal, claro, na PERIGOSAS ACHERON

nova versão de pirados que pipocaram no mundo após o fim.

Arranquei o pôster ressecado da parede, dobrei-o e me abanei, como se o que me esquentasse pudesse passar com vento.

Na escuridão do quarto, tentei dar outro nome àquilo que eu sentia. Carência, solidão demais. Depois de tantos meses sozinha — Soraya não contava, porque era mulher e amiga —, seria óbvio que isso acontecesse quando encontrasse alguém como ele. Depois de Vicente e dos meses de medo ao seu lado, nunca mais achei que pudesse sentir atração por alguém.

Argh. Arrastei as mãos no rosto, irritada. *Não diga essa palavra! Não é atração!*

Ele só era fortão e tinha aquele jeito de herói machucado que os romances adoravam exaltar. Só isso. Tinha aqueles olhos bonitos, também, e um rosto marcante que um dia deve ter sido lindo de doer. Mas de resto, ele não tinha nada! Aliás, não gostei do jeito que ele me olhou. Parecia um cachorro carente, pedindo atenção. E ele era grande demais, sabe-se-lá que temperamento tinha.

Andei por um tempo de um lado para o outro do quarto, confusa. Se Soraya estivesse aqui, ela

diria para correr de um homem que me olhou daquele jeito. Mas nunca encontramos — eu, pelo menos, não encontrei — aquela mistura de carência com perversão, aquela combinação que tanto desagradava quanto causava *isso*.

Afastei a cortina e olhei rapidamente para fora, escondendo a vela para não chamar atenção. O quintal estava vazio de virais. Não ouvia um pio vindo da casa ao lado.

Vicente também mexeu com você no início, a cabeça tentou voltar ao lugar. Mas pensei melhor e balancei a cabeça que não. Foi totalmente diferente. Alma estava doente e as intermináveis visitas ao hospital acabaram fazendo com que trombássemos no corredor. Ele fez uma brincadeira sobre como eu tinha melhorado rápido e eu expliquei que era a minha irmã gêmea Alma quem estava doente. Assim que ele sorriu, senti que estava perdida.

Uau, Vicente era encantador. Era mais fácil admitir isso hoje, mesmo tendo conhecido seu lado mau. Encantador, irresistível. Alto, longilíneo, de feições finas. Cabelos e olhos escuros, perfumado e culto. Além disso, como não gostar do famoso Vicente Schilling, dono do maior laboratório

farmacêutico e rede de hospitais particulares do país? Como não aceitar sua oferta para custear as despesas infinitas do tratamento da irmã, em troca de algumas amostras de sangue e alguma atenção? O fascínio dos gêmeos para a ciência era conhecido, eu nem soube recusar. Somado a tudo, eu era a patinha feia da família. A garota confusa que já tinha sido de tudo — vendedora, florista, aromaterapeuta, guia turístico e recepcionista de museu — e na época brincava de ser professora de ioga, tentando decorar aquelas palavras imensas em sânscrito depois que tudo o mais tinha dado errado. Claro que eu sabia que Vicente Schilling não me amava, que havia uma intenção velada por trás de seu interesse por mim. Alma e eu éramos gêmeas, mas radicalmente diferentes: uma era engenheira civil, mas propensa a todo tipo de doença. A outra era uma maluca saudável que nunca adoeceu na vida. Só que as pesquisas deixaram os muros do hospital e viraram noites na sua casa. Com as noites vieram os presentes, e então, em um salto, as cobranças. *"Você não pode mais sair sem mim". "Onde esteve o dia todo?" "Por que não respondeu o celular?"* Juro que quis sair daquilo, mas, quando me decidi, era tarde demais.

O mundo estava com o casco furado e a água começava a entrar. Com a vida virando lentamente de cabeça para baixo e sem ter a quem recorrer, virei um tipo de escrava. De cobaia. Alguém que ele podia ter do jeito que quisesse, sem a lei para desobrigá-lo.

Afastei as memórias com as mãos e fechei as cortinas. Vicente foi traumático, mas passou. Tinha coisas mais urgentes com o que lidar agora. Precisava me livrar desse calor, por exemplo.

Por outro lado, esse cara do outro lado da porta parecia inofensivo. Não em tamanho — ele era o tipo de cara com quem eu não começaria uma briga em um bar —, mas outra coisa. Eram os olhos. O jeito que me olhava.

Sentei desanimada na cama. Eu deveria estar mais preocupada em sobreviver, ou arranjar um jeito de fugir. Mas, no momento, tudo que desejava era uma coisa inominável que tinha a letra "x" no meio na palavra. E minha querida caixinha de Rivotril, que, infelizmente, ficou na mochila dentro do jipe.

Quiquei duas vezes na cama para sentir o colchão. Meses dormindo em cima de um colchãozinho de ioga me fizeram desgostar de

camas moles. Abaixei e olhei debaixo do móvel. Rolos de poeira acumulam-se ao redor dos pés de madeira e um chinelo gasto repousava solitário, sem o par.

Andei até o armário, tocando as roupas penduradas nos cabides. Rosa. Rosa. Rosa. Rosa. Pensei em Soraya e em como deveria estar desesperada. Pensei também na minha irmã e na minha mãe, mas espantei a lembrança. Fechei o armário com uma camiseta rosa na mão, onde os dizeres "Eu acredito em Unicórnios" em glitter rosa disputavam espaço com uma criatura colorida que soava, atualmente, vagamente ridícula.

No reflexo que o espelho embaçado mostrava, eu via os efeitos do apocalipse no corpo. A fome aparecia aqui e ali, nas costelas visíveis e no rosto sulcado. O corpo estava exausto da adrenalina, e, em qualquer outra ocasião, eu tombaria no chão e dormiria como pedra, mas sentia uma estranha vontade de... socializar.

Por minutos, ouvi os ruídos do banho no banheiro ao lado. Os sons vinham em rompantes, tipicamente masculinos. Como ele conseguiu sobreviver fazendo tanto barulho?

Ele deixou o banheiro quase uma hora depois.

Eu o aguardava na sala, sentada sobre o braço do sofá enquanto esperava minha vez de tomar banho.

Quando a porta abriu, Max saiu enrolado na toalha. Prova de que estava mal medicada era que perdi o equilíbrio, e quase tombei para trás. Em minha defesa, o susto era justificável: primeiro, porque não esperava tanta pele exposta, nem tantos músculos e tatuagens. Segundo que, caso não tivesse ouvido-o o tempo inteiro, acharia que quem saiu do banheiro era outra pessoa.

Onde estava a barba suja? Onde estava o look mendigo estropiado?

Sumiu. Ele achou um barbeador em algum lugar, limpou a sujeira, enfaixou o braço e em nada se parecia com o indigente de antes. Ele era agora um cara de um metro e noventa de altura cujo corpo parecia saído de um calendário masculino.

Meus óculos embaçaram por alguma reação química constrangedora.

— Ah, você está aí — ele disse, sorrindo.

— Você faz muito barulho. — Meu resmungo foi acompanhado de traquejos sem jeito e uma tentativa falha de limpar os óculos na camiseta.

— Quer que eu busque água pra você? — Max perguntou.

Foi a minha chance de escapar até o banheiro, respirar fundo e trazer o balde até ele, estendendo-o à frente sem coragem de olhá-lo.

— Quero.

Enquanto ele se afastava, eu me estapeei em pensamento por observá-lo sumir na cozinha. Só então olhei para o banheiro, e o cenário de pós-guerra que seu banho deixou pra trás. Água, sangue, água, sangue, água, sangue. Peguei uma toalha limpa no armário, atordoadada e saudosa do banheiro impecável do meu estúdio, e tentei não pisar em nada nojento no chão.

Quando ele voltou, colocou o balde no banheiro e saiu, evitando olhar para dentro. Como se não fosse de bom tom olhar para uma moça no banheiro, e algumas regras sociais ainda valessem nesse mundo em ruínas. Um gesto de cavalheirismo em meio ao fim do mundo, quem diria.

Até parece que eu tiraria a roupa sabendo que ele estava ali, mas assistir o gesto de decência me tocou. Fechei a porta e passei a chave por hábito, feliz por ele não ter visto o sorriso bobo em meu rosto. Em seguida, praticamente enfiei o rosto dentro do balde para ver se a água fria tirava algumas ideias da minha cabeça.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



MAX

A COMIDA ESTAVA QUASE PRONTA quando ela saiu do banho. Não era o jantar que tinha em mente oferecer, mas era o que tinha. Precisei cozinhar o macarrão além do tempo, por segurança — estava mofado — e ele virou uma gororoba condensada em um só bloco, como uma massa antes de sovar. O cheiro não era bom, mas dava para alimentar dois até amanhã. Caprichei no sal — havia um saleiro com sal empedrado dentro e, sem ter como tirá-lo, acabei cozinhando o saleiro de vidro junto

PERIGOSAS ACHERON

com a comida. Agora, com tudo pronto, tive o cuidado de tirar o vidro antes de servir porque aquilo poderia causar nojo e apresentação é tudo.

Ela me encontrou na cozinha. De seu cabelo pingavam gotas que escureciam o tecido rosa da camiseta na altura dos ombros. A camiseta a fazia parecer mais jovem.

— Onde achou comida? — Ela tentou enxergar o que tinha na panela. — E gás?

Ela se aproximou por trás, tentando ver o fogão por cima dos meus ombros. Seu cheiro era um sopro de vida nas condições precárias.

— O botijão de gás estava cheio e tudo funcionou sem problemas. — Olhando para o fogão sem conseguir explicar como consegui cozinhar, concluí: — Acho que por hoje isso vai dar.

Estendi um prato em sua direção, mas ela não parecia muito empolgada com a comida. Ela investigava a fatia compacta de macarrão sem muita comoção, e nem dava para julgá-la.

— Aquele macarrão estava mofado.

— O fogo matou tudo. Se ele não matou, o sal fez isso.

Ela pegou o prato da minha mão sem comentar mais nada. Coloquei no meu prato uma colherada

da massa e o prato chegou a descer quando a gororoba pesada tombou sobre ele. Com uma careta, ela me seguiu para fora da cozinha. Sentamos no corredor, ela encostada em uma parede e eu, na outra. Nem eu nem ela pensamos em nos sentar à mesa — algumas convenções ficaram no passado — porque o corredor era central e estratégico.

A fome estava grande e as boas maneiras apenas uma vaga lembrança do que existiu mas não existia mais. Por um tempo notei que ela me observava, colocando de tempos em tempos um pedaço do macarrão na boca.

— Onde arrumou a camisa? — ela perguntou, olhando para a blusa marrom que achei no armário do quarto do casal.

— Em uma gaveta.

Ela riu, levando, ao final, o prato à boca para tomar o caldo que escorreu do macarrão. Pelo jeito minha massa com sal agradou.

— Está esquisita? — Perguntei, olhando para a camisa que, admito, colava ao peito.

— Você parece meio apertado aí dentro.

— Era isso ou alguns vestidos floridos — disse rindo. Ela respondeu erguendo os cantos da boca.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Os vestidos não eram o seu tipo?

— Eles poderiam me atrapalhar a correr.

Ela abaixou o rosto e soltou uma risada para o prato, como se um riso tão genuíno precisasse ser escondido de mim.

— Minha camiseta foi para o cesto de lixo — expliquei. — Muito sangue. Achou algo no outro quarto que poderia caber em mim?

— Só camisetas rosas com estampas de arco-íris e unicórnios — ela respondeu arrastando um dedo pelo prato e o levando à boca, sem notar que a observava.

— Acha que caberiam em mim?

Ela riu outra vez, e eu senti o peito inflar. Era alegria aquilo que eu estava sentindo? Poderia ser.

— Não acho que caberiam — ela lança um olhar rápido para o meu peito.

— É difícil achar roupas que caibam em mim.

Ela não comentou mais nada, só balançou a cabeça e raspou o prato, descolando o resto do macarrão do fundo.

— Há quanto tempo não comia? — perguntei.

— Desde ontem.

— Desde que te...

— Sim, desde que me raptaram.

PERIGOSAS ACHERON

Fiquei com vontade de perguntar onde estava morando, mas não quis ultrapassar a linha. Ela lentamente ia mostrando confiança em mim e esperava que as coisas continuassem assim.

Estendendo a bota à frente, apoiei as costas na parede contrária do corredor. Ela fez o mesmo, apoiando o tênis do meu lado. Entre nós, a luz da vela tremeluzia, movendo nossas sombras.

— Onde você estava servindo? — Ela puxou assunto depois de um tempo.

— Costumava servir na capital, mas estávamos acampados nas montanhas. Passamos a operar de lá quando Vitória ficou infestada demais.

— Vocês também fugiram.

— Um "recuo estratégico" — repeti as palavras do centro de comando. — É uma forma melhorada de dizer fuga.

— Todo mundo quer sobreviver, eu entendo.

A conversa acontecia de forma dolorosamente lenta. Como se cada frase exigisse um minuto de silêncio ou trouxesse, do fundo, memórias de difícil digestão.

Nesse intervalo de minuto em que ela fez silêncio, olhei para baixo, para o prato vazio sobre as pernas. Se ela soubesse que foi para mim durante

um bom tempo o símbolo da divisão dos mundos, o que diria? O que faria se eu contasse que foi a última coisa bonita que vi antes que tudo desmoronasse?

Mas para saber isso, precisaria saber primeiro que já nos encontramos antes. Que vi seu pedido de ajuda naquela noite, mas ignorei. Que nada podia atrapalhar a missão, que era justamente investigar seu namorado. Não o que ele fazia em sua vida pessoal e sim o quanto sabia sobre as notícias que chegavam do Centro de Controle de Doenças da Ásia.

O momento não deixava nada mais fácil.

Ela fazia parte do comboio que eu deveria reportar ao exército. Ela era o motivo pelo qual o comboio estava ali, e era até Vicente que eles a levavam.

— Alguma esperança?

Sua pergunta me trouxe de volta e eu demorei alguns segundos para entender o que ela queria dizer.

Há alguma esperança para o mundo?

Balancei a cabeça que não. Não que soubéssemos.

— O que vocês estavam fazendo aqui, tão longe

das montanhas?

Foi difícil falar as frases seguintes. Contar sobre a missão era impossível, mas devia a ela alguma informação, ou ela se afastaria.

— O comboio.

Seus olhos arregalaram.

— Aquele comboio? Por quê?

— Quando ficamos sabendo que um grupo armado havia sido avistado nos arredores de Vitória, interceptamos as vias para pegá-los.

Ali empalideceu.

— Sabemos que o contratante daqueles homens estava construindo uma nova sede dos laboratórios entre Vitória e o Rio, mas não exatamente onde. Planejávamos segui-los, mas as coisas deram errado.

O silêncio foi ainda mais longo dessa vez. Por várias vezes a peguei balançando a cabeça para lá e para cá, inquieta por eu saber quem Vicente era. Em teoria, não sabia quem ele era para ela, ou o que ela significava para ele. Queria que as coisas permanecessem assim por enquanto, ela não precisava saber mais no momento.

Enfiei a mão no bolso e tirei outra coisa que achei na gaveta — embaixo de calcinhas de

tamanhos escandalosos, tanto para o espectro minúsculo quanto maiúsculo. Não sei se a agradaria com aquilo, mas sentia uma vontade absurda de agradá-la.

— Achei isso aqui.

Estendi a ela a barrinha de cereais murcha, cuja data de validade havia expirado há algum tempo. A barrinha era um pedido de trégua. Uma moratória. No momento, a garota na minha frente me interessava bem mais do que o exército, o papel dos Schilling no fim do mundo ou a milícia acampada ao lado.

— Uma barra de cereal? — Ela olhou para o pacote muxibento.

— Bem pouco apresentável, eu sei. Mas é de chocolate. E *orgânica*.

Ela aceitou a barrinha com o riso preso. Chacoalhou a cabeça divertida, e eu ri também, olhando ao redor para não deixá-la ver o quanto sua risada mexia comigo.

— Deus me livre se não fosse — ela disse séria, abrindo o pacote e o levando à boca, fechando os olhos ao sentir o gosto doce. Era um deleite particular ouvi-la mastigar a consistência granulosa, sentindo por ela o gosto mofado na

própria boca.

— Está horrível, não está? — perguntei, e ela fez que sim, parecendo feliz. Não sei por quanto tempo ela mastigou aquela barra — a sensação era que tinha sido por uma eternidade. Parecia pensar em mil coisas, como eu. Não sei o que passou por sua cabeça, mas pela minha passou o usual: sexo, beijos, banho com sexo. E em como eu adoraria sentir o gosto de bacon novamente, e provavelmente mastigaria exatamente assim se tivesse a chance de come-lo novamente. Pensei também em coisas pequenas, menores. Em como aquela mangueira lá fora devia estar carregada e amanhã poderíamos comer manga no café.

Um tempo considerável se passou até que eu perguntasse:

— Como sobreviveu tanto tempo nas ruas?

Mulheres sozinhas não costumavam ficar vivas por muito tempo. Não morriam de imediato pelas mãos e bocas dos virais, mas caíam vítimas de outro tipo de monstros.

— Não estava sozinha.

— Ah.

Por essa eu não esperava. Não havia passado pela cabeça que ela estava sendo protegida por

PERIGOSAS NACIONAIS

alguém. *Um namorado? Um amante?* Uma sensação de formigamento começou a tomar forma no estômago.

— Era uma amiga. Soraya.

Aquilo me deixou surpreso. Não imaginei uma amiga.

— Ela também foi levada?

— Sim. Mas por outro grupo.

— Acha que foi levada para o esconderijo dos Schilling?

Sua reação ao ouvir o nome dele foi se encolher. Seus olhos ficaram opacos, e sua pele perdeu a cor.

— Sei que foi.— Ela balançou a cabeça, se recuperando. — Ouvi os idiotas de Vicente falarem sobre isso. Como você mesmo disse, eles têm uma fortaleza nas montanhas. Segundo eles, um lugar seguro.

— Eles disseram onde?

— Parque Nacional da Serra dos Órgãos, eles falaram. Perto de Petrópolis.

E ali estava a informação que tantos homens morreram para conseguir. A vontade que tive foi beijá-la, tamanha alegria que senti depois de tanta desgraça. Então foi para lá que ele fugiu.

PERIGOSAS ACHERON

— Se era essa a informação que queria, aí está — ela brincou com o garfo no prato vazio. E realmente, era essa a informação que eu queria. Embora não ficasse nem um pouco satisfeito em consegui-la.

Porque agora, independente do que quisesse ou deixasse de querer, precisava voltar ao acampamento e reportar o que descobri para o comandante.

Ela se levantou e colocou o prato dentro da pia. Voltou estalando os dedos, sem saber como abordar o assunto seguinte: quem dorme onde?

Levantei também, tão sem saber como mencionar o tópico quanto ela.

— Hora de dormir — ela disse. — Enquanto está tudo tranquilo.

— É uma boa decisão — falei.

— Posso ficar com o quartinho da frente, se não se importar.

Seus olhos cintilavam na luz dourada.

— Estarei aqui no sofá — respondi, vendo um calombo descer por sua garganta. Não sei no que pensou, mas enfrentaria dez daquelas coisas lá fora para descobrir. — Tranque a porta.

Ela balançou a cabeça que sim, aliviada por eu

dizer aquilo. Ela trancaria a porta, óbvio. A porta da frente não estava vedada, um dos motivos pelo qual pretendia dormir na frente dela. Tanto eu quanto ela concordamos, fingindo que ela trancaria a porta por causa disso.

— Então tá. Boa noite, Max. — Ela deu um passo para trás, sumindo na escuridão do quarto.

— Boa noite, Ali.

A porta bateu, mas não ouvi o barulho da chave sendo girada.



ALI

AINDA ESTAVA ESCURO quando ouvi as primeiras batidas. Não dava para ver o céu por trás das cortinas da janela, mas sabia que ainda era noite porque não dava para ver nada no quarto. Confusa e sem entender quem era do outro lado da porta, quase esqueci onde estava e o que estava fazendo ali. A sensação era de que eu tinha acabado de ser arrancada de um lugar entre dois mundos. Nesse lugar imaginário, eu protagonizava cenas para lá de calientes. Eu estava no meio de um sonho picante.

PERIGOSAS ACHERON

Malagueta-picante. E nesse sonho estava Max, o estranho do outro lado da porta.

Quando ouvi as segundas batidas, levantei com um salto. O coração começou a palpitar rápido, e em um segundo estava pronta para correr. Há meses dormia vestida e calçada, e abri a porta de uma só vez, esperando o pior.

Dei de cara com Max, sorrindo. A cena era tão estranha que achei estar sonhando.

— O que foi? — perguntei sem fôlego. O coração batia tão forte que conseguia ouvi-lo. As últimas lembranças do sonho esvaneceram, dissipando-se no ar.

— Preciso te mostrar uma coisa.

Morte foi a primeira coisa que veio à cabeça.

— Calma. — Ele notou meu susto e pousou as mãos quentes no meu braço. — É uma coisa boa.

— Boa? — Meus joelhos estavam prontos para falhar. — No meio da noite?

Quem não acharia que uma batida à porta de madrugada, na condição em que nos encontrávamos, prenunciaria uma tragédia? Só meu corpo não achava.

— Juro: é boa.

Seu sorriso era tão bonito que meu sonho

retornou inteirinho, em todos os seus detalhes. Se estivesse claro, ele veria que as minhas bochechas estavam em fogo.

— Venha — ele incentivou. — Está vestida?

— Claro, oras — falei, relutando em segui-lo porque *ele* não estava. Bem, estava vestindo calças, mas não a camiseta. Seu peito era uma coisa larga e lustrosa, ampla e perturbadora. Uma lâmina de suor cobria todos os gomos da sua barriga, e a vontade que dava era passar a mão sobre eles para ver se ele era realmente tão perfeito ou minha cabeça sonolenta estava me pregando peças.

Que desgraça de calor.

— Venha, venha!

Ele estava tão animado que me puxou pelos braços. Tropecei no tapete, guiada por ele, e paramos na frente do armário. O mesmo armário para onde ele me arrastou mais cedo, quando nos conhecemos.

— O que está fazendo? — reclamei quando ele me empurrou para dentro do cubículo. O coração começou a bater forte. — Max, que ideia é essa?

— Ali, calma. O que você procurava está bem aqui.

Aqui, ele diz a centímetros de mim. Como se o

que eu procurasse fosse ele. *Alguém poderia culpar a cabeça por pensar besteiras?* Ajeitei os óculos tortos sobre o nariz e toquei seu peito de aço. Aqui, ele diz, seria o local onde horas atrás nos esprememos achando que íamos morrer? Aqui era onde sentia outra vez seu corpo contra o meu, seu calor indecente, seu coração que agora batia calmo.

— Não estou entendendo.

— Você é muito esperta — ele sussurrou.

Não parecia muito esperta, para mim. Nem um pouco, na verdade. Que garota esperta derreteria por um completo estranho cujo hálito chegava quente e doce e enchia o metro quadrado de puro hormônio masculino?

Senti sua pele morna sob as palmas com palpitações que passeavam pelo corpo. A ligeira oleosidade do suor, a dureza dos músculos. Seja lá o que estava acontecendo ali, não era prudente deixar acontecer.

— Me deixa sair. — Empurrei seu peito para longe. Gostaria que ele estivesse usando blusa, seria mais fácil não pensar besteira. Tanta besteira. Mas *oh, boy*, a cabeça estava formigando de besteiras. Meus dedos se mexiam sobre sua pele, como se agissem por conta própria. E eles não

pareciam estar querendo se livrar dele.

Se ele notou? Claro que notou. Eu estava praticamente deslizando os polegares sobre os seus mamilos.

Dei um empurrão tão forte nele, que ele foi parar fora do armário. A cabeça era um nó, o corpo uma caldeira e a falta daquilo que tinha a letra x no meio parecia ter explodido em mim como uma granada. Se ele não se afastasse eu saltaria sobre ele.

Meu Deus, Ali, você tá doida?

Tô.

— Fiquei pensando naquilo que você disse — ele falou, caminhando de volta, como se eu não o tivesse empurrado nem tivesse acontecido nada no último segundo. — Fiquei com aquilo na cabeça e não consegui dormir. Foi então que comecei a procurar onde ela estava.

Ela? Ela quem? Eu não estava entendendo nada.

— A caixa d'água lá de fora — ele explicou ao notar que eu parecia confusa. — Como pode não ter água aqui dentro, mas ter na torneira de fora?

Estava ficando difícil me concentrar no que ele dizia. Tudo que pensava parecia ser interrompido

pelo seu peitoral de nadador.

— Ela deveria estar na laje, como nas outras casas, mas essa casa não tem laje. Ela tem telhado.

Fiz que sim, como se entendesse, sem entender. Na cabeça eu só conseguia me perguntar quão ruim seria baixar a guarda com esse estranho, e deixá-lo avançar alguns sinais. *Se ele não for normal, ou for um perverso, poderia fugir, certo?* Sua voz grossa continuava ao fundo, enquanto meus olhos corriam pelos seus braços.

— Então eu pensei que ela só pode ter um sótão. Um sótão explicaria a caixa d'água e seria um esconderijo ideal até que arrumássemos comida.

Fazia algum sentido. Se essa casa tivesse um sótão, seria ótimo.

— Procurei em tudo, e então... achei.

Ele sorriu outra vez e, em um estalo, entendi o que ele estava dizendo. Entre as quatro paredes apertadas do cubículo, na completa escuridão e mesmo com os feromônios suplantando a inteligência, subi o rosto. No teto havia o contorno de um retângulo, tão discreto que mal podia ser notado.

Senti suas mãos tocarem a lateral do meu

quadril. Seu peito se aproximou, a centímetros do meu, e desci o queixo, encontrando seus olhos. O que eu vi me derreteu.

— Erga as mãos — ele disse baixo com os olhos nos meus.

Obediente, eu ergui. Meu peito subia e descia e a respiração começava a falhar. Ele fechou os dedos ao redor da minha cintura e me levantou do chão como se eu não pesasse nada. Minha mão encontrou o forro, que se moveu, e dei de cara com o sótão da casa, amplo e imenso. Eu mal acreditava no que estava vendo.

A área escondida se estendia por toda a extensão da casa, acompanhando a descida do telhado. Aquele era o esconderijo perfeito. Ainda assim, o sótão não era a maior surpresa.

— Max... Você esteve aqui em cima?

Ele amparou meu joelho e eu engatinhei pelo cimento até o centro do espaço. Havia poeira em todo lugar, mas havia bem mais coisas ali que poeira.

Ele subiu logo atrás de mim, trazendo a vela. O sótão se iluminou mostrando um cantinho seguro e impossível de ser achado.

— Aquilo no canto é...

Ele se sentou ao meu lado, olhando para a mesma coisa que eu:

— É

À frente, um colchonete estava coberto por um lençol até o travesseiro, como uma cama feita em um quarto arrumado. Havia caixas e mais caixas empilhadas ao redor dele, formando um quarto improvisado. Dali também dava para ver algumas latas de comida, talheres usados, livros empilhados, um rádio amador. Sobre uma das caixas, havia um vasinho, onde uma flor ressecava aos poucos, solitária.

Alguém morou ali. Alguém talvez ainda morasse ali.

— Você acha que ele ou ela vai voltar? — Foi a primeira coisa que perguntei.

Max não respondeu de imediato. Ele prensou os lábios, e quando me olhou, soube o que ia dizer. Que duvidava muito.

Talvez tivesse sido nessa hora, olhando para o cantinho arrumado rodeado por livros e comida, que entendi a verdade. Mais cedo ou mais tarde, íamos todos morrer. Não no sentido existencial que permeava os pensamentos de antes, mas em um sentido bem mais real. As chances de morrer eram

imensas.

Mas existia um momento em que a morte estava longe e esse momento era agora. Era o agora que tinha nas mãos. Amanhã, ao sair para buscar água, poderia ser morta — os vilões eram tantos que nem cabiam nos dedos das mãos. Por que a pessoa que montou esse cantinho tão seguro não voltou, eu não sei, mas entendi, ali, uma mensagem importante.

Eu estava viva hoje.

Viva.

Amanhã já não sabia mais.

Olhei para Max. Ele continuava sorrindo, o braço machucado escorado em um dos joelhos dobrados. Nada me impedia de andar de joelhos até ele e me sentar na sua frente. Queria fazer aquilo há algumas horas e não havia um único motivo pelo qual não deveria fazer. Portanto, foi isso que eu fiz.

Com os olhos travados no dele, me aproximei devagar. Ele a princípio não entendeu o que eu queria, talvez tenha achado que eu queria descer, já que ele estava sentado do lado da portinhola que levava ao térreo. Mas eu não queria descer, nem que ele se movesse, como se moveu. Eu apenas queria tocá-lo, e queria que ele entendesse quão

PERIGOSAS NACIONAIS

efêmera era a vida, e que sentir um abraço depois de tantos meses era tudo que eu precisava no momento.

Sob seu olhar assustado, cruzei as mãos na frente da blusa e a tirei. Os olhos dele arregalaram bem a tempo de verem eu me jogar em seus braços.

PERIGOSAS ACHERON

10



NOSSAS BOCAS COLIDIRAM MACIAS, unindo-se numa junção sem falhas. Esperava que ela fosse quente, mas não perfeita. A essa altura, já conhecia a temperatura de sua pele e, de certa forma, sua textura — quente e dura, como o mundo; áspera e impenetrável à primeira vista, mas incrivelmente bela e sensível ao toque. O que sequer sonharia é que tudo aquilo se entregasse para mim completamente em um único toque. Encostei com cuidado em seus curativos, sem saber como receber sua entrega. Não que eu não a quisesse.

Eu não sabia como.

PERIGOSAS ACHERON

As pontas dos dedos deslizaram pelos bíceps, desenhando um caminho até seu peito. As mãos se encontraram e se fecharam atrás dele em um abraço, enquanto ele exalava como quem recebia a notícia de uma vitória. Ele ajustou o rosto ao meu, respirando pesado contra o meu rosto. Sua língua era minha. Seus dentes estavam em mim. Eles mordiscavam os cantos dos meus lábios, procurando por cantos não beijados. Foi rápido, estava sendo rápido, e definitivamente não planejado. O impulso me acertou como um relâmpago também, um raio sinuoso, uma descarga de eletricidade. Mas pelo que estaria esperando, se lutasse contra aquela entrega? Encontrar outro como ele?

Era difícil frear algo assim quando acontecia. E por que deveria? Nesse mundo tão saturado de dor — tão carregado de saudade e destituído de futuro, tão sem segurança e cheio de ameaças —, por que resistiria? Por que diria não à vida — em toda sua fome — quando tudo ao redor queria acabar com ela?

Ele se sentou e me puxou pela cintura, me fazendo sentar sobre ele. Sentei encaixada sobre sua virilha e o envolvi com as pernas. Ele as

acariciou, parando de me beijar para me olhar. Seu cheiro era uma mistura de suor masculino, doce e forte, e o sabonete que encontramos no banheiro. Seus olhos refletiam a chama da vela e da vida, e me distraíram do odor de ar estagnado e das perguntas de sempre — *quem morou ali? Para onde foram? Será que sobreviveram?* Foi olhando para ele que esqueci que estávamos sobre uma cama perfeitamente arrumada, deixada pronta para ser usada mais tarde — mas que nunca mais foi.

Ele se afastou um centímetro.

— Ali vem de Alice?

Fiz que sim.

Ele repetiu meu nome baixinho. Ouvir meu nome rolar em sua língua e ter seu corpo em contato com o meu — um corpo, depois de tanto tempo me habitando sozinha — me fez perder a força das pernas.

Dali, não ouvíamos mais o mundo: criamos outro. Sons de frustração saíram de sua boca quando ele não conseguiu desabotoar meu sutiã, um som gutural e rouco, tão delicioso de ouvir e tão diferente das lamúrias diurnas dos virais lá fora. Os rosnados ao passar a mão por mim, e sentir minhas curvas — hoje, poucas — eram o oposto dos que

nos fazia encolher à noite. Que uma sensação tão linda como a de mãos acarinhando as costas e línguas dançando acontecesse na mesma noite que impunha medo não fazia sentido. E por não fazer, trazia outras cores ao jogo.

Ele finalmente abriu meu sutiã, enquanto tentava desabotoar o primeiro botão da sua calça. Houve um momento de luta, cada um com sua roupa, cadarços, botões, e o barulho de tecido áspero descendo por pernas. Então estávamos nos braços um do outro novamente, desta vez sobre o lençol. Uma nuvem de poeira subiu quando tombamos sobre ele, eu embaixo e ele em cima. Seus olhos mostravam um universo de coisas — algumas boas, outras ruins — e queria conhecer cada uma delas quando o trouxe para perto outra vez.

Ele respondeu com mais vontade, pressionando a virilha contra a minha. Ele tinha fome, e mostrava. Como se estivesse morrendo de sede e eu fosse fonte. Abri as pernas para sentir o volume da cueca pressionar contra a calcinha cor-de-rosa e adolescente que encontrei no armário. Seus olhos me furavam, intensos e profundos, a luz dourada deixando-o espetacular. Sorri sem jeito ao pensar

que ele não passava de um estranho, e que tínhamos nos conhecido há algumas horas.

No entanto, um estranho gentil que salvou minha pele.

— Não temos proteção — eu murmurei. Não era um pensamento tolo, era a precaução mais importante desse novo mundo.

— Mas eles tinham — ele respondeu baixinho, ao pé do meu ouvido.

Ele olhou para cima e a visão da curva de seu pomo de Adão me fez suspirar. Sua mão largou minha cintura e alcançou um canto da estante improvisada, tirando de lá um pacote de camisinha.

— Eles. Seria um casal? — Senti seu corpo colar no meu outra vez.

Ele não saberia responder. Muito provavelmente se tornaram um casal ali, assim como nós.

Voltando a me beijar, senti o fogo crescer na altura do ventre, estranhando que o corpo respondesse a ele com tanta força depois de tantas experiências ruins.

— Espero que tenham sobrevivido — fechei os olhos para sentir os beijos passearem pelo canto da minha boca, na curva da orelha, no espaço sensível

entre o queixo e a base do pescoço. As cócegas cresciam na altura do ventre, ramificando-se em choques. Que sensação deliciosa era sentir os lábios quentes na pele morna. A ponta do seu nariz deslizou pelo meu pescoço e o toque da língua quente fez um passeio úmido pela curva dos seios.

Ele perdeu um tempo observando minhas curvas, e como elas formavam o todo que eu era. É como se ele precisasse gravar o momento na cabeça para não esquecer. Então ele decidiu que havia registrado o suficiente, e desceu a boca até meu seio esquerdo. Agarrei seu braço quando ele fechou a boca em torno de um mamilo e o sugou, gentil. A cabeça anuviou, leve como o pó. O corpo serpenteava, procurando formas de alívio. A sucção continuou, gentil, em um pontinho intumescido e depois no outro. Ele não tinha pressa alguma, e eu me entreguei o tanto que conseguia. Mas não era fácil ignorar a sensação estranha de entrega, de deslocamento da normalidade. Sexo com carinho parecia ter sido sepultada e esquecida naquele mundo. Carinho. Onde fazer caber o carinho por alguém nos dias de hoje? Ele deixou o bico do peito, vermelho e endurecido, e desceu os lábios pela barriga. Sua língua deixava um rastro quente

por onde passava. Desci as mãos junto de sua boca, e ele colheu um dos meus dedos e o pôs na boca. Olhei para baixo, alerta pelo gesto e atenta pelo modo como ele se curvava sobre mim e chupava primeiro meu indicador, e então o dedo do meio sem deixar de me olhar nem por um segundo. Um completo estranho, um gesto erótico, e meu coração já batia mais rápido do que o vi bater durante a vida inteira. Ele largou o dedo e continuou a descida rumo ao sul, fechando os dentes na beirada da calcinha. Lentamente ele a puxou para baixo, arrastando-a pelas coxas e depois pelo resto da perna. Meus dedos agarraram no lençol, na expectativa do que iria acontecer.

A calcinha foi lançada de lado, revelando o resto de mim.

Era quase uma heresia permitir-se tanta nudez em um mundo em que precisávamos estar em constante alerta. Ele se livrou da cueca e, com a palma da mão, massageou minhas partes íntimas. Lindo, é tudo que passava pela cabeça quando o olhava. Impecável.

— Quanta intimidade você me dá? — ele perguntou baixinho.

Como assim? Eu me perguntei, sentindo algo

cintilar em meu peito.

— Toda, eu acho.

As palavras saíram incertas, uma sílaba mais baixa que a outra. Eu deveria ter dito outra coisa? Pedido para maneirar, talvez, por causa daquela vozinha pré-cambriana que tentava se meter no momento? *Todas aquelas amarras sociais caíram por terra, não ouviu, Alice?* O mundo não estava lá uma maravilha, mas ainda guardava surpresas boas.

Ele abriu minhas pernas, satisfeito pela resposta. Faminto, desceu a língua até o meu centro.

Por todos os mortos do mundo, como isso ainda podia ser tão bom como antes? Eu me contorcia à medida que sua língua traçava desenhos incríveis em mim. Queria gritar, mas não podia. Queria rir, mas não devia.

Agarrei seu cabelo, fechando os olhos. *Entregue-se*, ele falou, ou eu falei — nem sei mais. Max brincava de coisas incríveis ali embaixo, mordendo e lambendo e chupando em medidas iguais. Oito meses de seca, e agora *aquilo*.

Meu quadril subia e descia, serpenteava sobre o lençol, lançado de um lado para o outro por um língua inesquecível. Em algum momento o quis

tanto dentro de mim que implorei:

— Vem.

Ele se levantou limpando a boca com as costas da mão e se inclinou para pegar o pacote de camisinha. Aproveitei para morder sua barriga, e cheirá-la. Ele abriu o pacote com os lábios úmidos, sem tirar os olhos do que eu fazia em sua barriga. Afastando-se, desenrolou o látex sobre o membro duro e deitou sobre mim. Eu pensaria melhor mais tarde em tudo que faria com ele, mas a pressão de seu corpo quente sobre o meu me atordoou. Senti uma sensação de segurança absurda e irreal quando ele entrou, centímetro por centímetro, em mim. Juntos e em silêncio, nos movemos em um ritmo perfeito, os corpos querendo o que a vida não conseguia mais dar. A luz fazia tudo ficar mais mágico; o cheiro de suor, antes estranho, agora me excitava. Ele ia e vinha e eu me entregava ao ajuste perfeito entre nossos corpos. Não era um ajuste simples ou natural para mim. Ele trazia lembranças. Sensações conhecidas, sem rosto, só a impressão de conhecer como aquilo era feito. Era o fato de que nunca tinha sido tão bom o motivo de me entregar como estava me entregando. Infelizmente, eu tinha minhas cicatrizes e elas não eram pequenas, nem

estavam saradas. Enquanto ele me invadia, forte mas gentil, outro rosto pressionava a mente tentando aparecer. O outro, o monstro psicopata com seus truques retóricos, sua chantagem emocional e seus toques intrusivos. O asco que sentia durante o sexo forçado ameaçava o momento mágico e eu não queria que nada se intrometesse ali. Por isso pedi em voz baixa:

— Fale comigo.

Max subiu os olhos, sem interromper a penetração. Sua barriga continuava deslizando sobre a minha, suas coxas continuavam a se mover ao lado, seus músculos continuavam a contrair e relaxar.

— O que quer ouvir.?

— Quem é você? — Eu gemi de olhos fechados, tentando expulsar o gosto e a sensação do toque de Vicente da cabeça. — Como me achou? Quando me viu, o que sentiu? Fale qualquer coisa.

Meus olhos continuaram fechados, esperando a sua voz. Nem ligava, na verdade, para o que ele diria, eu só queria que ele dissesse coisas, e fosse ele ali comigo, para expulsar de mim as memórias ruins.

— Meu nome é Max Freitas — ele diz em uma

voz macia como veludo. — Eu venho de Campos, e sou um soldado.

E o que ele disse a seguir ficaria marcado em mim, como uma marca sobre as antigas cicatrizes. Ele era Max, o soldado que gostou de mim no momento em que me viu. Sorri, as lembranças se tornando lembranças de lembranças, agora. Ele disse ainda que adorou cozinhar para mim e que amanhã fazia questão de cozinhar outra vez. Beije seu peito, divertida.

— Obrigada, mas não precisa.

Abri os olhos e olhei para ele. Ele sorria também, os olhos bonitos a centímetros do meu. Ele estava molhado do esforço, a boca semi-aberta. Vicente foi embora, como o resto do mundo.

Só Max ficou. Só Max vinha e voltava.

Abracei-o com força pelo pescoço para me encaixar melhor a ele. A fricção ameaçava romper alguma coisa. Uma represa, um muro, uma barreira. Uma quantidade excepcional de sensações se acumulava sob a pele, pedindo vazão. Estrelas caíam do céu aos milhares. Quanto mais as notava, mais volumosas elas ficavam. O que havia para romper, se rompeu. Ele esvaziou comigo, com um gemido rouco e sensual que me fez sentir como se

estivesse caindo por andares de um prédio alto.

Não sei quanto tempo ele ficou ali, respirando contra o meu pescoço de olhos fechados. Fui eu quem rompeu o silêncio:

— Quero fazer isso mais vezes com você, Max.

— A hora que você quiser — ele lambeu meu pescoço.

O rosto bonito estava a centímetros do meu, e a proposta havia sido feita. Sorri para ele, e ele sorriu de volta.

— Que tal agora?



MAX

ALI, o que você fez para me deixar tão enfeitiçado?

A cabeça dela estava há quase uma hora apoiada sobre o meu peito. Sua mão deslizava gentil pelos gomos da minha barriga, em um carinho ausente. Ela subia e descia por cada um deles, às vezes passando a unha, outras a ponta do dedo. Há minutos estávamos em silêncio, sem saber o que conversar.

Minhas mãos ainda não tinham saído dela. Os dedos se embrenhavam em seu cabelo macio, por

PERIGOSAS ACHERON

fios que quase não embaraçavam. Sabia agora que seu cabelo era pesado e intensamente cheiroso, como parecia, especialmente entre as mechas. Que a pele do seu pescoço era alva, sem marcas, mas as costas eram salpicadas de pintas charmosas. Que sua orelha era pequena e bem-feita e ela ainda tinha o mesmo brinco redondo do tempo de antes. Também conhecia agora cada curva do seu corpo bonito, tantos detalhes que chegava a me sentir embriagado ao decorá-los. Dentre esses detalhes, aqueles que a imaginação masculina gostava de visualizar quando pensava em uma mulher nua. Seios pequenos e delicados que cabiam inteiros na palma da mão. Cintura fina e bunda carnuda. E entre suas pernas ela era...

— Max — ela subiu os olhos.

Outra coisa também subiu em mim.

— Oi.

— Onde estava quando tudo começou?

Sua voz era uma calda quente derramando sobre mim. Mas embora sua pergunta fosse inocente, um espinho desceu arranhando a garganta. *Eu estava na sua frente, Ali.*

— Trabalhando nas ruas — respondi.

— Não. — Ela balançou a cabeça,

interrompendo-me com gentileza. — Não no dia em que o caos começou. O primeiro dia. Aquele em que você sentiu o primeiro fio gelado correr a espinha e pensou pela primeira vez: tem alguma coisa errada nessa história.

Soltei o ar, aliviado. Olhei para o teto, tentando me lembrar.

— Eu estava no meu apartamento, eu acho. Já tinha sentido alguma coisa acontecendo no exército. Generais que nunca saíam de Brasília apareceram no quartel. Reuniões que duravam horas atrás de portas trancadas. E então, numa noite, vi na TV uma cena que me paralisou. Um homem qualquer de uma cidade grande caminhava bêbado enquanto tentava se equilibrar. Uma multidão estava reunida ao redor dele. Mas a cara dos policiais, dos oficiais que tentavam contê-lo, não era de quem estava tentando prender um bêbado. Eles estavam sérios demais, concentrados demais. Eles tinham *aquele olhar*.

Eu não sabia explicar que olhar era aquele. Não precisei me esforçar para explicar, ela sabia que olhar era esse. Vimos depois daquilo muitas vezes os mesmos olhos de terror.

Voltei a acariciar seu ombro e ela se

aconchegou mais contra mim. Abrimos mais cedo uma fenda nas telhas e uma brisa fresca chegava do lado de fora. Pela fresta, vimos o céu azul marinho apinhado de estrelas aos poucos tornar-se cobalto.

— E você? — perguntei.

— Foi pela internet — ela respondeu em uma só nota, sem surpresa ou estranhamento na voz; esse tipo de tom deixou de ser usado depois de um tempo, quando falar da morte tornou-se o normal. — Estava matando o tempo no meu estúdio de ioga. Eu quase não tinha alunos, o que eu mais tinha era tempo, e foi em uma dessas tardes que me deparei com uma manchete boba de um site de notícias bizarras. Lembrei de ter visto a cena dessa mulher andando e pensei: o que será que ela tem? Por que estava andando bamba daquele jeito e por que ninguém a ajudava? Mas a filmagem continuava; na verdade alguém hackeou as câmaras das ruas dessa vila, e colocava em streaming nesse site esquisito. Não sei por que motivo eu comecei a assistir às filmagens. De dia elas eram de um jeito, a vida seguindo quase normal, mas à noite elas mudavam. Foi assim que entendi que havia alguma coisa estranha. Que doença seria aquela em que de dia fazia as pessoas agirem de forma sonolenta e de

PERIGOSAS NACIONAIS

noite tão esfomeadas? Você deve ter visto, mostraram aquilo em tudo quanto é lugar: aquela cena em que um homem ataca um cachorro na rua.

— Sim, eu vi essa cena também. Foi nessa cidade em que estavam gravando as ruas?

— Foi.

Por um momento ficamos quietos, lembrando daqueles tempos, pouco atentos aos barulhos da rua. O céu clareava vagaroso e alguns pássaros começavam a cantoria.

— Onde se escondeu por tanto tempo?

— No meu estúdio de ioga.

Eu a olhei sem entender. Ela me olhou de volta, sorrindo.

— No dia em que o caos chegou a Vitória, eu estava passando por um momento meio difícil. — Ela fez uma pausa nos carinhos. Incentivei sua mão a continuar, atento ao que ela ia dizer. — Eu estava com esse cara...

Ela não disse seu nome, e nem precisava.

— Ele não me deixava mais voltar para casa. Todo dia inventava uma nova desculpa para não me deixar sair da propriedade dele. Eu estava ficando louca sem poder mais voltar ao estúdio, ou ver minha irmã e minha mãe. Elas...

PERIGOSAS ACHERON

Ela pausou.

— Está tudo bem, passou.

Ela chacoalhou a sensação ruim. Alguns segundos depois, recomposta, continuou:

— Naquele dia pedi que Vicente me levasse em casa para pegar minhas coisas. Prometi que me mudaria para a sua casa. Menti, claro. Eu não aguentava mais aquilo, mas ele estava bebendo, ele não parava de beber há dias, e isso facilitaria as coisas.

Ela ergueu os olhos. Eles estavam úmidos e cheios de dor.

— Não precisa continuar, Ali.

— Eu quero. — Ela fungou. Limpou a lágrima com as costas das mãos e continuou:

— Quando ele me deixou sozinha na sala do meu apartamento, peguei a chave do estúdio e fugi pela porta dos fundos. Eu não tinha um plano, só precisava correr. Desci pelas escadas e pulei o muro do condomínio. Atrás do meu prédio tinha um terreno baldio e foi de lá que vi a explosão. Uma briga tinha acontecido em um posto de gasolina e alguém atirou na bomba; foi o que vi na TV no dia seguinte. Daí em diante, foi tudo uma grande confusão e uma imensa sorte. Eu cheguei

até a avenida e corri entre carros até a rua vizinha, e lá uma mulher com duas crianças me deu uma carona até o estúdio. Não sei o que aconteceu a eles, não gosto de pensar nisso... Achei a muleta caída na rua e peguei, preocupada por estar de noite naquela parte comercial e vazia da cidade. Como o muro do centro comercial estava trancado, usei a muleta para escalá-lo. Só saí de lá meses depois.

O céu já estava azul quando tomei coragem para perguntar:

— E ele? Não foi te procurar no estúdio?

— Eu o vi passar de carro diversas vezes na rua, mas ele não me viu.

— Você estava com aquela amiga que mencionou, certo?

— Sim, a Soraya. Ela era manicure do salão ao lado e tinha perdido a carona naquela noite. A dona do mercadinho de produtos naturais também tinha ficado até tarde, esperando o filho. Quando a Dona Inês saiu para procurar ajuda e não voltou, eu e Soraya achamos melhor ficar por ali.

— Foi assim que sobreviveu? Por causa do mercado?

— Arrancamos a placa do mercadinho para não atrair saqueadores e fomos movendo pouco a pouco

PERIGOSAS NACIONAIS

a comida para o estúdio. No quinto dia, quando já não havia mais nada, alguém arrombou o mercado. Deixamos as portas arrombadas do jeito que ficaram, para afugentar outros curiosos. Mas já tínhamos comida para seis meses estocada e um estoque inesgotável de água, já que um dos vizinhos fugiu com a família e deixou a casa de três andares para trás. Por semanas, alternamos entre sua casa e o estúdio, usando toda a água e mantimentos, até que sua casa também foi saqueada certa noite. Mas já não havia mais nada lá para roubarem também.

— E ninguém entrou no estúdio?

— Ninguém. O que poderia haver lá de valor?

Você, eu pensei.

— Nem tudo foram flores onde fiquei. — Ela balançou a cabeça. — Logo que começamos a trazer os mantimentos para o estúdio, liguei para a minha mãe. O telefone às vezes funcionava durante o dia, outras não, e, em uma das tentativas, consegui falar com ela. Ela e minha irmã estavam loucas de preocupação. Disseram que não tinham mais comida e que estavam com medo de deixar o prédio porque as brigas por mantimentos eram muitas. Que tinha acabado de acontecer uma luta

PERIGOSAS ACHERON

horrível na frente do prédio e um dos vizinhos apareceu morto na frente da janela delas. Elas ouviam a mulher do cara chorar o dia todo. Ninguém veio ajudar. Elas não entendiam por que a polícia não vinha, onde estavam as ambulâncias. Elas não faziam ideia que o mundo estava desmoronando. Foi difícil dizer o que disse, mas a janela de tempo estava se fechando. Falei para elas virem. Para tomarem coragem, pegarem o carro e só virem, que eu estava no estúdio com Soraya e tínhamos comida. Eu as esperaria no portão, elas escalariam o muro e ficariam lá com a gente. Mas elas disseram que viriam quando as coisas se acalmassem.

Ela subiu os olhos para me olhar. Essa era uma daquelas histórias que a gente sabia como acabava.

Ali exalou, soltando as palavras junto com o ar:

— Vi o primeiro viral em uma noite, sentada na varanda. Eu ainda esperava por elas. As luzes das ruas tinham se apagado cinco dias antes e, depois disso, ninguém mais conseguiu usar o celular. A TV não funcionava há duas semanas, a internet tinha caído logo depois. Eu e Soraya continuávamos a esperá-las: minha mãe e Alma; sua mãe e a avó idosa. Minha família estava a dois

bairros de distância, a de Soraya precisava se mover do subúrbio até lá. Minha amiga já tinha perdido as esperanças.

Ela suspirou.

— Mas eu, não. Eu tinha certeza de que elas viriam. Certeza. Era como uma raiz fincada lá no fundo, sabe? Enraizada em mim até os ossos. Eu conhecia minha mãe, mas conhecia principalmente Alma. Elas viriam, elas viriam, elas viriam.

Não arrisquei perguntar se elas vieram.

Ela limpou a lágrima teimosa e continuou, como se precisasse continuar.

— Era tão óbvio que ela conseguiria. Eu havia conseguido! Alma sempre foi melhor em tudo, mais focada, mais sensata, mais tenaz. Ela não tinha a minha saúde, mas de resto ela tinha tudo. Enfim, dei tantas voltas pra dizer isso, mas é que o assunto não morre. Ele volta toda hora. Fica girando na minha cabeça, dando voltas e voltas. É o meu inferno particular.

Acaricieei seu cabelo, sabendo do que ela falava.

— Enfim, o primeiro viral apareceu naquela noite. Eu e Soraya estávamos falando baixo na varanda quando ele passou. Era um rapaz bem jovem. Estava com uma calça jeans manchada e um

PERIGOSAS NACIONAIS

moletom cinza, e vinha se escorando nos muros, trôpego, como se estivesse ferido. Eu e Soraya levantamos, pensamos que poderíamos ajudá-lo e então ela assoviou para ele.

Ela estremeceu pela lembrança.

— A gente sabia sobre os infectados, mas não tínhamos ainda visto um. Parecia tão certo ajudá-lo. Era só um garoto ferido, ou assim a gente acreditava. Mas assim que ele se virou, soubemos que tínhamos feito uma besteira.

Ela fechou os olhos.

— Ele vinha andando de maneira lenta, mas girou a cabeça como uma flecha quando nos ouviu. De longe vimos a parte do rosto arrancada, os dentes expostos num rasgo na carne que subia até a orelha. E aqueles olhos. Aquelos olhos sem vida e... leitosos. Ele correu até o portão, soltando aqueles rosnados horríveis... Foi então que entendemos que tudo tinha acabado.

Ela tampou o rosto com as mãos.

— Por quanto tempo o infectado tentou arrombar o portão? — perguntei em um murmúrio.

— A noite inteira.

— Ele chegou a arrebentar as correntes?

— Nem de perto. O apocalipse não contava

PERIGOSAS ACHERON

com o medo de assalto do brasileiro, né. Nada arrebentaria os cadeados que minha senhoria colocava no portão. A neurose da mulher salvou a gente. Até o fim, eu e Soraya só entrávamos no estúdio escalando, e eram tantas grades e cadeados que era quase impossível sair, quanto menos entrar. Desde que os mortos não aprendessem a escalar muros, estávamos seguras ali.

Eu a apertei forte. Bem forte.

— Que bom que estava segura, Ali.

— Até ele me achar.

Continuei abraçado a ela. *Ele não vai mais te pegar, eu prometo.*

— Ele deve ter notado que a chave do estúdio sumiu da minha casa e que eu só podia ter ido para lá. Preferiu montar uma equipe. Assegurar-se de que me levariam à força sem morrerem no caminho.

— Vocês deviam ter partido dali.

Não gostava de falar uma coisa dessas, só quem foge sabia quantos lugares eram inseguros para pernoitar. Mas ele sabia exatamente onde encontrá-la, e foi lá que ele a encontrou.

— Eu sei. O grupo apareceu quando ninguém esperava. Quebrou os cadeados com alicates e

invadiu o estúdio. Eu e Soraya não tivemos tempo para nada.

Forcei-a a me encarar: — Você escapou.

— Mas Soraya, não.

Continuamos nos olhando por um tempo. Abri a boca para dizer que passou, que outro capítulo começou em sua vida, mas não falei nada. Sua cabeça estava em outro lugar.

Não dissemos mais nada. As pálpebras pesavam mais que as lembranças, e, em questão de segundos, eu não estava mais ali, e nem ela. Embarcamos para outra jornada, por outro lugar. Por um mundo em que sonhos se tornavam pesadelos traiçoeiros.

E alguns diziam bem mais do que gostaríamos de revelar.

12



AS IMAGENS VINHAM em movimentos circulares, dos centros para as bordas, como se alguém jogasse uma pedra no meio de um lago. Na primeira onda, imagens venciam a escuridão.

Cores clareavam o espaço antes vazios de imagens, e as pessoas surgiam. Gente de uniforme fazendo exercícios na quadra. Brincadeiras entre amigos no quartel. Uma a uma, as imagens iam se juntando como gotas de mercúrio em um labirinto: aumentavam ao se encontrar e continuavam o caminho, ganhando contornos e faces. Meus amigos rindo em suas casas, abraçados aos seus filhos. Uma ex namorada passando pela varanda

PERIGOSAS ACHERON

com uma jarra de limonada.

Na segunda onda, o sol já não fazia mais parte da vida. O choro daqueles que perderam crianças, tão doloridos. Os ruídos diminutos do mundo. O comandante indicando que a carreta devia ficar atravessada na pista. *Atravessada! Atravessada!* Os gritos tremulando sob a superfície da água.

Ondas assumiam o lugar das outras com naturalidade, como tudo que acontece nos sonhos. Eu, na minha sala no Centro de Comando do Exército. O chamado do Coronel, a explicação sem sentido do que consistia a próxima missão.

E então, no centro do lago escuro, a origem de todos os movimentos circulares: o carro parado na estrada.

Movi o corpo inquieto sobre o colchonete fino. Estava frio no sótão, mas minha mente se perdia em lembranças sonhadas.

Eu trabalhava como infiltrado em uma firma de segurança — um tipo de milícia que usava homens da polícia — e minha missão era observar os Schilling. A ronda noturna pelos laboratórios estendia-se às ruas do bairro, paga em dinheiro vivo e sob os panos. As ameaças de invasão eram diárias, as pessoas queriam se proteger sob muros

mais altos e sonhavam que o campus murado dos laboratórios seria um lugar seguro.

Eu não queria mais parar carros de filhinhos de papai na área nobre da cidade. Era um serviço enjoado, pouco desafiador e nunca rendeu informações. Coisas muito mais sérias estavam acontecendo, mas as ordens eram enfáticas: *descubra para onde eles estão indo*. Eles não estavam indo a lugar algum! O tal Vicente só parecia querer saber de rodar pela cidade com seus carros de luxo, em nada interessado no mundo que desmanchava no resto do continente. A inquietação crescia de todos os lados; havia notícias não confirmadas de que um vilarejo da Bolívia havia reportado casos. Era angustiante não saber mais, nem falar com quem sabia. Eu não era o único da Inteligência ali, outros estavam infiltrados dentro dos laboratórios ou como serviçais da casa, mas não mantínhamos contato. Os assuntos confidenciais, à boca pequena, era que muitos pretendiam desertar em breve. Não havia uma única garantia de que o Brasil escaparia do colapso.

A sensação de perigo era tão concreta que, ainda agora, estremecia.

Eu continuava a percorrer a cidade durante as

noites, pensando no que fazer. Sair da corporação, procurar um esconderijo, vagar solitário? A angústia por não saber era pior que imaginar o desastre acontecendo. Era sobre isso que eu e Dirceu conversávamos naquela ronda, pesando prós e contras. Valia a pena continuar ali? Continuar na corporação (embora ele falasse da polícia e eu, do exército)? O que restaria quando o vírus chegasse?

— Mas quer saber, Max? — Dirceu disse enquanto deslizávamos pela rua escura e deserta. Suas mãos estavam pousadas no volante e os olhos na estrada. — Será que esse povo tá morrendo mesmo? Pensa bem, isso pode ser tudo um truque para vender notícia. Você conhece a mídia, ninguém presta.

Perdido nas ondas que invadiram meu inconsciente, revivi aquela noite em meu sonho.

Lembrei da frase como se a tivesse ouvido hoje. Lembrei de ter pensado em como aquele comentário era humano. A morte se alastrando pelo mundo como uma metástase e nós agarrados à ideia de que 'não podia ser tão sério'. Nossa capacidade de minimizar problemas só concorria com a cegueira em vê-los. Aquilo nunca aconteceria conosco; aquilo acontecia com os outros.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ainda pensava nisso quando a viatura passou por um SUV branco parado na beira da estrada. Tanto eu quanto Dirceu viramos o rosto, primeiro para observar o carro da janela, estranhando sua existência, em seguida pelo retrovisor. O carro parecia abandonado, meio tombado no acostamento, longe de absolutamente tudo. Dirceu pisou no freio.

Nem eu nem ele dissemos nada. Podia ser apenas falta de gasolina, mas já imaginávamos o que era. Meu parceiro girou o volante e o carro fez a curva na avenida vazia. Não dava para ver nada vindo nem indo, em um raio de quilômetros. Embora aquela fosse uma estrada bastante trafegada, nos últimos tempos, estava sempre deserta.

— Fala sério — Dirceu resmungou.

Que algum idiota achasse que namorar pelado às duas da manhã, em um Brasil à beira do colapso, parecia motivo de piada.

— Luz? — ele perguntou.

— E sirene — eu adicionei. Nenhum constrangimento seria o suficiente.

Assim que a sirene foi acionada e as luzes começaram a piscar, vimos movimentação dentro

PERIGOSAS ACHERON

do carro. Era sempre tão patético quando alguém era pego com as calças arriadas. Esperava-se que o garanhão bem dotado que tentava passar a lábia na moça — ou no moço — que o acompanhava tivesse uma pouco mais de nobreza ao ser abordado, mas quase nunca era o caso. Dirceu e eu tivemos nossa cota de chororôs histéricos, pintos minúsculos saltados para fora da cueca e pedidos de desculpa. Era sempre a visão do inferno.

Dirceu estacionou a viatura da empresa de segurança a alguns metros do carro. Saltou batendo a porta e fez o mesmo com a mão no cabo da arma. Ele caminhou até o lado do carona, dando-me novamente a tarefa de falar com o homem sem roupas. Olhei para ele por cima do capô e balancei a cabeça. Tão infantil. Ele soltou uma risada divertida antes de colocar a máscara de seriedade.

Endureci o cenho e bati na janela do carro com a lateral do punho, sem conseguir ver nada. Meu parceiro fez o mesmo do outro lado. Tanto eu quanto Dirceu suspiramos enquanto ouvimos a voz masculina gritar que "já vai".

Pisquei o olho, cansado do dia, a mão ainda na arma. Se as pessoas não levavam as notícias a sério, deveriam levar ao menos a lei marcial a sério. Eles

poderiam ser mortos simplesmente por estarem do lado de fora depois do anoitecer. Mas a vida insistia em continuar, e o sexo falava mais alto que o medo, na maioria dos casos. O *insulfilm* não permitia ver nada, mas pelo barulho dentro do carro sabia que o casal está discutindo. Bati outra vez no vidro e apontei a lanterna para a janela do sujeito. Engrossei a voz:

— Agora. Abra.

Quando a janela baixou lentamente e a cara de Vicente Schilling apareceu na janela, senti o corpo congelar no lugar. Ele piscou, sem conseguir enxergar por causa do fecho de luz na cara.

— Algum problema?

Eu deveria pedir sua carteira de motorista e identidade. Engrossar a voz por ele estar fora de casa, depois do toque de recolher. Mas era Vicente Schilling ali, em um carro que nunca vi antes, e estava acompanhado de uma garota.

Enquanto ele dizia com voz enrolada o que estava fazendo, subi o fecho de luz da lanterna até o rosto da menina ao lado.

Era ela. A luz caminhava pelo perfil imóvel. Ela estava rígida, sentada na cadeira do carona com o corpo petrificado. Os olhos estavam fixos no

painel e os dedos agarrados ao estofado do assento. Ela estava completamente vestida.

Olhei para Dirceu do outro lado do carro. Ele caminhou até o meu lado, movimentando a boca, sem som:

— Ela não tá pelada?

Sem prestar atenção ao que dizia, voltei à menina. *Por que você tá arriscando a vida por causa desse babaca?*, pensei ao olhá-la. Nunca entendi o que uma garota tão jovem e bonita estaria fazendo ao lado daquele idiota. Ela nunca deu a impressão de gostar de sua companhia. Talvez no início, quando comecei a notá-la. Mas depois ela sempre parecia silenciosa demais.

Nutri durante aquelas noites intermináveis um tipo de relação platônica por ela.

As ordens eram claras: Vicente Schilling não deve notar você. Você precisa ser um fantasma ao seu lado. Alguém que ele não notaria. Caso um dia o pare, deixe-o ir. Sem perguntas.

— Está tudo bem, moça?

A frase estava carregada de interesse pessoal e ele notou. O diretor dos Laboratórios Schilling baixou os olhos e leu meu nome no uniforme. Ele iria me reportar amanhã e estaria fora dali até a

hora do almoço, mas no momento só me interessava como a garota balançava a cabeça para cima e para baixo, lentamente, como se ela se movesse debaixo d'água.

Os olhos demoraram-se mais que o necessário no rosto bonito, enquanto ela continuava a fazer que sim, que sim, que sim, e como ela não parava de balançar a cabeça já não sabia se insistia que estava tudo bem ou se a cabeça girava de um lado para outro, discretamente, bem discretamente, de um jeito que só alguém completamente enfeitiçado por seu perfil perceberia que ela, na verdade, estava dizendo não.

Não estava tudo bem. Ela começou a chorar. Alto.

A mão apertou o cano da arma, mas a voz de Dirceu me fez afrouxá-la:

— Está tudo certo, senhor Schilling. Desculpe o incômodo.

Não!

A mão de Dirceu cravou em meu braço. A garota olhou para mim, sem acreditar que eu ia deixá-los. Seus olhos eram enormes e os mais claros que já vi. Eles pediam socorro em todas as línguas do mundo. Ela estava desesperada. Ela pedia

ajuda.

O rádio chiou na cintura e despertei do feitiço. Queria perguntar o que estava acontecendo, queria ouvir dela se estava tudo bem, mas aquele foi um minuto perdido: Dirceu me puxou e o vidro do carro subiu devagar.

A cisão do meu mundo.

Um lado da noite viraria o antes; o outro, o depois. E no meio estaria a ajuda que eu não dei.

Dirceu correu para o carro quando o chamado chegou com voz aguda: "Alguém precisa ser despachado para São Torquato agora." "AGORA!" Vozes entre estática informam que um grupo invadiu um supermercado. O rádio chiou outra vez e dessa vez o desespero foi rasgado. "Eles estão atirando em todo mundo no caminho!"

Uma situação parecia ser mais urgente que a outra naquela noite, mas infelizmente escolhi a situação errada.

— Max, entra! — Dirceu estacionou a viatura ao lado, as luzes piscando, clareando a mata ao redor.

— Leva ela para casa — eu gritei para os vidros fechados do carro. — AGORA! — Apontei para o veículo, mas o carro arrancou levantando poeira.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tá esperando o que, Max? Bora!

O grito de Dirceu me acordou.

Ainda era cedo, e eu não devia ter dormido mais que alguns minutos. Olhei para o lado e a vi dormindo. Ouvi sua respiração tranquila e apoiei a cabeça em seu ombro, colando o peito em suas costas. As coxas faziam um nicho onde ela se acomodava. Por meses sonhei com aquele pedido de ajuda e me perguntei se poderia tê-la salvo. Hoje sonhei outra vez com seu pedido de ajuda, mas por um golpe de sorte ou benevolência do destino, pude ajudá-la.

Hoje a tinha junto a mim, sob lençóis empoeirados, mas precisava dar um jeito de não perdê-la de vista. Não, pelo menos, enquanto estivesse em perigo.

PERIGOSAS ACHERON



ALI

O SONHO me despertou num rompante, como quem é arrancado de um sonho ruim. Abri os olhos e enxerguei as telhas, e entre elas, a luz. Os pássaros já tinham parado de cantar e a rua ainda estava silenciosa. Ao lado ouvia o sono tranqüilo de Max.

Havia um mosaico de sombras e traços reluzentes que dançavam em imagens difusas. Mais imagens se juntavam, saídas de um lugar profundo, retesando o corpo antes relaxado. Uma sensação ruim se espalhava pela altura da barriga à medida

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que os fragmentos de memória se reorganizavam.

Quando eles se juntaram e eu me lembrei do sonho, chorei.

Levou um tempo para que Max percebesse que estava chorando. As lágrimas caíam em silêncio e tomei cuidado para não fungar. Doía tanto no centro do peito que tive vontade de gritar. Tanto e tão alto que nada mais seria o mesmo nem para mim, nem para ele.

Mas como esconder o choro? Ele estava sempre olhando para mim.

— O que foi, Ali?

— Nada. — Limpei as lágrimas.

— Sêrio. — Ele se virou de lado, preocupado, erguendo-me queixo com os dedos. — Sonhou com alguma coisa?

Um brilho diferente cruzou seus olhos.

— Sonhei.

Foi difícil olhar para ele. Quase impossível.

Ele abriu os braços e me acolheu em seu peito morno e macio. Aconcheguei a cabeça nele, olhando fixo para a portinhola que levava ao térreo. Precisava de alguns minutos. Precisava respirar.

— Conte. Com o que sonhou?

Pausa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Com os últimos meses.

— Quer falar sobre isso?

Balancei a cabeça que não.

Ele continuou os carinhos, mas a cada toque mais íntimo, me encolhia.

— Preciso me lavar — falei tentando não impor sentimento demais à voz. Sua barriga retesou sob mim, então ele me soltou e se sentou.

— Tem certeza? — Ele tirou uma mecha do cabelo que caia sobre o meu colo. — Você ainda está tão cheirosa.

Forcei um sorriso.

— Estou cheirando a você.

Ele sorriu. Lindo. Agonizantemente lindo.

— Ali... — Ele se inclinou sobre mim, tapando a nudez esplêndida com o lençol fino. — Você já pensou sobre o que quer fazer depois daqui?

Sua voz era macia e melodiosa, mas havia nela um tom de angústia. Uma seriedade inédita, de quem estava perguntando algo que já havia planejado fazer. *Você traçou o plano e deseja que eu concorde com ele, não é?*

— Como assim? — Sentei também, tampando o corpo com um lençol.

Ele abriu a boca, mas não disse mais nada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Antes que dissesse, sabia que mencionaria sobre o fato de estar sozinha. Que precisava acompanhá-lo, que ele podia me ajudar. Eu conhecia bem demais a nova dinâmica do mundo. Conhecia muito mais o que estava acontecendo do que gostaria.

— Ali, você não precisa vagar sozinha.

Não responda, Ali.

Abaixei a cabeça, fingindo pensar.

— Eu posso ajudar você. Pensei em um plano. Roubamos um carro desses idiotas, saímos daqui. Você vem comigo até as montanhas. Podemos ficar por lá, esperar a poeira baixar. As montanhas não são cem por cento seguras, mas é o que temos agora.

Senti-me ligeiramente desleal por ter planos tão diferentes para mim.

— Preciso ir ao banheiro. Sério.

A frase saiu rápida e dura. Ele paralisou naquela posição perfeita, nos olhos uma leve suspeita de que nossos planos não coincidiam.

— Não acha melhor fazer o que tem que fazer aqui?

— Tipo, no penico? — Apontei para o objeto em um canto distante que nem eu, nem ele tivemos coragem de conferir o que tem.

PERIGOSAS ACHERON

Sequer esperei sua resposta. Dei-lhe as costas enquanto colocava a calcinha e depois o sutiã. Ele não disse mais nada, mas sabia que pensava, como eu, no que "ir com ele" significava. Coloquei a blusa e tirei o cabelo de dentro da gola, sentindo seu cheiro em mim até no mínimo dos gestos. Olhei-o de relance e ele estava deitado, a mão sã sob a cabeça e os olhos franzidos nos meus. Ele estava pensando.

Ah, Max. Você me acha esperta, mas não sabe da missa um terço.

Esperteza era um instinto aguçado pela necessidade. Um traço de personalidade irrelevante e atrofiado que permanecia em nós, dormente, como um apêndice inútil se não utilizado. Até que, sob as condições certas, desabrochava. Aperfeiçoava-se, tornava-se um veio principal em nossa vida. Que ele não percebesse que entendi meu papel em seus planos me espantava, na verdade. Que juntei os pontinhos aos poucos, e descobri, quase ao mesmo tempo em que me entreguei, quão importante realmente era para a sua missão. *Você não quer que eu te acompanhe, soldado; você precisa que eu te acompanhe, é diferente.* Sou a moeda de troca para qualquer coisa

que sua corporação deseje de Vicente.

Mas não foi isso o que me fez chorar ao acordar. Foi outra coisa.

Sorri o mais leve e tolo dos sorrisos para ele. Ele sorriu mais tranquilo de volta.

Não foi nem difícil fingir. Eu era, ou nunca deixei de ser, o tipo de garota que não encanava por muito. Que não guardava grandes expectativas sobre nada — principalmente sobre os sentimentos de um homem que acabei de conhecer. O sorriso enganaria até mesmo a minha mãe, caso ela estivesse viva.

— Não se preocupe, não vou sumir, grandalhão. — Dei dois passos até ele e me abaixei, beijando a ponta do seu nariz.

— Quer que eu te acompanhe? — Ele segurou firme meu pulso.

Balancei a cabeça de um lado para o outro: — Não precisa. Está cedo, me dê dois minutos e já subo.

Tirei o pulso dentre seus dedos e levei as mãos aos seus braços, honestamente vidrada por serem tão fortes e duros. Inclinei-me novamente sobre ele e beijei-o na boca. Feroz e apaixonadamente, com língua, do jeito que beijamos as pessoas que

PERIGOSAS NACIONAIS

adoramos. Quando me afastei, ele me olhou como se tudo que eu sentisse pudesse ser correspondido. Que a noite foi mais que só sexo casual.

E foi.

Andei abaixada até a portinhola e a abri, escutando atenta aos barulhos da casa. Estava tudo em silêncio na parte de baixo, não havia um só ruído ao redor há horas. Ele se levantou da cama. Parecia pronto a mudar de ideia e me acompanhar.

— Eu vou com você. Por segurança.

Fiz que não da maneira mais tranquila que consegui.

— Preciso de alguma privacidade.

Uma garota precisava de alguns momentos sozinha no banheiro, certo? Ele parecia ansioso, mas não insistiu. Apoiei uma mão na abertura e o pé em uma das prateleiras. Antes que sumisse pelo buraco, ele me chamou.

— Ali?

O sótão estava claro pela luz que vazava das frestas entre as telhas. O cheiro era de vela queimada e algo mais: algo inerentemente humano. Em outra época eu diria que cheirava a sexo. O cheiro do amor.

— Sim?

PERIGOSAS ACHERON

Da visão do refúgio seguro, ele se destacava como um ponto de vida e esperança, mas também como um símbolo do novo mundo. Duas faces de uma mesma moeda: atração e perigo. Verdade e traição.

— Foi magnífico. A melhor coisa que me aconteceu nos últimos anos.

Seus olhos estavam estranhamente caídos, como estavam quando nos encontramos ontem.

Por que toquei sua parte triste? Por que ela se revelava agora, mais uma vez, para mim? A sensação era que ele não pretendia realmente falar dela para mim. Que seu segredo era aparente, mas só seu. À menor aproximação, recuava de volta até seu poço de tristeza, um lugar inalcançável onde ele escondia sua verdade.

— Foi especial para mim também, Max.

Desci pelo roupeiro sentindo as pernas pesadas. Como pesava dizer certas coisas em voz alta.

Saí do cubículo vendo que a porta da sala não tinha sido forçada. Entrei no banheiro e fechei a porta. Fechei os olhos e tentei chegar até meu centro, como nas infindáveis meditações que fiz por desespero nos últimos meses. Dentro de mim havia uma reserva imensa de calma, conquistada

PERIGOSAS NACIONAIS

em grande parte pela certeza da solidão. Jamais deveria contar com a ajuda dos outros e nem me deixar abalar por isso. Meu último contato durante a vida antiga me mostrou isso. Quando mais precisei de ajuda, ela não veio.

Só uma pessoa merecia minha consideração no momento. Só ela me ajudou realmente, só ela importava agora, e era nela que devia pensar.

Minutos depois, já totalmente em paz com a decisão, toquei na maçaneta com o máximo de cuidado e a abri. Pé ante pé, dei um pulo no quarto, coloquei o grampo dentro do sutiã e peguei a mochila que preparei na noite anterior, antes de dormir. Uma calcinha, uma camiseta limpa, um par de meias e minha fiel bolinha luminosa. Infelizmente a água e a comida teriam que ser encontradas em outro lugar. A muleta me aguardava ao lado da geladeira desligada. Girei a chave da porta dos fundos e a abri, dando de frente com o dia glorioso. Corri em direção ao muro e com três movimentos, o escalei.

Sei quem você é, soldado. Lembro de você.

PERIGOSAS ACHERON



24 Horas Antes

ALI

O CARRO CHACOALHAVA PELA AVENIDA, dando um solavanco ao passar por cima de um cadáver.

— Ôa, você viu aquilo? — o soldado sentado na frente gargalhou. O motorista segurou o riso, sem tirar os olhos da estrada. — Era o quê, uma mulher?

— O que sobrou de uma mulher — o motorista

PERIGOSAS ACHERON

o corrigiu.

— Infectados nojentos —, o soldado na janela à minha esquerda resmungou. Revirei os olhos, puxando a mão de perto da sua. Não aguentava mais estar entre aqueles dois fedorentos suados. Infelizmente, ao puxar a mão a dele veio junto, unida à minha pelas algemas. Ele puxou o braço de volta, me trazendo à posição original. Afastei as pernas, irritada e mal-humorada. Estava agora um pouco mais perto do soldado da direita, nem um pouco mais amigável. Na verdade, definitivamente mais carrancudo.

— Seus Neandertais — resmunguei baixo. Achava cruel e desrespeitoso atropelar os virais na estrada. Achava, aliás, o grupo um bando de porcos selvagens, sem o mínimo de educação. Queria xingá-los, mas não andava em condições de fazer demandas. Esses robôs sem cérebros haviam se mostrado rudes, insensíveis e desleais. Se Vicente soubesse da metade do que falaram dele, cortaria suas remunerações.

Bem feito para eles. Bem feito para Vicente.

— Para onde vocês levaram minha amiga? — Perguntei pela vigésima vez. O carro onde eles estavam seguiu por outro caminho, e não entendi

como podem ter se separado.

O mal encarado da direita exalou, impaciente. Olhei para ele, sentindo a raiva tomar as bochechas.

— Por que não podemos viajar juntas até lá? O que estão pretendendo fazer com ela? Por que nos separaram? Aliás, por que vieram atrás de mim?

— Por Deus, cale a boca! — o emburrado soltou.

— Cale a boca você! — rebati, desencostando dele. Infelizmente encostei mais no imbecil da esquerda. — Odeio estar aqui, odeio que tenham me sequestrado, odeio vocês e também ODEIO VICENTE!

Puxei o braço com raiva, algemada ao idiota da direita. Sim, estava algemada aos dois. Eles decidiram me levar assim depois que abri um dos cadeados com o grampo que escondia no sutiã, e me neguei a contar como. Ninguém mandou cochilarem em serviço e serem tão distraídos. Por mim, eles morreriam sem saber.

— Pff — o soldado da esquerda bufou. — Arriscamos a vida pra levar *isso* para o chefe.

— Vocês não precisam me levar para lugar algum — repeti a ladainha de antes. — Podem

dizer que não me acharam!

— E por que faríamos isso? — O brucutu soltou, enfadado. Seus olhos eram de um azul malvado e profundo, escondidos sob sobancelhas fartas e vincos da testa. — Para falhar na missão?

Voltei a me encolher, contrariada e arrependida por ter acreditado que ele era diferente.

— Só queria saber por que a vida de vocês vale tão pouco. Por que se arriscaram tanto por mim.

O motorista e o carona se entreolharam. Nem ousei olhar para os dois ao meu lado, já que estava por um fio de ser esganada.

— Juro, não vejo sentido no meu sequestro. Quem sou eu para Vicente Schilling? Ninguém! Um capricho, só isso! Todos nós perdemos alguém, todo mundo aqui viu um ente querido morrer. Mas Vicente? Vicente não pode perder ninguém, porque ele não perde! — disse com voz antipática.

O garoto da esquerda parecia ainda mais encolhido que eu, e os dois soldados da frente viraram estátuas. Por algum tempo o carro ficou silencioso como um túmulo. Todos ali perderam alguém. Todos estavam, nesse exato momento, lembrando de como perderam essas pessoas. Não deveria mexer com isso, mas ao mesmo tempo

precisava impedir essa loucura. Não iria para Petrópolis virar prisioneira daquele asqueroso outra vez, não mesmo. Se o mundo me deu UMA coisa boa ao acabar, foi a liberdade.

Só o brutamonte da direita não parecia perdido em pensamentos. Ele olhou para frente como se um fio de arame o puxasse, mas não parecia exatamente triste, só... concentrado. No entanto, suas veias do pescoço pulsam, elevadas. *Você também perdeu alguém, não foi? Mas você faz o tipo durão.*

O carro desacelerou, chamando a atenção de todos para a avenida. Uma carreta imensa estava atravessada na pista. Olhando para a direita, vi divisórias de cimento separando as pistas e impedindo o retorno. Do outro lado, carros batidos e há muito abandonados não permitiam passagem. Tentei olhar para trás, do jeito que dava. Só conseguiríamos dar a ré com enorme morosidade, dado o estreito caminho percorrido entre carros abandonados.

— Oh, oh. Talvez não cheguemos a Petrópolis — eu provoquei.

— Porra, alguém cala a boca dessa mulher! — O motorista estourou, socando o volante.

PERIGOSAS NACIONAIS

O garoto do meu lado começou a discutir com ele, perguntando se ele não gostaria de trocar de lugar e viajar ao meu lado, "aguentando minha ladainha". O soldado no banco do carona começou a reclamar que a gente precisava dar ré, e rápido, porque ele tinha avistado virais. Estalei o pescoço, pronta. Precisava pensar rápido. Eu em breve seria desalgemada, e então? Esses idiotas tinham um frenesi por armas, quase um fetiche, e ficavam todos nervosinhos e agitados por estarem atados a uma garota.

Estendi a mão à frente. O garoto da esquerda tateou o bolso atrás das chaves, resmungando alto — bem alto — que não ia morrer comido por minha causa. Os da frente gritaram com ele sobre a decisão de me soltar, ninguém se entendia naquele carro. O soldado da direita não prestava atenção na discussão. Ele continuava compenetrado, observando o movimento dos mortos.

Ele não se dava bem com o grupo, isso era claro. Era uma ovelha desgarrada do rebanho, exatamente o que eu precisava. *Você pode vir a ser útil, ovelhão.*

Estendi os pulsos para ele. Ele olhou para minhas mãos em punhos e depois para o meu rosto.

PERIGOSAS ACHERON

Havia um mundo de pensamentos em seus olhos, e nenhum deles mostrava que confiava em minhas intenções.

— Você vai precisar atirar — balancei a mão na sua frente, tentando fazê-lo parar de pensar. *Vamos, me solte.*

— Alguém precisa ficar no carro com ela — O gigante falou para o franzino.

— Vá esperando! — O menino devolveu com voz aguda.

— Não vou a lugar algum — indiquei com o queixo minha muleta, sem olhar para ninguém em especial. — Tenho problema nas articulações.

Choraminguei um bocado por causa delas no caminho até ali. Não era possível que não tenham se apiedado de mim. O brucutu olhou para a muleta, em seguida para o garoto do outro lado:

— Magricelo, fique aqui e tome conta dela.

— Pro caralho com esse apelido, seu babaca escroto! — O menino enfiou a mão no bolso para procurar a chave outra vez, mas o grandão não lhe deu ouvidos. Ele havia me soltado do seu braço.

Sorri meu sorriso mais inocente em retribuição. Sentia cheiro de desgarrados de longe, e o fato dele ter me soltado indicava que não estava

fazendo muita questão de me manter presa ali.

— Ei, ei. Olhe lá — o motorista apontou para frente, e todos os rostos se voltaram para a direção do seu dedo.

Não muito longe de nós, um homem saltou de um jipe tombado, acenando. Embora seu corpo estivesse escurecido por alguma explosão e agonizantemente queimado — a pele esfolada mostrava os estragos — ele gesticulava com desespero. Estava vivo e queria continuar assim.

— Um sobrevivente — murmurei, olhando o pobre coitado. O soldado magricela continuava tentando enfiar a chave no buraco da fechadura, mas tremia tanto que só falhava. Por dois segundos os soldados paralisaram, de olho na corrida cambaleante do sobrevivente. Ninguém se movia. Ninguém falava nada. Até que o motorista, uma espécie de chefe, disse:

— Carlos.

E com essa única palavra, a sina do pobre coitado foi decretada. Carlos, o brucutu de olhos malvados a quem cheguei a considerar um tipo de aliado, saltou do carro, tirando a arma da cintura e acertando um tiro na testa do homem.

Meu grito praticamente estourou os tímpanos

do menino ao lado. O espirro vermelho saltou de trás da cabeça, enquanto o corpo arqueava para trás, e, em um último reflexo de amparo, seus joelhos dobraram. O homem tombou com lentidão, caindo no cimento como um boneco flácido.

Continuei gritando, tentando tapar a boca, e o *clic* das algemas sendo abertas foi a minha deixa.

Assim que o magricela me soltou, meu cotovelo acertou o seu nariz.

Seu grito, ainda mais alto que o meu, saiu ao mesmo tempo em que os tiros começaram a estourar do lado de fora. O brucutu agora atirava nos virais, sem prestar atenção em mim. Saí gritando do carro como se tivesse sido possuída por uma entidade maluca e corajosa que me mandava correr. Tropecei ao saltar, seguida de perto pelo garoto que tentava agarrar minha muleta. Seu rosto estava banhado em sangue que jorrava do nariz quebrado. O Brucutu, a poucos passos de nós, pouco podia fazer para me segurar: era me pegar ou ser pego pelos virais. Disparei rua afora, ouvindo os gritos atrás de mim. Os outros dois saltaram do carro e agora estava sendo perseguida por quase todos do carro. Dentro da cabeça eu gritava: *que foi que eu fiz, o que foi que eu fiz, o que é que estou*

fazendo?

Ouvi os gritos dos soldados e os passos das botas baterem no solo, no meu encalço. *Ah meu Deus o que é essa gosma horrível no chão? É sangue!!!!* A gritaria interna continuava. Passei pela carreta atravessada na pista engatinhando sob ela, e me escondi atrás da roda. Os outros gritos vinham de longe, assim como os tiros; dois deles tinham desistido de me perseguir.

Quando o soldado apareceu, minha muleta fez um estrago na sua cara.

Agora é só correr, Ali.

Corra. Corra. Corra!!!

AS MEMÓRIAS ainda traziam uma pontada de dor de cabeça. Não precisava mais correr, mas a agonia do peito ainda era a mesma de quando estava correndo. Tentei não chamar a atenção ao saltar do muro e pegar a rua agora vazia, evitando as calçadas e os carros amontoados. Continuei a seguir no meio da pista, passando por lojas fechadas, pulando os tufo de matos que cresciam

PERIGOSAS NACIONAIS

entre as pequenas rachaduras no asfalto. A casinha verde mal havia ficado para trás, mas uma eternidade parecia ter se passado desde que acordei nos braços de Max. *Max, seu cachorro.* Como pôde ter sido tão ordinário? Como pôde não ter me ajudado naquela noite?

Como pôde sugerir que eu te acompanhasse até o acampamento, para me servir de bandeja aos seus superiores?

Precisava expulsar Max da cabeça, ou não sobreviveria. Eu precisava estar 100% atenta aos perigos da rua. *Max era passado.* Não queria mais saber dele. Aliás, dele e de mais ninguém; gente só trazia problemas.

Assim que virei a primeira esquina, um calafrio correu cada uma das minhas terminações. Um suor gélido empapou o corpo, e a adrenalina explodiu como fogos dentro de mim.

— Olá, fugitiva — o homem imenso disse, parado a poucos passos de distância.

Olá, Brucutu.

PERIGOSAS ACHERON



ALI

— NÃO CHEGUE PERTO DE MIM.

Ele não parecia muito interessado em chegar. Parado a poucos metros, impunha-se alto e atlético entre mim e a liberdade. Uma das mãos estava perto do bolso — certamente escondia uma arma, ali — enquanto a outra segurava um palito na boca, que mastigava de forma nojenta.

As pernas tremiam e o suor escorria da lateral do rosto. Justo o brucutu? Ele me dava calafrios. Não sei o que ele tinha, definitivamente

PERIGOSAS ACHERON

era alguma coisa nos olhos. Algo ruim, um tipo de maldade escondida, de segredo que nunca poderia ser revelado.

— Nem pense em me impedir.

Eu me sentia meio idiota em dizer aquilo. O que poderia fazer contra ele? Nada.

Ele nem se deu ao trabalho de me responder.

A cabeça voltou ao momento em que o bando invadiu o estúdio, e ele guardou o segredo sobre a muleta que eu não precisava. Mas ao contrário do que poderia parecer, aquilo não fazia dele o bonzinho do bando; fazia dele o que não tinha lealdade por nada nem ninguém, inclusive pelo bando. Os outros eram grossos, inseguros, mas estavam cumprindo ordens; o grandão na minha frente não parecia gostar das ordens nem de quem as cumpria. O que me fazia perguntar: o que ele estava fazendo ali?

— Achei que fosse encontrar você — Ele jogou o palito no chão, cruzando os braços. — Não viva, claro.

Que imbecil.

— Não vou para Petrópolis — avisei. — Aliás, se eu fosse vocês, também não iria. O exército sabe que Vicente Schilling está escondido lá. Vocês

estão ferrados.

— Hm —, ele olhou ao redor, inspirando longamente. Quando estalou o pescoço, pude jurar que ouvi o *crec*.

Com o canto do olho, eu procurava rotas de fuga.

— Sinceramente? — ele cruzou os braços na frente do peito. — Não dá pra entender por que gastar tanto dinheiro para levar você até ele.

— Quem não entende sou eu o que vocês farão com o dinheiro. Não ando vendo muitas lojas abertas hoje em dia.

Ele ergueu uma sobrancelha. Estava cedo para um bate boca tão infantil, mas precisava ganhar tempo. No segundo em que olhei ao redor, vi um edifício com as grades irregulares — alguém bateu de carro ali e soltou uma das barras, criando um buraco por onde passaria alguém pequena como eu. Um grandalhão ficaria entalado. Se não me engano, também vi de relance alguns entulhos encostados no muro, o que me permitiria escalá-lo. Uma vez em cima de um muro, tchau brucutu.

— Nem pense em fugir, Alice. Você não daria dez passos antes que eu te derrubasse.

— Você me subestima.

O som de passos me fizeram saltar no lugar. Ele também se sobressaltou, e recebeu a pessoa, no segundo em que demorou para se virar, com uma arma apontada para a sua cabeça.

— Você achou a piranh... ôa, ôa, calma, sou eu! — o soldado com cabelo em pé e cara inchada ergueu os braços. Pelo aspecto geral do rapaz, a noite na casa vizinha foi de esbórnia. Ele fedia a mijo e álcool, e sentia seu fedor daqui.

— Porra, quer me matar de susto? — Carlos, o assassino, perguntou.

Essa seria a melhor hora de sair correndo. O problema? Agora precisaria fugir de dois, e a arma já havia até sido sacada.

— Como a encontrou? — O menino abaixou lentamente as mãos, acreditando estar em segurança. Ele tinha um caminho de vômito debaixo do queixo, e eu não consegui segurar o tremelique de nojo.

— Mantendo o cérebro! — Carlos respondeu em tom de esporro. — Ao invés de vocês, que beberam até cair, eu fiquei acordado!

— Ah.

O idiota olhou para mim com desagrado. Como se eu fosse a coisa mais desagradável daquela

manhã pavorosa. Correndo os olhos por mim, parou as vistas nos meus peitos. Ok, tenho um unicórnio de glitter ali, mas não gostei da cara que ele faz.

Pela cara feia de Carlos, nem ele.

— Bem, vamos levá-la ao Theo — o vomitado disse. — Agora podemos finalmente partir. Theo tá achando a cidade muito infestada. — Olha só, lá vem alguns ...

Assim que o garoto apontou para uma direção e eu me virei, ouvi três barulhos que congelaram a alma:

"Tec".

"Bang".

"Plim".

O cartucho ainda rolava no asfalto quando olhei para Carlos. Seu dedo ainda estava no gatilho, e a arma, em ângulo reto. O soldado estava morto no chão.

Levando a mão à boca, suprimi um grito histérico. *Que merda era essa? O que foi que aconteceu???*

A cabeça começou a girar, e as vistas, a escurecer. Se eu desmaiasse ali, eu viraria comida de viral. Os infectados que zanzavam ao longe começaram a se aproximar, atraídos pelo som do

tiro. Da direita, uma mulher — o que foi um dia uma mulher — surgiu detrás de um carro com a roupa em farrapos, arrastando uma perna estraçalhada.

— O que foi que você fez?! — gritei entre os dedos.

Carlos guardou a arma dentro do cós da calça e tirou do bolso uma chave.

— Não era a minha intenção.

— Quê? A gente diz uma merda dessas quando derruba alguma coisa, não quando tira a vida de alguém! Como pode ter feito isso?!?

A transmutação em seu rosto me deu medo: — Você é assim mesmo ou se faz de trouxa pra sobreviver? — ele rosnou entre os dentes, dando dois passos em minha direção. Agarrando meu braço com força, me chacoalhou. Tentei chutá-lo, mas ele me afastou como se movesse uma boneca para longe.

— Me solta, seu assassino!

Ele me puxou para perto, e disse baixinho perto do meu ouvido:

— Se eu fosse você, ficava bem quietinha. Não quer acordar seu amiguinho escondido no sótão, quer? Porque se ele vier atrás de você, será o

próximo a morrer.

À simples menção de Max, paralisei. Segui-o arrastando as pernas, sentindo falta de ar. Ele me puxou para uma rua lateral onde os jipes estavam estacionados, olhando para um lado e para o outro. Eu não conseguia lutar. Ele *sabia* sobre Max? *Como?* Andamos rápido, os olhos dele correndo as quatro direções. A cabeça era uma projeção de possibilidades: sigo? Corro? Fujo? Roubo sua arma? Grito? Mas esses eram pensamentos desconectados e que não conseguiam gerar ação. Talvez não devesse ter deixado Max. Talvez fosse melhor eu ter ficado. *Em que merda eu me meti?*

Ele abriu um dos carros e me mandou entrar. Entrei pela porta do motorista e engatinhei até o outro lado, tentando abrir a porta do carona. Trancada. Havia virais bem perto de nós, agora. Eles pareciam fracos, mas ganhavam impulso ao sentirem nosso cheiro. Carlos entrou no carro, bateu a porta e ligou o veículo. Um dos virais colocou as duas palmas na minha janela e eu me arrastei para cima do freio de mão, sem conseguir tirar os olhos do rosto acinzentado e ferido. O carro saiu cantando pneus, batendo na traseira do outro. Ao parar do lado do jipe seguinte, Carlos abriu minha

janela e se inclinou sobre mim.

— Saia de cima de mim! Tem uma morta-viva a metros de nós!

A mulher continuava a se arrastar, e em questão de segundos enfiaria a mão pela janela. Carlos pôs a mão para fora e atirou no pneu de um dos jipes, e depois no outro. Andou mais um pouco e fez o mesmo com os dois outros, impedindo-os de nos seguirem.

No próximo segundo, estávamos arrancando pela estrada.

Era como se o mundo não tivesse ar suficiente. Agarrada ao assento, via o carro desviar de objetos na estrada que eu não conseguia reconhecer. O coração parecia prestes a pular da boca, e a sensação de enjôo aumentava. Ele fazia curvas insanas e barulhentas, e logo saímos do bairro e chegamos a uma avenida. O carro zunia veloz, desviando dos carros abandonados.

Aquele maluco assassino tinha acabado de me sequestrar dos seqüestradores.

— Eu só posso ter morrido e vindo pro inferno — falei olhando para a estrada. A desolação era total. Pensei em Soraya, em Max, em Vicente, e no que esse monstro agora queria comigo. Não sei

sequer se estávamos indo para o sul ou para o norte, ainda não tinha visto uma placa que indicasse o caminho.

Carlos saiu da avenida e se embrenhou em uma estrada de terra. Estava evitando as rodovias para não parar em um dos imensos cemitérios de carros. A cada metro que seguíamos, mais cerrado ia ficando o mato ao lado da estrada.

— Para onde você está me levando?

Devia ser a décima vez que eu perguntava aquilo, e ele finalmente olhou para mim. Seu peito, uma caixa de aço, continuava retesado, mas eram as linhas duras de seu rosto que me fizeram encolher.

— Petrópolis.

Meu coração quase parou.

— Tenho contas a acertar com Vicente Schilling.

Então era *isso*. Balancei a cabeça, sentindo o choro subir pela garganta. *Claro, ele se desfez dos outros para conseguir o valor da recompensa sozinho. Monstro, monstro!*

— Meu Deus, você matou os outros... — Eu mal conseguia acreditar, arrastando as mãos pela cabeça em desespero. — Pelo quê? Por dinheiro?

PERIGOSAS NACIONAIS

Por terras, proteção? — A raiva aquecia meu rosto. — O que Vicente pode dar a você? O que você poderia *querer* nesse inferno?

Ele ignorou meu choro, mantendo os olhos na estrada. Para um homem que matou outros dois à queima roupa, meu desespero não significava nada.

— ...E como sabe sobre a pessoa que estava comigo? — perguntei baixo.

Nem assim ele me olhou. Com o rosto entre as mãos, imaginei-o entrando na casa de madrugada, ouvindo nossos gemidos no sótão. Deus, nós poderíamos estar mortos uma hora dessas.

Ele finalmente quebrou o silêncio depois de alguns minutos:

— Não matei os outros soldados.

— Como assim? Você matou duas pessoas na minha frente!

— Não sou um assassino.

— Sim, vamos inventar um novo termo para você.

Por um longo tempo dirigimos por uma estrada estreita que segue rente à estrada principal. Ele evitava a rodovia, cheia de carros e mortos. Seguimos em silêncio por quase uma hora, e só minhas fungadas eram ouvidas de tempos em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tempos.

— Merda.

Deixei a paisagem monótona de lado e olhei para ele: — O que foi?

Ele suspirou, exausto.

— A gasolina está acabando. Não vamos conseguir chegar até a próxima cidade.

— Isso é ruim? Cidades costumam ser perigosas.

— Estar sem gasolina na estrada também é.

Havia tanta calma em sua voz que aquietei. Tudo que fiz nas últimas horas foi tentar acalmar a cabeça para achar um meio de fugir. É claro que queria ir a Petrópolis, era lá que Soraya estava, mas queria ir nos meus termos. Manter a cabeça fria era o melhor que eu podia fazer por mim e por ela.

— Acha que os seus companheiros nos alcançarão? Só temos três ou quatro horas de vantagem sobre eles.

— Talvez. As chances de nos acharem é pequena, mas existe. Eles estão em maior número, podem se separar.

— Como sabem que está me levando para Petrópolis? Você pode ter me raptado e fugido para outro lugar?

PERIGOSAS ACHERON

As feições de Carlos amenizaram, e ele me encarou. Quando finalmente falou, seu tom era de uma frieza congelante:

— Não com a recompensa que Vicente prometeu por você.



MAX

Os tiros me fizeram sentar, assustado. Eram tiros, sem dúvida: estalos secos e sem eco. Desci as estantes e saí do roupeiro olhando para a porta aberta do banheiro. Tudo dentro de mim desabou naquele instante, quando entendi o que eu não estava pronto para entender: Ali havia sumido. Alguma coisa em mim sabia que ela não estava bem quando desceu.

Ela se foi, e acabei de ouvir tiros.

A cabeça parecia convulsionar, de tantas
PERIGOSAS ACHERON

hipóteses. Quatro. Quatro tiros. Ela estava tentando salvar a amiga. *Como pôde ter ido sem me avisar? Ela estava fugindo de mim! Que otário eu fui, como posso tê-la deixado sozinha? Onde deixei os binóculos?*

Encontrei-os no sótão, e abrindo mais o buraco no telhado, me enfiei por ele para tentar enxergar a rua. As lentes corriam o horizonte, pelos telhado das casas e algumas partes das ruas.

Vi, no meio da rua, homens passarem correndo. Ouvi os gritos femininos, e pelo jeito, os infectados também ouviram. Os soldados que sequestraram — e perderam Ali — xingavam alto, agora retornando correndo e atirando como malucos na direção de onde estacionaram os carros. Os tiros atraíram os virais e agora havia dezenas deles surgindo de todos os buracos.

— Merda! — uma deles gritou — O filho da puta furou os pneus!

Abaixei os binóculos, juntando as peças da confusão. Um deles furou os pneus?

Talvez tenha sido a mesma pessoa que deu os quatro tiros que ouvi. *Mas e Ali? Os tiros foram para protegê-la ou para levá-la?*

Voltei a olhá-los sentindo o peito apertado.

Adiantava correr ou precisava organizar primeiro um plano? Desci do sótão tentando recuperar o que podia, e o mais rápido possível. Coloquei uma blusa limpa na mochila, e uma garrafa de água. Ao passar pela porta da sala, vi que ela estava ligeiramente aberta. Não escancarada, ao ponto de parecer aberta, mas alguém moveu o trinco, e a cadeira que eu tinha colocado rente para fazer barulho caso ela se abrisse estava mexida. Afastei a cortina e olhei para fora: alguns infectados zanzavam pelo jardim.

Ali não pode ter fugido por ali. Ela fugiu por trás.

Outra pessoa moveu aquela porta.

Sem tempo para pensar naquilo, juntei os binóculos e algumas latas de comida ao resto das coisas na mochila. Também enfiei ali dentro uma faca que achei, e os remédios para dor, a gaze e o antisséptico. Saí da casa em meio à saraivada de balas não muito distantes, correndo até a mangueira. Com a ajuda dos galhos mais altos, cheguei até o muro, vendo ao longe alguns dos homens acuados por uma horda, tentando afastar os infectados à bala. Quanto mais atiravam, mais deles atraíam. Adiante estavam os jipes. Ajustei o foco,

observando a confusão.

Quem provocou aquilo? Os quatro tiros iniciais surpreenderam o grupo, sinal de que um, ou mais de um deles, havia fugido. Na fuga, sabotou o restante dos carros, porque os soldados pareciam perdidos e sem terem para onde correr.

Parei de olhar quando os gritos ficaram desesperadores: eles estavam sendo comidos vivos. Saltei do muro e corri pela rua de trás, na direção contrária, sabendo que era agora ou nunca. Com todos os infectados das proximidades cambaleando em direção ao estardalhaço, as ruas estavam momentaneamente limpas. Estava seguro para deixar a casa.

Correndo até a esquina, me esgueirei por um muro para ver se algo se movia do outro lado. Nada. Dei um soco na parede, puto com tudo. *Estava tudo tão bem!* Poderíamos ter ficado ali por dias! Mas agora eu tinha um dilema nas mãos: ir para as montanhas, informar à equipe o paradeiro dos Schilling e esperar o exército me dizer quando avançar ou salvá-la?

Quanto mais subisse a montanha, mais distante ficaria dela. Poderia perdê-la para sempre se voltasse ao acampamento. Se o comandante

decidisse que o alvo já não tinha mais relevância, ou que precisaríamos nos organizar melhor pelos próximos meses, nunca mais a veria outra vez.

No entanto, se decidisse continuar sozinho em direção a Petrópolis, seria um desertor.

Merda, Ali!

Eu mal podia acreditar no que tinha acontecido nas últimas 24 horas. Mas o mundo, no momento, testava nossas crenças diariamente. Os mortos andavam, qualquer coisa podia acontecer. Vi ao longe que alguns dos infectados vinham em minha direção. Eles ainda não tinham me visto, mas era de sua natureza mortal zanzar, seguindo os cheiros que os despertavam. Exalei, cansado daquilo. De tanta morte, de tanta feiúra. Precisava de um carro para seguir o plano, ou não a alcançaria nunca mais.

A decisão estava tomada, e não foi nem tão difícil toma-la. Não a deixaria cair de novo nas mãos de Vicente. Cometi esse erro uma vez, não faria aquilo de novo. Meu destino era o Rio de Janeiro.

Mas onde encontrar um carro que me levasse até lá? Que funcionasse seis meses depois do fim?

Da encruzilhada em que estava, eu via um mundo em ruínas. De um lado havia uma avenida

cheia de carros, do outro a mesma coisa. Para trás estava o grupo — agora certamente defasado de soldados — e, à frente, distante no horizonte, algo azul e cristalino resplandecia, fora de lugar.

O mar.

Sim, o mar, e daí?

Meus olhos se arregalaram. Claro, o mar!

Deixando a avenida sob sons de gritos e tiros, acelerei em direção ao oceano, sabendo exatamente o que precisava encontrar.



ALI

O CARRO HAVIA FICADO para trás, depois que um último engasgo mostrou que ele não nos levaria nem mais um metro adiante. Caminhávamos há duas horas pela estrada bordejada pelo mato alto, sem ver viva (ou morta) alma. O chão seguia batido, uma ou outra peça na estrada barrenta, e o capim alto que surgia aqui e ali deixava a travessia um verdadeiro ziguezague. Carlos seguia na frente sem qualquer preocupação de que eu pudesse fugir. Fugir para onde? Por horas dirigimos no meio do PERIGOSAS ACHERON

nada, e agora, andávamos pela estrada sem achar um esconderijo decente para descansarmos. As poucas casas que avistamos haviam sido saqueadas há meses, e algumas não tinham sequer portas. Não andava exigente quanto a esconderijos, nem mesmo precisava de um lugar decente para dormir, mas pelo menos uma porta a casa tinha que ter. Ou um teto. Um lugar para beber água. Um fogão a lenha.

O estômago roncou outra vez.

Carlos continuava com o revólver na mão, as solas da bota amassando as pedrinhas soltas na estrada. Às vezes ele colocava o revólver dentro do cóis da calça, mas na maioria das vezes, quando ouvíamos algum ruído que não fosse o dos nossos próprios passos – como, por exemplo, o grunhido vindo de dentro do matagal – ele sacava a arma. Não era raro encontrar virais caídos no meio do mato, por isso evitávamos lugares sem visibilidade. Há minutos ele caminhava com a arma assim, na mão, as veias do braço estufadas.

Ele sequer conferia se estava conseguindo manter seu ritmo, ou não tinha uma pedra erguida sobre sua cabeça, pronta para matá-lo. Se eu fosse ele, me preocuparia com isso, já que a ideia não me saía da cabeça e passamos por mil pedras que

dariam conta do recado.

Eu o odiava. Odiava que fosse tão calado, que tivesse matado DOIS seres humanos na minha frente, mas odiava mais ainda que ele tivesse tanta certeza de que eu dependia dele essa noite, e não fugiria por causa disso. A ideia da pedra era só uma idéia, não conseguiria sequer me imaginar matando alguém. O problema é que também não podia morrer agora. Soraya estava sozinha e Vicente descontaria nela toda a sua raiva quando soubesse que fugi.

O sol continuava a queimar como brasa, como nos antigos e bons verões. A boca estalava, seca, implorando por água. Já tinha me imaginado chupando um picolé de limão, daqueles geladíssimos e doces, que escorriam pelo canto da boca e deixavam os dedos melados. Já tinha me imaginado pulando de cabeça em uma piscina de águas frias e azuis. Eu só pensava em coisas geladas.

Era curioso que uma das milhares de coisas das quais sentíamos falta no fim do mundo fosse a sensação de frio. O ardido na pele, o calafrio sob os lençóis, o conforto do calor em contraste com a superfície gelada. Sem eletricidade, o alívio que a

PERIGOSAS NACIONAIS

tecnologia trazia em dias como esse - ventiladores, ar-condicionados, geladeiras, freezers - era só uma memória distante. Acabou. As piscinas viraram grandes lagos de lodo, repletos de sapos. As geladeiras traziam o cheiro da morte. Jamais abria uma geladeira nas casas que invadia. Da última vez que arrisquei abrir uma, havia dezenas de papinhas de bebê estocadas - e apodrecidas - lá dentro. Aquilo virou um tipo de pesadelo recorrente, então nunca mais arrisquei abrir outra.

Ainda tentava me livrar do arrepio quando vi algo na estrada.

— Olhe, Carlos. Uma placa — apontei para frente.

Havíamos chegado à divisa entre o Espírito Santo e o Rio de Janeiro. Fazia sentido, já que deixamos há algum tempo a entrada para Cachoeiro de Itapemirim para trás. Para chegar à próxima cidade, teríamos que andar quilômetros, jamais conseguiríamos chegar a algum lugar antes do anoitecer. E no mais, cidades não interessavam muito. Quem queria se deparar com outra delas tomada por mortos?

— Não há cidades por aqui. — Carlos disse parando. Ele olhou ao redor, tentando se localizar.

PERIGOSAS ACHERON

Mais adiante estava o posto abandonado da Polícia Rodoviária Federal. Não havia carros nem motos estacionados ali, apenas algumas carcaças de carros deixados soltos no meio da pista. Carlos continuava a pensar, a cabeça revirando mapas, procurando alguma cidade pequena por perto. Sabia que não havia cidades por ali. Passei muitas vezes por essa estrada antes do fim, íamos de carro para o Rio quando era criança.

— Isso é bom, não? — perguntei, arfando de cansaço e calor. — Quanto menos cidades, menos gente — falei sentindo as pernas tremerem. Cansada, sentei sobre os calcanhares, tentando esticá-las em meio a caretas, com medo das câimbras nas batatas das pernas. Carlos fixou as vistas em uma encruzilhada mais adiante, onde vias malcuidadas levavam a direções diferentes.

— Vamos procurar uma fazenda.

Sem me perguntar se concordava ou não, ele pegou a direita e continuou a caminhar. Levantei dolorida e o segui xingando em pensamento, aborrecida por não ter sido consultada. A vontade continuava ser a de sair correndo pelo matagal. O problema é que ele me alcançaria em segundos, e não fazia parte dos meus planos irritá-lo. Não, pelo

menos, agora.

Na hora em que conseguisse despistá-lo, ele não veria nem o meu rastro na poeira.

— É melhor a gente achar um lugar logo — eu falei, olhando para o horizonte. O céu mais à frente mostrava nuvens cinzentas e carregadas.

Não era medo de chuva que eu tinha, só medo dos mortos. Eles evitavam o sol, mas intensificavam o ritmo quando o sol sumia. Uma tempestade tão escura vindo no horizonte faria o número de virais duplicarem nas ruas. No mais, estava com fome e sede, sentindo as pernas cada vez mais fracas. Não comia nada desde a noite passada.

— É isso que estamos fazendo. Procurando um lugar — ele respondeu, seco.

— Bem, não tenho como saber, tenho? — devolvi. — Há duas horas te sigo sem saber pra onde vamos.

Ele me olhou de esguelha. Continuava com a testa franzida e a boca vincada, o aspecto geral emburrado como o havia conhecido.

— Não gosto de conversa fiada.

Revirei os olhos.

— Por que acha que conversar seria um

transtorno?

— Por que geralmente é.

— Não acha que possa ser exigente com conversas hoje em dia. Não vejo muitas pessoas ao redor dispostas a bater papo.

— Você deu uma prévia, ontem, de como seria "batendo papo". Obrigado, mas dispenso.

— Eu tinha acabado de ser sequestrada! Que tipo de conversa esperaria de uma garota nessa condição?

— Reclamação. *E* conversa fiada.

— Oh, claro. Tudo que poderia vir de uma garota é conversa fiada. Inacreditável: o mundo acaba, mas o machismo não.

Carlos não se deu ao trabalho de argumentar. Voltou a andar em silêncio, me deixando para trás.

Andamos mais meia hora no mais profundo tédio. Às vezes eu suspirava alto, batendo um pedaço de galho que tinha pego do chão nos matinhos ao lado da estrada. Até a muleta, que por um tempo não serviu para nada, agora me ajudava a caminhar devido à dor nas pernas. Vez ou outra, achava um objeto perdido no chão, arrastado por algum morto vivo ou deixado para trás por algum fugitivo. O último objeto que achei foi um celular

com a tela quebrada. Era muito estranho olhar para algo tão marcante na vida passada e perceber que ele não ajudava em nada à sobrevivência. Quando lembrei que as pessoas perdiam horas em uma fila lotada de gente para adquirir aquilo, quase ri. Quase. Rir demandava muito esforço.

— Como soube que eu estava na casa? — perguntei a Carlos, distraída. Nem sei por que perguntei aquilo, ele me ignoraria outra vez. Mas dessa vez ele não me ignorou.

— A luz.

A luz. *Putz*. Eu sabia que aquela vela ia nos colocar em problemas. Mas então lembrei que a vela foi acesa logo que entramos na casa, e que se o grupo tivesse sabido disso, a teria invadido no meio da noite.

— Você nos viu e guardou essa informação pra você?

Ele não respondeu. Ou seja, sim.

— Por quê?

Eu nem precisava realmente de sua resposta — e ele não respondeu. Minha intuição já dizia, desde o começo, que ele não fazia parte do grupo. Quando teve a chance, veio atrás de mim. No entanto, ele me esperava do lado de fora quando

PERIGOSAS NACIONAIS

resolvi fugir, e isso me intrigou.

— Como sabia que eu ia sair da casa naquele horário?

Ele finalmente mostrou que estava me ouvindo:

— Não sabia. Mas desconfiava que você fosse arisca. Seja lá com quem passou a noite, as chances de sair de fininho na primeira oportunidade eram grandes.

Aquilo me surpreendeu, e eu mesma não teria chegado a essa conclusão. Ele tinha razão, eu sou arisca. Em que universo eu seguiria viagem com um estranho que tinha acabado de conhecer?

Suspirei ao me lembrar de Max. *Em um universo onde alguém como ele aparecesse.*

Chacoalhei a cabeça, espantando a bobagem. Max era um idiota que queria me trocar por informação, e eu fiz muito bem em deixá-lo para trás.

— Como imaginei, lá estava você, logo nos primeiros minutos da manhã.

— Não acho que eu seja assim tão previsível. Eu poderia querer proteção de alguém, oras.

Ele olhou mais uma vez para trás. Sua testa estava ainda mais vincada e a fisionomia ainda mais mal-humorada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Um cara que encontrou por acaso? Por favor, você parece mais esperta.

Minhas bochechas viraram brasa.

— Senti um tom de julgamento na sua voz.

— Não estou julgando nada. Disse, inclusive, que você é mais esperta que isso. E foi.

— Sim, estou me sentindo bastante esperta. Acabei de ser sequestrada do grupo que me sequestrou. Para parar onde? Exatamente no lugar de onde estava fugindo.

Ele parou. Virando-se de forma que toda a paisagem fosse tampada por seus um metro e noventa de altura, soltou: — Pare de drama. Sei que é para lá que estava indo.

— Sim, estava, mas nas minhas condições. Não pretendia virar moeda de troca em seu acordo com Vicente.

Ele enfiou o revólver no bolso, sacou a faca de corte serrilhado de dentro da bota e a ergueu no ar. Seus olhos se afiaram como de águias, e sua mandíbula trincou em um arco para baixo. O passo resolutivo que deu em minha direção quase me faz desmaiar. O coração parou de bater dentro de mim quando sua faca desceu em minha direção. Tudo que podia fazer era me encolher. A sensação gelada

PERIGOSAS ACHERON

da morte me paralisou inteira, me transformando em uma estátua.

A lâmina cravou no osso, me fazendo gritar. Mas não foi no *meu* osso que ela desceu — foi na cabeça de um viral que estava a um passo de mim. Carlos foi tão rápido e certo que mal vi a cena acontecer, ou entendi como um viral pode ter se aproximado de nós tão rápido. Assim que ele arrancou a faca de sua cabeça, um líquido escuro com cheiro de podre respingou ao redor.

Soltei um palavrão alto, seguido de muitos outros. O infectado tombou de cara no chão.

— De onde esse homem saiu?! — gritei, histérica.

Carlos levou a faca ao chão de terra e pisou em cima da lâmina, limpando a gosma nojenta entre a sola da bota e a terra vermelha.

— Desse mato — ele respondeu. — Deve ter nos ouvido. Vamos seguir por aquela estrada — ele apontou a faca para uma estrada que desembocava em outra. — Mas dessa vez, *em silêncio*.

Eu tremia demais pra responder que trocamos uma dezena de palavras, se muito. O fato é que ele tinha razão: o viral foi atraído pela conversa.

Quando consegui mover as pernas, olhei para a

estrada que ele indicou. Pelo aspecto ela não era muito usada, mas foi um dia. As cercas brancas e alinhadas, que corriam ao longo até onde a vista alcançava, mostravam que havia uma fazenda adiante. Uma placa meio caída indicava a existência de algo ainda melhor.

Carlos andou até a placa e tentou levantá-la. Insetos escapuliram do esconderijo quando ele a ergueu ao som de ferro retorcido. Nem eu nem ele acreditamos no que víamos.

— "Estância ecológica Vila da Mata - Hotel e Restaurante. Dois Quilômetros."— disse em voz baixa.

O rosto sisudo de Carlos mostrava um ligeiro ar de alegria. Também estava alegre, agora. Na verdade, o fluxo de adrenalina que os últimos segundos espirraram no sangue me deixou levemente eufórica. A ideia de uma cozinha industrial repleta de latas de comida era tentadora e causava coisas felizes no meu estômago.

Talvez, animado pela esperança do que a placa prometia, ele guardou a faca na bota e me deu as costas, não sem antes dizer:

— Você será moeda de troca, Ali, mas acredite, sairá ganhando da minha negociação com Vicente.

Não conseguia ver de que maneira ser entregue àquele psicopata fosse um ganho. O plano de fugir à primeira oportunidade continuava firme e forte, mas por ora, eu o seguia.

— Não sei o que quer com Vicente, mas não vejo como posso sair ganhando nessa história.

Carlos estalou as costas largas, como se matar lhe fizesse bem.

— O que quero com Vicente? — Carlos repetiu sem olhar para trás. — Quero matá-lo.



MAX

A RUA ERA ESTRANHAMENTE ACOLHEDORA, com suas árvores frondosas pendendo sobre o asfalto e seus carros estacionados no meio fio. Os pássaros piavam, alegres, e as folhas farfalhavam sobre a cabeça pela brisa do mar, que soprava fresca. Se eu não precisasse olhar a cada dois passos para os lados para conferir se a barra estava limpa, quase me sentiria na vida de antes, quando os problemas eram pequenos e os dias corriam sem grandes intercorrências.

PERIGOSAS ACHERON

Passei pela primeira casa, vendo a fresta aberta no portão por um pé de cabra: Não.

A casa seguinte mostrava marcas desbotadas de sangue na calçada, deixando um caminho até o meio da rua. Então o sangue desaparecia, como se o que tivesse sido arrastado até ali — ou se arrastou até ali — estivesse com as horas contadas.

Também não.

Mas a terceira casa, de muro mais alto e portões de alumínio intactos, parecia inalterada. Por quê? Eu jamais saberia o que tinha mantido aquela casa incólume se não a invadissem.

O portão estava trancado, e o muro não parecia ter sido escalado. Olhei para os lados conferindo se a rua estava realmente vazia, ou tinha sinais de que alguém ainda vivia ali, e quando me certifiquei de que estava tudo bem, segurei em um galho baixo e escalei a árvore na calçada.

Apoiando o pé no muro e segurando na cerca elétrica, há muito desligada, me equilibrei no espaço estreito olhando para o jardim abandonado. Nele, a ossada de um cachorro, coberta por resquícios de pelos, jazia em meio grama irregular. Sons de grilos davam uma tranquilidade mórbida ao jardim. Nada se mexia ao redor, mas mesmo

assim, por segurança, pulei para dentro dos muros e abri o trinco do portão pequeno. Uma rota de fuga, sempre.

Sem fazer ruído, caminhei segurando o cabo da faca até a porta principal.

Era uma porta grande, daquelas envernizadas, com vidros trabalhados de cada lado. Ela estava entreaberta, e gemeu quando a abri. Um caminho de folhas estava espalhado pela entrada, invadindo o tapete agora sujo e desbotado. A casa mostrava sinais de arrombamento, como provavelmente todas as casas da rua foram - estivessem seus donos escondidos nelas ou não. Havia alguns móveis tombados, e um grande espelho partido em mil pedaços, ainda colado à parede. Algo fora lançado contra o espelho, e no centro das estrias que o cortavam havia sangue. Escuro, seco, velho.

Em seguida veio o cheiro.

Essas sempre eram as piores casas.

Ergui a gola da blusa até o nariz e atravessei a sala sem fazer barulho. O saque deve ter acontecido há muito tempo, mas era impossível dizer se um lugar permanecia habitado ou não. Minha intuição dizia que ela havia sido esquecida ali, com os cadáveres dos moradores esticados bem na entrada,

PERIGOSAS NACIONAIS

apodrecendo aos poucos. Coisas horríveis aconteceram ali, constatei olhando ao redor. As manchas de sangue nas paredes, os espirros que subiam até o teto. Exalei desanimado ao ver o tamanho dos corpos, e quão brutalmente foram atacados. O mais triste? Não foram os virais que fizeram isso. Foram outros humanos.

Passei por cima do primeiro cadáver, tentando não olhar.

Naqueles dias de desespero histórico, nem mesmo seus vizinhos fariam algo por você, caso você pedisse por socorro. Essa família podia ter gritado até perder a voz e ainda assim ninguém teria vindo. Na verdade, pelo estado das outras casas da rua, os vizinhos tiveram finais igualmente horríveis.

A sala ampla mostrava uma grande vidraça ainda intacta, de onde se via a área da piscina, hoje uma lagoa esverdeada cercada pelo mato alto. A luz entrava tranquila pelo vidro imundo, trazendo uma paz mórbida ao que hoje era um mausoléu familiar.

Era estranho pensar sobre quão perto estávamos da bestialidade. Bastou o exército e a polícia falharem para os homens virarem bichos.

PERIGOSAS ACHERON

À direita, uma das alas da casa parecia levar aos quartos, pelo que dava para ver das portas abertas, e a outra direção levava à cozinha e outras dependências. Ainda tentando organizar o que via com a emoção de me deparar com corpos tão machucados, sabia que: 1) todas as outras casas da rua tinham os portões da garagem arrebitados, o que indicava que os carros foram roubados. 2) A garagem dessa estava intacta, sinal de que talvez quem invadiu a casa e matou a família não conseguiu roubar o carro.

Limpei o suor da testa com o braço, tentando pensar em meio ao cheiro pútrido. Eles talvez não tivessem carros. Mas isso seria impossível, eles pareciam estar prontos para fugir, pelo que as malas desfeitas mais adiante indicavam.

Abri uma porta com cuidado, vendo uma cozinha silenciosa e abandonada. Do janelão que dava para a garagem, dava para ver os carros. Uma caminhonete e uma BMW cor-de-rosa conversível.

Cor-de-rosa? Pensei com uma careta.

A cozinha imensa, equipada com o que existia de bom e de melhor, estava revirada. Alguém procurou pelas chaves e não as encontrou. Mesmo sabendo que as chances de achá-las eram pequenas,

comecei a revirar o que já tinha sido antes revirado. Procurei dentro da fruteira, das gavetas, dos armários. Por muitos minutos tentei encontrá-las, até que tive um lampejo. Suspirando, entendi onde elas poderiam estar.

Ajoelhei ao lado dos corpos caídos, notando só agora a mochilinha infantil preparada para a viagem. Inspirando fundo, me debrucei sobre o cadáver do pai e tateei seus bolsos, sentindo a consistência estranha do cadáver. A bile veio à boca, mas consegui achar o molho antes que vomitasse.

Eles foram atacados quando estavam de saída, e os idiotas que mataram a família não pensaram em procurar no bolso do cadáver. Estúpidos, mataram antes de perguntar. Aquele homem teria entregado tudo para proteger sua família.

Com dois saltos cheguei ao jardim, onde vomitei tudo que tinha comido no dia anterior.

Toda vez que via coisas assim, a maldade que só podia ser explicada como inerentemente nossa, tinha vontade de me distanciar das pessoas. Mas então lembrava que algumas poucas delas — pessoas boas — tentavam resistir, e que por elas valia a pena seguir adiante.

Voltei à cozinha e abri o janelão, andando até os carros. Apertei o chaveiro eletrônico e a luz piscou, ascendendo os faróis e iluminando a garagem escura. Sentei na direção da caminhonete, jogando a mochila no banco ao lado e girei a chave. Tudo em mim aguardava que o carro funcionasse — era por isso que andei até a orla, onde estavam a melhores mansões: por carros que resistissem a meses de esquecimento. O carro engasgou duas vezes antes de pegar, mas o som potente encheu a garagem. O ponteiro da gasolina bateu no topo, e o motor rugiu quando o pé afundou no acelerador.

Naquele segundo, pensei em Ali.

Na noite passada, nos olhares trocados, na fuga depois do sonho ruim. Algo me dizia que ela fugiu porque se lembrou de mim. Que tive a oportunidade de ajudá-la naqueles últimos dias em que quase diariamente a vi passar cabisbaixa e amedrontada ao lado de Vicente, mas não ajudei.

Mais uma vez, o mundo havia se partido: de um lado estava ela, de outro estava eu. Mais uma vez, ela havia sido levada.

Agente firme, garota arisca.

Engatei a ré e acelerei enquanto prendia com o freio de mão o carro no lugar. Então soltei o freio e

PERIGOSAS NACIONAIS

o carro disparou, batendo a traseira no portão, carregando-o no impacto. A chapa de ferro caiu no meio da rua, entre a fumaça do escapamento. Só uma máquina potente derrubaria um portão sem nem ao menos titubear.

Passei a primeira e disparei pela rua, tateando minha mochila no assento do carona.

Tirei de lá um aparelho retangular, preto, onde no centro piscava na tela uma luz intermitente. Eu deveria ter acoplado o pequeno localizador nos carros que seguiam para Petrópolis, mas quando tudo deu errado, achei que o plano — e o identificador de sinais — estivessem perdidos.

Desculpe ter escondido o localizador em você, Ali. Mas a essas alturas, não podia - nem queria mais - te perder.

PERIGOSAS ACHERON



ALI

A ESTÂNCIA PARECIA INTACTA, vista de longe. O lago que enfeitava a entrada estava malcuidado, mas podíamos ver carpas coloridas nadarem sob a superfície lodosa.

Olhei ao redor. Sério que existia um lago cheio de peixes e nenhum assentamento por perto? Um hotel inteiro à disposição para explorar, simplesmente abandonado e livre de virais?

— Não acha estranho que não haja ninguém?
— perguntei a Carlos, olhando para a quietude

PERIGOSAS ACHERON

mórbida do lugar. Os arbustos selvagens tomavam a frente da varanda, as janelas estavam sujas e um pedaço da cerca ao lado da construção havia caído, mas fora isso, tudo parecia normal. Nenhum viral zanzava pela propriedade, não havia carros estacionados no amplo estacionamento, ou qualquer outro sinal de vida.

— Muito estranho — ele concordou comigo.

Ele tirou a arma do cós da calça e a empunhou. Tomando a dianteira, caminhava cauteloso olhando para os lados, enquanto eu ia atrás vigiando a retaguarda. Nada indicava que havia alguém morando ali, por mais estranho que isso parecesse. O lugar era ideal para se esconder, principalmente porque alguém fez questão de derrubar a placa que indicava o lugar.

Eu estava tão exausta que tudo que queria era que esse sonho fosse verdade. Queria deitar, esticar as pernas e comer. Comer qualquer coisa. Dormir sem medo. Era pedir demais?

Carlos se aproximou da entrada, mas não entrou. Ao invés, virou à direita e tentou olhar por uma das janelas para dentro do hotel. Ele olhou para trás e fez que não com a cabeça; ou seja, nada. Não arriscaria ir pelo outro lado. Continuei atrás

dele, empunhando minha muleta.

Carlos repetiu a olhadela na próxima janela. Olhou para mim e fez novamente que não, ou seja, nenhum movimento. Movendo-se como um lince, ele averiguou janela por janela, cinco ao todo, e só então desceu a arma.

— Ninguém? — Perguntei em um sussurro.

— Acho que não.

Ele olhou pela última vez ao redor, mirando a carcaça de algumas vacas abandonadas no pasto, mortas certamente de sede. Enfiou a arma novamente sob o cós da calça e exalou, cansado.

— Parece realmente abandonado.

— Então vamos entrar. Está escurecendo depressa.

Sobre nós, o céu ficava cada vez mais escuro. A chuva cairia em breve, e queria estar abrigada para a noite.

— Parece um bom lugar para pernoitar, desde que não tenha uma dúzia de hóspedes mortos lá dentro — ele disse.

Na ponta dos pés, tentei enxergar pela janela.

— Não tem ninguém aí dentro. — Falei.

— Como pode ter certeza?

— Está vendo ali? — Apontei para o caminho

entre a sala e a cozinha. A luz do dia incidia das janelas, acentuando as lâminas de madeira do chão. — Haveria um caminho no chão se houvesse algum esfarrapado ali dentro. Está tudo coberto de pó.

Ele parou ao meu lado e limpou o vidro com a lateral da mão para ver melhor.

— Acho que você tem razão.

Uau. Assim que ele se afastou, voltei a olhar para dentro, estranhamente animada. Era a segunda vez que ele concordava comigo em questão de minutos. Ele caminhou até a porta dos fundos e eu o segui. Ao checar os trincos, vimos que alguém trancou a porta por fora com um enorme cadeado. Provavelmente alguém achou que o contágio seria controlado, e planejou retomar os negócios algum dia.

Algumas pedradas depois, o cadeado caiu aos nossos pés.

O cheiro era claustrofóbico e úmido, como todo local fechado durante muitos meses. Ele empunhou novamente a arma, pronto para investigar o lugar, quando pousei a mão sobre o seu braço. Ele se sobressaltou. Sua sobrancelha pesava sobre os olhos claros, sem entender meu gesto. Tirei minha bolinha da mochila e mostrei-a a ele. Não

PERIGOSAS NACIONAIS

costumava revelar meus segredos, mas esse era um dos pequenos.

Lancei a bolinha para dentro do hotel, acompanhando sua trajetória. Seu olhar inicialmente era de incredulidade, mas quando a bola começou a emitir sons e piscar, ele entendeu para que ela servia. Por um minuto esperamos. Sem ouvir qualquer ruído, decidimos que era seguro entrar.

Era delicioso ver sua cara de 'dono da verdade' se transformar. Quando finalmente o orgulho permitiu que ele me encarasse, havia um pouco de tudo em seu rosto. Mas o que mais gostei de ver foi a surpresa.

— A casa está segura — Avisei.

Ele entrou desconfiado, mas sabia melhor do que eu que a luz e o ruído atrairiam qualquer viral do lugar. Fechei a porta notando que a chave estava no trinco, na parte de dentro. Olhei para trás e o vi mais adiante, checando a sala. Tirei lentamente e sem ruído a chave da fechadura e guardei-a no bolso. Estava novamente sozinha com um estranho, que abertamente avisou que precisava de mim para se aproximar de Vicente. Essa chave poderia vir a calhar.

PERIGOSAS ACHERON

— Alice?

Segui sua voz, coletando a bolinha e voltando a colocá-la na mochila. Carlos voltava da ronda pelos cômodos inferiores.

— Ninguém pisou nesse hotel nos últimos meses. Pelo menos, não aqui embaixo.

Com um gesto de vitória, celebrei a notícia. Mal podia esperar pra começar a procurar comida.

— Vou dar uma olhada nos quartos lá em cima — ele avisou. — Fique aqui e não abra nenhuma porta.

— Até parece que ficarei aqui. Vou com você.

Ele não discutiu comigo, era realmente mais seguro ficarmos juntos. Subimos as escadas, ele na frente, eu atrás. Não queria pensar no que poderia significar alguém isolado nesse lugar, preso aqui porque alguém prometeu voltar e nunca voltou. Não me espantaria se descobrisse que alguém trancou outro ser humano em um hotel fazenda afastado de tudo. Tinha visto o suficiente para saber que essas pessoas existiam, e pela lei de Murphy, estavam vivas e bem.

O segundo andar estava às escuras, e cheirava fortemente a mofo. Goteiras vindas do teto espalhavam água e apodreciam aos poucos o

carpete, agora manchados de largos círculos escuros de bolor.

Havia dezenas de quartos, dezenas de portas.

— Elas deveriam estar todas trancadas, não acha? — Perguntei atrás dele.

— Vamos ter que conferir.

Carlos era dos meus. Soraya diria, aqui, que deveríamos manter distância desse andar e ficar no primeiro, mas não conseguiria dormir se soubesse que um viral poderia estar sob o mesmo teto que eu. Eu e Carlos nos dividimos. Eu fui para um lado do corredor e ele para outro. Tentei abrir uma porta, e nada. A maioria delas, como imaginamos, estava trancada. Apenas um quarto estava aberto, e nesse ele entrou com a arma em punho, enquanto aguardava do lado de fora, vigiando o corredor. Não demorou para ele sair, fechando a porta.

— Nada. Não há viva alma nesse hotel.

O alívio foi tão grande que soltei o ar em meio a uma risada. Para meu completo espanto, ele riu também, e por um segundo — um único segundo e nada mais que isso — o sorriso bonito encheu o lugar de luz.

Abaixei a cabeça, estranhando minha admiração e o calor das bochechas. Carlos era um

PERIGOSAS NACIONAIS

homem bonito. Cruel, distante, sofrido - mas bonito.

— Bora ver se tem comida nesse hotel — ele disse passando por mim, enfiando a arma dentro do cós outra vez. Se eu fiquei encabulada com o momento feliz, ele ficou também.

— Alguém disse comida? — respondi, seguindo-o feliz, sem acreditar que teríamos peixe fresco para o jantar.

PERIGOSAS ACHERON



ALI

A LUZ do dia estava fraca, e as tentativas de pescar com a vara improvisada falhavam miseravelmente. Carlos decidiu então o óbvio. Se Maomé não ia à montanha, a montanha precisava ir até Maomé.

Ele cruzou as mãos na frente da barriga, agarrou a borda da camiseta surrada e a tirou por cima da cabeça. Quase engasguei ao ver os sulcos da barriga definida, cujo caminho de pelos descia do peito largo até o V proibido, escondido sob a calça.

PERIGOSAS ACHERON

Talvez por achar que estava diante de alguém com pleno domínio de suas capacidades, ele jogou a camiseta para mim. Como eu não era esse alguém, ergui os braços só para ver a camiseta vazar por eles e cair no chão. Ele me distraiu.

Ele tirou a calça, as botas e parou na minha frente só de cueca, com um olhar estranho. Um misto de surpresa agradável e ligeira incompreensão.

— Pode segurar para mim, por favor?

Lentamente assenti, estranhando que aquele vilão pudesse mexer fisicamente comigo. Mas o vilão estava disposto a mergulhar naquele lodaçal para trazer comida, e eu não podia estar mais agradecida. Ele pulou atrás dos peixes com um sorriso divertido no rosto — o primeiro que o vi dar até o momento —, e precisei usar cada segundo dos muitos que ele sumiu sob a água para abaixar os pelinhos arrepiados do braço. *Eu vi o que vi ou a fome andou mexendo com as minhas ideias?*

Ele era ainda mais forte que Max, e insanamente bonito. Tinha mais cabelo no peito, nos braços, nas pernas. Seus músculos eram mais inchados e trabalhados, como se ele tivesse mantido o hábito de levantar peso nos últimos

tempos. A animosidade do começo do dia, que o colocava na categoria de monstros, havia diminuído consideravelmente. Era desconfortável tirá-lo da categoria de malvado, porque não sabia agora onde colocá-lo.

Com uma explosão, Carlos saltou da lagoa atrás de um peixe escorregadio, que se debateu contra o seu peito. Era impossível não rir da cena, e aproveitei a visão para ter pensamentos despreocupados sobre o *frisson* que esse homem causaria entre minhas alunas de Ioga. *Ah, vocês adorariam ver como a cueca fica transparente quando molhada, meninas.*

Suas tentativas de agarrar uma carpa gorda e alaranjada e mantê-la firme contra o peito era hilária. Seus músculos se transformavam à medida que ele tentava segurá-la, ora mais tensos, ora distendidos, e os gomos da barriga chapada pareciam uma pedreira contra a qual o pobre peixe se debatia. Mais ao sul, o algodão transparente mostrava com detalhes o volume indecente entre as coxas maciças. Fios castanhos escapuliam dos cantos da cueca, e eu precisei evitar a cena para me recompor.

Era errado sentir-se absurdamente atraída pelo

seu pseudo-sequestrador?

Era, Ali.

E do mesmo lugar que vinha essa conclusão ajuizada, vinha também a sensação de estar sendo desleal. Mas desleal a quem? A Max? Aquele covarde que teve a chance de me salvar e não salvou, e planejava me usar para chegar a Vicente? Recusava-me a me sentir mal por causa de uma noite com um estranho mentiroso. Simplesmente me recusava.

Não estávamos mais entre gente boazinha — os bonzinhos tinham virado comida —, nem sob o julgo da tribuna pública da sociedade. Caso o mundo soubesse que me sentia tão atraída por um assassino, eu seria taxada de louca, ou de alguns nomes do reino animal.

Mas tanto a tribuna quanto os animais estavam mortos também. Eu só sentia culpa porque gostei mais do que devia da noite passada com Max.

A cena perdia totalmente a graça quando pensava que minha mãe poderia estar viva se ele tivesse interrompido as loucuras de Vicente e me deixado partir. Minha irmã poderia ter escapado, porque eu não as deixaria ficarem para trás. Eu só precisava de uma única boa ação naquela época

para fazer a diferença.

Indiferente ao amargor que tomou conta de mim, Carlos ergueu um peixe gordo nas mãos. O bichinho se balançava entre os seus dedos, coitado, mas só conseguia pensar na alegria de degustar cada pedacinho de sua carne branca. Dei saltos de alegria quando ele sorriu para mim, orgulhoso por ter pescado um peixe com as próprias mãos. Era quase impossível não saltar sobre ele e vibrar pela comida. Segurei em seus braços imensos e molhados e estalei um beijo na lateral de seu rosto, sem ligar que ele cheirasse a lama.

Ele sorriu, encabulado.

— Você limpa o peixe enquanto me lavo? — perguntou.

— Claro.

Mas então me lembrei que não sabia limpar um peixe. No mais, me faltava a coragem para matar o bichinho.

— Você pode matá-lo antes? — perguntei, estremecendo ao pensar em tirar sua vida. — Acho que não consigo. Tenho pena.

O mercenário assassino talvez não fosse tão mercenário (embora assassino) assim, porque respondeu:

— Também tenho pena.

E por uns instantes o peixe ficou ali, morrendo aos poucos, sem que nem eu nem ele tivéssemos coragem de encurtar sua agonia. Até que por misericórdia - e fome - levei-o até a cozinha, pousei-o sobre a pia e remexi em algumas gavetas atrás de uma faca. Assim que achei uma, olhei para os olhos redondos e assustados do bichinho com piedade. Tentei dizer a mim mesma que a lagoa sem predadores estava fadada a se exaurir em si mesma, e aquela era a lei da vida — embora houvesse cada vez menos vida ao redor.

Então desci a faca e fiz o que precisava fazer.

CARLOS VOLTOU do banheiro secando o cabelo na toalha. Seu cheiro, ao se aproximar, era de shampoo de hotel. Eu também já tinha me livrado do cheiro de peixe cru, das escamas e das tripas do bicho, lavando a mão com um dos muitos garrafões de água estocados no canto da cozinha.

Ao vê-lo sem camisa, fugi com os olhos para a panela. O peixe estava limpo e partido ao meio, à

espera de fogo. Não fazia ideia como acender o fogão. Havia gás, eu podia sentir, mas não achei fósforos. Infelizmente meu fogo não acendia fogões.

— Onde está minha camisa?

— Coloquei dentro de um balde para lavar.

Ele ajeitou o corpo, largo e bonito.

— Minha cueca também?

Olhei de relance para a sua calça.

— Ela também.

Ele passou por mim, fingindo não ter visto minha cor de tomate. Levando o dedo sobre o peixe, experimentou o tempero: — Hm. Bom. Achou tudo isso aqui?

Apontei para o armário, fazendo que sim.

— Só não achei fósforos.

— Precisamos de fogo. Em algumas horas vai anoitecer e é bom achar velas também. Já procurou em todos esses armários e gavetas?

— Todas elas.

Ele passou por mim e seu cheiro dançou no ar, me provocando. O mantra continuava firme e forte na cabeça: *nem pense nisso, Ali. Nem finja que não está pensando, porque sei que está.*

Na busca por fogo ele acabou abrindo um

PERIGOSAS ACHERON

armário que parecia trancado, alto demais para eu alcançar, e lá havia comida. Um estoque de latas, temperos, caixas de leite que ainda podiam ser usadas, e grãos. Lentilhas, feijão. E entre aqueles itens de sobrevivência, algo extraordinário.

Ele mal conseguiu me dar as boas novas. Atropelei-o e tirei o vidro de suas mãos, investigando o rótulo para ver se era de verdade:

— Vinho!?

Ele sorriu enquanto tirava de um cesto uma caixa de velas e outra de fósforos, mas quem ligava para fósforos quando se tinha vinho? A vontade de abraçá-lo foi tanta que precisei repetir o mantra outra vez, só que dessa vez acabei dizendo-o em voz alta:

— Nem pense nisso, Ali.

Ele me olhou, perplexo. Estava claro que soltei algo que estava pensando. Meu rosto acendeu como uma sirene, e virei em direção ao fogão para aquecer a frigideira.

Fala sério, sua biruta.

Ele saiu de perto desarrumando o cabelo, fingindo não ter entendido o que falei. Checou as janelas uma a uma, conferindo se o pátio continuava livre de infectados. Depois decidiu

procurar os pratos, abrir a geladeira — para fechala imediatamente em seguida — e mil outras coisas que o impedisse de me encarar. Mas ele me ouviu, e sabia exatamente no que eu estava pensando.

Comemos em silêncio, matando a fome. Lembrei do macarrão compartilhado com Max enquanto tirava alguns espinhos da boca, sem coragem de encarar Carlos. Uma pontada de arrependimento - bem pequenininha - crescia à medida que a noite caía junto com a chuva que o céu prometia. Carlos continuava a comer devagar, e encarei o fato de não olhar para mim enquanto comia um bom sinal. Se ele fosse um tarado, se aproveitaria da abertura que dei. Ele parecia o oposto. Parecia não ter interesse algum em flertar comigo.

Afastei o prato, satisfeita. Ele continuava a comer, lambendo de vez em quando os dedos, atento à própria comida.

— O que faremos agora? — quebrei o silêncio.
— Você disse que tínhamos algumas horas de vantagem sobre o grupo. Não acho que temos mais essa vantagem, já que dormiremos aqui.

— Não sabemos o que aconteceu com eles. Mas de qualquer maneira precisamos achar um carro nas

imediações. Só chegaremos a Petrópolis com um veículo.

— Como pretende chegar até esse... esse lugar em Petrópolis? Assim que Vicente souber que você me sequestrou, seus homens atirarão em você antes mesmo que se identifique.

— Não se eu mostrar que estou com você.

Segurei o ímpeto de me decepcionar com sua resposta.

— Ah, entendi. Sou seu escudo, agora.

Ele me encarou pela primeira vez durante o jantar. Seus olhos estavam ainda mais cinzas, e seu rosto uma perfeita incógnita. Ele não negou nem tentou melhorar. Claro que eu era seu escudo. Seu escudo, sua chave, sua moeda de troca.

Peguei meu prato e larguei-o dentro da pia, deixando a cozinha. Ele continuou sentado na cozinha, em silêncio, movendo a ponta do garfo sobre a madeira da mesa.

Entrei no quarto que dividiremos durante a noite — um quarto comum de hotel, com duas camas de solteiro — e me lembrei que precisava de uma coberta. A chuva fina trouxe o frio típico de regiões cobertas por florestas. Caminhei pelo corredor procurando o roupeiro, e achei uma pilha

de colchas dobradas e com cheiro de mofadas dentro de um armário. Achei outra coisa, também. Algo interessante, e que poderia ser de enorme valor no futuro.

Olhei pela quina da porta e vi que ele continuava na cozinha. Abri o material, feliz por aquilo ser exatamente o que pensei que fosse: uma rede de camping. Dessas de nylon, que pesavam quase nada e, dobradas, ficavam do tamanho de um moletom. Na ponta dos pés, andei até meu quarto e coloquei-a dentro da minha mochila. Em seguida peguei minhas coisas e me tranquei no banheiro, onde tomei o banho que desejava ter tomado ontem.

Já estava escuro quando ele entrou no quarto que dividiríamos naquela noite. Estava enfiada debaixo da coberta, tentando me esquentar do banho frio, e quando ele entrou, fingi estar dormindo. Ele colocou algumas coisas pessoais na mesinha de cabeceira, ao lado da vela acesa. Sua figura estava dourada pela luz, a pele nua arrepiada pelo ar frio. Sua sombra se projetava imensa na parede.

— Está com raiva de mim? — Ele perguntou.

Continuei fingindo que estava dormindo, mas

PERIGOSAS NACIONAIS

ele se sentou no chão, perto demais para não ver que abri um olho para ver onde ele estava. Virei para a parede, irritada.

— Você não ficaria?

— Eu só preciso de você para chegar até ele. Depois disso ele estará morto, e você, livre.

Virei de novo para encará-lo, achando pelo menos dez furos no seu plano.

— Correção: ele e você estarão mortos. Eu e minha amiga estaremos nas mãos daqueles mercenários que vieram atrás de nós. Você sabe o que andam fazendo com mulheres, ultimamente.

Ele abaixou os olhos sem ter como se defender, sabendo que meu destino não seria bonito na mão deles.

— Se sabe que a missão é suicida, porque insiste nela? — perguntei, sem entender. — O que Vicente te fez de tão grave?

Em resposta ele ergueu a mão e mostrou que trouxe a garrafa de vinho. Desisti de tentar fingir que estava dormindo e me sentei na cama. Adoraria ter outra coisa para vestir que não fosse outra camiseta estúpida e os mesmos jeans, mas isso era tudo que eu tinha. Ele derramou o líquido no copo, e o líquido brilhou, vermelho, sob a luz da vela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele acabou com a minha vida. — Carlos respondeu, com uma calma tanto estranha quanto perigosa. — E se é a história que quer ouvir, é melhor eu começar a me embebedar primeiro.

PERIGOSAS ACHERON

21



O LÍQUIDO vermelho brilhava sob a luz da vela. Por minutos bebemos como se estivéssemos no mundo de antes: cobertores jogados sobre as pernas, vinho, velas, frio. Um casal se conhecendo durante uma noite nas montanhas, sem qualquer indicação de que o mundo lá fora tinha acabado, e que a relação entre as duas pessoas tão próximas era a de sequestrador e sequestrada.

O álcool ajudava a amansar a raiva e esquentar o corpo, e precisávamos nos esquentar. Com o fim da chuva veio a neblina, tão densa que a casa parecia estar imersa em meio a nuvens. Sem luz ou aquecedor, o frio que entrava pelas frestas deixava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

o quarto do hotel congelante. Carlos tinha uma coberta ao redor do peito, e o olhar perdido em um ponto da parede.

— Eu tinha família — ele começou, sem rodeios. — Antes de tudo ruir.

O vinho mal tinha atacado as sinapses e a cabeça deu um tranco de volta para a realidade. Uau.

Ele levou a mão ao bolso e tirou dali uma foto amassada. O coração apertou ao ver uma mulher bonita e sorridente ao lado de um homem inteiro, feliz — e não o alquebrado sentado na minha frente. Mas o que me partiu o coração foram as duas meninas do mesmo tamanho e roupas idênticas, abraçadas às pernas dos pais.

Devolvi a foto nauseada, sem querer voltar às minhas próprias lembranças.

Ele guardou a foto no bolso e recostou na cama. Levou o braço musculoso até a nuca, ajeitou a cabeça sobre a mão e olhou para cima. Os olhos pareciam estar no teto, mas sei que estavam longe, revisitando alguma memória feliz. Tentei não imaginar que memória seria essa, ou imitar seu gesto. Queria distância das minhas memórias, no momento.

PERIGOSAS ACHERON

— Quantas pessoas te disseram que sentiam muito? — perguntei depois de algum tempo, quando o silêncio ficou tão insuportável que preferia ouvir sua resposta a continuar ouvindo as vozes do meu passado.

— Muitas.

Ergui a taça, indicando que ele tinha mais uma à frente. Por um tempo não dissemos nada, por pura falta de vontade de falar. Mas todos sentíamos muito. Por nós, pelos outros, pelo mundo. Ele sabia que me sensibilizava pela sua história pelo jeito que o olhei. *Eu te entendo*, era o que os meus olhos falavam, mas, na verdade, eu não entendia. Tínhamos como saber a dimensão da dor do outro? Entender o que a perda representou para alguém? Acho que não. O sofrimento era um caminho que trilhávamos sozinhos.

— Foram os virais?

Ele fez que não.

Essas eram as piores histórias para mim.

— Eu trabalhava para Vicente — ele começou.
— Era um administrador do hospital sem qualquer contato com ele ou outra pessoa relevante na corporação, até que um dia entraram em contato comigo. Disseram que estavam oferecendo *check-*

ups para os filhos dos funcionários, e que as meninas tinham sido escolhidas para uma avaliação completa.

Minha respiração, em suspenso, parou de vez. Pensei nas duas crianças idênticas, sem acreditar que Vicente seria tão...

Carlos pegou ar. Seu peito subia e descia, tenso, enquanto os olhos miravam um ponto aleatório.

— Meses depois da tal avaliação, Livia, uma das gêmeas, começou a passar mal. Daí foram meses tratando as duas, - ou assim eles me diziam - para tentar descobrir o que estava errado com uma delas.

O silêncio que se seguiu foi doloroso. Mas tomei coragem para perguntar:

— Por favor, não me diga que...

Jesus amado. Quantas vezes fui ao hospital para visitar Alma, e fui convencida pela equipe a doar sangue e ser avaliada "para nos ajudar a entender o que estava acontecendo com ela?" Que eles pudessem ter causado a doença nas crianças — e feito algo comigo — me embrulhava o estômago.

Olhei para Carlos, confessando:

— Também tive uma irmã gêmea. E ela também foi tratada pela equipe de Vicente.

Seus olhos se abriram, surpresos. Logo suas sobrancelhas pesaram ainda mais sua expressão, enrugando a testa. Dei mais um gole no vinho, constrangida. Ele achava, até o momento, que eu era namorada de Vicente — embora eu tivesse sido clara que queria distância dele. Que eu também fosse uma cobaia me trazia para perto de sua dor.

Lembrei das vitaminas que Vicente me fazia tomar. Das manhãs em que acordava me sentindo grogue, como se tivesse sido dopada na noite anterior. O coração batia tão alto no peito que o ouvia bater ao redor. Como se a própria casa pulsasse comigo, chacoalhando tudo à volta. Ele não fazia ideia do terror que passei ao lado do meu 'namorado' riquinho, e como havia sido mantida encarcerada em sua casa.

— Acho que ele me usou para alguma coisa — falei, incerta. Era difícil acreditar naquilo. Até então achava que as drogas que me dava eram para me manter na casa, e não porque fazia testes em mim. Embora, no fundo, sempre tivesse pairado uma suspeita sutil.

— Eu não *acho* — ele me corrigiu. — Eu *sei* que ele te usou, como sei que usou minhas filhas.

Os dedos formigavam ao redor da haste da taça,

como se tivessem perdido a sensibilidade. O gosto na língua era amargo. Carlos exalou, arrastando as mãos no rosto.

— Você sabia disso enquanto estava com ele? Que ele estava usando gêmeos para fazer testes? Que se aproveitou da estadia da sua irmã no hospital para testar algo em vocês?

— Isso é ridículo — falei em uma última tentativa de trazer algum senso àquela conversa. O que aconteceu comigo pouco tinha a ver com as acusações que ele estava fazendo. Admitir que Vicente pudesse adoecer uma das crianças para poder "tratá-la" enquanto testava a mesma cura na outra era de uma vilania inimaginável. Pensar que ele pudesse ter feito o mesmo comigo me fazia ter vontade de vomitar. — Claro que eu não sabia.

Ele não parecia convencido:

— Ele estava pesquisando uma cura para esse vírus que acabou com tudo. Há alguns meses, eles já sabiam da pandemia, e estavam tentando criar vacinas. Não alarmaram a população, não envolveram as autoridades. Achavam que conseguiriam criar uma cura e lucrar com ela, quando o caos se instalasse.

— O que acha que ele fez com a minha irmã, e

com sua filhas? — perguntei com um fio de voz, dando uma chance à ideia.

— Não sei. Mas sei que Livia morreu. E depois, minha esposa e Lavínia sofreram um estranho acidente de carro, em uma estrada onde que jamais passavam. Morreram sozinhas, entaladas entre as ferragens.

O álcool, aos poucos, ia incendiando o cérebro, liberando o que costumavam liberar nessas ocasiões. Raivas. Indignação.

Sensações rebentavam nas sinapses, disseminando ideias explosivas. Bebi o resto do vinho e pousei o copo ao lado. Carlos ainda tinha as vistas fixas na parede, o rosto retorcido e congelado uma careta de ódio.

— Sinto muito pela sua perda, Carlos. Espero que consiga acabar com a raça de Vicente.

— É o que pretendo.

— Não mostre piedade.

— Não é minha intenção mos...

Ele não terminou a frase. Um estalo seco do lado de fora da janela trouxe silêncio imediato ao quarto. Carlos paralisou, como eu. Havia alguém do lado de fora ou foi só um galho?

Agimos como se tivéssemos treinado nossos

passos. Ele empurrou os copos para debaixo da cama e eu puxei a coberta de cima de nossas pernas, soprando a vela. O quarto caiu na mais profunda escuridão. Ele se ajoelhou ao meu lado e tateou ao redor até encontrar meus ombros. Enquanto eu calçava de qualquer jeito a bota, ele aproximou a boca do meu ouvido e sussurrou:

— Vou erguer o cobertor da janela para olhar. Se por acaso for um viral e ele arrebentar o vidro, corra para o segundo andar. Para o quarto aberto. De lá podemos escapar...

—... Pelo telhado — eu completei. Eu também pensei na possibilidade.

Ele levantou e eu também. Peguei a mochila e a coloquei nas costas, sem fazer barulho. Ele arrastou os pés até a janela e segurou na ponta do cobertor que colocamos na frente da janela para não atrair infectados com a luz. Não enxergava um palmo diante do nariz, mas sabia que ele estava virado para mim.

— Preparada? — Ele sussurrou.

Preparada.

Ele ergueu a coberta com todo o cuidado. Um novo barulho - dessa vez mais perto - nos fez saltar no lugar. Havia alguma coisa do lado de fora.

Lembrei de ter visto um balanço na varanda, desses suspensos pelo teto; o vento poderia estar mexendo nele, mas não naquela cadência.

Meu coração batia tão forte e rápido que achei que não conseguiria mover as pernas. Carlos tentou olhar pelo canto para ver se enxergava quem estava ali, mas se aquilo que estivesse do lado de fora nos enxergasse primeiro, estaríamos encrencados.

Minhas extremidades estavam geladas quando o senti pegar minha mão.

— São muitas janelas. Vamos para o segundo andar.

Saímos do quarto de mãos dadas, e subimos a escadaria. Se algo arrebentasse as janelas, estaríamos cercados ali embaixo. Lá fora o vento mexia na copa das árvores, trazendo um ruído sombrio. Era perturbador ouvir o ranger de correntes do balanço da varanda.

Entramos no único quarto aberto do segundo andar e fechamos a porta. Arrastamos uma mesa até ela com todo cuidado para não fazer barulho e sentamos na cama, os olhos fixos na porta escura, como se aguardássemos algo. Mas o quê? Não sabíamos.

Por mais de uma hora, tentamos ouvir ruídos,

PERIGOSAS NACIONAIS

mas o silêncio voltou a cair sobre a fazenda. Abri a janela e investiguei o telhado, descobrindo que poderíamos saltar mais adiante sobre uma garagem anexa nos fundos, caso quiséssemos fugir. Se o que estivesse do lado de fora fosse vivo, era a rota mais segura. Mas na segunda hora o barulho cessou por completo, o balanço não rangeu mais e os músculos começaram a relaxar.

Não sei em que momento deitei na cama e exalei, aliviada. Não demorou um segundo para Carlos deitar ao meu lado e exalar também.

O frio continuava inclemente, mas meus tremores eram de excitação, de adrenalina, de alegria besta por estar viva. Era a alegria reconfortante do "não foi nada, só um susto". Ao meu lado eu o ouvi soltar um riso aliviado. Alarme falso.

E enquanto as vias neurais perdiam o brilho do passeio do vinho e os neurônios deixavam de reagir em fúria, olhei para o lado. Acabamos parados na mesma cama, trancados em um segundo quarto. Corri os olhos por ele, sem acreditar que ele estava aguentando todo aquele frio sem camisa. Virei de lado e apoiei a mão em seu peito nu, encostando nos mamilos arrepiados.

PERIGOSAS ACHERON

— Pelo amor de Deus, como consegue se manter quente assim nesse frio?

Ele olhou para mim, surpreso pelo toque. Não sei o que fazia para continuar uma caldeira enquanto tudo ao redor estalava de frio, mas sua simples presença esquentava aquele lado da cama. E logo me senti mais quente, também.

Eu devia ter recolhido a mão, mas era bom esquentá-la ali. Estava escuro demais para ele testemunhar minha curiosidade pelos fios escuros e de aspecto macio de seu peito? Ou o fato de ainda estar com as mãos sobre eles me denunciava?

Era estranho explicar a euforia do momento, e o que ela desencadearia. Achei que estivéssemos para ser atacados, por si só uma adrenalina extra à conversa sufocante de antes, quando raiva e revolta se misturaram à tristeza sem fim. E então, o susto, e o medo de que teríamos que lidar com a fuga de uma horda faminta. Mas cá estávamos nós, vivos e aliviados. Era impressão minha ou seu peito espetacular estava subindo e descendo mais rápido, e sua temperatura, só aumentando?

Que maldade seria perder aquele momento. Até porque sei o que aconteceria amanhã, independente da noite.

Tirei a mão de seu peito, mas não por constrangimento. Apoiei o rosto nas mãos e os cotovelos na cama empoeirada, sem deixar de olhá-lo. Ele também se virou, os olhos ainda mais malvados em mim.

Que grande besteira estamos prestes a fazer. A euforia provocada pelo vinho me renderia amanhã uma baita dor de cabeça, além de nuances diversas de arrependimento. Mas quer saber? Não havia ao redor um único motivo para me impedir.

— O que está fazendo? — ele perguntou.

— Eu? Nada. Olhando para você.

— Por que?

Minha resposta foi sorrir. Por que olhamos para as coisas bonitas? Não tem porquê.

Ele se aproximou de mim arrastando-se na colcha, o peito crescendo em tamanho sobre mim. Senti suas pernas encostarem nas minhas, olhando-o daquele jeito que não devemos olhar alguém caso queiramos dormir sozinha.

— Tem certeza? — Ele perguntou, rouco, surpreso mas não confuso.

Certeza se quero sua mão correndo por mim? Se quero sentir sua pele colada à minha?

Balancei a cabeça, fazendo que sim. Sem

PERIGOSAS NACIONAIS

pensar duas vezes, ele inclinou o rosto sobre o meu
e me beijou.

PERIGOSAS ACHERON



MAX

ELES JAMAIS PODERIAM VIR pela rodovia, não com esse número de carros saqueados travando o caminho. Também precisariam tomar cuidado para não serem avistados pelos outros soldados, por isso certamente viriam pelas estradas de terra laterais, livres de fluxo e mais fácies de serem transpostas. E era por elas que eu dirigia. Atento às marcas de pneus, aos sinais de luta ou emboscadas, e, principalmente, de olho nos virais que surgiam do nada e saltavam na frente do carro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

À medida que a SUV passava rugindo por eles, pensava entristecido no que aconteceu com o mundo. Onde foi que erramos? Quando consideramos o lucro acima da vida, e abrimos precedentes para todo tipo de abuso? Quando resolvemos brincar de Deus e mexer na ordem das coisas?

Esperamos demais para avisar à população por medo do caos. O caos poderia nos atingir, então escondemos até o ponto em que o mundo inteiro ruiu. Aí fomos todos atingidos.

E no meio do cenário triste e abandonado, lembrei dela. A garota que sobreviveu a tudo que a arrogância de Vicente achou que podia comprar. Ele acreditou poder controlá-la, só porque a cercou de todas as formas, presa e isolada dentro de seus muros altos. Mas ela escapou. Com criatividade e resiliência, coisas que gente mais forte que ela não conseguiu. Com a incrível incapacidade de fuga de quem não desejava estar preso.

O sinal no localizador finalmente apareceu, e cheguei a parar o carro para respirar aliviado. Achei, por um tempo, que a tivesse perdido. O localizador portátil era pequeno demais para captar o sinal de longas distâncias, mas não esperava viver

PERIGOSAS ACHERON

com ele um jogo de está-quente, está-frio. Eu dirigi quilômetros até perceber que o sinal estava enfraquecendo; retornei, e perto do posto da polícia rodoviária na fronteira com o estado do Rio, ele recomeçou a piscar.

O problema? Ela não estava longe, assim como seu raptor. Segui pela estrada de terra com os faróis desligados, sem enxergar praticamente nada. Onde ia dar aquela estrada? Não fazia ideia do porque entraram ali. Mas o sinal continuava forte, sinal de que ela estava ali - na verdade, de que o localizador estava em sua botina. E enquanto ela não se livrasse do sapato, poderia achá-la.

Em algum momento notei que o chão deixou de ser de terra e passou a ser de bloquetes. Estava chegando a algum lugar. Desliguei o carro e ele continuou a deslizar macio sobre a rua de pedra, atento ao que havia ao redor. Passei por uma placa e freei de modo brusco. Soltei o cinto, pulei para o lado do carona e abri a porta, atento aos ruídos. O som de grilos era ensurdecador. O mundo se estendia escuro tanto no céu quanto na terra, milhares de estrelas perdidas sobre nós e uma névoa baixa no chão. Abri a porta, me encolhendo ao ouvir o pi-pi-pi da porta aberta, certo de que, se

havia um viral por perto, seria atraído pelo ruído.

Corri até a placa olhando para os lados e afastei o mato da frente para tentar ler.

*Você chegou à Estância ecológica Vila da Mata.
Sejam bem-vindos!*

Voltei de ré até o carro, aproveitando a luz acesa dentro do veículo para ver o máximo que conseguia ao redor. Entrei no carro e fechei a porta, pensando no que aquilo significava. O sequestrador deve ter trazido Ali para cá. Ou Ali se livrou do sequestrador e chegou aqui. Não podia me arriscar a entrar na casa e enfrentá-lo - ele a tinha, e conhecia o lugar melhor do que eu. Mas também não podia esperar, porque ele poderia estar sendo cruel com ela.

Não fazia ideia do que fazer. Se dirigisse até lá, ele me ouviria chegando. Se deixasse o carro aqui, ele o veria assim que amanhecesse. Ao mesmo tempo, deixar o carro aqui e andar até lá no escuro seria loucura - esse lugar podia estar infestado de virais, e eles me achariam rápido pelo cheiro.

Por algum tempo analisei as possibilidades. No

PERIGOSAS NACIONAIS

aguardo de que algum infectado se aproximasse, ou alguma ideia viesse em meu socorro. Às vezes abria a porta com a chave na ignição e o carro apitava baixo, e voltava a fechar a porta. Naqueles segundos, o ar frio embaçava o interior do carro e me fazia tremer de frio, mas nada aparecia. Nenhum infectado. Repeti várias vezes o gesto - a princípio, temeroso de que uma horda me engolissem, por fim, curioso, só para me certificar de que não havia realmente ninguém ao redor.

Era inacreditável. Que eles tivessem encontrado um lugar seguro para passar a noite me inquietava e aliviava ao mesmo tempo. Decidi, então, que podia me arriscar a andar até lá, e tentar vê-los antes que me vissem. Quem sabe, se eu a encontrasse sem ele, poderia trazê-la comigo sem despertá-lo?

Dei ré no carro e o embrenhei em uma curva na estrada, longe da estradinha principal. Estacionei o SUV em um canto onde não podia ser visto de quem passava pela estrada, e deixei-o para trás, caminhando no escuro, em direção ao hotel. Quase não havia mais gasolina nele, de qualquer forma. Ele não poderia nos levar muito longe.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



ALI

QUANDO CARLOS AVANÇOU, veio como um trator. Fiquei com medo de ter desengatilhado alguma coisa nele que não seria capaz de interromper, e estava certa em temer: eu não teria como interrompê-lo. Carlos era enorme, sólido, compacto. Uma massa forte de músculos que permaneceria distante de mim se eu não o tivesse provocado. Que ele avançasse com tanta força me enchia de medo e tensão. Misturado ao perigo do que havia lá fora, minhas sensações viravam

PERIGOSAS ACHERON

pólvora. Ele me prendeu entre os joelhos — um deles apoiado entre as minhas pernas, o outro do outro lado — e meus braços foram mantidos cativos ao lado do corpo sob a força de seus dedos. Sua boca castigou a minha em um beijo áspero pela barba crescida. Ríspido e certo, ele segurou firme meus pulsos sobre a cabeça. Seus gestos eram brutos e explosivos, como se uma força há muito contida tivesse sido liberada de vez.

A aspereza da barba disparava choques elétricos em mim. O braço preso me inquietava e acelerava a respiração. Meus dedos escaparam de suas mãos e passearam pelos cachos escuros e crescidos do seu cabelo, subindo e descendo pela nuca quente, e depois por morros duros de puro músculo. As arfadas ficaram audíveis quando sua virilha pressionou com força a minha. Ele queria muito aquilo.

Ele me puxou pelas pernas e as encaixou ao redor do seu quadril. Afastou-se um pouco, só o suficiente para me olhar, e em seus olhos vi o puro fogo do tesão.

— Há quanto tempo não faz isso? — perguntei entre lufadas de ar.

— Muito tempo.

— Então é melhor pegar a camisinha.

Ele piscou, desconcertado. Camisinha? A palavra era tão comum, tão estranhamente civilizada em meio ao caos que ele paralisou. Entendi sua surpresa, mas alguém ali precisava pensar, e esse alguém era eu. Ele não sabia onde achar uma, mas, por sorte, eu sim.

— Na minha mochila — falei vendo meu próprio peito subir e descer.

Ele me libertou para pegar na bolsinha da frente uma camisinha que coloquei ali por puro desencargo de consciência, na época em que nem sonhava em ter dois belos soldados à disposição.

Enquanto ele fechava a bolsa e eu o observava em toda sua glória perfeita, agradeci à sorte por ter sido presenteada com dois deuses em pouco mais de dois dias. E isso tudo em meio ao fim do mundo.

Ele voltou e me encontrou deitada, os olhos arregalados sem nem mesmo piscar, fixos nos dele. Preferia acreditar que meu golpe de sorte fosse uma compensação pela vida romântica medíocre de antes, mas o fato é que se tratava da mais pura lei da oferta e demanda: havia mais valentões que garotas dando sopa, e, por sorte, me deparei com dois valentões legais. Que estavam, claro, pensando

PERIGOSAS NACIONAIS

apenas em si mesmos e me usando para atingir seus fins. Para quem estava há meses na seca, sem sexo, isso pouco importava.

Ele colocou a camisinha do lado e voltou a subir em cima de mim. Era tão bom ser olhada, e saber que causava nele o mesmo incêndio que causava em mim, mesmo que tudo que visse no quarto escuro fosse sua silhueta contra o teto azul marinho do quarto, e o brilho perigoso de seus olhos.

Ele segurou na borda da minha camisa e a ergueu até que ela saísse pela cabeça. Ela foi parar no chão, ao lado da cama. Enquanto alisava o peitoral macio, deixei que lutasse contra o fecho do meu sutiã. A peça saiu, descobrindo os seios, e ele dispensou alguns segundos em uma massagem que era mais reconhecimento do meu corpo que uma carícia. Ele não olhava apenas para mim, ele acompanhava cada uma das minhas curvas. Seus dedos passearam pela lateral dos seios, os polegares apertando os mamilos só para vê-los crescer sob seu toque. Não dava para saber no que pensava, mas, a cada centímetro de pele que ele explorava, eu suspirava mais fundo, e menos me interessava por seus pensamentos.

PERIGOSAS ACHERON

Ele chegou para trás, procurando no escuro o botão da minha calça. Ajudei-o a descê-la pelas pernas, levando a calcinha junto. Ele desabotoou a sua e se livrou dela, e, no próximo segundo, estávamos enroscados um ao outro, nus, sua boca ávida na minha, procurando tudo que podia dar com a língua.

E minha língua se entregou à dele, sem relutância. Enquanto ele explorava cada canto da minha boca com um beijo molhado, intenso e quente, sentia suas mãos deslizarem firmes pela minha cintura e pela bunda, e dali para o centro das pernas. Quando achava que ele fosse me penetrar com os dedos, ele voltava com a mão para as costas, iniciando tudo outra vez. Era enlouquecedor.

Arfei alto quando ele parou a brincadeira e levou os dedos até o meio de minhas pernas. Seu dedo foi encontrando o caminho até meu centro, e se embrenhou em mim. Parei o beijo e olhei-o, vendo que ele olhava para mim. Era uma posição estranha e erótica; suas mãos por trás da minha bunda, explorando meu íntimo molhado. Aquele foi o homem que comecei o dia odiando, e agora entregava o corpo a ele sem medo. Em seus olhos

vi só satisfação. Como se há muito não sentisse outro corpo junto ao seu, e estivesse adorando relembrar a sensação.

Ele me apertou, me trazendo para perto. Meu peito colou ao seu, os cabelos encaracolados fazendo cócegas nos mamilos. Ele mordeu meu pescoço uma vez, e voltou. Mordeu minha orelha, e voltou para me olhar. Ergui a cabeça dando-lhe acesso, e ele me mordeu outra vez, gentil, no ombro direito. No teto dançava a luz pálida da lua, refletida no lago. Seu dedo continuava a me penetrar afastando camadas e procurando pontos, passeando em círculos por locais sensíveis. Aquele dedo me mantinha no presente, o único lugar onde dava para morar hoje em dia. Ele cravou o dedo fundo em mim, e eu espasmei. Tirando-o, levou à boca, com um olhar pervertido. Fez outra vez. E outra. A cada vez que fazia aquilo, eu saltava na cama, assaltada pela crueza do gesto. Então ele me beijou, um beijo fenomenal e com cheiro de sexo que deixou minhas pernas bambas. Sua boca largou a minha depois de um tempo e sua língua desceu pelo pescoço, deixando um rastro de pequenas mordidas e lambidas cujo único fim era sentir meu gosto. Continuou a descer pelo vale entre os seios,

e faz uma curva para engolir um dos mamilos. Arqueei o corpo, me deliciando pela sensação. Ele chupava um com destreza, alternando entre chupadas fortes e lambidas fracas. O ar frio eriçou a pele úmida quando ele deixou meus seios em direção à barriga. Sua mão me ajeitou de tal modo que só poderia obedecer. Ele espalmou minhas coxas e eu as abri, me expondo para o que vinha.

Com a língua, traçou desenhos na parte interna da coxa, me fazendo agarrar os lençóis. Foi inevitável não pensar em Max e na noite passada. Mas espantei-o dali, ele não pertencia mais à minha vida. Me concentrei no que Carlos fazia — em como ele era bem mais bruto que Max, e sua pegada, mais malvada. Para Carlos, eu era um corpo feminino, e seu tesão estava em estado bruto, pouco lapidado. Era carnal.

Eu podia tentar gostar disso, me convenci. Uma relação sem amarras sentimentais. Só atração.

E quando me livrei das neuras, comecei a aproveitar o que Carlos começava a fazer em mim.

Eu mantinha os dedos agarrados aos seus cachos, respirando alto enquanto ele brincava com minha intimidade. Meus gemidos eram sinceros, despreocupados. Baguncei seu cabelo e o puxei

quando a chupada ficou vigorosa demais; aquilo só o excitou mais. Ele empurrava a língua áspera e quente contra o meu clitóris e o circulava, intenso, ali onde estava o ponto mais sensível, me fazendo largá-lo para agarrar a coberta. Embora estivesse incrivelmente excitada, sentia também uma certa pena desse homem quebrado, que me tomava como se eu fosse sua última chance de ter prazer no mundo. Sentia prazer e piedade, as duas coisas tão mescladas uma à outra que chegavam a ser indissociáveis e parecer a mesma coisa.

Uma última noite de amor, brutamente. Para mim e para você.

Ele não teve pressa alguma em sair dali debaixo. Ele me sugava e mordia, lambia se demorando em cantos sensíveis. Quando meus espasmos começaram a indicar o êxtase, ele segurou minhas coxas para me firmar no lugar. Sua cabeça estava entre as minhas pernas, suas mãos machucavam a pele das coxas. Estremeci em meio ao choque que me fez pular na cama e puxar seu cabelo. Só quando desabei, sem forças, ele soltou minhas pernas. Beijou minhas coxas, o clitóris inchado, cada banda da minha intimidade. Afundou uma última vez o nariz em mim e sorveu tudo que

minou do orgasmo enlouquecedor. Não sei quanto tempo eu demoraria para me recuperar do que acabou de acontecer. Espreguicei-me, algum tempo depois, sorrindo para o nada. Ele ergueu a cabeça, seus dedos brincando com a curva das minhas costas.

— Foi bom?

Foi tão bom que o empurrei para o lado e me coloquei de joelhos na cama, de frente para ele. Ele se colocou de joelhos também, me abraçando agora completamente, enquanto voltava a me beijar. Os ruídos de boca colando e descolando eram os únicos que ouvíamos naquela solidão quase completa. Ele agarrou as bandas da minha bunda e as pressionou contra o seu quadril, me lançando de volta ao jogo. Seu membro indecente queria entrar em mim.

Uma ideia vaga e distante cruzou a mente: o rosto de Max. Seria mentira se dissesse que ele não apareceu antes, e que o vi em alguns momentos ali, comigo. Carlos me deitou na cama e desceu o corpo com cuidado sobre o meu, ciente de que me amassaria sob seu peso se tombasse com tudo. Max novamente, todinho. Nem mesmo me sentia mal por isso, porque ali, naquele momento, sabia que

Carlos imaginava outro corpo também. Outra vida, outra chance com o que nunca mais veria.

A olhadela safada de Carlos ejetou Max para fora da cama.

Levei a mão até seu membro, sentindo-o com a ponta dos dedos. Ele era grosso e quente, macio como membros masculinos são. Ele fez o mesmo comigo, me encontrando prontinha, do jeitinho que ele me deixou. Melada ao toque e inchada de desejo.

Seu rosto era uma coisa linda, metade oculto, metade clareado pela luz fraca que vinha de fora. Seus beijos, brutos como ele inteiro era.

Carlos rasgou o pacote da camisinha, cuspiu do lado o pedaço metálico que tirou da embalagem e enrolou o látex sobre o sexo. Sua ânsia em me penetrar era tanta que quando ele deitou em cima de mim, me penetrou de vez. Cravei as unhas em seus músculos, arranhando seus braços. Soltei um silvo fino entre os dentes, sentindo um misto de ardência com calor, e ele iniciou um movimento de vai e vem.

Suas arremetidas eram brutas e secas. Seus dentes estavam travados, e ele tinha no rosto uma expressão feroz. Ele agarrou meu cabelo e fechou

os olhos, bufando. Uma película de suor cobria seu rosto e seu peito, deixando-o rústico, selvagem e até um pouco assustador. Ele metia tão forte em mim que me empurrava sobre a cama, me fazendo chegar em três arremetidas até a cabeceira. Segurei na madeira sentindo o corpo estranhar — e gostar — da brutalidade. Não tinha medo dele, eu sentia outra coisa. Espasmos elétricos irradiavam dali para o corpo todo. Sua urgência, o desespero do ato, de estar tocando um corpo depois de tanto sofrimento e dor, de querer chegar tão fundo dentro de mim que chegava a machucar tanto me comoviam quanto excitavam. E me excitavam muito.

Passei o dia sentindo essas correntes de energia subirem e descerem pela coluna, sentindo o perigo que era estar trancada com ele em uma casa, e agora elas extravasavam. Sentia minha vulva apertar e alargar, numa contração sublime que me levaria em breve a um segundo orgasmo. Minha barriga contraía com a sensação de calor que seu corpo pesado contra o meu causava, as batidas do corpo em contato com o meu me faziam gemer alto.

Eu segurava com força a madeira, a cabeça pressionada contra a cabeceira, a violência da

penetração me imprensando mais e mais contra o fim da cama. Ele tapou minha boca com a mão, rindo do gemido involuntário que dei — não pela penetração, mas pelo *bam bam bam* do ombro contra a cabeceira. Ri também, a risada abafada por sua mão pesada, mesmo que ele não tenha diminuído o ritmo ou amenizado as investidas. Ele me observou por um tempo como se estivesse distante, e eu o lembrasse alguém. Então se deu conta que era outra mulher junto dele, mas ao invés de se sentir frustrado, a força das arremetidas diminuiu. Suas feições enterneceram e o vai e vem se tornou menos seco. O ritmo do sexo virou o que chamo, sem qualquer presunção de estar certa, de *normal*.

Aquele brucutu sem coração sabia que eu não era 'ela', mas não descontava sua frustração em mim, em si ou no mundo. Ele simplesmente me aceitava, e por me aceitar, chegou ao ápice sobre mim, enquanto segurava minha cabeça firme contra seu peito.

Deixei que pensasse nela. Eu pensaria, se fosse ele.

Depois de um gemido rouco, ele tombou sobre mim. Rolou para o lado, exuberante, o peito alto

PERIGOSAS NACIONAIS

subindo e descendo pelo esforço. Arrastou as mãos pelo cabelo e afastou o suor da testa. Não me olhou como o outro me olhou, mas sorriu quando me pegou olhando para ele.

Eu me sentia feminina e plenamente satisfeita, mas não desejada.

Carlos usou a chance que apareceu, e só. Era assim que tinha que ser, não me incomodava. Não conversamos depois daquilo, cada um foi para o seu mundo em silêncio.

Virei para o lado com o ouvido novamente atento ao que acontecia do lado de fora, incomodada pelo rangido persistente do balanço. Havia algo lá fora, eu sentia, mas esperava que decidisse sumir até a madrugada, quando eu deixasse o hotel.

Sem Carlos, claro.

PERIGOSAS ACHERON



CARLOS TATEOU A CAMA, procurando o corpo feminino ao lado. No começo, tateadas gentis, mas um segundo depois, as tateadas já não eram para me achar, e sim para se certificar de que não estava ali. E como assim, eu não estava ali?

Bem, eu não estava mais.

Tudo aconteceu como previsto, e me admiro que ele tenha achado que o sexo (fenomenal, a propósito) teria me segurado ali. Embora tenha sido fenomenal — não no sentido de *escalar-as-paredes* de tão fenomenal, nem o do tipo *Max-fenomenal* —, foi bom demais. Cheio de eletricidade correndo pelas vértebras, e todo aquele

PERIGOSAS ACHERON

medo dando o componente final, como a pimenta Habanero que a gente costumava colocar no taco para ser ejetado ao México sem sair do lugar.

Enfim, que Carlos — o sequestrador-Carlos — fosse dormir tão profundamente antes das três da manhã me deixou confusa. Ele não deveria ser mais desconfiado? Até fingiu me abraçar, como quem não quer nada (só me prender), mas dez minutos depois estava roncando alto, em sono livre. Foi a hora em que tirei seu braço de cima de mim, fiz a higiene que deu para fazer com a água da garrafinha no banheiro ao lado, vesti minha roupa e saí de fininho pela porta do quarto, depois de arrastar sozinha a mesa que impedia a saída.

O silêncio às três da madrugada era tão profundo quanto a escuridão. O medo de atravessar o corredor do hotel era tão concreto quanto as tábuas do chão, os móveis em que quase tropecei e os vultos do lado de fora, que às vezes pareciam monstros, noutras galhos, e então monstros outra vez.

Mas na verdade, quando sentíamos medo, tudo se transformava em monstros. Cordas eram cobras; casacos pendurados no cabide, assassinos; galhos que roçavam as janelas, falanges de dedos. Tudo

PERIGOSAS NACIONAIS

besteira, disse a mim mesma, andando até a cozinha.

Tirei a chave do bolso da calça, aquela que peguei da porta sem Carlos ver e procurei a fechadura no breu completo. A porta da cozinha estava apenas escorada por uma cadeira, já que Carlos arrebentou o cadeado que a fechava. Afastei a cadeira do lugar e abri a porta. O vento frio invadiu a cozinha, e o barulho dos grilos e do coaxar de sapos era tão alto do lado de fora que mal conseguia ouvir o trinco fechar. Fechei e abri a porta diversas vezes, testando a chave. Por fim, girei-a pela última vez, ouvindo o *clic*. Porta devidamente trancada.

Afastei a cadeira de modo que parecesse que ela foi deixada ali, no meio do caminho, e guardei a chave no bolso outra vez. Subi as escadas no mais profundo silêncio e dei seguimento ao plano.

Voltando a Carlos: ele primeiro tateou a cama. Depois ele socou a cama. Então ele me chamou, tentando não gritar alto demais: o primeiro *Ali!* saiu como um sussurro, mas o segundo saiu meio raivoso. O sol nem tinha nascido ainda quando ele vestiu a camisa ainda molhada, xingando palavrões cabeludos. Disse que se me pegasse, me esganaria.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Que me mataria, também - diversas vezes, inclusive. E ele me chamou de dois ou três nomes verdadeiramente desrespeitosos.

Então ele pegou sua mochila e saiu apressado do quarto. Ouvi suas tentativas para tentar abrir as portas trancadas dos outros cômodos, sem sucesso. Ele desceu as escadas fazendo barulho, o som de suas botas na madeira denotando fúria. Ele deu um soco em uma parede, em seguida chutou uma cadeira. Imaginei que a essas alturas ele já tivesse achado a porta da cozinha trancada, e por longos minutos não ouvi mais nada.

Olhei no relógio de pulso e marquei os minutos. *Um... dois...três.*

E então, o som que eu esperava ouvir: Carlos arrebentou o vidro da janela e partiu, acreditando que, se corresse, me alcançaria na estrada.

Fechei os olhos e respirei fundo, fazendo alguns exercícios de Pranayama. Quando me senti calma o suficiente, saí de debaixo da cama, puxando comigo a mochila. Não era seguro que eu ficasse muito tempo ali, já que ele pode ter atraído algum infectado ao quebrar o vidro. Levantei, coloquei a mochila nas costas e andei até a janela do quarto. Precisei segurar uma risada quando o vi marchar

PERIGOSAS ACHERON

furioso para longe, na direção de onde viemos, olhando ao redor para tentar achar algum rastro meu. Olhei para o céu que ameaçava azular, feliz que não deixaria trilha alguma para ele seguir. *Você não estará na minha cola, grandalhão.* Podia até ficar na sua, mas não era a minha intenção. *Quero distância de você e seu plano suicida.*

Deixei a janela e descí as escadas. Coloquei algumas garrafinhas de água na mochila, fiz o meu desjejum em pé para não me demorar e enfiei algumas latas de milho extras nas laterais. Tirei a chave novamente do bolso e abri a porta. O sol invadiu o cômodo, juntamente com o ar puro da liberdade. Um pasto verde e desorganizado se estendia atrás da casa, minha rota contrária à de Carlos. Era para lá que eu ia, enquanto Carlos sumia rumo à BR.

Fechei a porta e tranquei-a, guardando a chave em um lugar seguro. Nunca se sabe quando a gente precisaria de um refúgio outra vez, e aquele era um ótimo refúgio. Assim que dei o primeiro passo em direção ao pasto, ouvi uma voz conhecida e masculina atrás de mim:

— Olá, Ali.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



AS PERNAS COMEÇARAM A TREMER, e o rosto foi inundado pelo jorro do sangue quente. Com as mãos em punhos, me virei devagar, preparada para a visão inesperada. O lógico seria ter um acesso de fúria por ter sido seguida, mas o que me fez avermelhar era algo ilógico, de natureza inteiramente diferente.

Deslumbre. Foi isso que eu senti ao ver Max na minha frente. Um ofuscamento causado pelo rosto de traços gentis, seguido, claro, por uma profunda, necessária e pouco misericordiosa irritação.

Fiquei surpresa com a clareza com que me lembrava dele — e como a imagem que guardei

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não fazia jus ao homem parado à frente. Ele era definitivamente mais bonito do que eu me lembrava. E o meu coração sabia de algo que a razão ainda não tinha entendido, porque começou a bater mais forte quando o viu.

Ele não parecia aborrecido nem irritado. Estava em paz, ou seu rosto bonito parecia em paz, não sei. Olhei quase instintivamente ao redor, com medo de Carlos. Ele podia surgir de qualquer lugar, empunhando uma arma, e deixar mortos e feridos ao redor.

Mas Max parecia saber o que me preocupava, e me tranquilizou:

— Ele está longe. Não pode nos ouvir.

— Como sabe disso?

— Ele estava com pressa.

Não gostei do jeito com que me olhou, como se meu truque para despistar meu sequestrador o divertisse. Coloquei a mão na cintura, olhando-o, suspeita:

— Desde quando está nos vigiando, Max?

— Desde ontem à noite.

Minhas bochechas avermelharam mais. *O quanto ele viu ou ouviu da noite?* Se ele percebeu minha cor de salame italiano, não disse nada.

PERIGOSAS ACHERON

— Não acredito que colocou o localizador em mim, seu miserável.

Ele se espantou por eu ter matado sua charada. Tenha dó, eu não nasci ontem. Só uma idiota não teria se tocado que, na falta do comboio, o localizador poderia ser usado para outros fins. Outros fins, em resumo, em mim.

— Onde ele está?

Girei o tronco, tentando enxergar a mochila nas costas, ou os bolsos traseiros da calça. Ergui a perna e procurei o localizador na barra dobrada, e na sola das botas. Então, ao afundar a tatear ao lado da sola, encontrei o chip colado entre ela e o salto baixo. Arranquei o objeto e o trouxe às vistas, verdadeiramente aborrecida.

— Filho da puta.

Avancei contra ele, mas ele segurou minha mão no ar, a centímetros de seu rosto.

— Calma, Alice.

A forma como ele disse a palavra "calma" foi calma. Foi quase um carinho, de tão tranquila. Minha mão ficou suspensa, presa pelo punho. Seus dedos afrouxaram e eu a descí, dando um passo para trás. Não sei o que esse idiota tinha que me deixava tão balançada, mas *oh boy*, ele

tinha alguma coisa. Aquele tipo de coisa que a gente devia evitar.

Exalei alto, por lembrar dele, do quanto eu o quis na noite em que passamos juntos, e como detestei quando me lembrei quem ele era. Mas estranha, mesmo, era a sensação colorida e excitante por vê-lo outra vez.

— Quer entrar ou quer discutir a relação aqui fora? — ele perguntou tranquilo. Não era impressão minha: ele estava sorrindo.

— Relação? — dei um passo para longe dele. — Não temos relação.

— Foi modo de dizer. Não deveríamos bater boca do lado de fora. Ainda acho estranho não haver infectados ao redor.

Engoli em seco, lembrando de detalhes da noite passada. Uma sensação latejante de culpa aumentava ao fundo.

— Modo esquisito de dizer — respondi passando por ele, pegando o caminho para o pasto. Ele veio atrás de mim.

Caminhamos por um bom tempo pela selva que havia virado o antigo pasto; eu determinada a seguir adiante, ele atrás de mim. Vez ou outra via um brinquedo desbotado entre os arbustos altos,

PERIGOSAS NACIONAIS

uma clara indicação de que havia crianças na região quando o lugar precisou ser esvaziado. Evitava olhar para baixo, mas era difícil não tropeçar nos buracos do solo desnivelado.

— Como chegou aqui? — perguntei sem me virar. — Não acho que a viação Vitória-Rio esteja funcionando.

— De carro.

Parei no lugar e me virei, sem acreditar: — De carro? E pode me dizer por que não estamos nele, e não a pé, pulando carcaças de bichos e brinquedos abandonados?

— A gasolina acabou.

Seu semblante devia ser a última reserva de placidez do mundo.

— Já ouviu falar em postos de gasolina? — perguntei.

— A gasolina está pela hora da morte.

Era tão injusto que eu não conseguisse ficar séria. Os músculos tentaram erguer os cantos da boca em um sorriso, mas lutei bravamente para não deixar. Ele sabia o tamanho de seu charme e isso era incrivelmente enervante.

— Oi, Ali. — ele finalmente me cumprimentou, como se o cumprimento de antes não tivesse valido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oi, Max — respondi, evitando olhá-lo demais.

— Você podia ter se despedido.

— Você podia ter me contado que era o policial que parou Vicente aquela noite.

Ele mexeu a boca para lá e para cá, como se ouvir aquilo em voz alta o incomodasse. *Sim, eu me lembrei.* E sei que você sabia disso. Sua expressão toda triste e indecifrável, mesmo quando sorria, mostrava que estava arrependido e mexia comigo. Não queria me sentir mexida assim.

Dei meia volta e continuei a caminhar, sem saber o que dizer. Que importância certas coisas tinham depois que o mundo acabava? Aquilo era o que eu podia fazer por mim, no momento: esquecer. Não queria virar uma pessoa como Carlos, disposta a morrer para vingar uma injustiça. Preferia esquecer.

Ele me deu dois minutos de silêncio, mas no terceiro, disse:

— Você sabe que o Rio fica para o outro lado, não sabe? O lado em que seu amigo foi.

Meu amigo. Tive vontade de passar a mão pelo pescoço e conferir se havia algum lugar sensível e chupado que denunciasse que eu e *meu*

PERIGOSAS ACHERON

amigo tivemos uma noite para lá de amigável, ontem. Então me lembrei dos ruídos que ouvimos à noite, e da informação de que ele estava nas redondezas, à espreita. Virei-me outra vez, desconfiada.

— Era você, ontem, no balanço?

Suas sobrancelhas se ergueram. Ele não entendeu a pergunta.

— Ontem à noite. Ouvimos um barulho esquisito, parecia que alguém estava caminhando ao redor da casa. Parecia um viral.

Ele deu de ombros.

— Talvez eu tenha caminhado. Encostado no balanço, não sei. O que você ouviu?

— Barulhos, só isso. Achei que pudesse ser alguém.

— Não tentou ver da janela o que poderia ser?

— Não — respondi devagar, tentando sentir alguma pegadinha na pergunta. — Fomos para o segundo andar. Parecia mais seguro.

Ele processou a resposta por um tempo com um olhar que parece enxergar cada quina escura da minha alma. "fomos para o segundo andar".

Quanto a mim, tentava esconder se seu olhar penetrante a verdade: "*fiz sexo com o sequestrador.*"

Era difícil manter os olhos nele. Cocei a cabeça, sem aguentar encará-lo. Que diabos, por que ele não perguntava se eu estava segura, se Carlos não me trancou em um armário, se não fui violentada? Por que, dentre todos os cenários, ele saberia que rolou alguma coisa entre nós?

— O quê? — perguntei na defensiva, quando seu olhar começou a me incomodar.

A pergunta provocou exatamente o que eu não queria que provocasse: suspeita. Suas sobrancelhas franziram e então se ergueram.

— Vocês *dormiram* juntos?

Ergui o queixo, achando difícil engolir o espinho cravado na garganta.

— Isso não é da sua conta.

Não estava nem um pouco disposta a deixá-lo me intimidar. Não havia uma aliança em meu dedo, não tinha nada com ele, não havia sequer um mundo em pé para ter algo com ele. Seu direito à cobrança era zero.

— Você dormiu com ele??? — Ele repetiu, apontando para o hotel. — Com o sequestrador?

— E se dormi? — Levei as mãos à cintura. — O que você tem com isso?

— Você estava ontem comigo! — As mãos

dele foram parar no peito. Ele parecia tão chocado que quase — *quase* — me senti culpada.

— Mas até anteontem não estava. Não devo satisfações a você. A nenhum dos dois, na verdade.

Dramático, Max arrastou as mãos pelo cabelo curto. Ele estava custando a acreditar.

— Ali, eu...

— Max, poupe-me do drama. Você teve a chance de me ajudar meses atrás, e não ajudou. Aliás, foi por isso que te deixei naquele sótão, e fugi de você. Eu não deveria sequer deixar que me seguisse, agora.

Voltei a caminhar em direção à estradinha secundária, deixando-o para trás. Não demorou para ele marchar atrás de mim, acelerando o passo para me alcançar.

— Por quê? — ele finalmente perguntou, depois de milhares de tentativas falhas de dizer algo.

— Por que o quê?

— Por que dormiu com ele? Aquele homem te sequestrou!

Estendi a mão entre nós, mantendo-o à distância. Não devia satisfações alguma a Max, mas queria que ouvisse o que tinha a dizer.

— Por que rolou, ok? Não era minha intenção, e certamente não era a dele.

Aquilo não o convenceu, e achei graça que ele acreditasse que precisava ser convencido. Ele não precisava.

— E nós? — ele perguntou.

— Como falei antes, não existe *nós*. Eu fugi de você, lembra?

— Mas eu não consegui deixar você.

— Bem, infelizmente você me rastreou, e aqui estamos nós, discutindo sobre as decisões que eu deveria tomar sem precisar de sua concordância.

Ele se endireitou, assustado pela minha dureza. Até eu me assustei, mas me recusava a me colocar na posição de ter que me explicar por algo que não precisava de explicação. Minha vida sexual não lhe dizia respeito. Se o mundo zerou no apocalipse, seria uma falta de responsabilidade reiniciá-lo mantendo algumas práticas ruins.

Ele não era o meu dono.

Eu não devia a ele explicações.

Ao mesmo tempo, eu gostava dele. Gostei da noite passada com ele, de verdade. Nossa conexão naquele sótão foi imediata, eu nunca tinha me sentido assim com ninguém. Eu sabia que havia

PERIGOSAS NACIONAIS

algo diferente nele - *há* algo diferente nele - mas não aguentei saber que ele podia ter me salvado durante o pior período da minha vida, e não salvou. Que ele pretendia me levar para o seu acampamento, como moeda de troca com Vicente.

Tivemos a nossa chance, só isso. Estava feliz de tê-lo reencontrado, só não achava que o momento fosse o certo. Este não era um mundo para romances.

— Eu teria vindo para Petrópolis com você, se tivesse pedido. — ele finalmente falou.

— Até a última vez que nos falamos, seus planos eram me levar para o seu acampamento.

— Você podia ter me dito que não queria ir para as montanhas comigo. Eu teria respeitado sua vontade.

— E vindo comigo? — Fiz uma cara de quem não acreditava.

— Sim — ele respondeu.

Pior era que eu acreditava nele. Sabia que ele não me impediria de vir, e havia uma grande chance dele me fazer companhia. Saber disso apertava o meu coração.

— Acho que você quer algo que não dá mais para ter, Max.

PERIGOSAS ACHERON

Virei e continuei a caminhada, não mais irritada, só vagamente triste. Não sabia se ele viria atrás de mim, dessa vez.

Então a frase veio, e eu parei no lugar.

— Não deu 24 horas inteiras, Ali.

Virei bem devagarinho, com os olhos cravados no dele. Não gostei da frase, e definitivamente não gostei do tom.

— Como é?

— Você não esperou um dia para dormir com outro.

Meus olhos se apertaram em sua direção. Era muita pachorra daquele homem dizer aquilo, no meio do nada, para uma mulher que seguiu através de um localizador. Abri a boca pronta para mandá-lo para aquele lugar. Ergui também o dedo, disposta a dizer que entre TODOS os problemas do mundo atual, seu sentimento de posse era, para mim, o que menos me interessava. Queria distância de gente como ele, como queria distância de gente assim antes.

Pensei em dizer que ele me lembrava Vicente, mas mudei de ideia ao olhá-lo. Ele não era Vicente, e o disparate da frase foi amenizado pelo olhar de cachorro magro.

Por isso, quando minha resposta saiu, veio cortante, mas um pouco menos ofendida: — E o que vai fazer com isso, Max? Falar mal de mim para os grupos de amigos do Whatsapp? Colocar um outdoor para que todos os treze humanos restantes do país saibam que dei para dois caras em menos de dois dias?

Ele cruzou os braços, aborrecido e calado. Sua língua fazia uma varredura completa dentro das bochechas, como se muitas coisas quisessem ser ditas, mas fortuitamente, não foram.

— Eu só achei que nós...

— Achou errado.

Sinto muito, bonitão. Não dava mais para levar esses assuntos para o terapeuta, então teria que lidar sozinho com isso.

Coloquei as mãos nos bolsos e virei para a estrada, indicando que o assunto estava encerrado. Dessa vez ele não veio atrás de mim.

Não tinha certeza se queria distância dele, nem me sentia vingada por ter dito o que disse. Se o detestasse, estaria, nesse instante, feliz. Mas o fato de estar com o coração miudinho e imprensado entre as costelas era sinal de que não estava feliz.

Por outro lado, não queria que pensasse que eu

era sua posse: não era.

Ele continuava parado onde o deixei. *Pronto, agora me odiava por ter sido grosseira, e tê-lo magoado. Que saco.* Por que os homens eram tão melindrados? Por que se sentiam tão inseguros quando encontravam alguém desapegado? Era por isso que eu e Soraya havíamos decidido, meses atrás, que não queríamos ninguém ao lado nesse novo mundo. Homens eram ultra sensíveis e podíamos provar.

Viu? Estava provado.

E mesmo assim, mesmo sabendo de tudo isso, era ruim imaginar que ele poderia dar meia volta e seguir outro caminho. Homens eram criaturas ultra sensíveis, mas esse era um homem legal.

Quando me virei, Max estava olhando para a estrada, considerando dar meia volta e partir. Que essa pudesse ser a última vez que o visse me angustiou.

— Max?

Ele me olhou.

— Vou precisar de um amigo para salvar Soraya. Se puder me ajudar, vou te agradecer para sempre.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



DECIDIMOS IR PELO MORRO, porque morros eram mais seguros que as estradas, em todos os sentidos. Dali, podíamos enxergar os vivos, sem medo dos mortos. Às vezes, quando víamos um extenso pedaço de estrada livre de perigos, descíamos o morro e caminhávamos por trechos da estrada, desentortando a coluna. Quando alguma cidade ou vilarejo surgia à vista, voltávamos para as encostas.

Minhas previsões? Em dez anos anos chegaríamos ao Rio.

— É só até achar um carro — a gente dizia um para o outro, tentando manter o otimismo. Mas a cada carro que encontrávamos, uma nova decepção.

PERIGOSAS ACHERON

A maioria não pegava, ou estava tão batido que duvidávamos que ele pudesse andar alguns metros sem se desmanchar. E havia o problema com Carlos. Não saber onde ele e o resto da tropa estavam nos impossibilitava de escolher andar pela estrada. Antes devagar, mas seguros, que depressa e arriscando a vida.

Depois de três horas caminhando sem parar, estendi minha garrafa de água à frente, vendo a última gota pingar sobre o mato alto.

— Foi-se minha última gota de água — disse baixo. Há uma hora não conversávamos mais para economizar saliva. Max não tinha mais água também, ele me ofereceu um pouco antes de beber o resto. Precisávamos achar um lugar para descansar e encher as garrafas.

Apontei para uma estradinha adiante. Não sei se ela levava a algum lugar, a uma fazenda ou vilarejo. Estradas como aquelas, largas o suficiente para caminhonetes, costumavam levar a fazendas. Max assentiu. Esperávamos apenas que a fazenda estivesse vazia, tanto de vivos quanto de mortos.

Durante as últimas horas em que caminhamos, notei que ele evitava me olhar. Ele ainda estava aborrecido, ou sei lá o que se passava por sua

cabeça. Acho que topou vir porque se sentia culpado por não ter me ajudado antes, e via agora a chance de se redimir. Descemos o morro com cuidado, e às vezes ele esquecia que não queria assunto comigo e me estendia a mão para me ajudar a descer. Na última vez, eu aceitei. Ele me olhou por baixo dos cílios sem dizer nada, e me amparou quando saltei na estrada de terra vermelha. Seu rosto estava vermelho e suado, e ao redor da gola da camisa crescia uma mancha larga de suor. Eu não estava nem um pouco mais apresentável do que ele.

Como imaginávamos, a estrada levava à sede de um antigo sítio. O local estava abandonado, mas foi pilhado antes ou depois de seus moradores deixarem o lugar. As portas estavam abertas, as janelas escancaradas. A casa simples de madeira não tinha móveis nem água. Os galinheiros perto da residência estavam vazios, assim como as pocilgas, e até o pequeno lago havia sido esvaziado.

— Preciso usar o banheiro — disse, deixando-o do lado de fora. Entrei na casa vazia olhando antes para dentro dos quartos. Um viral não se esconderia ali, eles não eram muito de se esconder. Vagavam a esmo atrás de cheiro de comida, e geralmente só

permaneciam em uma casa se estivessem presos nela. Andei até o último quarto, garantindo que a casa estava segura, e só então entrei no banheiro. Senti gastura só de olhar para a privada, mas infelizmente teria que fazer xixi ali mesmo.

Nada saiu da torneira quando tentei lavar as mãos. A garganta estava ressecada, de tanta sede. Voltei para fora, frustrada. Não acreditava que tínhamos caminhado tanto para não acharmos água. A luz do lado de fora ofuscava as vistas e tapei a frente dos olhos para ver Max. Eu não conseguia vê-lo ao redor.

— Max? — chamei-o, olhando o terreiro.

Dei a volta na casa, e nada. O coração começou a bater mais rápido.

— Max? — Chamei-o outra vez.

A cabeça, acostumada a tragédias, pensou logo no pior. Ao invés de sentir medo de que algo pudesse me acontecer, senti um aperto no peito. E se algo acontecesse *a ele*?

Ele não. Por favor, ele não.

Meu coração batia desordenado. Onde ele poderia ter ido? E se alguém o raptou, ou mesmo...

— Ali? — Seu grito chegou de longe, carregando uma tonelada do meu peito. Caminhei

exalando de alívio até um paiol com paredes de barro, seguindo sua risada. Um declive levava a um vale coberto por árvores. Max estava lá embaixo, acenando e sorrindo.

Miserável. Por que seu sorriso é esse sol radiante? E por que, só de pensar em perdê-lo, eu entrava em desespero?

Desci a ribanceira me escorando nas raízes das árvores. Aos poucos entendi por que ria tão alto. O barulho reconfortante de água corrente era música para os ouvidos. Ele achou um riacho.

Mal acreditei quando vi o estreito fio d'água serpentear por entre as pedras. Ele já tinha tirado a camisa e a amarrado na cintura, e seu rosto e tronco estavam molhados.

Era desnecessário dizer quão bonito ele estava.

Ele colheu um pouco d'água nas mãos e jogou em minha direção. Fechei os olhos e me virei, rindo. Não era muito, mas era água e estava fresca, e a sombra que as árvores traziam era um alívio para a pele vermelha e sapecada de sol.

— Acha que esse fio d'água leva a algum lugar? Um lago, ou um rio maior? — Ele perguntou, olhando a direção para onde a água corria.

— Isso importa? — Sentei no chão, tirando as

botas. — Vou tomar um banho nesse fio d'água e nada nem ninguém vai me impedir.

Ele riu quando enfiei os pés doloridos na água gelada, e tombei de deleite para trás, sem me importar em deitar sobre as plantas e a terra úmida. Ele fez o mesmo, e ficamos ali vendo o sol vazar pelas folhas das copas das árvores, como se estivéssemos curtindo um dia na fazenda.

Ele tirou as botas também, dobrando as calças até o calcanhar. Notei dessa vez coisas que naquela noite não havia notado, como os pés bonitos, as pernas compridas e os pelos aloirados na altura da canela. Decidi, também, que gostava muito da sua risada.

Deitei de costas e olhei para as copas das árvores, sem acreditar que meu coração já estava batendo outra vez por ele. *Coração, você não sossega?*

Depois de um tempo sentamos e abrimos nossas mochilas. Coloquei entre nós uma lata de sardinha, um pacote de biscoitos murchos e uma lata de milho verde em conserva. Era aquilo para hoje: um verdadeiro banquete.

— Não tenho como colaborar para o almoço — ele disse.

— Deixe de bobeira. Você fez aquele macarrão inesquecível, aquela noite. Deixe-me retribuir.

— Não estou com fome.

— A gente praticamente cruzou o estado. É impossível não ter fome.

Ele me lançou outra daquelas olhadelas que mexiam tudo em mim. Seus lábios se ergueram em um sorriso discreto:

— A gente não deve ter andado dez quilômetros. Nesse ritmo chegaremos a Petrópolis no ano que vem.

Pensei em Soraya, e em como não tenho todo esse tempo. Abri o pacote de biscoitos, a lata de sardinha e coloquei os dois na frente dele. Joguei alguns grãos de milho na palma das mãos e levei à boca, estendendo a lata para ele.

Teimoso, balançou a cabeça fazendo que não. Como se dissesse que eu deveria me preocupar comigo primeiro, mas é claro que aquilo não fazia sentido. De joelhos, me aproximei dele pela primeira vez desde que nos reencontramos, e levei um biscoito até sua boca.

Seus olhos pararam nos meus. Não ia segurar o biscoito para sempre ali, no ar, e ele sabia. Abrindo a boca, aceitou a comida. Volto a me sentar,

sentindo o coração bater errático.

É ele, não tem jeito.

Comemos em silêncio, atentos aos barulhos. Mil anos pareciam ter se passado até que ele finalmente falou:

— Por que foi sequestrada dos seqüestradores?

— Como sabe que fui sequestrada?

— Ouvi os tiros. Depois ouvi a conversa de quem ficou para trás. Como eles culpavam um dos caras pelo estrago nos pneus dos carros, e tal. Alguns foram atacados pelos virais, mas os outros escaparam.

— Quantos escaparam?

— Não sei ao certo. Uns oito?

Oito? Ainda eram muitos.

— O que o sequestrador queria de você?

Sabia, pela tensão em sua voz, que ele fazia um grande esforço para não demonstrar ciúmes.

— O mesmo que você. Chegar até Vicente.

— Mas não era isso que eles foram fazer quando te buscaram?

— Carlos os usou para chegar até a mim. Depois queria me usar para chegar até Vicente.

Max chacoalhou a cabeça, espantado:

— Carlos?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Esse é o nome dele.

Por longos segundos ninguém disse nada.

— E o que *Carlos* tem contra Vicente?

Ignorei seu tom de deboche, respondendo calmamente:

— Vicente matou sua família.

— Foi isso que ele disse? Pode ter sido tudo invenção dele para...

— Não foi, Max. E não dormi com ele por pena, se é o que está insinuando.

Max jogou o pedaço de pau que tinha na mão no chão e se levantou. Por um tempo permaneceu virado para o leito do riacho, e quando esfriou a cabeça, voltou a se sentar do meu lado.

— Desculpe. Não tenho nada a ver com isso. É só...

— Posse.

— Ciúmes — ele me corrigiu. — Mas não vou mais tocar no assunto.

Ele voltou a comer, mantendo a promessa de esquecer o assunto. Não gostava dos seus ciúmes, mas gostava do fato que tentava controlá-lo.

— O que esse Vicente *não* fez? — ele perguntou em algum momento, mais para si mesmo do que para mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho que ele fez tudo de ruim que poderia ser feito no mundo — respondi, sentindo um tremelique ao pensar naquele tempo, e em como ele me dominava. Olhei para Max e, sem pensar demais, perguntei:

— Por que não me salvou de Vicente naquela noite? Você entendeu que eu estava pedindo ajuda, não entendeu?

Sua expressão endureceu. Pareceu retornar no tempo até a noite, mas o que respondeu era o que podia responder: — Estava seguindo ordens. Precisava deixar Vicente passar.

— Assim como estava seguindo ordens quando tentou me convencer a acompanhá-lo até o acampamento do exército nas montanhas?

— Estou aqui, Ali. Com você — ele respondeu, tranquilo. — Para o exército, posso muito bem estar morto.

Limpando as mãos uma na outra, voltou a se deitar. Cruzou as pernas e pousou as mãos sobre a barriga, olhando para cima.

— E o que pretende fazer agora? — Perguntei. — Estou indo para o lugar que o exército estava procurando.

— Quero te ajudar a salvar sua amiga.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E depois? — A pergunta saiu espontânea.

— Depois que vocês estiverem em segurança, retornarei ao acampamento das montanhas, e informarei a localização ao exército.

— Acha que eles prenderão você? Sua missão era segui-los e voltar, e não ajudar duas garotas.

— Talvez sim, talvez não.

Deitei ao seu lado, encarando as folhas altas das árvores com uma frase entalada na garganta: *you can continue with the group*. Decidi não dizer nada, e me acostumar com a ideia de que eu o tinha até Petrópolis, e depois não o tinha mais.

Descansados, seguimos viagem.

Do alto do morro avistamos a estrada que levava a Itaperuna, e, à frente, o rio Muriaé. Era seguro observar dali a cidade fantasma um quilômetro adiante, onde nada parecia ter acontecido nos últimos meses. Cidades pequenas e longe dos grandes centros foram relativamente poupadas nos primeiros estágios do surto, mas depois sucumbiram justamente pelo que as mantinha seguras: falta de acesso. Quando o fim chegou, estavam isoladas. Ruíram sobre si mesmas, colapsando sozinhas e sem ajuda.

Ajustei os binóculos, olhando a rua principal

PERIGOSAS ACHERON

completamente vazia.

— Acha que há alguém por lá?

— Tenho certeza que tem — Max respondeu. Devolvi os binóculos para ele, e ele o colocou de volta na mochila. — A pergunta é: esse alguém está vivo ou está morto?

A resposta àquela pergunta não importava, realmente: os dois tipos podiam ser letais.

— Mas precisamos de um mapa — ele concluiu, começando a caminhar em direção à cidade fantasma. — Já que não vamos seguir a estrada, precisamos achar uma biblioteca.

Segui-o, evitando olhar para o tronco nu. Desde que resolveu caminhar sem camisa, andava evitando fixar a atenção nele.

— Onde mais podemos achar um mapa? — Perguntei, tentando não limitar as opções a uma biblioteca.

— Em papel? Não consigo imaginar outro lugar. O arquivo público, talvez. Na casa de algum nostálgico da cidade. Ninguém usava mais mapas de papel, todos tinham GPS.

Sem um mapa, e evitando as estradas, estávamos perdidos. Precisávamos de orientação.

Caminhamos até que o sol começou a descer

atrás do morro, evitando chegar à cidade no escuro. Não fazíamos ideia de onde ficava a biblioteca, mas isso precisaríamos descobrir amanhã. Ao descer, vimos ao longe um infectado caminhando a esmo pela estrada vazia. Ele passou por trás da carcaça de um carro queimado, e tanto eu quanto Max paralisamos no lugar. Nesse horário eles eram rápidos, e seria imprudente correr riscos.

— Vamos subir a encosta novamente — ele disse se colocando na minha frente, protetor. Segurei em seus ombros sentindo a mão colar à pele suada, ignorando o quanto sua pele estava quente e firme. Não gostava de pensar que só nos restava passar a noite ao relento. Precisávamos estar mais protegidos.

— Acha que há outros? — perguntei.

— Sempre há outros.

— Mas em cima do morro só tem mata.

— Melhor dormirmos na mata, seguros na encosta, que rodeados por eles, Ali.

Não havia como discordar. Subimos novamente o morro, observando em silêncio o infectado caminhar para longe.

O frio chegou assim que o sol se pôs, e a neblina tomou o vale. A mata era cerrada e úmida,

PERIGOSAS NACIONAIS

e mal víamos o horizonte. Coletamos alguns poucos galhos secos para uma fogueira, considerando se devíamos acendê-la ou não. contei a Max que Carlos havia nos achado pela luz da vela, e que ele estaria à procura de luzes no meio da escuridão. Mas era isso ou sermos comidos vivos pelos mosquitos, por isso caminhamos mais um pouco até que a mata estivesse completamente cerrada ao nosso redor. Tentamos manter a fogueira em um canto do morro que não dava vistas para a rodovia, mas qualquer um que passasse por ali veria a claridade. O morro era íngreme para os infectados, então não nos preocupamos com eles; havia outros perigos para nos preocuparmos. Cobras e escorpiões, por exemplo.

Enquanto Max lutava para manter o fogo aceso, esvaziei minha mochila atrás de algo que me aquecesse. Meu casaco fino não daria para nada. A escuridão dentro da mata era completa, e eu tateava dentro da mochila esperando encontrar qualquer coisa que me servisse agora. Assim que senti o material de nylon na ponta dos dedos, tive vontade de chorar de emoção.

— Max! — eu o chamei, animada. — Achei algo que pode nos esquentar!

PERIGOSAS ACHERON

Ele sorriu sem vontade. Tirei a rede que peguei da pousada, estranhando seu sorriso murcho. Conversamos muito depois do almoço, mas sobre sobrevivência e estratégias. Desde que ele disse que voltaria para as montanhas depois que recuperássemos Soraya, caiu um clima estranho entre nós.

Procurei, enquanto ainda conseguia ver alguma coisa, algum galho de árvore que servisse para pendurar a rede. Max se levantou batendo as mãos sujas no jeans, olhando sem interesse para o longo e fino tecido que eu tentava esticar entre as plantas.

— Uma rede — disse animada. Seu sorriso não era mais que uma linha fina no rosto.

Localizei um galho alto, quebrado, mas seguramente forte para aguentar nosso peso. Procurei ao redor outro lugar, usando a luz crescente da fogueira, e logo encontrei a árvore perfeita. Usei um dos galhos para fixar uma das pontas da rede, e pendurei a outra. Tínhamos uma cama suspensa, perto o suficiente da fogueira e longe das cobras e insetos.

— Tcha-ram — abri os braços, tentando animá-lo, mas seu sorriso não me convenceu.

Ele voltou à fogueira e eu fiquei sem saber

como reagir à sua frieza. Como daria para melhorar o climão que se instalou quando a dinâmica "gosto de você o suficiente para te ajudar, mas não o suficiente para continuar com você depois que te ajudar"? A conversa foi boa, clareou as intenções de todos. Do que eu podia reclamar? De nada. Fui a primeira a deixá-lo para trás.

Sentei ao redor da fogueira e trouxe a última lata de milho às vistas. Ele recusou a comida, e dessa vez não insisti. Comi a metade da lata e deixei o resto ao seu lado. Ele podia comer ou deixar para as formigas, era decisão dele.

Por longos minutos ficamos em silêncio, envolvidos pelos sons da mata. Um pássaro piou alto à distância, algo se moveu na copa de uma árvore não muito distante de nós.

Usei o resto da água para bochechar o jantar e pendurei a mochila em um galho alto. A barriga explodia em fagulhas por pensar que compartilharíamos a rede, e que estaria colada a ele a noite inteira. Nada aconteceria, é claro - nem eu queria, nem ele - mas só de pensar em estar em contato com ele, sentia as faíscas subirem pela coluna.

— Vai ser apertado na rede — ri sem graça,

PERIGOSAS NACIONAIS

tentando tirar o nervosismo da voz. — Mas com jeitinho, vai dar para dormir.

Ele olhou para a rede, em seguida para a fogueira.

— Pode dormir tranquila. Montarei guarda.

— Até parece. Você precisa dormir tanto quanto eu.

— Não vamos caber os dois ... ali — ele olhou de relance para a rede apertada e, como eu, talvez tivesse se imaginado enroscado em mim. — Alguém precisa vigiar o acampamento.

Não discuti. Subi com alguma dificuldade na rede, lutando para tirar a bota. Amarrei uma à outra pelo caderço e as pendurei junto com a mochila. Ele precisava de um tempo para se acostumar a tudo, e eu respeitava seu silêncio e distância. Assim que deitei, coloquei o rosto para fora e falei, como quem acabou de pensar naquilo:

— Pode ter cobras no chão.

Ele me olhou, aborrecido.

— E aranhas.

Dessa vez ele olhou ao redor.

— E onças, também.

Balançando a cabeça, resmungou algo como "vou sobreviver" e apertou o casaco contra o corpo.

PERIGOSAS ACHERON

Deitei na rede incomodada por ele estar lá fora, ao relento, mas o que poderia fazer? Forçá-lo a entrar ali comigo?

À medida que a noite avançava, o frio ia ficando mais forte. Eu não achava posição ali dentro, os pés congelavam, os braços tentavam prover algum calor ao peito, mas tudo que sentia era o queixo bater. Estava muito, muito frio. Aquela deveria ser a floresta mais gelada do mundo

Era alta madrugada quando acordei com um repuxão. Senti a rede descer e abri os olhos, trêmula. Max estava entrando na rede comigo. Senti-o inclinar-se sobre mim, trazendo calor. Era impossível dizer como ele conseguiu, naquela escuridão, colher meu corpo e me trazer para perto, deitando-se perfeitamente encaixado ao meu lado. Suas pernas se entrelaçaram às minhas e suas mãos me firmaram. Ele puxou o casaco sobre mim, com o braço sob o meu pescoço. Encostada completamente nele - rosto, peito, barriga, coxas e pés - os tremores se acalmaram. Ele cheirava a fogueira e suor, mantendo no fundo aquela nota única do seu cheiro. Sua barba por fazer roçava em meu rosto. Com a cabeça encaixada em seu ombro, eu me senti segura, protegida, no único lugar onde

PERIGOSAS NACIONAIS

queria estar no mundo. Embrenhei as mãos dentro do seu casaco e espalmei sua pele. Ele apertou as pernas contra as minhas, sem qualquer segunda intenção, e meus tremores passaram.

Os ruídos da mata continuavam a cortar o silêncio, os macacos nas copas remexiam a folhagem, os grilos continuavam a cantoria. Não poderíamos estar mais sozinhos e vulneráveis no mundo, mas, mesmo assim, jamais me senti tão segura.

Adormeci com o nariz recostado em sua pele. Dormi como há muitos meses não dormia, e, pela primeira vez em meses, sonhei.

E nos meus sonhos eu estava com ele.

PERIGOSAS ACHERON



ACORDAR ERA SEMPRE MAIS difícil que adormecer. Quando a claridade esverdeada da mata atravessou as fibras da rede, abri os olhos. Um frio intenso acompanhava a curva do corpo que tocava o tecido, sinal de que estava muito gelado do lado de fora. O frio só era abrandado pelo corpo colado ao meu.

Max ainda dormia. Eu o sentia macio e relaxado contra mim, e sua respiração tranquila me envolvia. A noite não foi das melhores, a rede era pequena e a posição, complexa, mas sobrevivemos. E dormir ali era muito melhor que dormir no chão.

A fogueira havia se apagado há muito. A floresta estava em paz, e até os pássaros estavam

PERIGOSAS ACHERON

silenciosos.

Era impossível me mexer sem mexer nele, por isso, quando acordei e tentei esticar as pernas, ele acordou também. Sonolento, estalou os ombros largos e tirou os braços que, protetores e quentes, me ajudaram a passar a noite. Ele me ajudou a sentar, e sentou também. Saltei até o chão, tirando as botas de onde as pendurei. Batia-as no chão para tirar algum inseto que pudesse ter se escondido dentro delas durante a noite, e as calcei. Ele fez o mesmo.

Não conversamos nenhuma vez. Levantamos acampamento calados, e continuamos a caminhada até a cidade. Nem eu nem ele falamos sobre a noite passada praticamente fundidos. Mas sei que deitou ali. Ele se importava comigo, e queria me esquentar.

Quanto mais nos aproximávamos da cidade, mais o medo crescia em mim.

Era simplesmente desesperador cruzar uma cidade desconhecida à procura de um prédio que não sabíamos onde ficava. A gente fez o que podia para não ficar exposto aos infectados: caminhamos escondido atrás de carros e pontos de ônibus, usando os barulhos para decidir aonde não ir e para

onde ir. A cidade estava vazia, e havia poucos infectados à vista. Sacolas plásticas desbotadas rolavam de um lado para o outro, dando uma falsa impressão de que havia movimento e vida ao redor, mas os moradores tinham abandonado o lugar há tempos.

Devia ser dez horas da manhã e o sol estava forte. Embora os infectados estivessem lentos pelo calor, nada os impedia de sair correndo atrás de comida. Íamos cautelosos, usando os carros na rua como escudos.

Max apontou para uma placa. "Prefeitura Municipal", dizia ela. Balancei a cabeça fazendo que sim. A prefeitura também devia ter mapas. Escaneei a rua atrás de rotas de fuga, uma velha mania. As melhores eram sempre aquelas ruas claras e largas, que indicavam múltiplas saídas. Notei adiante uma caçamba encostada em um muro, um caminhão perto de uma janela e o galho de árvore perto de um terraço. Todas essas coisas eram importantes na hora de fugir.

— Acha que pode haver gente escondida na prefeitura? — ele perguntou baixo.

— Não haveria por quê.

Atravessamos a rua de mãos dadas, nos

escondendo entre um muro e um carro. Max observou com os binóculos as janelas da prefeitura. Um grupo de três infectados cruzava a rua não muito distante, mas o vento estava do nosso lado.

— A prefeitura parece vazia. — ele disse.

— Posso tentar abrir a porta. Sou boa com cadeados.

Ele me olhou, surpreso. Gostei que ele me visse como alguém que podia surpreendê-lo. E com ele não fazia questão de esconder meus segredos.

— Posso abri-la com um grampo, se tiver tempo. Geralmente demora um pouco.

— Um chute na porta resolveria isso rápido

— Ah, claro. E o barulho atrairia todos os infectados para o edifício, que agora não teria porta.

Ele riu. No meio do caos que o mundo havia virado, o riso era um elogio.

— O que eu faria sem você? — Ele brincou, voltando a observar a rua. Guardei a resposta engraçadinha para depois, quando estivéssemos em segurança. *Sei o que você faria comigo.*

Passei por ele e subi as escadarias até a pequena prefeitura da cidade pequena. Como pensei, estava tudo trancado — grades na porta, nas janelas, tudo

lacrado com cadeados. A aglomeração de folhas ao lado da porta mostrava que ela não tinha sido aberta — não, pelo menos, nos últimos meses.

Ao lado, uma grande árvore crescia em direção a um muro, que, seguindo com as vistas, dava em um pequeno anexo. Max acompanhou o modo como observava as linhas da construção. Do anexo podíamos saltar até outro telhado, arrombar uma janela — mais fácil de arrombar que uma porta trancada — e entrar.

— Acha que consegue saltar? — Ele perguntou, vendo a distância entre um telhado e outro.

— Consigo, e você também.

Tirei a muleta da mochila e pousei-a no tronco da árvore. Subi em um galho e esperei ele subir também, e juntos a içamos. Por longos segundos estudamos os galhos das árvores, ponderando por onde seguir. Um infectado surgiu durante esse tempo, e não nos movemos por alguns minutos, até que ele passasse por nós e se distanciasse outra vez.

De perto, eles eram horríveis. A coloração deles tendia para o azul, por causa das veias sob as peles sem cor, e o cheiro era de podre. Os olhos leitosos eram de tirar o sono, mas por sorte esse não olhou

para a gente. Assim que ele se distanciou, voltei a subir. Max seguiu atrás de mim, e na hora de dar o salto que tanto temia, pisou em falso, se desequilibrou e teria caído lá embaixo se eu não tivesse segurado em sua camisa e o puxado, trazendo-o até a mim. Foi um gesto rápido, reflexo, protetor. O abraço que ele me deu em retorno foi de alívio.

Ele me soltou sem dizer nada, e continuamos pelo telhado até a janela. Usando a muleta para quebrar um vidro, enfiou a mão pelo buraco na janela e destravou o trinco. Notei que seu machucado, tapado com gaze antiga, já não sangrava mais. *Vou cuidar deles para você*, pensei olhando para as ataduras. Ele notou minha preocupação e sorriu, tranquilizador. Estava tudo bem, era o que seu sorriso dizia. Meu coração voltou a bater forte.

Entramos pela janela no segundo andar.

Max fechou a janela enquanto andei até a porta do gabinete e conferi se ela estava trancada. Estávamos em uma sala antiquada, cheia de papeis organizados em pilhas. Havia um computador sobre a mesa e a mobília era toda de madeira escura. A sala estava na penumbra devido às cortinas

cerradas, e cheirava a carpete e madeira mofada.

— Acha que há alguém no prédio? — ele perguntou.

— Você viu a porta. Ninguém entrou ou saiu por ela.

— Pode haver outras entradas, ou alguém pode ter feito como a gente, e entrado por outra janela.

— Teremos que fazer uma ronda para saber.

Embora detestasse explorar os lugares que encontrava, esse me trazia certa tranquilidade. Tinha certeza de que ninguém escolheu a prefeitura para se proteger. Era mais que uma sensação, que uma intuição conquistada depois de dezenas de arrombamentos. Lugares que podiam ter comida foram os primeiros a serem saqueados. Postos de gasolina, mercadinhos, shopping centers: estes estavam sempre cheios de gente. Mas quem viria para o emprego público sabendo que o mundo estava ruindo? Ou se esconderia entre os papéis tediosos da prefeitura?

Max destrancou a porta devagarinho para não fazer barulho. Olhou pela fresta para o corredor, tentando ouvir algo. Nada.

Uma a uma, abrimos as salas e passamos pelas alas vazias. Não havia ninguém ali, e nunca houve.

Aproveitamos para abrir as gavetas e procurar comida, sem grandes esperanças, mas achamos, durante a busca, alguns pacotes de biscoito fechados, duas garrafas abertas de whisky, um saco de confete, um pacote de balas, e, para coroar, uma máquina de venda automática cheia de guloseimas.

Enquanto procurávamos um mapa, íamos olhando as fotos dos eventos da cidade, pendurados em quadros na parede. Imaginei quantas dessas pessoas deviam estar vivas, e, se sim, onde foram parar. Abri por curiosidade algumas pastas para ver que tipo de assuntos falavam naquela época. Solicitações de mudança de rua. Notas fiscais para reembolso. Certificados de participação de cursos. Regulamentos internos.

Quanta coisa inútil, pouco importante, desnecessária. E parecia tudo tão importante naquela época.

No gabinete do prefeito havia um mapa pendurado na parede, e Max pediu que eu vigiasse o corredor. Encostei no batente da porta, vendo-o descer o quadro. Ele procurou algo em volta e achou o porta-papéis. Quebrando o vidro, tirou o mapa de dentro. Não era um mapa perfeito, ele acabava na divisão dos municípios, mas era um

começo. Poderíamos estudá-lo hoje à noite.

Hoje à noite. Me peguei pensando nisso, encostada na porta enquanto o observava enrolar o papel e enfiá-lo na mochila. Em algum momento gostaria de falar para ele o quanto me senti segura em seus braços, na floresta. Em como adorei caminhar ao seu lado, mesmo que a situação fosse horrível e eu me sentisse um bagaço.

Ele saiu da sala do prefeito e olhou para o saguão. A prefeitura não era luxuosa, parecia um edifício qualquer, desses que antes entrávamos para resolver coisas burocráticas. Ele passou por mim e parou na minha frente ao ver que sorria. Suas sobrelanceiras se apertaram.

— O que foi?

— Nada.

— Você está sorrindo. Por causa do mapa? — ele apontou para o canudo enrolado em sua mochila.

— Não — respondi, sem saber como dizer as próximas palavras. Ele aguardou até que eu as organizasse.

— Não sei — comecei, sem saber como continuar. — Você me acharia muito estranha se eu te dissesse que estou feliz?

PERIGOSAS NACIONAIS

A palavra 'feliz' não fazia sentido. Quem poderia ser feliz fugindo de monstros e se arriscando a morrer nos dias de hoje?

Eu.

— Feliz?

Fiz que sim, dando de ombros. Eu disse que não fazia sentido.

— Por quê? — ele perguntou baixinho, acompanhando cada hesitação minha com expressão atenta. Estendi a mão até sua camisa e a alisei. Alisei a gola suada e a curva dos músculos, descendo os dedos pelos braços fortes.

— Descobri algo sobre mim, só isso.

Ele franziu os olhos. Até mesmo desconfiado ele era um charme.

— E o que descobriu?

— Que gosto de você.

Meus dedos pararam sobre seu peito.

Ele se aproximou, manso.

— Gosta, é?

Balancei a cabeça que sim.

— Mesmo tendo...

— Shhh — Levei o indicador até sua boca. Ele desistiu do que ia falar. Endireitou o pescoço, livrou-se do ranço machista e retornou ao homem

PERIGOSAS ACHERON

charmoso de antes.

— Por quê?

— Por que gosto de você?

Ele fez que sim.

Porque você é lindo. Porque me faz sentir especial. Porque me sinto estúpida ao seu lado, um caldeirão sem nexo de sensações. Porque você é bom para mim. Porque gente como você é rara. Porque eu poderia cruzar esse mundo e não dar a sorte de me deparar com outro assim. Porque Soraya vai te adorar quando te conhecer, e me perturbar para achar outro como você para ela. Porque estou gostando de você, e você é tudo em que consigo pensar.

— Porque sim.

Fiquei na ponta dos pés e pousei os lábios de leve sobre os seus, sorrindo. O beijo foi apenas um selo. Leve, como o sentimento que eu trazia no peito.

— Vamos achar um lugar para passar o dia — ele disse. — A gente merece um descanso depois da noite de ontem.



APÓS VÁRIAS TENTATIVAS de quebrar o vidro da máquina de salgadinhos, ele finalmente se rompeu. Os estilhaços se espalharam sobre e ao redor da bota de Max, enchendo o chão de estilhaços azuis. Olhamos para os lados, atentos a qualquer sinal de vida (ou morte) dentro da prefeitura. Não era por que não tínhamos visto ninguém que o lugar estava vazio. Mas segundos se passaram e nada surgiu, então seguimos com o plano de matar a fome. Max enrolou a mão em uma camisa que tirou da mochila e limpou as bordas afiadas ao redor, para que catássemos os pacotes sem nos ferir. Cada um pegou o que estava com vontade de comer, e

PERIGOSAS ACHERON

deixou o resto no lugar. Assim que peguei dois pacotes de batata e um de Doritos, seguimos pelo corredor até chegar na recepção, o lugar mais agradável que achamos para sentar e esticar as pernas.

O hall mostrava uma mesa solitária, certamente da recepcionista, algumas cadeiras de courino azul e o que um dia foi um jardim de inverno, hoje cheio de plantas ressecadas. Mas as pedrinhas eram agradáveis de tocar, e ali ainda era melhor que uma sala fedendo a tapete mofado.

Raios de luz fraca vazavam de uma janela alta, amarelando as paredes. Sentamos no chão. Ninguém ali se importava muito em sujar a roupa da poeira grossa que cobria tudo; estávamos sujos dos dias na estrada. Max encostou na parede e esticou as pernas; eu sentei na sua frente, cruzando as minhas.

— O que você tem aí? — perguntei, olhando para os pacotes na sua mão.

— Batata frita. E você?

Mostrei a ele meus dedos, tingidos de vermelho vivo. Ele esticou a mão até o meu pacote e roubou um Doritos, enquanto eu mastigava o salgadinho murcho. Seus olhos estavam mais verdes que

nunca, e seu rosto, coberto pela barba crescida, era ainda mais bonito do que barbeado.

Gostaria de ter dado uma olhada no meu visual antes de me sentar ali, com ele. Além de descabelada e suada, agora devia estar com a boca toda vermelha.

— Não estamos muito longe de Petrópolis. Quais são os planos? — ele perguntou.

Embora não tivesse motivos para rir, foi inevitável. Planos? Não existiam planos. Eu esperava chegar a Petrópolis e ver com meus próprios olhos a tal fortaleza, e talvez dar um jeito de subornar alguém para me deixar entrar. Não havia plano algum. Só vontade de resgatar Soraya e sair sem ser vista. Eu sabia que Soraya não era inocente, e estava aguardando o cenário 4 — em que eu iria atrás dela. Ela estava se preparando. Ao menor sinal de algo fora do normal, ela saberia o que fazer. Na verdade, — e sei disso porque a conhecia —, ela já devia ter bolado um modo de fugir. Não era difícil encontrar o ponto fraco dos lugares quando não sentiam a necessidade de escondê-los de você. Ela bancava a boba como ninguém, e a essas alturas era considerada uma prisioneira de baixíssimo risco.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não tenho planos — respondi. — Estou aberta a sugestões.

Max olhou para o pacote de salgadinhos e o chacoalhou, enfiando a mão dentro da sacola e salpicando o farelo na boca.

— Acho que devemos estudar a cidade por um tempo — ele começou.

Larguei o pacote de lado e abracei os joelhos, interessada.

— Ver se passa gente na rua, quantos mortos caminham pela cidade, essas coisas. E então precisamos achar um carro. A prefeitura deve ter carros parados no pátio, e as chaves devem estar por aí. Mas precisamos ter cuidado ao sair. Pode haver acampamentos de sobreviventes ao redor, e esses acampamentos são geralmente lugares terríveis. Passei por um ou dois nos últimos meses. São lugares sem lei.

Balancei a cabeça em concordância.

— E precisamos estudar o caminho que vamos tomar até chegar em Petrópolis. Há um grupo te procurando, e um miliciano desgarrado atrás de você também. Eles estão vasculhando estradas principais e secundárias. — Ele fez uma pausa. — Você deve ser a pessoa mais procurada do Brasil...

PERIGOSAS ACHERON

Ri porque não tinha forças para chorar. Mas a verdade era que rir ao lado dele fazia eu me sentir melhor. Eu me sentia protegida.

Olhei para o seu braço, e o pano sujo enfaixado ao redor dos seus machucados.

— E a dor, está tolerável?

Ele baixou as vistas para investigar os curativos.

— Tomei o último remédio hoje cedo. Vamos ver como vai ser quando o efeito passar.

— Posso dar uma olhada nas feridas mais tarde. Isso é, se você não se importar.

Ele me olhou com aquele olhar triste que tinha, e eu não soube dizer se estava mesmo triste, se queria dizer alguma coisa ou aquele era um olhar comum de sobreviventes.

— Não precisa. Posso fazer a troca dos curativos sozinho.

Não esperava que ele recusasse minha ajuda, e não gostei da sensação que apertou o peito. Gostaria de achar um jeito de dizer a ele que não seria problema algum dar uma olhada. Que *adoraria* fazer isso, na verdade. Aproveitar pra dizer que estava arrependida de ter fugido quando descobri quem ele era. Eu devia ter ficado e

conversado, mas tinha medo. Fugir foi um gesto de sobrevivência, mas ainda assim um gesto impensado. Ele se adiantou:

— Você não me deve nada. Não se sinta mal por mim.

— Não me sinto mal, eu só queria...

— Está tudo bem. — ele me cortou. — Você reagiu de maneira correta ao fugir. Eu também sentiria raiva.

Era impressionante como ele sabia exatamente o que passava pela minha cabeça. Mas o meu problema não era mais a *raiva*. Senti raiva, claro, mas só até pisar do lado de fora da casinha verde. Assim que vi o mundo, quis imediatamente voltar para os seus braços. Eu queria ter sido salva de Vicente? Claro. Queria que alguém tivesse me livrado dele? Definitivamente.

Mas a raiva passou.

— Sei que devia ter tirado Vinícius a soco daquele carro — ele continuou — Mas não posso voltar no tempo. Também sei que deve ter sido um choque descobrir que eu era o cara que deixou Vicente continuar a abusar de você. Ao mesmo tempo — e não me entenda mal, não quero amenizar meus atos — *você escapou*. Sozinha. E

escapar sozinha te deu uma força incrível. Nem de longe você se parece com aquele coelho assustado que via ao lado dele, naquela época. Você é...

Seus olhos brilharam, e ele pegou discretamente ar antes de continuar:

— ...você é simplesmente admirável, Ali. Não conheço outra pessoa como você. Tão corajosa, esperta e auto-suficiente.

Sorri, sem jeito. Eu realmente me sentia mais forte, e inteiramente diferente da pessoa que fui no passado. Descobri, muito antes desse momento, que salvar-se de uma situação ruim não tinha equivalentes. *Salvar-se era melhor que ser salva. Sempre.*

E para ser franca, investigando meus sentimentos, seria errado dizer que ainda guardava mágoas dele. Passado o choque da descoberta, descobri que ligava menos do que imaginava para aquela noite.

— Mesmo assim — ele concluiu — Obrigado por ter me perdoado.

— Max — senti a saliva descer grossa. — Eu não devia ter fugido. Eu me apavorei. Senti raiva em um primeiro momento, mas assim que pisei no mundo e caí na real, e lembrei que não havia nada

de bom do lado de fora, percebi que não dava mais pra julgar os outros com o mesmo pensamento de antes.

Carlos tinha matado duas pessoas na minha frente, e ainda assim eu me entreguei para ele. Por que não perdoaria a última tentativa de um soldado em seguir ordens?

— De qualquer forma, não precisa fugir outra vez. — Ele sorriu, chegando onde queria chegar. — Basta dizer o que quer, e prometo que respeitarei.

Aceitei suas desculpas, seus elogios e também essa tremenda demonstração de respeito que ele me presenteou.

— De onde você saiu, Max? — brinquei. — Onde você estava na época da faculdade, quando a gente saía a noite atrás de carinhas legais, mas só encontrava completos imbecis?

Ele soltou uma risada genuína, olhando para o salão, como se lembrasse-se desse tempo:

— Sendo um completo imbecil com as garotas. Não acho que você teria aprovado meu comportamento naquela época.

— Não acredito. O que você aprontava?

— Tudo. Eu era instável, inconsistente, desapegado.

— Ou seja, um galinha.

Ele riu alto: — Exato. Um galinha.

— Não vou nem perguntar o que mudou.

Esperava que ele risse da piada, e dissesse o óbvio — não havia mais mulheres dando sopa por aí — mas o que ele respondeu fez meu corpo gelar:

— Você.

— Eu? Eu o quê?

— Você aconteceu. Eu sentia um tipo de amor platônico por você.

Um calor agradável se espalhou por mim.

— Eu precisava vigiar Vicente, mas só tinha olhos para você. Quando tudo estourou, eu te procurei. Passei na frente do laboratório e da mansão de Vicente, mas o caos estava tão grande que precisei recuar. Que você tenha escapado daqueles dias de loucura completa ainda me espanta.

A revelação mexia de formas terríveis comigo, porque aumentava exponencialmente minha atração por ele. Não a atração física que eu claramente sentia; um outro tipo de atração. Angustiante, urgente, possessiva. Tudo que disse a mim mesma jamais sentir nesse novo mundo.

Não ceda, Ali. Não se apaixone. Não é um

mundo ideal para romances e você sabe.

Mas ele é tão irresistível.

Nos próximos minutos ficamos em silêncio. A decisão de encerrar o assunto veio dele:

— Você concorda com o plano de passarmos pelo menos uma noite ou duas aqui? Até acharmos um meio de chegar a Petrópolis?

— Concordo.

— Ótimo — ele disse, levantando-se. Tomei um susto quando o vi cruzar as mãos na frente da camiseta, e tirá-la de uma só vez, expondo todos aqueles músculos perfeitos — de novo — para mim. Ciente de que meus óculos tinham embaçado e que meu rosto estava em chamas, ele concluiu:

— Preciso mesmo de um tempo para lavar essas roupas, e colocá-las para secar.

E, dizendo aquilo, tirou também as calças.



MAX DANÇAVA NO BANHEIRO MASCULINO — ou o que um dia foi o local reservado para os homens daquele lugar — enquanto lavava a calça na pia. A música que animava a dança era do Cazuzza. A voz, masculina e ligeiramente desafinada, se espalhava pelos corredores, o suficiente para que eu deixasse o banheiro feminino para presenciar a cena.

E a cena era incrivelmente, *absurdamente* sexy.

Um corpo esguio e bronzeado se mexia enquanto esfregava o jeans. Uma bunda redonda gingava para frente e para trás enquanto pernas douradas e compridas, cobertas por uma maciez de

PERIGOSAS ACHERON

pelos sedosos, ia e vinha em passos discretos e pouco treinados. Não era uma dança animada, nada disso; era o tipo de dança que dançávamos quando sequer tínhamos intenção de dançar.

Um lamaçal se formava ao redor da pia, uma mistura de água suja, sabão e chão pisoteado.

"Eu nunca mais vou respirar ...

se você não me notar

Eu posso até morrer de fome

se você não me amar..."

A água boiava marrom ao redor do tecido azul, e a pouca espuma que o sabonete fazia rodeava a porcelana branca. Mas quem estava preocupada com a nojeira daquilo quando via, de frente para o espelho, um tórax de Adônis se remexendo no ritmo da música, e os braços flexionando e esticando, tensos da lavagem daquela roupa imunda?

Eu não estava.

Ele não fazia a menor questão de *não* fazer bagunça, e nem desconfiava que, da porta, eu o observava com o coração agitado. O pobre órgão batia alto no peito, informando em seu desespero que a cena mexia com ele. E essa *bateção* sem fim trazia uma sensação de euforia — um calor

delicioso, um tremor de expectativa, um mundo de ideias que eu nunca tinha experimentado. Só de pensar que pelos próximos dias passaríamos juntos e sozinhos, tinha vontade de parar no tempo.

Ao ver que ele apertava várias vezes o porta-sabão e não saía nada, voltei até o banheiro feminino, desmontei o que havia lá e peguei o saco de sabão dentro dele. Voltei ao banheiro, ainda ouvindo Cazuza.

"Exagerado...

jogado aos seus pés eu sou mesmo exagerado

Adoro um amor inventado..."

Entrei no banheiro e parei ao seu lado, estendendo a sacola. Max parou de cantar, aceitando bem humorado o sabão. É claro que ele sabia que a lavação estava indo de mal a pior.

Olhando para a minha roupa, perguntou:

— Não vai lavar a sua?

— Vou começar agora. Sua cantoria me desconcentrou.

— Não demore — ele olhou para a janela alta, de onde incidia o sol. — Não temos mais muito tempo. Pensei em subir no terraço para dar uma olhada na cidade, enquanto as roupas secam. Se as roupas não secarem, não teremos roupa pra dormir.

PERIGOSAS NACIONAIS

A ideia de dormir sem roupas não me desagradava, mas era hora de mostrar o que eu tinha achado:

— Aí que você se engana. — Pedi um segundo, saí do banheiro e voltei com dois cabides na mão. — Tanto o prefeito quanto sua secretária tinham trajes em seus armários. Achei esse terno completo, brega porém limpo... — Ergui o cabide onde um horrível terno cinza se sobrepunha a uma camisa branca de botões, envolta por uma gravata murcha, que que mais parecia uma cobra morta. — E achei também esse lindo vestido florido da década de 90, que quebrará um imenso galho até que meu jeans esteja seco.

Ele olhou divertido para o vestido, e com cara feia para o terno:

— Não gostei do terno... muito formal.

— Você pode ficar com o vestido — Ri, balançando a peça. A largura de Max estava mais para a largura da dona de vestido que para o raquitismo do prefeito, de qualquer maneira.

Ele soltou uma risada e voltou a lavar a calça.

— Acho que ficaria um charme — eu brinquei, afastando o vestido para observá-lo. — Seria isso ou... dormir sem roupa.

PERIGOSAS ACHERON

Ele me encarou do espelho, mostrando que a ideia podia ser cogitada. Minha vermelhidão, por sua vez, mostrava que a ideia já estava sendo.

— Se me der trela essa noite, visto o que quiser — Ele falou, erguendo as vistas das roupas na pia. A olhadela de lado selou a promessa.

Era inevitável: toda vez que ele me olhava, meu estômago começava a borbulhar.

Vermelha como se tivesse sido despelada, dei três passos para trás e quase tropecei na porta. Meu sorriso ameaçava rasgar o rosto em dois.

— Vou deixar você terminar o serviço. Não se esqueça da cueca — lembrei-o, olhando para o tecido branco que delineava perfeitamente suas formas perfeitas, e que agora, transparente, revelava mais que só sua perfeição. *Não lavá-la seria um crime.*

— Não vou me esquecer — ele respondeu. Os olhos verdes e divertidos mostravam a mesma excitação que eu sentia.

Deixei o banheiro sorrindo, ouvindo sua voz chegar lá de dentro:

— Deixe o terno pendurado na porta, já que a ocasião será formal!

— Por mim você não precisa vestir nada! —

Foi minha resposta.

MEU CORAÇÃO ESTAVA A MIL. Os flertes que prometiam um fim de tarde — e noite — maravilhosos me desconcertavam. Subi as escadas de dois em dois degraus, procurando um banheiro que pudesse me providenciar um milagre. Do corredor eu ainda ouvia o som delicioso e cristalino de suas risadas.

Era a hora de desembaraçar o cabelo e me limpar antes que a água acabasse, ou que ele viesse atrás de mim, limpo e delicioso, e me encontrasse desarrumada. E eu esperava que ele viesse.

Achei no segundo andar um banheiro asseado, depois de constatar que dois ou três mereciam interdição. O ocupante daquela sala definitivamente tinha TOC, ou era do signo de virgem. Cada papel, pasta ou detalhe da organização do espaço era impecável. Precisei voltar até a porta e ver o nome gravado ali - Sr. Irineu dos Santos - pra agradecer postumamente pelo asseio. Havia não apenas um, mas três sabonetes novos no banheiro. Havia papel

higiênico perfumado e macio. Havia uma toalha dobrada em um pequeno nicho sob a pia. Havia até loção pós barba para os dias em que por algum motivo o Sr. Irineu precisasse se assear durante o trabalho, e havia - bendito homem - um raspador de barba em perfeitas condições de uso.

Nos próximos minutos lavei o cabelo com o shampoo masculino para caspa, me ensaboei com um sabonete novo e raspei as pernas, cantarolando de alegria. Foi irresistível não dar uma "retocada" na depilação no triângulo entre as pernas. Admitia que alguns assuntos da vida antiga - como depilação - não faziam a menor falta nos dias de hoje (na verdade, um ganho do apocalipse), mas naquela hora eu *queria* voltar no tempo. Voltar à época em que aquilo era tão besta e comum que podia até ser contestado. Lembro como a depilação feminina era motivo de argumentações inflamadas - tanto prós como contras - e gerava infinitos bate-boca nas redes sociais. Que maravilha poder debater algo - sinal de que aquele algo podia existir ou não, e era questão de escolha. Hoje a questão parecia até mesmo imbecil, já que tanto convenções quanto sociedade haviam sido postas abaixo. As coisas ficavam mais simples quando se encerravam

as escolhas.

Não esqueci durante o banho, claro, da roupa suja. Ela definitivamente precisava de sabão.

Escovei os dentes com uma escova novinha que tirei da caixa, e reservei outra para levar para Max. o Sr. Irineu, pelo visto, tinha problemas com escovas de dentes usadas também. Vesti uma camisa masculina de botões que achei pendurada no pequeno armário e decidi, sem mesmo perguntar para Max, que dormiríamos ali, naquele escritório imaculado. Tinha certeza que, como dois e dois eram quatro, o maníaco por limpeza que um dia trabalhou ali havia mandado sanitizar o lugar - e múltiplas vezes. A única coisa que não achei ali foi uma calcinha. Juntei toda a roupa molhada e levei-as pingando até o térreo, onde Max me esperava. Não esqueci de colocar dentro do bolso da calça algo que gostaria de ter à mão caso tivesse a oportunidade.

Quando o encontrei, ele estava nu. Quero dizer, semi-nu. Vestia a cueca molhada que havia acabado de lavar, mas ela estava tão transparente que poderia muito bem estar sem. A saliva desceu pesada.

— Você está indecente com essa cueca

transparente — avisei, sem conseguir tirar os olhos de sua virilha. Indecente, também, era a forma como eu o olhava. Eu poderia decompô-lo em partes, de tão fixada que eu estava em suas coxas grossas e...

Ali, se controle.

— Não vou nem comentar que você está... — ele desceu os olhos do decote da camisa até a junção entre as minhas pernas, onde a blusa mal tapava o início das minhas partes íntimas. Ver seu peito largo se expandir, e ele perder a fala não tinha preço. — ... A própria indecência, também.

Com um sorriso chamativo, ele me convidou para segui-lo. Como eu, ele carregava sua roupa lavada sob os braços, e íamos deixando uma trilha de pingos atrás de nós.

— Achei a escada que leva ao terraço — ele comentou, olhando malicioso para trás. — Gostaria de ver você indo na frente.

— Você quer que eu vá na frente? — Perguntei, sem entender. Geralmente Max era protetor, e preferia limpar o lugar antes que eu entrasse, para ver se não havia virais. Mas ao ver a escada íngrime, olhei-o com os olhos apertados. Ajeitando a camisa que mal tapava a polpa da bunda,

respon-di:

— Você está muito engraçadinho.

Ele riu alto, me entregando sua roupa para ir na frente. Realmente, observar Max subir foi um evento, e tive vontade de tocá-lo. Ele abriu a escotilha e o beco foi inundado pela luz do sol. Algumas folhas secas que estavam acumuladas ao redor da portinhola voaram para dentro, trazidas pelo vento. Ele saiu e me estendeu a mão. Entreguei a ele o restante da roupa e subi, encontrando um terraço estéril, e, sobre ele, um céu azul completamente sem nuvens.

Não havia nada ali, a não ser a caixa d'água e uma mureta baixa que circulava toda a beirada do edifício. Max estendeu nossas roupas sobre as placas de cimento escurecidos no chão. Pássaros passavam para lá e para cá pelo céu, com seus chamados altos, enquanto tudo ao redor fazia silêncio. Coloquei uma pedra sobre a minha blusa para ela não voar, embora o vento não estivesse muito forte, e o segui.

Max fez um sinal de silêncio. Indicou com gestos que agora, ao ar livre, devíamos ser cautelosos. Nós nos abaixamos e andamos até a mureta. Ele olhou primeiro, tentando não aparecer

demais sobre o muro. Quando não viu nada, eu levantei e observei. A cidade era um túmulo. A rua principal mostrava alguns virais, mas era difícil dizer onde estava todo o resto. Uma cidade inteira transformada era uma multidão, que, se atizados, poderiam colocar abaixo muros e portas. Mas onde estavam esses moradores?

Fiz menção de dizer que estávamos seguros, mas ele pousou o dedo na frente da minha boca. O simples toque da ponta do dedo em meus lábios causou um alvoroço na minha respiração.

Estávamos seguros, mas sons eram sons - e queríamos continuar seguros. Até por que, toda aquela tranquilidade nos deixava livres para fazer outras coisas.

Beijei seu dedo, sem tirar os olhos dele. Seu peito começou a ondular e seus olhos pesaram. Senti sua outra mão subir pelos meus ombros, ericando minha pele. Suas mãos se fecharam atrás do meu pescoço e meu corpo foi puxado contra ele.

Colando finalmente a boca à minha, Max roubou o beijo que eu estava implorando para dar. Minha boca se rendeu, inteira, recebendo o toque morno da língua perfumada. Ele chupou meus lábios, primeiro os de cima e depois os de baixo.

Qualquer entrega da minha parte seria inteira, de qualquer jeito, e foi: eu pulsava por ele. Por isso torcia para que ele avançasse todos os sinais, ali mesmo sobre o cimento quente, sob o sol da tarde e o céu azul. Mas o beijo seguia lânguido, saudoso e comprido. Era tão estranho como nos declarávamos através de beijos, mais até do que em palavras. Sua língua ia e vinha, enchendo minha cabeça de ideias sensuais e românticas. Seus dedos embrenhavam-se entre meus fios molhados, e eu gemia inclinando o corpo na direção do dele, apalpando seus músculos e trazendo-o para perto.

Abri os olhos para me certificar de que estava tendo aquela segunda chance, e suspirei vê-lo ali, e ver que a resposta era sim. Não era um sonho; era Max.

Obrigada, bom Deus.

Suas mãos seguraram meu rosto, e eu cobri seus dedos com os meus. Abrindo os olhos, ele me olhou com a boca inchada e entreaberta, rosada, e beijou a ponta do meu nariz. Beijou meus lábios outra vez, beijou o canto da minha boca. Estava inquieta, ajoelhada na sua frente, sentindo a umidade entre as pernas, desejando enlouquecidamente que sua boca tomasse posse de

cada canto do corpo. Queria sentir sua mão em todos os meus lugares. Queria que ele me amasse, ali e agora. Mas algo o segurava.

Era como se ele pesasse os prós e contras de confiar em mim. Eu o deixei uma vez, e nesse meio tempo dormi com outra pessoa. Mas ele também sabia que gostava de sua companhia. Gostava do jeito como ele me tocava, gostava do seu beijo, e gostava cada vez mais de estar ao seu lado.

Ele era o lado bom desse inferno.

— Ali, você...

— Psss... — eu fiz, descendo a boca pelo seu pescoço em uma trilha de beijos. Se começássemos a discutir, não teria o que preciso. E eu precisava dele.

Eu queria que ele abrisse minha roupa e me amasse ali. A ideia de experimentar sexo ao ar livre me excitava, e eu já estava *bem* excitada no momento.

— Achei que estivéssemos aqui para...

— Achou, é? — perguntei, lânguida, voltando do passeio pelo seu pescoço, alisando o peito liso e morno. Os polegares encontraram seus mamilos, arrepiados e pequenos. *Faça o mesmo com os meus*, pedi em gestos, aproximando o corpo do

dele. Eu sentia meu pulso acelerar, bombeando mais que sangue quente por mim. Eram sensações incríveis. Filamentos e capilares de pura energia, que chegavam a todas as partes do corpo, dos dedos dos pés até a borda do cabelo.

E aquele cheiro masculino e delicioso que seu pescoço grosso exalava? Ou a sensação da pele ainda úmida do banho, recebendo o calor do sol? Algo na composição de Max me fazia adorá-lo. Crescia uma sensação louca por mim, e eu só conseguiria extravasá-la se ...

— Eu queria te deitar em um lugar especial — ele disse, rouco, as mãos decididas afastando meu cabelo da nuca. A frase foi gentil, a maneira de dizer aquilo, não. Ele me mordeu no pescoço, possessivo. *Sim, Max, seja bruto. Seja rústico, seja um príncipe, seja qualquer faceta da sua personalidade. Eu só preciso de uma delas hoje, as outras invocarei no decorrer da noite. E amanhã. E depois.*

— Terá essa chance hoje à noite — murmurei perto do seu ouvido, chegando o corpo mais perto. Minha intenção agora era sentar sobre ele. Passar cada perna ao seu redor, sentir sua cueca úmida onde eu queimava. Ele beijou meu queixo,

carinhoso, erguendo-o com o dedo até eu encará-lo. *Era possível ter me apaixonado tão rápido por esse soldado?*

— Senti sua falta — Deixei escapar. E a palavra foi essa mesmo: escapar. Não tinha a intenção de falar aquilo, justamente para não provocar o que a frase provocou:

— Ah, sentiu?

O tom de rancor, aliado ao olhar magoado era tudo que eu queria evitar. Sua pergunta não foi carinhosa. Foi uma provocação pela noite passada com outro.

Lá estava o ciúmes novamente, mas dessa vez não tinha a menor intenção de parar tudo para confrontá-lo. Algum prazer eu tiraria desse rancor.

— Pra falar a verdade, senti — respondi, descendo a mão pela sua barriga até chegar ao seu membro. Não era uma mentira; o rosto de Max quase atrapalhou tudo com Carlos.

— Mesmo assim...

— Mesmo assim.

Alisei seu membro por cima do tecido, sentindo sua dureza. Quando ele pensou em rebater, ergui a borda do algodão molhado e enfiei a mão sob ele, abraçando sua extensão quente e aveludada.

Seu pomo de Adão desceu vertiginosamente, subindo em um calombo. Levei as mãos até os botões da minha blusa e desabotoei o primeiro, aumentando o decote. Não deixei nem um momento de encará-lo. O peito de Max subia e descia, os olhos acompanhavam atentos meus movimentos.

Ele levou a palma até meu pescoço no momento em que abri o terceiro botão, revelando parte dos seios. Deslizou a mão grossa pelo meu pescoço até os ombros, afastando a camisa, que caiu de lado. Com a outra mão ele desabotoou outro botão, e a blusa já não escondia mais nada. O último botão foi solto e ele me tirou do seu colo e me sentou sobre suas pernas. A camisa desceu pelos braços, revelando a pele pálida. O sol queimava tanto quanto o seu olhar. Eu adorava a cara de devoção que ele fazia, como se me olhar fosse divino, algo que o tirasse dos eixos.

Ele estalou o pescoço, pensando no que fazer primeiro comigo. Brigar estava fora de cogitação. Me lambe, me chupar, me morder, me foder pareciam opções mais vantajosas. Meu estômago se contorcia, e minhas pernas se uniam tentando conter o fogo. Não era só tesão, era vontade de

colar o corpo ao dele. De sentir sua mão em mim, me trazendo segurança. De tê-lo comigo, em mim, para eu poder abraçá-lo inteiro.

Ele ajeitou a camisa ao meu lado, e me empurrou levemente até o chão. Deitei sobre o tecido fino, o cabelo espalhado ao redor, o peito subindo e descendo, os mamilos arrepiados de excitação sem que ele tivesse sequer os tocado. O vento fresco era um contraste com o calor sob as costas.

— Eu não queria fazer isso assim... — ele falou, subindo em cima de mim. Eu sentia a textura gelada da cueca pressionando minha virilha, e era uma sensação deliciosa, exatamente como tinha imaginado. Sob o tecido frio, uma barra de ferro cada vez mais dura me provocava.

— Ao ar livre? Eu sim.

Ele riu, roçando seu membro outra vez contra mim. Eu sabia que ele ainda tinha ciúmes, mas o antídoto para o seu ciúmes eram os meus sentimentos.

— Max — murmurei, bem perto de seu rosto. Ele continuava a me provocar com o corpo, cheio de tesão. — Quero você.

Seu sorriso ficou mais gentil. Ele não sabia,

mas a frase continuava na minha cabeça. Nela, ela tinha outro final: *quero você enquanto essa vida durar*.

A pergunta seguinte foi: *o que me impede de dizer isso?*

— Tenho uma coisa para te confessar — falei, sentindo-o se afastar só o suficiente para me olhar.

— O que quer confessar? — ele embrenhou um dedo entre minhas coxas, sorrindo ao me ver arfar. Exploradores, seus dedos avançaram entre as minhas dobras, sentindo a carne melada, segurando meu corpo no lugar quando um espasmo me fez tremer.

— Que ...

Para piorar o estado das minhas ideias, ele desceu a boca até um dos mamilos e o beijou, bem na pontinha.

— Estou prestando atenção... — ele disse, abrindo a boca e engolindo o bico durinho, começando a sugar em um ritmo de enlouquecer.

Eu não estava mais prestando atenção a nada. Seus dedos ficavam agora mais atrevidos, entrando em mim mais fundo. Era simplesmente maravilhoso senti-lo quente contra mim, seu membro pulsante encaixado em minha coxa, a

língua brincando com o bico sensível, a sensação de sexo iminente, de tranquilidade. E o sol, tão intenso, trazendo um ardor à pele como a pimenta trazia à comida.

Alisei seus músculos, pensando em como tudo aconteceu tão rápido, e de forma tão intensa. Tudo que eu queria era o seu toque. Sua carícia. Seu beijos em mim.

Ele levou uma das mãos à minha coxa e me puxou para perto. Estávamos agora de lado um para o outro, os corpos colados. Ajudei-o a se livrar da cueca para senti-lo, e senti-lo sem ela foi uma delícia. Pelas investidas de seu membro e pelos apertões, seguidos por uma sensação de gastura que o fazia trincar os dentes, eu sabia que ele estava completamente louco para meter em mim. Acho que muitas coisas o impediam, uma delas era que ele achava que precisava me dar prazer antes. Para o inferno com as preliminares. Minha intenção era estendê-las noite adentro, e durante o dia de amanhã também. Agora eu queria o que ele queria.

Abracei-o com uma das pernas, remexendo o quadril para encaixá-lo melhor em mim.

— Não temos proteção, Ali.

Sorri, apontando o queixo para minha calça

jeans que secava adiante.

— Eu subi nesse terraço cheia de más-intenções.

Ele me olhou como se não acreditasse naquilo. Max levantou-se com um salto, seu corpo longilíneo passando rápido por mim. Era uma visão e tanto acompanhar seus passos e vê-lo agachado ao lado das peças, procurando pela camisinha que coloquei no bolso da calça. Se ele dissesse não, a camisinha retornaria para a mochila. Mas não contei muito com essa possibilidade.

Ele voltou abrindo o pacotinho, me olhando como se eu fosse um completo mistério. Seu membro era um show à parte, rijo e rosado, grande, curvo e circulado por veias de aspecto azul.

Não havia mistério. Só precaução e uma tonelada de tesão.

— Prometo que mais tarde vou te compensar, mas agora...

Puxei-o para mim, envolvendo-o em um beijo profundo enquanto o ajudava a encaixar o membro entre as minhas pernas. Ele me penetrou de vez. Foi fundo, rápido, e soltei um gemido dentro de sua boca quando a emoção virou dor. Ele não interrompeu para perguntar se machucou, se queria

que ele fosse com calma; eu já estava mostrando que queria daquele jeito, daquela forma. Eu o queria exatamente assim. Com esse senso de urgência, de reencontro, de última vez.

Ele ia e vinha, compenetrado em suas próprias sensações, deitado sobre mim. Eu alisava seus braços, oscilando a cabeça de uma lado para o outro, às vezes de olhos fechados, em outras, bem abertos. As sensações eram perfeitas, Max havia sido feito para mim. Mordi seu braço quando ele parou as estocadas e ficou imóvel; ele estava chegando lá mas não queria chegar.

Ele respirava com dificuldade. Seu corpo estava arqueado sobre o meu, os gomo da barriga agora suada tensos da posição, a união entre nós melada e escorregadia, as sensações fazendo os dois estremecerem.

— Diz pra mim que tem mais camisinha — ele murmurou tão baixo que mal o escutei.

— As gavetas da prefeitura estavam cheias — falei de volta, e ele abriu um sorriso doído.

— Não vou aguentar — ele soltou em um sopro, e eu o puxei mais fundo, mais para dentro. Ele exalou o ar, disse meu nome baixo e desfaleceu. Em seguida tombou para o lado, me

PERIGOSAS NACIONAIS

puxando contra ele. Ele não queria se afastar.

Por um tempo o olhei, cogitando dizer o que não havia terminado. Mas decidi esperar. Teria a chance de dizer o que sentia outra hora. No momento, queria curtir sua presença, seu corpo e seu bom humor.

Eu me declararia mais tarde.

PERIGOSAS ACHERON



MAX

DURANTE O RESTO da tarde e começo da noite, fingimos vigiar as ruas enquanto íamos de sala em sala fazendo coisas indescritíveis. Algumas dessas foram feitas no gabinete do prefeito, e envolveram a mesa, o corpo de Ali por cima do meu e um sexo oral que ficaria para a história. Outras foram feitas na sala de reuniões, e envolveram muitas coisas, entre elas puxões de cabelo, Ali de quatro e eu por trás, além de algumas camisinhas.

E assim fomos de sala em sala, substituindo a

PERIGOSAS ACHERON

procura monótona por mantimentos pela chance de escapar da verdade. E a verdade era que estávamos fodidos, sem planos, carro ou armamento. A única coisa que tínhamos era tesão.

Entre uma maratona de sexo e outra, juntávamos roupas, objetos úteis, mapas, bandeiras (elas davam ótimos cobertores), fósforos e isqueiros, além de um achado inusitado: uma arma. Ela estava dentro de uma gaveta trancada, e parecia nova. Chequei o cartucho (cheio) a trava e constatei que a sorte estava mudando para o nosso lado.

— Agora só falta achar a chave da picape estacionada no pátio externo, e podemos partir — ela disse.

Partir. O verbo ficava martelando na mente, sem cessar. *Partir dali.* Sei que estávamos juntos, mas não até quando. Faltava coragem de perguntar sobre o futuro.

Acendi uma vela perfumada (achada dentro da gaveta de um sujeito pra lá de esotérico) e a luz dourada clareou a sala. Hora de fazer a pergunta que tinha coragem: onde ela queria dormir, se nos meus braços ou nos meus braços.

Encostei-a na parede, uma mão em cada lado da

cabeça, e beijei-a antes que saíssemos do escritório. O beijo era para ser simples, mas se transformou em uma declaração de amor. Foi ficando mais profundo, mais intenso, mais sexual. Ela entrelaçou as mãos atrás do meu pescoço e começou a ondular contra mim. O corpo já estava aceso outra vez.

— Precisamos esperar até amanhã — ela falou entre os beijos.

Fingi não entender o que ela estava falando, mas eu sabia. Segurei-a firme pela cintura e a ergui, sentando-a sobre um antigo arquivo de aço ao lado. Era um daqueles arquivos cinzas e robustos, cheio de gavetas e documentos organizados por pastas.

— Quer que eu espere? Eu espero — disse me colocando entre suas pernas, beijando cada um de seus joelhos.

Estávamos exaustos de sexo. Havia sido uma tarde fora do comum, e precisávamos descansar o corpo. O problema era que estávamos exaustos de sexo, mas não um do outro.

— Você não sabe esperar — ela riu, acariciando minha cabeça.

— Sei esperar, claro que sei — ergui sua perna para beijar a pele macia atrás de seu joelho. Seu pé encaixou na curva do meu braço, apoiado sobre o

armário. Eu queria abri-la. Tratá-la. Deixá-la pronta para amanhã.

— Sei o que você quer, soldado — ela sorriu, deixando que eu fizesse o mesmo com a outra perna. Sorri de volta, acariciando as coxas com as costas das mãos. Na posição em que estava, meu rosto batia em seu umbigo. Sua boceta redondinha, agora escondida pela calcinha limpa, estava à distância de um beijo.

Ela me olhava parte cansada, parte divertida, enquanto os pés brincavam com a lateral do meu tórax.

— Estou dolorida de tanto... — ela pausou. — De tanto *você*.

— Eu sei — falei baixinho, afundando o rosto em sua barriga. Arrastei o nariz pela pele macia, beijando de leve o umbigo perfeitamente redondo. Ela tentou fechar as pernas, mas eu estava entre seus joelhos.

Eu havia judiado dela sobre a mesa da sala de reuniões. A posição era favorável — ela estava de quatro — e eu estava muito louco. Arremeti mais forte, ela pediu mais, e eu dei tudo que tinha. Trepei com ela como um insano, fazendo carícias nem sempre delicadas nos locais onde conseguia

colocar a mão. Seu orgasmo, duplo, me deixou louco. Eu a queria de novo, e da mesa caímos no sofá, e lá a loucura continuou, e eu gozei como nunca tinha gozado antes na vida. Prometi a ela depois disso que pararia de atiçá-la, mas eu era doido por duas coisas que estavam ao redor o tempo todo: ela e sexo. Eu simplesmente não conseguia resistir, estava na minha natureza querê-la outra vez, meia hora depois.

E agora ela reclamava que estava dolorida. Que precisava de pausa. Ela merecia uma pausa.

— Posso só beijar você? — perguntei de olhos fechados, beijando o monte arredondado de sua calcinha. Ela suspirou longa e profundamente, arrastando as mãos pelo meu cabelo e descendo até meus ombros.

— Só beijar?

— Só beijar. E talvez lamber.

— Lamber? — Sua voz não era mais que um fio.

— Lamber. Devagarinho, sem dedos. Só língua — mordi de leve o montinho acolchoado.

Ela balançou a cabeça que sim, e eu cumpri minha promessa. Como ela não disse onde poderia beijá-la, beijei-a inteira. Dedos. Mãos, palmas,

pulsos, antebraços. Umbigo, curva dos seios, e cada um dos mamilos atrevidos que apontavam para mim, arrebitados. Eu os tinha chupado tanto, e com tanta vontade, que eles estavam lustrosos e inchados. Ela lançou a blusa ao chão péla enésima vez.

Beijei o interior de suas coxas e atrás dos joelhos. Seus calcanhares, a planta dos pés. Ela tentou tirar os pés de perto de mim quando ameacei chupar um dos dedos. *Não*, olhei para ela trazendo o pé de volta. Eles não estão doloridos, e estão liberados.

Seu peito subia e descia, seus olhos estavam arregalados nos meus. Tinha fetiches estranhos, esse era só um dos muitos que pretendia fazer com ela. Enfiei seus dedos na boca, um de cada vez, e repeti. Ela aos poucos ia descobrindo que qualquer parte do corpo podia ser erógena, e que eram nossas neuras as maiores estraga-prazeres do sexo.

Suas mãos já não me queriam distantes; elas me puxavam para perto. Mas promessa era dívida: só beijos.

— Max, não acredito que estou... — ela não chegou a completar a frase. Estava revoltada consigo mesma, porque agora afastava acalorada o

cabelo do rosto, corada, a boca entreaberta. Ela estava com tesão. Mas não ia fazer aquilo com ela.

— Eu estou molhada... *de novo* — ela parecia aborrecida consigo mesma.

Sei que estava. Um círculo úmido tingia a calcinha de um tom mais escuro, bem ali no meio, onde em breve eu a tocaria. Eu podia sentir dali o cheiro de sua intimidade. Na verdade, o ar da sala estava perfumado com o cheiro de sexo. Cheiro de gente enroscada, suada e gemendo. Cheiro de trepada.

— Só beijos — eu a lembrei.

Espalmei o interior de suas coxas e as abri mais. A calcinha era de algodão, grande e ruim de afastar para o lado. Levei os dedos à borda e escorreguei-a pelas nádegas firmes contra o aço gelado. Ela ergueu uma banda, depois a outra, e com enorme sensualidade a calcinha desceu pelas pernas até ser retirada. O pequeno pedaço de pano foi parar no meu bolso.

Lá estava ela. Nua, inteira, linda e perfeita só para mim outra vez.

Cheguei a cabeça perto dos pelos escuros e inalei seu perfume. Senti meu cheiro ali, não fazia uma hora desde que estive dentro dela.

PERIGOSAS NACIONAIS

Delicadamente, afastei com os indicadores as dobras da sua intimidade. Não dava para ver nada por causa da escuridão, mas eu sabia que ela estava vermelha da fricção. Levei a língua até seu centro e lambi, de baixo para cima, segurando suas pernas para que não fechassem pela sensação.

Suas mãos foram parar no meu cabelo. Elas tanto me empurravam quanto me seguravam no lugar. A língua desceu de novo, outra vez. Lambidas rápidas e curtas, úmidas de saliva, misturavam-se ao melado natural do prazer do seu corpo. O gosto era delicioso, eu poderia lambê-la todos os dias, se ela quisesse. Ajeitei a boca no botão inchado e chupei-o com delicadeza. Não era a intenção força-la a prazer algum, só acariciar cada camada ali dentro. A chupada virou um beijo. Beijeí sua vulva, alternando os movimentos de língua com movimentos circulares. Voltei a correr a língua ao redor, enlouquecido pelo gosto de boceta, excitado por saber que a boceta era dela.

— Max... — ela gemeu, indefesa.

Ela estava indefesa, tudo em sua postura indicava que estava. Sua cabeça estava jogada para trás, e sua mão se segurava em mim para não tombar.

PERIGOSAS ACHERON

— Você é muito, muito malvado — ela disse perdida em sensações, a voz não mais que um fio.

— Não quero te fazer gozar outra vez, Ali. Só amenizar o desconforto. Está ruim?

— Ruim? — ela deu uma risada rouca. — Eu poderia enumerar mil coisas ruins só dentro dessa sala, e o que você está fazendo não estaria entre elas.

Não parei os movimentos enquanto ela falava; continuei o banho de gato. Sua respiração começou a ficar arritmica. Seus dedos largaram meu cabelo para se equilibrar sobre o arquivo. Seus olhos estavam fechados, sua boca entreaberta para deixar passar o ar. Era a visão mais linda do mundo: ela, dourada pela luz da vela, seu contorno nu espasmando pelo ápice que chegava de beijos — beijos muito bem localizados.

Quando pensei em perguntar se ela queria que eu a deitasse em algum lugar e terminasse o banho que estava dando, ela gemeu como se seu corpo estivesse sendo varrido por uma onda, carregando todos os pelinhos do corpo para cima. Morna, mole e saciada, ela tombou sobre mim, e eu a segurei. Abracei-a forte, sentindo suas pernas moles e incapazes de segurar o peso do corpo. Levei-a no

PERIGOSAS NACIONAIS

colo e deitei-a no sofá.

O jeito como ela me olhou - tão quente, tão linda e lânguida - me fez ouvir as batidas do próprio coração no corpo inteiro. Era exagero dizer que estava perdidamente apaixonado por ela?

Mas que lugar tinha um sentimento desses nessa merda de mundo?

Mundo merda ou não, eu estava apaixonado por ela.

Pensei em dizer aquilo em voz alta, mas não falei nada. Ela já tinha me deixado uma vez, e algo me dizia que, se sentisse que queria mais do que demonstrava, ela não hesitaria em fugir outra vez.

Não dava para esquecer que ela só sobreviveu porque lutou para ser livre. As chances não eram boas para nós.

Era melhor esperar.

PERIGOSAS ACHERON



MAX

A CHAVE DO CARRO, quem poderia imaginar, havia sido deixada na casinha do vigia, perto do portão de saída. Como o pátio da prefeitura estava vazio, tudo que precisamos fazer foi carregar a caminhonete com tudo que tínhamos, arrebentar o cadeado e partir.

A viagem para Petrópolis foi praticamente feita por estradas paralelas. Com os mapas nas mãos, podíamos nos arriscar por cidades menores, e por duas vezes paramos em postos de gasolina

PERIGOSAS ACHERON

abandonados para tentar achar combustível. Em uma dessas vezes, conseguimos. Estocamos o resto em galões que roubamos na garagem e seguimos viagem. Antes das três da tarde estávamos perto de Petrópolis, e as placas indicavam caminhos diversos para a serra, o local onde Vicente estava escondido.

Mas à medida que íamos nos aproximando das montanhas, algo ia acontecendo com Ali. Ela já não conseguia mais rir das minhas piadas, e pensamentos sombrios a deixavam muda por minutos a fio. Quanto mais perto da fortaleza, mais retorcida ficava sua expressão, e mais ela apertava o estômago, como se algo ali dentro a queimasse. Ela estava para reencontrar o homem que a havia trancafiado em sua mansão, e feito com ela coisas que ela não conseguia me contar.

Em parte, desconfiava, porque ela mesma não sabia o que tinha sofrido em suas mãos.

Ela mencionou que muitas vezes acordou tão grogue dos coquetéis que ele a dava que não se lembrava de períodos inteiros do dia. A desculpa, no começo, era a mesma que já tinha ouvido no exército, quanto discutíamos a missão: ajudar pessoas. No caso dela, apostava um dedo de minha

mão como Vicente a convenceu de que ela precisava colaborar se quisesse ajudar sua irmã.

Ela lembrava da época com pavor. Um pavor pouco expressivo, controlado, mas ainda assim, pavor.

Sei que ela tentava expulsar as lembranças enquanto íamos renteando uma estrada menor, a poucos quilômetros da sede do parque. A estrada parecia pouco tráfegada, o que era bom sinal. Não era por ali que os milicianos passavam.

Estávamos há quase uma hora sem trocar uma palavra, quando decidi confrontá-la.

— Ali, precisamos parar em breve. Não devemos chegar mais perto do que chegamos. Não sem antes saber onde eles estão.

Ela fez que sim, olhando ao redor. Fazendas ficavam para trás, sítios destruídos, uma cidadezinha pouco convidativa onde um grupo de infectados tentou parar o nosso carro, e acabamos atropelando todos.

— Aqui não parece seguro — ela falou tão baixo que quase não a ouvi. Olhei pelo retrovisor para o grupo de sete virais que ainda se remexia, mesmo caído, na estrada.

— Eu sei.

A estrada seguia serra acima, e o sol descia no horizonte. Precisávamos escolher um lugar antes que escurecesse. A única maneira de descobrir onde Vicente estava era a pé, pela mata. Continuamos a rodar em silêncio, em pouca velocidade para não fazer muito barulho, observando cada lugar onde pudéssemos passar a noite em segurança. A essas alturas era importante para mim onde ficaríamos. Eu me importava demais com ela para correr riscos.

E ela precisava pensar na hipótese, por mais que me doesse o coração, de que talvez não conseguíssemos resgatar Soraya. Não sei se ela imaginou que pudéssemos ser colocados na terrível situação de escolher entre salvá-la ou salvar-nos.

Foi rodando a esmo que chegamos à subida da serra. A antiga sede do parque estava abandonada. As janelas do chalé onde um dia funcionou a sede do ICMBio estavam quebradas, e o caminho de pedra que subia em direção ao parque parecia gasto. Tudo indicava que estávamos na subida do laboratório de Vicente. Havia sinais claros de que carros passavam por ali, e muitas vezes durante o dia.

— Max, dê a ré — ela disse olhando para trás.

Seu rosto estava lívido e gotas de suor brotavam em sua testa. Havíamos caído na boca do lobo. Se um carro passasse por ali naquele momento, veria imediatamente o nosso.

Ela não precisou pedir outra vez. Engatei a ré e continuei a retornar pela pequena estrada lateral, enquanto o chalé diminuía no horizonte e a estrada se tornava oculta pelas árvores e pelo matagal ao redor. O coração batia como um tambor. Só de pensar que podíamos ter sido ouvidos, o meu estômago também dava um nó.

— Acha que eles ouviram alguma coisa? — Ela perguntou, tensa.

— Não. Mas não podemos ficar aqui. Não, pelo menos, à vista.

Ao dizer aquilo em voz alta, tive uma ideia. Parei o carro e olhei para a frente.

— O que foi? Dê a volta, Max, vamos embora. — Ela falou, ofegante.

— Espere, Ali. Preste atenção.

Andei com o carro para a frente, para observar a sede abandonada.

— A sede foi destruída. As janelas estão quebradas e o local foi saqueado, está vendo?

— E? — ela quicava no assento, querendo

desaparecer dali. Olhei para as suas mãos, trêmulas, sobre o console do carro.

— Não pode se alterar assim se quiser resgatar sua amiga, meu amor.

Era a primeira vez que a chamava de amor. O apelido soou estranho para mim mesmo, e fora de lugar. Ela não pareceu notar.

— Só quero sair daqui — ela exigiu fechando os olhos, tremendo inteira.

Tirei o cinto, desliguei o carro e a colhi em um abraço. Ela estava tendo um ataque. Tremia como poucas vezes na vida vi alguém tremer. Estava com tanto medo de Vicente que mal conseguiria correr, caso se deparasse com ele. O pavor dos meses em que viu o mundo ruir - e cujas ruínas soterraram as memórias ruins - voltavam com tudo.

— Vou falar o que vamos fazer — murmurei em seu ouvido, enquanto a trazia de volta. — Nós vamos deixar o carro aqui, por enquanto. Vamos andar até a sede vazia, com a seguinte informação na cabeça: não há ninguém ali. Não existe motivo para ter alguém ali. A fortaleza está próxima, ninguém estará ali. Você está me ouvindo?

Sua cabeça balançou, acolhida entre meu pescoço e ombro. Ela estava ouvindo, e se

acalmando.

Falei com ela o que sabia sobre sedes assim:

— Essas sedes costumam ter casebres anexados, um lugar para os funcionários tomarem banho e guardarem suas coisas. Eles geralmente ficam nos fundos, e podemos acampar lá. Precisamos sair à noite pela mata, por menos que goste da ideia.

Eu ia falando as palavras de modo tranquilo, sem tentar acalmá-la com mentiras nem desesperá-la com a verdade. Não era tarefa fácil, nas condições atuais.

— Precisamos saber quanto longe eles estão. Quantas pessoas guardam o lugar.

Ela fungou, fazendo que sim. Ela sabia de tudo isso.

— Ele não colocará a mão em você, eu prometo. — Falei, me afastando dela para que ela pudesse ouvir aquilo olhando para mim. — Eu prometo.

Ela beijou meu rosto, com o próprio banhado em lágrimas.

Sáímos do carro com as mochilas nas costas, olhando para os lados. A estrada era de terra, e o mato aos poucos a invadia pelas bordas. Animais

corriam atrás das moitas, e os pássaros cruzavam o céu com a alegria dos tempos antigos.

Caminhamos dois minutos até a sede, e, como imaginei, o lugar tinha sido saqueado tempos atrás, e depois esquecido. Na sede, mesmo, não dava para ficar. O frio entraria pelas vidraças quebradas com força durante a noite, e sabe-se lá que animais rastejavam pelo chão coberto de folhas do lugar. E no mais, não era a sede que nos interessava.

Descendo uma escada nos fundos, desembocamos no antigo casebre dos funcionários. A pequena casa também havia sido saqueada, mas ainda estava tudo ali: o banheiro, o quarto, os armários, a pequena cozinha. Nada ali funcionava, mas pelo menos poderíamos nos proteger durante a noite.

Deixei-a na casinha e voltei rapidamente ao carro, trazendo o resto de nossas coisas. Ajeitamos as bandeiras roubadas da prefeitura no chão, trancamos a porta e fechamos a báscula do banheiro para que não entrasse nem vento, nem nossas vozes escapassem. Precisávamos dormir para sair de madrugada e vasculhar o lugar. Não estávamos longe da fortaleza.

Ali ajeitou a rede no chão. O chão continuaria

duro, mas pelo menos a rede estava limpa. A luz fraca do fim do dia entrava pela janela alta, realçando as teias de aranhas nos cantos das paredes. Deitei ao seu lado depois que comemos o resto dos biscoitos e bebemos água. Ela estava virada para mim, os olhos claros congelados.

— Não precisa ficar com medo. Vai dar tudo certo — eu falei, alisando seu braço. Ela estava fria, mas se recusava a colocar o casaco. Seus olhos sequer se mexiam no rosto.

Foi uma besteira dizer aquilo, mas o que mais poderia dizer? Que não daria certo? Tinha que dar.

Algun tempo depois, a frase penetrou pelos poros e ela piscou. Seus olhos ganharam nitidez e ela sorriu. Não um grande sorriso, só o tipo de sorriso que ela podia dar.

Aquela era a hora, pensei. O momento de dizer que estava apaixonado por ela.

— Max. — Ela falou antes que eu dissesse alguma coisa.

Afastei o cabelo de seu rosto, atento á perfeição que seu rosto era. Que ela inteira era.

— Sim, meu amor.

— Posso te pedir uma coisa?

Qualquer coisa, eu sussurrei. Puxei-a contra

mim para um abraço que não tinha qualquer intenção, mas ela pousou a mão em meu peito e me afastou.

— Eu não estou bem — confessou. — Preciso de um tempo. Não um tempo de *você*, não me entenda mal. Mas de um tempo em silêncio. Quieta, sem conversar.

Ela retirou as mãos de mim, e eu guardei minha declaração para depois. Juntando as palmas, ela deitou a cabeça sobre elas, dizendo a frase seguinte para um ponto aleatório do casebre:

— Estar aqui me faz muito mal.

— Eu sei — disse sem me aproximar outra vez.

— Quando eu ficava mal, no estúdio de Ioga, pedia a Soraya que me desse um tempo também. Para pensar, eu dizia. Não gostava de dizer que estava meditando, mas era mais ou menos o que eu fazia. Fechava os olhos e sumia dentro de mim.

— Claro — Falei, tentando não levar o pedido para o lado pessoal.

— Na maioria do tempo consigo dar conta dos meus fantasmas, mas hoje está sendo difícil.

— Eu imagino.

— Preciso dormir. Preciso achar meu centro outra vez, me convencer de que Vicente não vai me

ter novamente, e nem terá minha amiga. — Seus imensos olhos azuis fitaram os meus, suplicantes: — Acorde-me quando for madrugada. Eu estarei pronta pra ir com você.

Alisei seu cabelo e fiz que sim. Mas logo ela estava ressonando, cansada da viagem e das últimas noites, enquanto eu via a tarde virar noite, a noite virar madrugada, e o sono não vir.

A noite era alta quando me levantei e vesti o casaco. Ajeitei o dela sobre seus braços, sem coragem de acordá-la. Prestei atenção a todos os sons do lado de fora do casebre, e pela falta deles, não havia viva ou morta alma ao redor. Nenhum carro subiu ou desceu desse morro, e seria bastante tranquilo subir alguns quilômetros estrada acima para ver onde ela ia dar.

A mão quase tocou nela, mas ela dormia tão profundamente que decidi, no último minuto, ir sozinho. Coloquei a arma na cintura e deixei tudo ao seu lado, para que visse, caso acordasse, que eu não tinha ido muito longe. Bastava ela me esperar aqui, e eu logo eu estaria de volta.

Abri a porta do casebre vendo a escuridão completa do lado de fora. Olhei-a antes de fecha-la, conferindo se ela estava dormindo. Ela estava.

PERIGOSAS NACIONAIS

Nas próximas duas horas, caminhei na beirada da estrada, tomando cuidado para encontrar esconderijos caso algum carro surgisse subindo ou descendo a serra, mas ninguém apareceu. Uma hora de caminhada depois, encontrei o que procurávamos. Uma construção gigantesca em uma área desmatada da floresta, cercas e torres de vigília para todo o lado. Circulei a fortaleza procurando entradas e saídas, vendo homens cruzarem o pátio sob lâmpadas fracas. Havia uma estrutura imensa no local. Geradores de luz, carros, casas, um edifício construído de forma rústica mas sólida, portões e arames farpados por toda a extensão. E a cerca seguia mata adentro, mostrando que havia muito a ser explorado. Não era exatamente uma fortaleza que Vicente havia construído ali, e sim uma extensão de seu laboratório. Cilindros de gases que não conseguia identificar eram protegidos por muros, e a instalação lembrava um hospital.

Teríamos que entrar pela floresta. Desejei nesse momento ter reforços para me ajudar a invadir o lugar, mas isso teria que esperar. Precisávamos observar o lugar até descobrir onde estava Soraya, entrar durante a noite, tirá-la dali e sumir daquela serra, chamando pouca atenção.

PERIGOSAS ACHERON

Era um plano.

Desci a estrada com a mesma cautela, até ver ao longe os primeiros raios do dia iluminarem a sede abandonada do parque. Ali deveria estar acordando agora. Podíamos voltar quando quisesse até o lugar, mas dessa vez, pelo outro lado do morro, por onde seria mais fácil chegar perto sem sermos notados.

A casinha continuava com a porta fechada, e eu a abri com cuidado para não fazer barulho.

Ao ver a casa vazia, o coração parou de bater dentro do peito.

Ali tinha desaparecido, e levado tudo com ela.



ALI

— ME SOLTA, Carlos! — Tentei dizer, mas o que saiu foi "mfmgmmffs"

— Ainda não.

Estávamos caminhando há meia hora. Eu mal sentia o peso das pernas, tamanha adrenalina. Foi tudo muito rápido: a explosão casebre adentro, sua mão pesada contra a minha boca, os nós que ataram meus braços, a faixa de pano que me impediu de gritar. Com agilidade impressionante, ele catou tudo que interessava ao redor e enfiou na minha

PERIGOSAS ACHERON

mochila. Segundos depois estávamos deixando a sede da entrada do parque em direção à estrada. Meu coração ia socando o peito e martelando os ouvidos, enquanto tentava achar meios de argumentar com ele. Eu queria matá-lo — e provavelmente o mataria se ele tivesse deixado qualquer um dos nós frouxos — mas eu queria, antes, tentar dissuadi-lo. O problema é que a essas alturas Carlos conhecia todos os meus truques: o grampo no sutiã, a muleta-arma, e todas as outras artimanhas que me fariam sair correndo e deixá-lo para trás. Só me restava seguir andando, sendo empurrada de vez em quando para acelerar o passo.

A escuridão era tão profunda que parecíamos estar caminhando em um cômodo escuro. Só o céu trazia alguma luz à cena, vinda das infindáveis estrelas. A lua estava desaparecida detrás de nuvens esparsas, e os grilos cantavam alto atrás do matagal. Eu o ouvia caminhar ao meu lado, às vezes atrás de mim. Ele parecia conhecer o caminho de cor.

Passamos pela caminhonete que eu e Max estacionamos na estrada lateral. Carlos não deu ao veículo uma segunda olhada, sinal de que a tinha visto antes, e provavelmente sabia onde estávamos

escondidos. Não tinha medo de que pudesse ter feito mal a Max; ele estava com pressa em me tirar do casebre, sinal de que estava fazendo tudo na surdina. O que ele não sabia era se estávamos armados, ou quem era o soldado que me acompanhava. Ele só continuava a me afastar dali, me empurrando, ainda que gentilmente, para frente. Sabia que Max tinha saído sozinho e tinha usado aquele vacilo para me sequestrar. De novo.

Aquilo já estava me dando nos nervos.

Max, seu filho da puta, por que não me chamou para ir com você? Como pode ter me deixado sozinha naquele lugar? Mas então lembrei que eu pedi para ser deixada quieta. No mais, como teria sido se os dois tivessem se encontrado e lutado? Max teria sido morto. Carlos era maior e mais violento, e estava obcecado com a ideia de chegar até Vicente.

Onde você foi sem mim, Max?

Adiante, em um lugar da estrada em que recordava ter passado no dia anterior, ele embicou à direita por um caminho discreto, cercado de mato, me puxando para segui-lo. Poucos minutos depois chegamos ao seu carro, um dos jipes que foram usados para o meu sequestro. Só então ele destapou

minha boca.

— Não acredito que você vai me levar até ele — foi a primeira coisa que falei quando ele me livrou da mordaca. Tentei arrancar a tira de pano, lançá-la ao chão, mas tudo que consegui foi me embolar nas pontas soltas. Eu estava indignada, revoltada, confusa.

— Ei, ei.... calma Ali — Ele foi ágil em mover as mãos por mim. Tirou com cuidado o pano ao redor do meu pescoço, desamarrou minhas mãos e massageou meus punhos. Sei que ele estava olhando para mim porque sentia seu hálito no meu rosto. A pressão de seus dedos em minha pele não trazia tranquilidade; na verdade, fazia crescer minha angústia.

Ele largou meus pulsos e enfiou as tiras de pano no bolso.

— Você sabe que vou — disse. — A gente já falou sobre isso.

Balancei a cabeça que não e olhei para ele. Ele continuava apavorante em tamanho e determinação, tão estóico e grosseiro como quando o conheci. Não dava mais para sentir atração por aquele homem — meu coração já tinha achado o dono —, mas ainda restava um carinho por ele. E, claro,

aquele último truque que me garantiria, com sorte, um meio de escapar de um destino que eu me recusava a aceitar. E no mais, não queria ver Carlos morto.

Deslizei a mão pelo seu peito, sentindo o corpo rígido e musculoso sob as palmas e olhei-o, suplicante:

— Por favor, vamos pensar em um outro jeito.

Meu charme encontrou uma muralha: — Não.

Alisei seu peito mais uma vez, procurando seus olhos. Valia a pena tentar mudar sua ideia.

— Tenho medo de Vicente, Carlos. Você também deveria ter.

Ele colocou a mão quente sobre a minha, prendendo-a contra o corpo. Carlos estava mais perto de mim do que eu gostaria que estivesse. Será que ele sabia que eu estava com a pessoa com quem passei a noite na casinha verde? Que desconfiava que ele era um soldado?

Quanta raiva guardava de mim por ter fugido dele? Acredito que nenhuma, porque na verdade a fuga foi uma ilusão. Ele sabia onde eu estava.

Seu rosto se aproximou perigosamente do meu. Suas feições estavam desaparecidas na mancha escura que seu rosto era contra o céu azul marinho,

mas eu sabia que ele estava tenso.

— Não tenho medo dele.

— Mas eu tenho. — Respondi, sincera. — Não vamos sair vivos de lá.

— Confie em mim. Tenho um plano.

Era exatamente o seu plano que eu temia.

Ele abriu a porta do jipe e me empurrou para dentro do carro. Partimos pela estrada quase invisível de terra, hoje coberta por mato, rumo à fortaleza do inimigo

Max

ALISEI O CHÃO, tateando para ver o que podia encontrar na escuridão. A rede havia sido levada, o casaco, as bandeiras do chão. O cantil de água tinha desaparecido, além de todo o resto que pertencia a ela. Ela poderia ter fugido em desespero? Talvez. Ela estava tensa e angustiada, e se tivesse tido um ataque de pânico ao se descobrir sozinha, poderia ter corrido. Talvez tenha acreditado que eu

PERIGOSAS ACHERON

pretendia acionar o exército, e chamar reforços — e que, como protegida de Vicente, poderia ser utilizada na troca. Mas isso não fazia sentido. Eu e ela tínhamos desenvolvido algo diferente nos dois últimos dias. Ela confiava em mim, e eu nela.

Ela gostava de mim, e eu sentia.

Ela pode ter sido sequestrada por um dos homens de Vicente. Mas por que eles dariam a ela tempo para juntar suas coisas? Esses homens não estavam preocupados com nada, eles a pegariam aqui e a levariam imediatamente para o chefe, sem pensar em catar as coisas largadas no chão.

E havia uma última opção. Estávamos sendo seguidos desde a pousada. Pelo mesmo sujeito que ela enganou, e que queria negocia-la com Vicente. Se fosse isso, tínhamos um problema, porque o homem estava errático. Pelo que Ali me contou, ele tinha visto a família ser morta em poucos meses, e responsabilizava Vicente pela tragédia. Ele não podia estar raciocinando direito, não com tanto ódio.

As primeiras luzes do dia clareavam o casebre, revelando o que havia sido deixado para trás. Foi aí que vi a muleta de Ali jogada em um canto, e soube que ela não tinha partido por conta própria.

PERIGOSAS NACIONAIS

Era hora de pensar em um segundo plano para invadir a fortaleza.

PERIGOSAS ACHERON



ALI

BASTOU o aviso bater no pátio do assentamento para as portas do inferno se abrirem. As sirenes foram acionadas, enchendo a montanha do barulho estridente. Homens começaram a correr para todos os lados, tiros foram disparados em nossa — e qualquer outra — direção. A insanidade teria continuado se alguém não tivesse anunciado que "ele tinha a garota".

Ele tinha a garota, e exigia falar com Vicente. Era isso que estava escrito no bilhete lançado entre

PERIGOSAS ACHERON

os soldados. E havia algo mais: além de suprimentos e a garantia que não seria seguido, meu sequestrador falou que só negociaria com o próprio dono dos laboratórios Schilling

Agentei apavorava ele me erguer da posição encolhida atrás da árvore e me mostrar, como quem mostra o troféu de uma caçada. Mas a caça estava viva, embora não estivesse nada bem. Eu mal respondia aos puxões e empurrões de meu sequestrador.

Assim que a negociação foi definida, Carlos agarrou no meu braço e me mandou caminhar na frente como um escudo em direção à fortaleza. Suas mãos não me apertavam com força, mas com firmeza. *Agente firme*, ele cochichou no meu ouvido antes que saíssemos da borda da floresta em direção ao grupo armado, com o cano gelado da arma encostada na minha nuca.

Eu o seguia com expressão de choque. Os gritos trocados na última hora, os tiros que passavam zunindo por nós, as tentativas de chegar a um acordo — meu nome gritado várias vezes, alto, como prova de que era eu mesma ali — haviam me deixado em um estado paralisado de pânico. Eu encararia finalmente o meu algoz. Aquele que me

tocou sem eu querer, aquele que me impedia de ir para casa, que me ludibriava enquanto me drogava e fazia sabe deus o que comigo. Ninguém florescia à toa no apocalipse. Quando o mundo ainda existia, eu era ninguém. Enquanto ele estava inteiro, eu era só ruínas.

Caminhamos por um pátio cheio de homens que mantinham as armas apontadas para nós. Entramos por uma porta de ferro, aberta de supetão, e estremeci ao ouvi-la bater atrás de nós. Estávamos em território inimigo. Sobre nossas cabeças, a luz fraca chegava de basculantes altas, por onde era impossível entrar ou sair. Ainda que em choque, eu estudava o terreno: as possíveis entradas e saídas, os caminhos de ida e de volta, o número de soldados ao redor. E, claro, aqueles que pareciam vulneráveis o suficiente para levarem um chute no saco e largarem a arma.

O pequeno edifício de dois andares mudava a partir de um determinado ponto. As portas ficaram menos robustas e o ambiente mais refinado. Eu ouvia os passos de Carlos atrás de mim: decididos, firmes. Um soldado ia na frente, trazendo uma arma grande atravessada na frente do peito, e outro vinha atrás. A partir daquele ponto o chão era de

madeira. Tapetes estavam espalhados pelos cantos, salas de reunião de aspecto profissional mostravam quadros com fórmulas rabiscadas, e por algumas vidraças podíamos ver verdadeiros laboratórios improvisados que cheiravam levemente à gasolina dos geradores. Geladeiras repletas de frascos cheios de substâncias desconhecidas mostravam a natureza do lugar. *O que Vicente estava planejando ali?*

Minhas pernas falharam quando ouvi uma porta se abrir a voz conhecida dizer:

— Alice?

Carlos precisou me segurar. Sem forças nas pernas, caí de joelhos no chão, machucando os ossos.

Vicente.

As mãos de Carlos apertavam meus braços, tentando me manter de pé, mas eu era muito pesada para ele segurar com uma só mão. A outra estava agora apontada para Vicente.

Ao ver que desfalecia, Vicente avançou. Ouvi atrás de mim Carlos gritar:

— Parado aí!

Aos poucos eu perdia a consciência, com a certeza brutal de que não havia sido ilusão minha: Vicente realmente fez coisas horríveis comigo.

Mais do que minha memória conseguia alcançar, o corpo *sabia* de algo mais. Eu me lembrava de como fui sua prisioneira por meses, e como me desafiou a procurar a polícia. E lembro com o estômago ardendo quando, durante as noites, não conseguia afastá-lo por estar dopada demais. Eu havia sido abusada de formas irreversíveis.

O último pensamento antes de desmaiar foi sombrio. Bem ali na sua frente, envolta em cheiro de éter e gasolina, eu sabia — sentia — que ele tinha feito experiências comigo e com a minha irmã. Que havia sobrevivido a algo que a filha de Carlos, por exemplo, não sobreviveu.

E que era por isso que ele me desejava tanto.

Quando voltei à consciência, estava em um sofá. Carlos estava ao meu lado, e quando eu abri os olhos ele se levantou. A arma continuava em punho, sinal de que não havia tido nenhuma negociação até então, mas pelo menos ele estava vivo e isso era uma vitória.

Infelizmente Vicente estava na sala conosco.

— Onde estamos? — perguntei, piscando os olhos. Encolhi o corpo no canto do sofá quando Vicente se aproximou. Ele parecia perdido entre espanto e carinho, susto e incompreensão. Estava

PERIGOSAS NACIONAIS

realmente espantado com a minha chegada.

— Ali, você está viva. Meu amor, você está viva!

— Ei, ei — Carlos apontou a arma para Vicente. — Afaste-se. Ainda não conversamos tudo que temos que conversar.

Vicente se afastou, sem tirar os olhos de mim.

— Ali — Carlos me chamou. Ele parecia verdadeiramente preocupado. — Está tudo bem? Recuperada?

Fiz que sim, evitando-o também.

— Pode falar agora? — Carlos insistiu. — O Sr. Schilling tem perguntas.

— Sim. — Respondi, alisando as têmporas.

— O Sr. Schilling me perguntou porque ataquei o meu próprio grupo e fugi com você. Disse a ele que preferia que você contasse.

Os olhos de Carlos estavam escuros, as pupilas dilatadas ocupando quase toda a extensão da íris clara. Eu ainda me sentia zozza, estava com frio e com uma boa dose de medo, mas dentro da cabeça eu me dava ordens: *conte*. O problema era que estar na mesma sala que Vicente exigia todas as minhas forças, mas eu precisava levar o plano adiante.

— Carlos me salvou, Vicente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Um nervo repuxou o olho direito de Vicente. Estava claro que ele precisaria de mais informação. Ele olhou com frieza para Carlos e falou:

— Não, querida. Esse homem deveria trazê-la para cá, mas fugiu com você.

Balancei lentamente a cabeça que não. Era agora ou nunca.

— Ele me trouxe aqui, mas em segurança. Ele me salvou, na verdade. Estou preocupada que minha amiga não tenha tido a mesma sorte, porque continuou a viagem ao lado daqueles pervertidos.

As sobancelhas de Vicente se uniram.

— Seus homens te traíram, Vicente.

— Ali — ele apontou para Carlos, mas eu o interrompi:

— Soraya chegou bem aqui?

Vicente olhou para mim, depois para o soldado armado na sua frente.

— Sim. — ele finalmente disse.

Um peso do tamanho do mundo caiu do meu peito. Por mais que quisesse saber mais sobre Soraya, precisava continuar. Tomei ar, olhando fixo para um ponto no chão:

— Quando fomos sequestradas, eu fugi. Eu...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eu senti algo estranho no carro.

Vicente se arrastou até a borda de sua poltrona, tentando se aproximar de mim. Foi com muito custo que não me afastei da investida.

— Deixe-me continuar — pedi antes que me tocasse. Ele concordou.

— Estava acontecendo alguma coisa dentro daquele carro. Eu me sentia olhada. Eles estavam planejando alguma coisa. Quando pararam em um lugar e tentaram me... — Olhei para Carlos, que me olhava sério de volta. — Eles tentaram...

Como não prossegui, Carlos continuou:

— Quando perguntei que diabos eles estavam fazendo, um dos seus homens apontou a arma para mim e tentou me matar. Eles tinham intenção de abusar de sua noiva.

Vicente piscou. Suas narinas estavam ampliadas, e ele era todo ouvidos. Eu sentia que ele queria me abraçar, me fornecer algum tipo de consolo. *Deus me livre.*

— Foi quando aconteceu algo... impossível — Carlos disse, tirando a atenção de Vicente de mim.

— O que aconteceu? — ele perguntou.

Levei as mãos à boca e comecei a chorar. Parte da encenação, as lágrimas vinham sem esforço.

PERIGOSAS ACHERON

Aquele plano foi traçado em meio ao desespero, mas mesmo assim consegui convencer Carlos a participar. Entrar atirando era o plano mais imbecil do mundo, e eu não estava a fim de morrer por causa de imbecilidades.

Por sorte ele me ouviu. E por longos minutos pensou até decidir que meu plano era melhor, e lhe traria finalmente o que nunca conseguiria de outra forma: informação.

— O que aconteceu!? — Vicente começou a se alterar. Ele havia prometido mundos e fundos àquela equipe, e agora duas pessoas surgiam ali alegando que entre eles havia malditos estupradores de mulheres comprometidas. Afinal, era assim que Vicente me via: algo que pertencia a ele.

Como esperávamos, o notícia o havia deixado alterado.

Comecei a amassar nervosamente os dedos: — Quando eles me recuperara eu... eu cuspi na cara de um deles. Eu estava com raiva! A saliva deve ter entrado em seus olhos... ou boca, não sei — As lágrimas continuavam a descer caudalosas. — E ele...

Carlos assumiu a narrativa com voz firme: — Sou testemunha do que aconteceu. O soldado em

que ela cuspiu começou a convulsionar. Não demorou para que ele caísse rolando no chão, e se transformasse em um desses infectados. Assim, na hora. Na frente de todos.

Aquilo foi a coisa mais ridícula em que poderíamos ter pensado, mas eu pedi que Carlos confiasse em mim. Se Carlos estivesse certo, os laboratórios Schilling faziam testes em gêmeos. Testes do quê? De tudo, inclusive com a doença que varreu a humanidade do planeta. Sei que Vicente testou alguma coisa em mim, e como ele não esteve do meu lado nos últimos meses para acompanhar uma suposta reação, não fazia ideia se eu poderia estar mentido ou não.

Investiguei por baixo dos cílios a expressão de Vicente. Algo estava acontecendo em seu rosto, algo que era previsível e assustador. Aquela era a confirmação de que fui sua cobaia. A de que o que testou em mim me infectou — embora não tenha me transformado. E, é lógico, a conclusão que me enchia de prazer: ele arriscaria me beijar outra vez?

— Você... tem certeza disso que está dizendo?
— ele me perguntou.

— Tenho, Vicente. Mas isso não vem ao caso, agora. A pergunta é: o que você fez comigo?

A pergunta deveria ter sido mais sutil, mas aquela era a única reação que eu poderia ter.

— Nada que justificasse algo assim — ele respondeu, pausando. — Ali, eu tentei proteger você!

A cabeça de Vicente estava a mil. Um reagente contra a doença poderia ter, no fim, me infectado? Ele sabia que não. No entanto, se estivéssemos falando a verdade, eu era a prova de que a doença se modificava. Que podia ser contida.

Sua mão alisava a barbicha crescida, seus olhos iam do meu rosto para Carlos. Carlos não oferecia mais perigo, porque só queria carros e suprimentos. Queria, principalmente, livrar-se da tarefa de cuidar de uma potencial infectada.

— O que fez com o resto dos homens? — Vicente virou-se para Carlos.

— Nada — Carlos respondeu calmamente. — Só deu tempo de puxar Ali e fugir.

Quem diria que ele também se mostraria um ótimo ator?

— Tudo que quero é partir — Carlos falou. — Mas gostaria de partir com algumas informações. Claramente ela é uma infectada — ele apontou o revólver para mim. — Mas não desenvolveu a

doença. Não sei se, caso mordida, estaria protegida. Mas sei que ela está mais imune àquilo lá fora que o resto de nós.

Girando o revólver para o alto, perguntou: — O que vocês fazem aqui tem a chance de salvar o mundo?

— Foi por isso que decidi vir, e por conta própria — eu falei pausadamente. — Quero entender o que está acontecendo. Não posso deixar ninguém se aproximar até entender o que eu virei.

Vicente estava agora com o dilema que criamos nas mãos. Ele me queria, mas eu afirmava estar doente. Ele arriscaria não acreditar em mim? Seu laboratório queria exatamente entender o que eu afirmava ser. Até segunda ordem, eu era o seu caso de sucesso. Sua cobaia pródiga.

— Eu estava tentando proteger você, Alice.

Quando ele finalmente disse aquilo, meu mundo desabou. Um frio gelado se instalou na altura do estômago, e aquela eletricidade desconfortável que prenunciava os desastres se assentou nos membros. Ele realmente havia feito testes em mim.

— O que fez comigo, Vicente? — perguntei com voz tremida.

— Eu sempre te quis bem, você sabe disso. E sempre trabalhei pela cura. Era isso que eu queria quando acolhi sua irmã, e depois você. O que a fazia doente, e você não? Vocês eram geneticamente idênticas, mas você era infinitamente mais saudável que ela. Só que quando esse novo vírus chegou ao laboratório, enviado por um parceiro, e as prioridades mudaram. O tal vírus havia varrido a comunidade de suínos da Indonésia, e os poucos humanos infectados, falecido de maneira estranha. Ninguém sabia que aquilo transformaria a humanidade em... *zumbis*. — Ele tombou a cabeça entre as mãos. — Deus, como odeio esse termo.

— A pesquisa com gêmeos continuava paralelamente — ele continuou, sem fazer ideia de que estava falando sobre isso na frente de um pai que perdeu duas crianças. — No início com gêmeos doentes, mas depois ...

Vicente começou a se agitar. Segurei a respiração, pedindo a Deus por um milagre: que Carlos conseguisse ouvir a tudo sem mata-lo.

— Resolvemos ver se o reagente ao que chamamos de V-2019 mataria as células dos sujeitos que pesquisávamos. Havia algo nesses

sujeitos saudáveis — entre eles você, Ali — que parecia imune a alguns traços do vírus. E fizemos alguns soros, e depois... alguns testes.

Da testa de Carlos descia um fio de suor. Eu sabia que ele atacaria Vicente a qualquer instante, e arrancaria sua pele da carne. Vicente precisava ser mais rápido na explicação.

— Era para ser uma vacina simples, como a da gripe — ele olhou para a gente, pedindo nossa compreensão. — Até que uma das cobaias morreu.

— Cobaia? — A voz de Carlos chegou tão profunda que os pelos do meu braço se ergueram.

— Alguma coisa deu errado, e o projeto foi abortado.

— Simples assim? — Carlos perguntou entre os dentes. Vicente não conseguiu nos encarar dessa vez.

— Você nos infectou com aquilo, Vicente? — Eu finalmente perguntei.

— Não! — ele exclamou, erguendo o rosto. — Não expus você ao vírus, eu só....

Meu coração batia tão violentamente que eu mal escutava minhas próprias palavras:

— Você o quê?

— Eu cheguei a desenvolver uma vacina, no

final. Alice, você sentiria tanto orgulho de mim, mas então algo deu errado, e...

— O que deu errado? — Carlos rosnou. Suas mãos voltaram a apontar a arma para Vicente, que empalideceu. — Você liberou essa praga no mundo??

— Meu Deus, não! A praga já estava liberada! — Vicente gritou de volta, olhando para a porta, onde do outro lado seus homens aguardavam. — As notícias demoraram a sair na mídia, mas nós sabíamos que não tinha mais volta! Foi quando eu descobri que você, Ali, dentro todos os resultados, mostrava a maior chance de reação ao V-2019!

— Olha, chega. — Vicente disse, alarmado com a forma como o assunto escalou. Ele estava atordoado com o que acabamos de contar, com o que ele mesmo acabou de confessar. Além de tudo, Carlos parecia errático e ele queria encerrar aquela conversa, já.

— Alice, você precisa ser estudada. Quanto a você, Carlos - Carlos, não é esse o seu nome? Você receberá um carro e provisões. Talvez tenhamos em breve um soro. Um soro que nos protegerá contra esses monstros.

Os soldados de Vicente bateram à porta,
PERIGOSAS ACHERON

perguntando se estava tudo bem. Vicente não pareceu ouvi-los.

Minha cabeça ainda girava com o que ele confirmou: eu fui usada como cobaia. Eu possivelmente carregava algo dentro de mim. Carlos se levantou, ameaçador. Seu perfil parecia esculpido em pedra, os maxilares muito duros e trincados e os dentes para fora da boca.

— O que fez com as gêmeas que foram entregues ao seu cuidado, seu maldito?

Nosso disfarce foi abaixo. Os olhos de Vicente se arregalaram, e ele entendeu que havia caído em uma armadilha. A verdade estava na mesa. Vicente e seu laboratório fizeram testes com humanos, alguns deram errados e ali estava alguém para cobra-lo.

— Diga! — O grito de Carlos chegou abafado. Levei as mãos aos ouvidos, sentindo um tinir agudo vir do fundo. Eu precisava achar Soraya e desaparecer.

Aconteceu tudo rápido demais.

Com um passo Carlos pegou Vicente pelo pescoço e apontou a arma para a sua cabeça: — O que fez com as minhas filhas? — gritou. Em sua fúria, ele suspendeu Vicente do chão. Vicente

olhava horrorizado para Carlos, tentando se lembrar do que ele estava falando. Não foi difícil descobrir quando ele ligou os pontos: aquele que o enforcava era o seu antigo funcionário, pai das meninas. As meninas que deram errado.

Em um só pulo eu corri até a porta e a tranquei. Os homens começaram a bater do outro lado.

Os dedos imensos de Carlos comprimiam o pescoço de Vicente, que começou a avermelhar.

— O que fez a elas? Por que as matou?! — Carlos o chacoalhava.

— Onde está Soraya? — voltei aos gritos, cravando as unhas no ombro de Vicente. Vicente estava começando a arroxear. Seus olhos estavam vermelhos, e da boca só saía baba e espuma. — Onde está ela? — eu repeti.

— Responda — Carlos demandou, apertando os dedos e encostando o cano do revólver na testa dele.

Vicente apontou para baixo.

No chão? Mas então lembrei que esse era um edifício, e que poderia haver andares para baixo.

Olhei ao redor. Como desceria até o lugar que ele indicou? E ele estava falando a verdade?

Vicente me lançou um olhar suplicante. Carlos

iria matá-lo e pedia que eu o ajudasse a escapar.

— Carlos. — pousei a mão sobre o braço musculoso de meu sequestrador-agora-amigo e falei: — Arranque o que quer dele, ou então o mate. Mas faça qualquer das duas coisas rápido. Precisamos fugir.

Vicente olhou em pânico para mim. Carlos guardou a arma em seu bolso, livrou-se das mãos de Vicente que tentavam agarrá-lo e colocou a outra mão ao redor do pescoço dele.

Não sei quanto tempo ele apertou, não consegui olhar. Mas ouvi o barulho algum tempo depois:

Crec.

Meu ex tombou no chão como um pano flácido. Em seguida, fomos chacoalhados pela explosão.



O ESTRONDO FEZ o edifício tremer. Do outro lado da porta, ouvimos os gritos: "Estamos sendo atacados!"

Eu e Carlos nos entreolhamos: nem eu nem ele sabíamos o que estava acontecendo, mas aquela era a chance de fugir. Ele deu um passo em direção à porta, mas eu o puxei para o outro lado: — Não! Eles atirarão em nós.

Carlos olhou para o escritório que simulava uma vida normal em meio ao caos. Atravessou a sala passando por cima de Vicente e correu até o banheiro de um anexo, onde uma janela dava para os fundos do terreno. Subindo no vaso, olhou para

PERIGOSAS ACHERON

fora e confirmou: não havia ninguém daquele lado. Não depois da explosão.

— O que acha que explodiram? — perguntei, aflita. O nome de Max piscava na cabeça.

Carlos passou por mim e foi até a janela do lado oposto, vendo de trás da cortina a comoção que tomou o pátio.

— Não sei. Mas desconfio que seu namorado esteja metido nisso.

Meu coração voltou a bater, e um calor substituiu o gelo de morte.

— Ele é uma pessoa boa, Carlos. Não importa o que fizer, não atire nele. Ele não é o inimigo.

Carlos olhou por um tempo para o pátio, estudando a movimentação, em seguida virou-se para mim.

— Eu sei. O inimigo eu acabei de matar.

Olhamos para o corpo estendido no chão. Não sei que força Carlos tinha, mas ele esmagou o pescoço de Vicente com a força das mãos.

Eu esperava sentir alguma coisa ao ver o corpo de Vicente sem vida, estendido no chão. Mas eu não sentia nada. Não sentia alívio ou pesar. Não sentia alegria ou consternação. Eu só queria sair dali, e já.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Miserável — Carlos disse com os olhos envidraçados no corpo de Vicente. — Ele descartou minhas filhas porque seus testes deram errado.

Engoli em seco, sem saber o que dizer. Sim, ele fez isso enquanto me levava a concertos e jantares finíssimos pela idade. Saber que esse homem que um dia me encantou com seu charme — muito, muito antes de se mostrar um monstro — sacrificou crianças em prol de suas ideias me deixava doente. Fisicamente doente.

— E ele fez o mesmo com você — Carlos adicionou, olhando para mim.

A vontade era abraçar o corpo, me encolher e chorar, mas o consolo parecia fora de lugar naquela hora.

— Isso não interessa mais — chacoalhei os braços, espantando a tristeza. — Soraya está em algum lugar desse edifício e eu preciso achá-la.

— Ali — Carlos me chamou.

— Sim?

Com dois passos ele se colocou ao meu lado. Seu dedo roçou meu rosto, e seus olhos me escrutinaram.

— O plano que você bolou. Muito daquilo foi verdade, não foi?

PERIGOSAS ACHERON

— Eu não infectei nenhum soldado.

Ele soltou uma risada seca: — Não isso. A parte de você ter sofrido nas mãos dele.

— Passou — afastei delicadamente sua mão do meu rosto. — Vamos embora.

Carlos me deu um beijo rápido no topo da cabeça. Sei que ele estava agradecido, e que sentia muito por mim. O gesto de ternura não durou um segundo.

— Vamos pelo banheiro —, ele decidiu, e eu o segui.

Descemos pela báscula, usando a cortina do chuveiro. Saltamos nos fundos do prédio enquanto balas eram disparadas do outro lado do edifício. Eu e ele procuramos uma janela, algo que nos levasse ao subsolo, mas encontramos algo melhor: uma porta. Ninguém a guardava, provavelmente porque quem a guardava correu até os muros, atraído pela explosão. Descemos um lance de escadas escuras, Carlos na frente e eu atrás. Os corredores estavam vazios, mas quando entramos um um corredor comprido e mal iluminado, paramos no lugar.

Havia celas, dezenas dela, de cada lado do corredor. Cada uma delas guardava um infectado.

Levei a mão a boca, esperando pelo pior. Mas

antes que começasse a chorar, ouvi uma voz feminina gritar, irritada:

— É você, filhote de cruz credo? Dá para me dizer o que está acontecendo lá fora?

Ela arrastava a caneca de alumínio pelas barras da grade, brava, fazendo um barulho infernal no subsolo.

— Soraya? — Gritei.

— Ali?

Eu a encontrei em uma das primeiras celas à esquerda. Ela parou a arruaça, sem acreditar que estava me vendo ali, na sua frente. Quicamos e celebramos, tentando nos abraçar por entre as grades. Eu mal acreditava que ela estava viva e bem, e que íamos dar o fora dali.

— Ali, como chegou até aqui?! — Ela parou de pular e me olhou, assombrada.

— Cenário 4, amiga. Eu disse que viria!

Ela voltou a me abraçar, mas seu sorriso morreu quando Carlos parou atrás de mim. Ela deu um passo para trás, sem entender o que o sequestrador que nos levou do estúdio de Ioga estava fazendo ali, e por que raios eu não parecia nem um pouco assustada.

Antes que ela gritasse eu a acalmei: — Ele está

do nosso lado.

Carlos começou a enfiar as chaves do molho que encontrou na fechadura. A cada uma que errava, bufávamos de raiva. Enquanto ele não achava a chave certa, passei os olhos pelos mortos mantidos ali. Mulheres, adultos, crianças. Todos tinham a boca aberta e o olhar leitoso e perdido, e pareciam estranhamente calmos.

— O que fizeram a eles? — perguntei quando ouvi o clic do cadeado se abrir.

— Experiências. — Soraya respondeu saindo da cela. — Esse pessoal não é de Deus, amiga. Vamos dar o fora daqui.

Mas assim que subimos o primeiro lance de escadas — Carlos na frente, eu e Soraya atrás — a porta que dava para o pátio se abriu, e um vulto gigantesco apareceu contra a luz. E ele estava armado, e com o revólver apontado para nós.

— SOLTE AS MENINAS — ouvi a voz de Max.

— Max?!

Empurrei Carlos para o lado e saltei sobre ele,

envolvendo-o em um abraço. Afundei o rosto em sua camisa e agradeci aos céus por ele estar bem. Max não sabia se mantinha a arma apontada para Carlos, me abraçava de volta ou demonstrava surpresa por ser escrutinado pela morena bonita ao meu lado.

— Você está bem? — Ele se afastou para me olhar. Eu não conseguia parar de rir. Nunca me senti tão aliviada na vida.

— Estou. Estou bem. Vicente está morto.

Ele me abraçou de volta. Olhando para Soraya, perguntou: — Essa é Soraya, tenho certeza.

Soraya escorregou os olhos para mim, em seguida de volta para ele. Eu sabia exatamente o que ela se perguntava: "como assim? Eu passei cinco dias presa e você me aparece cheia de intimidades com esses dois?"

— Longa história — respondi quando sua sobrancelha se ergueu, maliciosa. — Conto tudo mais tarde.

Não dava para contar tudo ali. Não com os dois homens se olhando de cara feia, apontando suas armas para o peito um do outro.

— Precisamos ir. — Max disse, estalando incomodado o pescoço. — Eles já descobriram que

a explosão foi cortina de fumaça. Tem um buraco na cerca desse lado, vamos sair por ele.

Eu e Max corremos na frente, Soraya e Carlos atrás. O tal buraco na cerca que Max havia feito era pequeno, e fui empurrada primeiro em sua direção. Os tiros estavam cada vez mais altos, dessa vez seguidos por gritos.

— No que tanto atiram? — Soraya perguntou quando foi sua vez de passar pelo buraco.

— Infectados — Max respondeu, ajudando-a se levantar do outro lado.

— Eles mantêm um grupo preso em uma baia — ela confirmou, batendo a terra da roupa, do outro lado. — Eles os usam para atacar pessoas e lugares.

— Eu os soltei — Max olhou para Carlos, o único que não tinha atravessado. — É melhor se apressar.

Assim que Carlos se abaixou para engatinhar pelo buraco, ouvimos uma bala passar raspando por nós.

— Abaixem-se! — alguém gritou. Fomos parar no chão: eu, Max e Soraya. As balas chicoteavam o ar, arrancando lascas das árvores. Farpas voavam sobre nós, e os gritos ficavam cada vez mais

próximos. A última coisa que vi foi Carlos parar no meio da travessia — metade do corpo de um lado da cerca, metade do outro — e abrir a boca com expressão de dor. Ele havia sido alvejado.

— Não, não não! — Gritei, me arrastando até ele.

— Precisamos ir! — Max falou ao ver um grupo de soldados se posicionar atrás de alguns latões e mirar em nossa direção. Mas eu não iria a lugar algum sem Carlos.

— Max, pegue AGORA a mão dele e PUXE! — Ordenei.

Os arbustos atrapalhavam a travessia, mas nos escondiam precariamente do grupo de soldados. Os tiros passavam tão perto que davam a sensação de mover o ar perto do rosto. Arrancamos Carlos do buraco, mas sua perna estava completamente coberta de sangue.

— Eles me acertaram! — Ele gemeu.

— Não vamos conseguir carregá-lo — Max falou no meu ouvido. Eu o empurrei, brava como jamais me senti em toda a minha vida:

— Ele vem com a gente! Ele teria feito o mesmo com você!

A voz de Carlos chega manchada de dor: — Eu
PERIGOSAS ACHERON

teria deixado esse babaca para trás.

— Viu? — Max apontou para ele.

Não tínhamos tempo para aquilo. Sabendo que eu não estava brincando, Max enganchou uma mão à do homem, enquanto eu e Soraya agarramos a outra e o puxamos. Era como puxar um trator com o freio de mão puxado. Conseguimos, com esforço, trazer Carlos para trás de uma árvore de raízes altas, e nos esconder. Carlos deitou com as costas no chão, olhando com os olhos envidraçados para a copa. Levando a mão à cintura, tirou dali uma arma e me estendeu.

— Mire nos tanques de gasolina — disse, forçando as palavras a sair.

Só então Max notou que ao lado dos soldados havia carros estacionados. Ele ergueu o braço, firmou o punho na direção dos carros e com um tiro certo lançou o carro pelos ares. Soraya se encolheu atrás de mim, enquanto olhávamos as chamas subirem aos céus. Pedacos de madeira salpicaram sobre o pátio, os gritos agora eram de dor.

— Hora de fugir. — Max disse colocando a arma na cintura e voltando a pegar Carlos pelos braços.

— Meu carro... — Carlos ofegou. — Meu carro está mais adiante, em uma estrada transversal.

Max soltou uma risada, sem parar de puxá-lo: — Como acha que explodi o portão? Seu carro já era.



DESCEMOS a montanha carregando Carlos de modo precário. Em algum momento ele ficou tão incomodado com nossa ajuda que decidiu continuar a fuga pulando de um só pé, enquanto o ajudávamos a se equilibrar. Da descida no meio do mato ouvíamos os carros passarem não muito longe, na estrada. Eles demoraram um tempo para tirar o jipe explodido do caminho, e descerem a serra em alta velocidade atrás de nós. O grupo que partiu atrás de nós certamente não havia achado Vicente morto em seu escritório. Contávamos que o achassem logo, e se perguntassem: com o chefe morto, para quem trabalhavam? Por que correriam

PERIGOSAS ACHERON

atrás de nós?

Por isso ouvimos apenas aqueles dois jipes passando, e nada mais. A fortaleza estava abandonada à própria sorte. Os soldados de Vicente poderiam ou não continuar ali, mas se o fizessem, seria por conta própria. Éramos de súbito pouco importantes. Ou nossa fuga, pelo menos, dispendiosa demais para o ganho que teriam, caso nos capturassem.

Atravessamos a estrada olhando para os lados, conferindo se a caminhonete continuava intocada. Colocamos Carlos deitado na parte de trás e Soraya sentou ao lado dele. Eu e Max entramos na cabine.

— O que aconteceu com Vicente? — Ele perguntou ligando o carro.

— Carlos o matou.

Max deu um soco no volante, me fazendo sobressaltar de susto.

— A gente precisava dele vivo para entender o que faziam, Ali!

Max ainda falava como um soldado que voltaria para o seu grupo, no final. Eu estava acelerada demais para sofrer, mas sabia o que aquilo significava: ele em breve partiria para as montanhas, seguiria sua vida e eu precisaria seguir

com a minha.

— O que havia ali era só morte. — respondi. Pra mim o assunto de Vicente estava encerrado.

Ele passou a primeira e arrancou, e deixamos a entrada da serra para trás. Por um tempo dirigimos em silêncio, olhando para os lados. Ele seguia mudo, com os olhos firmes na estrada. Às vezes esfregava a barba crescida, mas sabia pela linha dura de seu maxilar que estava bravo.

Algum tempo depois ele finalmente perguntou:

— A conversa que teve com Vicente... foi ...

— Foi horrível.

Contei para ele sobre o plano que convenci Carlos a aceitar. Sobre o que Vicente disse, ao ser levado a acreditar que eu era infectada por causa dos experimentos que realizou comigo. Sobre o desejo de vingança de Carlos, sobre a morte inevitável daquele babaca.

Max ouviu tudo em silêncio. Em parte porque estava tenso — poderíamos dar de frente com a patrulha que saiu ao nosso encalço, e eu tinha acabado de contar que fui usada em experimentos — mas também porque havia chegado a hora de retornar às montanhas, e comunicar ao seu grupo que tinha encontrado a fortaleza.

Durante horas dirigimos por estradas secundárias, até desembocar na BR. À medida que as estradas iam ficando mais limpas e os poucos infectados com que cruzávamos iam sendo deixados para trás, comecei a esquecer que poderíamos ser pegos e pensar que algo pior estava para acontecer. Em breve eu teria que lidar com a partida dele, e não queria que ele fosse embora.

De vez em quando eu olhava para trás, para Carlos e Soraya. Ela tinha estancado o sangramento com um pedaço de pano e os dois tinham embalado em uma conversa. Em certo momento peguei Carlos sorrindo de algo que ela falou. Sorri também, dentro da cabine. Soraya provavelmente devia estar contando algum dos seus casos engraçados.

O riso de Carlos logo foi substituído por uma careta de dor, e eu e Soraya trocamos um olhar preocupado. *Precisamos parar*, Ali, ela disse.

— Max, precisamos de um lugar para tratar dos machucados dele.

— Sei para onde vamos — ele respondeu sem olhar para mim. — Só precisamos ir rápido.

A volta até a divisa entre o Rio de Janeiro e o Espírito Santo foi bem mais rápida que a ida. Só

PERIGOSAS NACIONAIS

quando chegamos à pequena entrada de terra que levava à pousada foi que entendi os planos de Max. Enquanto tirávamos Carlos do carro, eu explicava para Soraya que tínhamos ficado uma noite naquele hotel-pousada, e que o lugar tinha peixes, água e comida. Parecia o melhor lugar para passar alguns dias, até que Carlos estivesse plenamente reestabelecido.

Eu ainda tinha a chave enfiada no fundo do bolso de minha calça. O lugar estava como o deixamos antes de partir. Carregamos Carlos para dentro e trancamos a porta, enquanto Max tapava a janela que Carlos tinha quebrado dias atrás, ao partir. Assim que o deitamos em uma das camas do andar de baixo, onde nossa garrafa de vinho ainda estava intacta e as camas desarrumadas, ele confessou para o grupo que não se chamava Carlos.

Aquilo não chegava a ser uma surpresa. Muitos mudavam os nomes depois de catástrofes, ou passavam a usar apelidos. Queríamos nos distanciar da vida anterior, por proteção ou trauma. Disse que seu nome era Daniel. Que havia mentido para não ser reconhecido, e não havia confiado em ninguém até o momento para contar a verdade. Mas que agora ele confiava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Pedindo um minuto a sós comigo, falou um pouco mais.

— Ali. Se você não tivesse me dissuadido de meu plano, não estaríamos mais aqui. Nenhum de nós. Eu preciso te agradecer.

— Hora de descansar, grandalhão. — Falei ajeitando o travesseiro sob a sua cabeça. Não queria lidar nem com despedidas, nem agradecimentos.

— É sério. Você me salvou.

Ele me deu a mão, e por um momento ficamos em silêncio.

— Você é uma raposa — ele disse. — O que fazia antes do fim do mundo?

Soltei uma risada: — Eu era professora de Ioga.

Ele riu, soltando caretas. Larguei sua mão e o ajudei-o a rasgar a calça na altura dos joelhos para investigar o buraco da bala.

— Acho que a bala saiu do outro lado — falei, olhando para a confusão de pelos e sangue.

— Também acho — ele disse, fazendo sons de dor.

Enquanto esperávamos Soraya e Max voltarem com o material para limpar o ferimento, Daniel riu.

— Ele é o cara que estava com você na casa verde, não é?

PERIGOSAS ACHERON

— É.

— Ele te seguiu até aqui, e depois te levou até as montanhas. Tudo por sua causa?

Fiz que sim, sorrindo ao pensar nisso.

— Você é uma garota de sorte, Alice. Conseguiu encontrar alguém no meio desse mundo horrível. Tá na cara que ele está apaixonado por você.

As borboletas estavam de volta ao estômago. Olhei para a porta, pensando naquilo. Será que Max estava realmente apaixonado por mim? O suficiente para não partir?

— Não é um mundo para romances — eu murmurei. — E me lembro de ter falado isso para ele, exatamente aqui.

— Onde houver vida, haverá romances— ele murmurou, fechando os olhos. Soraya bateu na porta e entrou com a vasilha de água quente, as toalhas e o que conseguiu achar de medicamentos, bandagens e anti-sépticos.

— Posso entrar? — ela perguntou.

Enquanto ela colocava as coisas sobre a cama de Daniel, me levantei, liberando o espaço para ela trabalhar. Mas antes que me afastasse, cheguei perto do ouvido dele e falei: — "Onde houver vida,

haverá romances". Isso vale para você também.

Deixei-os sozinhos no quarto, vendo de uma das janelas que Max estava na varanda, de olho nos arredores. Antes que pudesse ir até ele, Soraya tocou no meu ombro e eu me virei.

— Você e o bonitão ali no quarto dormiram juntos? — ela perguntou encostando a porta para o bonitão não nos ouvir.

— Pssst. Fale baixo, sua doida — Eu abaixei o tom de voz.

— Dormiram ou não dormiram?

Balancei a cabeça que sim.

— E com o Adônis do lado de fora?

Suspirei, balançando longamente a cabeça que sim outra vez.

Ela ergueu as mãos no ar, como se não estivesse em condições de dizer mais nada. Estava em choque pelo desequilíbrio entre o que aconteceu comigo e o que aconteceu com ela. Brava com a injustiça do mundo.

— Sua sortuda filha da puta — Ela falou antes de voltar ao quarto, onde cuidaria da perna de Daniel, e, com alguma sorte, no futuro, de seu coração machucado também.

MAX HAVIA se sentado no balanço suspenso da varanda. Ele mantinha os olhos na entrada da fazenda, espantado pela quietude, assim como fiquei quando achamos aquele lugar. Como poderia haver um lugar ainda intocado e tão bem escondido, tão distante daquele mundo que apodrecia aos poucos, e representava tantos riscos?

Assim que me sentei ao seu lado, ele se encolheu. Discretamente, de modo que só eu, tão atenta a ele, notaria.

— Desculpe por ter te deixado sozinha no casebre. — Suas palavras cortaram o silêncio. — Achei que estava fazendo a coisa certa, indo ver a fortaleza.

— Você fez, e a prova disso é que estamos aqui.

Ele abaixou a cabeça, fazendo que sim.

— Não me sinto bem que, no fim, foi justamente ele quem te ajudou.

Foi inevitável sorrir. Max estava com ciúmes. Ele não foi o meu cavaleiro em um cavalo branco, mas queria ter sido. Levantei do balanço e me

PERIGOSAS NACIONAIS

sentei no seu colo, enlaçando os braços ao redor do seu pescoço.

Ele me acolheu surpreso e carinhoso, e roçou o nariz no meu.

— Você está com ciúmes, bonito?

— Claro que sim, Ali.

— Bobinho. — Beijei a ponta do seu nariz. — Você me ajudou de tantas formas... Se eu não tivesse encontrado você naquela casinha verde, eu não teria chegado a lugar algum.

Ele afagou minhas costas, e me apertou mais entre seus braços.

— Sinto ciúmes dele. — Max confessou com uma careta. — E adivinhe só: agora estamos morando todos sob o mesmo teto.

— Aqui é o lugar certo para permanecer por um tempo. Todos que sabem da existência desse lugar estão mortos, ou aqui.

Ele tracejou o nariz ao longo da linha do meu pescoço, e me beijou de leve no ombro. Havia uma calma em seus trejeitos que me derretia todas as vezes. Um jeito calmo de lidar comigo. De dizer as coisas sem me pressionar.

— Mas preciso corrigir algo que você disse.

— O quê? — Ele se afastou para me olhar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não foi Carlos — ou Daniel, que seja — quem bolou o plano que nos salvou. Modéstia a parte, acho que quem salvou todo mundo fui eu.

— Ah é? — Ele deslizou a língua pela minha pele suada, movimentando delicadamente a virilha embaixo de mim.

— Foi você quem explodiu um carro e causou a distração que nos fez fugir? — Ele me puxou para baixo, pressionando o membro contra mim.

— Não, quem explodiu o nosso veículo de fuga e nos fez descer um quilômetro morro abaixo carregando uma jamanta foi você.

Ele riu, mordiscando minha orelha, e eu ri também.

— Tenho outra coisa para te dizer, e essa vai te deixar feliz — Eu falei. Ele me olhou, os olhos perdidos e apaixonados nos meus. — Acho que Soraya não vai deixar nosso Carlos-Daniel escapar. Minha aposta é que ele será seduzido por ela antes mesmo que sua perna esteja pronta para se movimentar.

— Ela sabe que vocês...

— Sabe.

— E que eu e você...

— Também. Só não contei ainda o que está

PERIGOSAS ACHERON

acontecendo realmente entre nós.

Inspirei fundo, achando que era a hora de colocar o que estava acontecendo em pratos limpos.

— Max — eu me levantei e me ajoelhei na sua frente. Seu rosto bonito ficou na linha do meu, e suas mãos entre as minhas. — Eu devia ter sido mais clara antes, e não fui por bobeira. É hora de dizer o que há dias penso em fazer, e não fiz ainda.

Ele não estava entendendo. Peguei o ar, tomando coragem.

— Olha, não estou exigindo nada, — expliquei, antes que ele achasse que eu estava. — Mas a verdade é que eu estou perdidamente apaixonada por você, e não queria que me deixasse.

Os olhos verdes de Max piscaram.

— Sei que precisa partir. Que precisa informar ao exército onde o laboratório está. Mas a verdade é que não quero ter que lidar com sua partida. Quero que considere ficar. Comigo. Sei que é demais pedir que deserte, mas eu te digo: as regras do mundo passado acabaram. O exército quer o que Vicente tinha ali para benefício próprio. Não confio mais em ninguém, a não ser em quem está sob esse teto. E gostaria que você permanecesse sob o

mesmo teto que eu.

Max não se movia. Seu rosto continua congelado, os olhos bem firmes nos meus.

— Você está me convidando para ficar. Com você e Soraya?

— E talvez Daniel — fiz uma careta ao ouvir uma risada vinda do quarto. *Aquele homem não tinha levado um tiro?* — Enfim. Sei que disse que eu e Soraya vivíamos sozinhas, mas isso foi antes de conhecer você.

Ele agora sorria.

— Você sabe — sorri também, fazendo charme.

— Quem vai abrir para nós as latas de azeitonas que porventura acharmos por aí?

— Vocês estão correndo um grande risco de morrer de fome — Ele me puxou de volta para os seus braços, divertido pelo jogo de sedução. — Mas você ainda não me convenceu. E se eu quiser partir?

— Bem, então terei que te prender...

A risada dele foi, de longe, a melhor coisa do dia.

— E como pretende fazer isso? — Ele acariciou o meu cabelo, e beijou minha boca. Um beijo leve e manso, só pra mostrar que ouviu cada palavra que

eu disse, e estava considerando cada uma delas.

— Cordas, Algemas, fitas, pedaços de tecido. Sou uma garota cheia de recursos.

Ele balançou a cabeça que sim. Eu era, e ele sabia.

— Não preciso de nada disso para ficar — ele sussurrou. Seus lábios encaixaram nos meus, e sua língua forçou caminho para dentro da minha boca. Acolhi-a com vontade, sentindo a respiração acelerar. Ele envolveu meu rosto entre as mãos e me beijou outra vez, com ainda mais paixão. O balanço se moveu, e de sentada, logo estávamos deitados no balanço.

— Como posso confiar em você? — Ele perguntou. Não havia seriedade na pergunta, só diversão. — Você desapareceu duas vezes.

Ele estava agora em cima de mim, e roçava a virilha na minha. Seus lábios inferiores estavam escondidos sob os dentes, e sua expressão era malvada. Ele estava me provocando, e eu queria muito ser provocada.

— Em minha defesa, eu fui sequestrada em uma delas — ergui o dedo.

— Você é muito *sequestrável* — ele simulou o movimento de penetração, e eu arfei ao sentir sua

ereção. Tudo em mim estava ligado, e a vontade de repetir tudo que fizemos na prefeitura crescia cada vez mais.

— Você pode me sequestrar lá pra cima — sugeri, sentindo a mordida leve que ele dava sobre a minha blusa, acordando o bico de um seio. — Tem um monte de quarto vazio nesse hotel.

— Agora? — Max perguntou, mas a resposta veio em forma de grito, do outro lado da janela fechada:

— Sim, agora! — Soraya socou a janela de dentro do quarto. — Vá procurar um quarto, vocês dois!



QUANTO MAIS CONVERSÁVAMOS sobre o futuro, mais eu sentia Ali nele.

Era o terceiro dia naquele lugar. Os peixes eram abundantes, a água da bica próxima ao curral, fresca e límpida. O estoque de camisinhas, juntando tudo que tínhamos achado na prefeitura, nas casas por onde passamos e na farmácia da cidade vizinha que arrombamos ontem poderiam suprir um ginásio lotado, e no cio. Talvez durasse um pouco menos agora que Soraya e Daniel haviam pedido algumas.

E havia aquela mulher perfeita e insaciável deitada ao meu lado. A noite passada, regada a vinho e peixe no forno, a conversas leves ao redor

PERIGOSAS ACHERON

de uma vela acesa no meio da sala nos deixou tontos demais para o sexo. Por isso acordei com o pau duro, louco para me deitar sobre ela. Eu sentia sua respiração calma, de quem dorme o sono dos justos, inteiramente colada a mim. Pernas, barriga, seios, braços. Seu corpo nu era um fenômeno, uma delícia única e à parte. Deslizei os dedos pela sua barriga, sem pena de acordá-la. Senti a curva dos seios durinhos, as costelas, o umbigo e ... eu já estava acordado. Levantei o lençol, conferindo o amigo lá de baixo: ele estava pronto para a próxima.

Ela se espreguiçou, sorrindo de olhos fechados. Deslizou sinuosa ao meu lado, deitando com a bunda rente ao meu membro. Era muita tentação. Abri suas pernas, segurando sua coxa para cima e me encaixei entre elas, movendo os quadris.

— Quero entrar em você — falei no seu ouvido, e ela respondeu alguma coisa na linguagem grogue de quem ainda está meio acordada, meio dormindo. — Posso? — pedi.

Ela riu. — Bom dia, primeiramente. Dormiu bem?

— Bom dia — respondi, me ajeitando entre as bandas de sua bunda. — Ele quer te dar bom dia

também.

— Ele é um rapaz muito educado. — Ela abriu os olhos, sorrindo mansa. — Vive querendo me dar bom dias, boa tardes e boa noites.

— Ah, ele é — eu concordei, deslizando para dentro dela, fechando os olhos pela sensação deliciosa de encaixe. Ela estava morna e molhada, perfeita para as estocadas decididas que dei nos próximos segundos.

Ele incentivou que eu a abraçasse, aconchegando-se em meus braços. Tirei o pau de dentro dela antes que gozasse, aquilo era só o início da brincadeira. Tateando sem jeito ao lado da cama, ela achou o pacote de camisinha fechado, abriu e me entregou o látex para que eu fizesse o meu dever de casa. Desenrolei a camisinha sobre o pau lustroso e lubrificado. Trouxe-a para cima de mim, e enterrei o membro nela outra vez. Era delicioso sentir a extensão entrar milímetro por milímetro dentro dela. Mas eu queria experimentar coisas novas, esse era um daqueles dias em que eu não me saciaria tão cedo.

Ela sorriu, adorando o sexo sonolento, sendo movimentada pelas minhas mãos e pelo fogo do meu quadril. Beije seus seios, seu colo, sua barriga

com ela montada em cima de mim. Com cuidado, girei-a sem desencaixá-la, fazendo com que encarasse agora meus pés. A visão que eu tinha agora de sua bunda era fenomenal.

Ela olhou para trás, estranhando a posição. Seu cabelo estava desarrumado, e sua expressão, tranquila.

— O que quer fazer, namorado?

— Tudo.

Ela sorriu. Apoiando as mãos em meus joelhos, começou a se movimentar. Para cima, para baixo. Para os lados, e em círculos delicados. Eu via meu pau sumido entre as polpas da bunda e crescia a vontade de agarrá-la. Ela era de longe a coisa mais perfeita do mundo, e eu largaria qualquer coisa por ela — como larguei. Faria qualquer coisa para protegê-la, deitá-la ao meu lado todas as noites e fazer aquilo pelas manhãs. Ela agora subia e descia, quase saindo inteiramente de dentro de mim, para se sentar outra vez, com tudo.

— Ali... sua safada... Assim você me mata.

— Não morra — Ela mandou, sem parar os movimentos. — Preciso de você vivo.

Por um tempo ela se mexeu sobre mim, enquanto eu deslizava as palmas pelas suas costas

alvas. As vezes puxava seu cabelo, e a trazia para trás. Ela tombava até onde podia vir sem que saísse de mim, e então eu me erguia para beijar seu pescoço, e mordê-la todinha.

— Você está me deixando muito doido, namorada.

— Isso não é bom?

Com um só movimento eu me sentei, deitando-a de barriga para baixo na cama. Agora eu estava entre suas coxas, com plena visão de seu cuzinho e de sua boceta inchada. Ela ficou de quatro, e eu a trouxe com força contra mim. *Se estar tão louco por você é bom? Depende.*

Segurei seu cabelo firme, mantendo-a no lugar. Ela agora estava totalmente desperta, e sabia que eu tinha chegado ao estágio dois. E o estágio dois era sexo em estado bruto. Cru, visceral, ensandecido. Desci o corpo em cima do seu e sussurrei em seu ouvido:

— Quero fazer uma coisa nova com você.

Ela já sabia o que era, porque estremeceu inteira. Meu coração batia forte, na expectativa. *Quem diria que o inferno se mostraria um lugar tão sensual? Que o fim do mundo traria tantos orgasmos?*

Ela perguntou baixinho se ia doer, e eu respondi que talvez. Mas pedi que confiasse em mim, e ela fez que sim. Dei uma mordida em seu ombro e me ajeitei entre as suas coxas, passeando com as palmas por suas costas enquanto sussurrava para ela relaxar. Reservei à bunda um carinho especial, circulando-as com as mãos.

— Eu sou tarado por você.

— Você é — ela gemeu com o rosto afundado no lençol.

— Você gosta? — Circulei a borda rosada do buraquinho apertado, sentindo o pau tão duro que apostaria que ele pudesse perfurar uma parede.

Ela respondeu empinando discretamente a bunda, sorrindo.

Foi o que eu precisava para insinuar um dedo na entrada do ânus.

— Relaxa, agora.

Era difícil para ela. A sensação seria de ardência misturado a desejo, e o desejo precisava vencer a briga. Com um incentivo delicado de um dos dedos na pontinha do clitóris, ela relaxou alguns músculos. Enfiei o segundo dedo, alargando o orifício para caber o membro. Com a outra mão eu massageava meu pau, louco para entrar ali. Eu a

sentia dilatar, resistir, gemer. Sua respiração estava errática, sua barriga contraída. Beijeí sua coluna, enfiando o terceiro dedo no orifício. Ela gemeu alto, mas foi um gemido diferente. A bunda se movia sinuosa, serpenteando quando os movimentos eram mais ousados. Em algum momento a estimulação a arrebatou, e ela exalou o ar entre um gemido baixo, feminino, lindo.

Continuei a massagear suavemente os lábios da boceta com a outra mão, usando a lubrificação para enfiar um dedo lá também.

— Eu preciso te foder agora — gemi.

Quando entrei com a ponta lá atrás, seus braços caíram inertes ao lado do corpo. A penetração foi lenta, milímetro por milímetro. Comecei a arfar junto com ela. Se ela sentiu dor, não sentia mais; qualquer sensação ruim tinha sido excedida por outra, poderosa e carnal, visceral como os sexo andava ficando entre nós.

Eu mantinha uma mão embaixo dela, e continuava a massagear o clitóris. Seus gemidos eram uma loucura à parte, incentivando minhas arremetidas, sensuais e progressivas. Eu me sentia preenchido, completo dentro dela. Peguei ritmo, e minhas bolas começaram a bater em sua bunda.

Seus dedos estavam agora cravados no colchão; a boca aberta, soltando choramingos que não controlava mais.

— Max — ela chamou meu nome, mas não tinha nada para dizer. Abrigado dentro dela, sentindo sua temperatura quente, seu suor debaixo do meu corpo e ouvindo seus gemidos cheios de prazer, eu achei que podia atingir o céu. Segurei forte em sua anca quando ela pediu com um gemido que eu me mexesse. Eu poderia ficar imóvel dentro dela por minutos a fio, mas saí lentamente, sentindo a delícia que era a fricção do pênis contra suas paredes internas, entrando firme outra vez. A cada ida e vinda, aprofundava e prolongava os empurrões. Se aquela não era a melhor sensação do mundo, não sei o que seria. O atrito fez crescer dentro de mim uma sensação luminosa, crepitante; a cabeça anuviou, os pensamentos sumiram, o corpo foi tomado por uma necessidade de tremer. O terremoto veio, chacoalhando e contraindo tudo. A avalanche desceu carregando meu corpo para cima do dela.

Ela tombou de barriga na cama, as pernas tremendo como varas verdes. Só lembrei de respirar quando desencaixei dela e rolei para o lado,

ofegante e suado.

Ela tinha os olhos no teto. Afastei sua franja suada da testa, sorrindo quando ela sorriu. Ela parecia zozza, totalmente desnorteada. Seu cabelo escuro estava espalhado ao redor, seu corpo pálido jogado ao meu lado, os olhos azuis faiscando. Ela não parecia conseguir se mover, nem se quisesse. Eu me sentia sufocado só de olhar para ela: era paixão demais, loucura demais, amor demais.

Beijei seu ombro, certo de que nem um regimento inteiro teria me afastado dela. Um mundo inteiro poderia ressurgir do nada, e eu continuaria a querer só ela.

Ela suspirou, feliz, e procurou minha mão. Levou-a até a boca e a beijou, carinhosa.

— Hoje tem cara de domingo — ela comentou. — Não tem?

Ela tinha razão. As manhãs tinham cara de domingo, se você não se lembrasse que a civilização tinha colapsado, as pessoas estavam mortas e o mundo inteiro estava infestado de monstros.

Ela mesma riu do comentário, e indicou que estava pronta para se levantar.

— 'Bora começar o dia. Alguém precisa lutar

pela sobrevivência nessa casa.

Espreguicei o corpo na cama, olhando para a roupa suja na cadeira, a arma, a faca, e tudo aquilo que um domingo não pediria.

Só parecia ser dia de não fazer nada. Havia tudo a ser feito ainda.

FIM

ALGUMAS EXPLICAÇÕES SOBRE O UNIVERSO ZUMBI

Olá, leitoras e leitores que chegaram até aqui! Se você gosta de zumbis, ou se interessou pelo universo deles, leia isso aqui rapidinho: é importante.

Eu sempre amei zumbis. Assisti dos clássicos de George Romero até os engraçados que surgiram nos últimos tempos, e sempre adorei a vastidão e criatividade do assunto, e como eles eram abordados por olhares diferentes em diversas histórias. Há muita explicação sobre suas origens, funcionamento, longevidade e formas de morrer (menos dieta: dietas nós somos sempre seu cardápio principal rsrs). Eu queria escrever um

PERIGOSAS ACHERON

romance ambientado nesse mundo apocalíptico, e isso me colocou em uma encruzilhada: explicar ou não os pormenores do universo ficcional onde o romance se encaixava?

Não explicar demais foi uma decisão racional, que tomei com o coração na mão.

Claro que eu queria inventar minha ideia do que causou o apocalipse. Claro que queria falar mais sobre eles, onde se escondiam, por que agiam assim, que tipos de experiências Vicente fazia no laboratório, o que foi que ele aplicou em Ali, se ela era ou não realmente imune a eles. O problema é que a cada explicação, milhares de palavras eram adicionadas à história, e ele foi ficando grande. Segundo, quanto mais complexa é a explicação, mais complexa fica a trama, e mais questionamentos ela suscita: *se Ali foi infectada, um dia ela se transformaria? Se ela tiver um filho, ele nasceria infectado? Isso a deixaria imune? Ela poderia passar algo para Max?*

Eu não podia perder o foco, e ele sempre foi o **romance**. Infelizmente, um romance com mais de 70.000 palavras é pouco comercial, e eu limito meus capítulos para que o livro não se estenda demais. Senso assim, algumas perguntas ficarão

sem resposta.

Se vocês terminaram a história querendo saber mais sobre o universo zumbi, recomendo o excelente [O Guia de Sobrevivência a Zumbis. Proteção Total Contra Mortos Vivos](#), do Max Brooks (tenho esse, e é sensacional). Ele escreveu também o excelente [Guerra Mundial Z: Uma história oral da guerra dos zumbis](#). (O filme é ótimo, e traz o Brad Pitt em ótima forma).

Sendo assim, em breve escreverei **um conto sobre o final feliz de Soraya e Carlos/Daniel**. Nele explicarei melhor o que aconteceu a Ali (sobre as experiências que Vicente fez nela e na irmã) e se ela é ou não imune aos infectados. E, claro, teremos um pouquinho a mais de Ali e Max <3

Obrigada a todxs que leram até aqui!

Beijos,
Karina

MEUS LIVROS

Obrigada por lerem **O Lado Bom do Inferno!**

Pesquisas indicam que 20-40% do sucesso de uma obra está na propaganda do boca-a-boca.

Deixem sua avaliação na Amazon e no Skoob, entrem em contato (karinaheidr@gmail.com), recomendem o livro para uma (ou mais amigas)! E se quiserem conhecer minhas outras obras, aqui estão elas:

Fantasia

A Jornada das Bruxas

Romance Adulto

A Última Peça

Sessenta Noites em Trindade

Meu Capitão: Sessenta Noites em Trindade 2

Sexo, Amor & Outros Estragos

Selvagens

Mascarado

A Morte e a Donzela - Parte 1

A Luz e a escuridão - Parte 2

Contos e Antologias

Spin-off de Selvagens: a história de June e João

Homens de Farda: “O Lado Bom do Inferno”

Doze por Doze: “Janeiro”

Meu trabalho com escrita terapêutica:

www.ocaminhointerior.com

Quer *me* conhecer? Clique aqui:

www.karinaheid.com.br

SOBRE A AUTORA

Publicitária, professora de alemão, psicóloga e escritora — tudo que é legal ser, já fui (e sou). Sou também mãe de duas crianças lindas e esposa parceirona. Já corri o mundo e morei em um monte de lugares. Adoro falar sobre livros, técnicas de escrita e papos psi!

Se quiserem bater papo comigo, sabem onde me encontrar
<3

